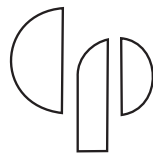
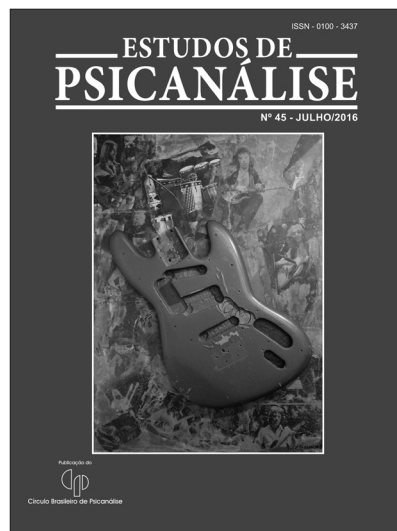


ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do
Círculo Brasileiro de Psicanálise

REVISTA

ESTUDOS DE
PSICANÁLISE

Indexada em:
CLASE (UNAM – México)
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – <www.bvs-psi.org.br>
Latindex (Sistema Regional de Información en Línea
para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal)
Diadorim

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ANPPEP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
Classificação Capes/Anppep–B2

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

Os artigos são de total responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Belo Horizonte. Círculo Brasileiro de Psicanálise,
n. 45, jul. 2016. 184 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos



Revista Estudos de Psicanálise

EDITORES DA REVISTA

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)
Cibele Prado Barbieri (CPB)
Isabela Santoro Campanário (CPMG)
Ivo de Andrade Lima Filho (CPP)
Noeli Reck Maggi (CPRS)
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

CONSELHO CONSULTIVO

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles (CPMG)
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)
Carlos Pinto Corrêa (CPB)
Déborah Pimentel (CPS)
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)
Marie-Christine Laznik (ALI-França)
Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán)
Paulina Schmidtbauer Rocha (CPP)
Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

CONSELHO EDITORIAL

Miriam Gorender (CPB)
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)
Ana Paula Perissé (CBP-RJ)

FIGURA DA CAPA

“Colagem”. – Acervo do artista Luiz Fernando Pinto

ENDEREÇO DA REDAÇÃO

Rua Maranhão, 734/3º andar – Santa Efigênia
CEP: 30150-330 – Belo Horizonte/MG
<www.cbp.org.br>

PROJETO GRÁFICO, FORMATAÇÃO E CAPA

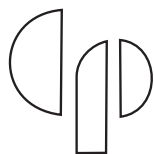
Valdinei do Carmo

REVISÃO

Dila Bragança de Mendonça – Português
Anchyses Jobim Lopes – Inglês

CtP, IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Gráfica O Lutador



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

DIRETORIA 2014-2016

PRESIDENTE

Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

VICE-PRESIDENTE

Déborah Pimentel (CPS)

SECRETÁRIA

Ana Daniela Santos Cardoso Cordeiro (CPP)

TESOUREIRA

Claire Pezzi (CPS)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Déborah Pimentel (CPS)

Eliana Rodrigues Pereira Mendes (CPMG)

Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)

Maria Helena Correa de Araujo Barros e Silva (CPP)

Miriam Elza Gorender (CPB)

Stetina Trani de Meneses e Dacorso (CBP-RJ)

EDITORES DA REVISTA ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Cibele Prado Barbieri (CPB)

Isabela Santoro Campanário (CPMG)

Ivo de Andrade Lima Filho (CPP) - Editor em 2016

Noeli Reck Maggi (CPRS)

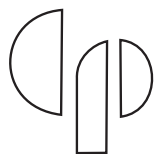
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

PÁGINA ELETRÔNICA

Cibele Prado Barbieri (CPB)

REPRESENTANTE JUNTO À ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS BRASILEIRAS

Anchyses Jobim Lopes (CBP- RJ)



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

INSTITUIÇÕES FILIADAS

Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP/RJ

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana

22050-002 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2236-0655 Fax: (21) 2236-0279

E-mail: <cbp.rj@terra.com.br>

Site: <www.cbp-rj.com.br>

Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB

Av. Adhemar de Barros, 1156/101 - Ed. Máster Center - Ondina

40170-110 - Salvador - BA

Tel./Fax: (71) 3245-6015

E-mail: <circulopsi.ba@veloxmail.com.br>

Site: <www.circulopsibahia.org.br>

Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG

R. Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia

30150-330 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3223-6115 Fax: (31) 3287-1170

E-mail: <cpmg@cpmg.org.br>

Site: <www.cpmg.org.br>

Círculo Psicanalítico de Pernambuco – CPP

R. Desembargador Martins Pereira, 165 - Rosarinho

52050-220 - Recife - PE

Tel.: (81) 3242-2352 Fax: (81) 3242-2353

E-mail: <circulopsicanaliticope@yahoo.com.br>

Site: <www.circulopsicanaliticope.com.br>

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS

R. Senhor dos Passos, 235/1001 - Centro

90020-180 - Porto Alegre - RS

Tel./Fax: (51) 3221-3292

E-mail: <circulopsicanaliticors@gmail.com>

Site: <http://www.circulopsicanaliticors.com.br>

Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS

Praça Tobias Barreto, 510/1208

São José Ed. Centro Médico Odontológico

49015-130 - Aracaju - SE

Tel.: (79) 3211-2055

E-mail: <cps@infonet.com.br>

Site: <www.circulopsicanalitico-se.com.br>

Sumário

- 11 **Editorial**
- ARTIGOS
- 15 **Arte da era glacial – arte das cavernas – e o primeiro totem da humanidade (ou, não é que *Totem e tabu* pode estar certo?)**
Ice age art – cave art – and humanity’s first totem (or, isn’t it that Totem and taboo could be right?)
Anchyses Jobim Lopes
- 37 **Por que fazer psicanálise? Carta a um amigo**
Why psychoanalysis? Letter to a friend
Anna Bárbara de Freitas Carneiro
- 43 **A dimensão imaginária na análise, na educação e na política**
The imaginary dimension in the analysis, education and politics
Cibele Prado Barbieri
- 55 **Consequências traumáticas da violência em crianças e adolescentes de favelas do Rio de Janeiro: alguma diferença de atos terroristas em outras partes do mundo?**
Traumatic consequences of violence on children and adolescents in favelas of Rio de Janeiro: any difference from terrorist acts in other parts of the world?
Fernanda Ribeiro de Freitas
- 65 **“Meu caro amigo”: considerações sobre correspondência e amizade em tempos virtuais**
“My dear friend”: considerations about correspondence and friendship in virtual times
Janaína da Mota Martins
- 71 **A posição autista-contígua e a comunicação não verbal na clínica psicanalítica**
The autistic-contiguous position and the non-verbal communication in psychoanalytical clinics
Julia Braga do Patrocínio Fernandes
Carlos Augusto Peixoto Junior
- 83 **Prezado Dr. Freud**
Dear Dr. Freud
Juliana Marques Caldeira Borges
- 87 **Violência e sexualidade: uma reflexão a partir da teoria psicanalítica**
(Violence and sexuality: a reflection derived from the psychoanalytic theory)
Larissa Bacelete
Paulo de Carvalho Ribeiro

- 101** **Histeria e masculinidade em Freud e na contemporaneidade**
Hysteria and masculinity in Freud and in Contemporaneity
Luan Sampaio Silva
Paulo Roberto Ceccarelli
- 111** **A clínica psicanalítica contemporânea e as novas abordagens para o desvalimento**
The contemporary psychoanalytic clinic and the new approaches of helplessness
Maria Helena Nemitz Alcaraz Gomes
Liliana Haydee Alvarez
- 121** **Neurose moderna e mal-estar da civilização**
Modern neurosis and civilization discontent
Martín Mezza
- 129** **Mudança de estilo de vida em situações de risco cardiovascular**
Changing lifestyle in cardiovascular risk situations
Rachel Barreto Sotero de Menezes Gois
José Augusto Soares Barreto Filho
Ricardo Azevedo Barreto
- 139** **O adolescente na rede e a rede no adolescente: reflexões sobre as conexões virtuais e suas incidências na subjetividade**
The teenager on the web and the web on the teenager: reflections about virtual connections and its effects on the subjectivity
Rafaela Mota Paixão França
- 145** **Caixa lúdica e novas tecnologias**
Playful box and new technologies
Renata Franco Leite
- 149** **Quando o Édipo não é o destino: pensando o fenômeno transexual como possibilidade identificatória e de existência psíquica**
When Oedipus isn't destiny: rethinking the transsexual phenomenon as an identificatory possibility and of psychical existence
Rodrigo Zanon de Melo
- 167** **O amor nos tempos da Internet**
Love in the days of Internet
Vanessa Campos Santoro
- R E S E N H A**
- 171** **Passagens**
Cibele Prado Barbieri
- 177** **Normas de publicação**
- 181** **Roteiro de avaliação dos artigos**

Editorial

*É verdade, eu vivo num tempo sombrio!
Uma palavra sem malícia é sinal de tolice.
Uma testa sem rugas é sinal de indiferença.
Aquele que ri
Ainda não recebeu a terrível notícia.
Que tempos são esses, quando
Falar sobre flores é quase um crime
Pois significa silenciar sobre tanta injustiça?
Aquele que atravessa a rua tranquilo
Já está inacessível aos amigos
Que passam necessidades?
BRECHT, B. Aos que virão depois de nós.*

Gostaria em primeiro lugar de parabenizar a todos os colegas do Círculo Brasileiro de Psicanálise pela aquisição da nota B2 (CAPES/ANPPPPEP) pela nossa revista *Estudos de Psicanálise*, nota excelente para uma revista da área de ciências humanas não ligada à universidade e reconhecimento de um trabalho em equipe de todas as federadas, mostrando a qualidade de nossa produção.

Mas não poderia deixar de trazer alguns pontos de reflexão sobre o momento atual de crise brasileira, crise política, jurídica, cultural, econômica, institucional e popular. Independentemente da posição individual política, o psicanalista não pode se calar e deixar de trazer contribuições à sociedade onde vive, nem que seja pela possibilidade de circulação da palavra e das ideias. Sublinho que tratar do tema “política” implica não atuar de maneira partidária, mas apenas abordá-lo, discuti-lo para não fazer dele tabu.

Christian I. L. Dunker (2016) em seu excelente artigo *A crise brasileira como retorno do recalçado*, afirma que “[...] desde o golpe militar de 1964, a reflexão sobre si mesmo feita pelo Brasil foi abolida”. Até o golpe havia pensadores como Gilberto Freire na sociologia, Sérgio Buarque de Holanda na história, Caio Prado Junior na economia, Antônio Cândido na Teoria da literatura, além do trabalho revolucionário dos modernistas dos anos 1930 e da neovanguarda dos anos 1960 nas artes e na arquitetura.

Desde o golpe de 1964, houve segundo ele um “[...] hiato sobre a reflexão da brasilidade, que foi substituída por uma narrativa de estado definindo a ordem e o ritmo de um projeto nacional de desenvolvimento”. A discussão anterior, para o autor, jamais foi retomada, a não ser de forma esporádica e assimétrica.

Após anos de ditadura, chega ao poder uma esquerda que não conseguiu fazer a tão necessária reforma política e que, em suas próprias palavras “[...] não promoveu reforma agrária maciça, não estatizou bancos, nem muito menos promoveu controle direto da economia”. Vimos, no entanto, alguns progressos sociais segundo o autor: aumentou nesse período “[...] a defesa das minorias, das pautas sobre desigualdade real na educação, na produção cultural e nos direitos humanos”. Programas de renda mínima e de habitação retiraram milhões, da miséria absoluta que, segundo o autor, estão presentes em governos liberais em várias partes do mundo. Mesmo assim, e paradoxalmente, o mal-estar na sociedade brasileira parece aumentar: em vez de os avanços sociais e civilizatórios trazerem satisfação, pacificação, unificação, o que se revela são os fenômenos de estranhamento, a exacerbação do narcis-

sismo e da intolerância em relação às mínimas diferenças, como Freud descreveu mais de uma vez em seus textos sobre a civilização e as multidões. Como poderíamos entender o que se opera na sociedade brasileira de nossos dias?

A psicanálise nos ensina que, quando algo é negado, não aceito ou mal-elaborado, isso volta. O que é negado no simbólico volta no simbólico enquanto sintoma, no caso um sintoma social.

Dunker (2015) em seu livro *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, propõe um nome para o sintoma social em questão: “vida em forma de condomínio”.

[...] em vez de espaço público, incorporação imobiliária; em vez de representantes orientados para fins coletivos, síndicos e gestores interessados apenas na eficácia dos meios; em vez de leis, regulamentos feitos às pressas conforme as contingências; em vez de diferença e negociação social, muros de segregação; em vez de afetos sociais como a culpa e a vergonha, a soberania política baseada no medo [...] (DUNKER, 2016).

Trata-se, para o autor, de uma forma de vida que é sintoma social desse hiato histórico sobre a reflexão da brasilidade. Seguindo o autor, [...] esta forma de vida explica a favela, os *shoppings centers*, os condomínios habitacionais, além dos condomínios da saúde, da educação, da cultura e da [segurança pessoal] (DUNKER, 2016).

Esse sintoma social se torna insuficiente; então, o que é negado no simbólico retorna no real enquanto trauma. A violência impede a circulação da palavra, anulando a possibilidade de diálogo. Amigos de longa data desfazem amizade nas redes sociais por questões políticas. *Posts* em redes sociais põem dividir o Brasil. Para Dunker (2016), “[...] quando o outro não concorda com o nosso ponto de vista, imediatamente é tratado como petralha ou coxinha”, acentuando o mal-estar e o discurso do ódio, que justifica, entre outras coisas, a polícia armada para evitar o encontro entre passeatas de opositores, crianças espancadas simplesmente por estarem vestidas de vermelho e profissional médico se recusando a atender paciente por ser filho de pessoa pertencente a partido com o qual não se identifica respaldado (pasmem!) pelo conselho de ética. De onde questiono: que ética esperar de um conselho desses?

Freud (1933), em seu texto *Por que a guerra?*, nos traz a correspondência entre dois gênios: Freud e Einstein proposta pela Liga das Nações, com o objetivo de refletir sobre temas importantes para o futuro da humanidade. Freud não é otimista sobre a capacidade do homem de evitar a guerra. E nos lembra que o ser humano contém em si as pulsões de vida ou erótica e as pulsões de morte ou destruição intimamente intrincadas. Para Freud, não há como eliminar por isso os impulsos agressivos do homem, já que estão intimamente ligados à pulsão de vida, mas pode-se tentar desviá-los de modo que não necessitem encontrar expressão na guerra.

Se o desejo de aderir à guerra é efeito da pulsão de morte constituinte de cada ser humano, a recomendação mais evidente será contrapor-lhe seu antagonista: Eros. Então, para Freud, tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens pode evitar a guerra. Em primeiro lugar, um objeto amado que possa ser comum para ambos os lados e sem finalidade sexual. Por isso, a religião institui como lei: “ama a teu próximo como a ti mesmo”, extremamente difícil de exercitar, nos diz Freud. Em segundo, o vínculo emocional, que utiliza a identificação. O que leva os homens a compartilhar interesses importantes produz esta comunhão de sentimento, esta identificação.

Em que a psicanálise pode dizer ou fazer que possa ajudar o Brasil a sair da crise social em que se encontra? Em primeiro lugar, propagando a volta da circulação da palavra, suportando as diferenças,

diferenças que podem surgir, inclusive, da leitura de um editorial como este; também o saber que de toda crise pode germinar algo produtivo, pensadores criativos que consigam recuperar o hiato perdido das reflexões sobre a brasilidade, que trará laços de união que são, segundo Freud, a saída possível para a crise de hostilidade e o mal-estar, próprios das relações humanas civilizadas, que hoje afloram como aspecto, antes pouco visível e agora vívido, das relações sociais no Brasil.

E finalizamos voltando a Brecht, em seu tão contemporâneo *Aos que virão depois de nós*:

*Vocês, que vão emergir
Das ondas em que nos afogamos.
Pensem, quando falarem das nossas fraquezas,
Dos tempos sombrios de que tiveram a sorte de escapar.
Nós existíamos através das lutas de classes,
Mudando mais de país do que de sapatos,
Desesperados quando só havia injustiça
E não havia revolta.
Nós sabemos:
O ódio contra a baixeza
Também endurece o rosto;
A cólera contra a injustiça
Também faz a voz ficar rouca.
Infelizmente nós,
Que queríamos preparar o terreno para a amizade,
Não pudemos ser, **nós mesmos, bons amigos.**
Mas vocês, quando chegar o tempo
Em que o Homem seja amigo do Homem,
Pensem em nós
Com simpatia.*

Isabela Santoro Campanário

Psiquiatra.

Psicanalista.

Mestre e doutora em psicologia pela UFMG.

Professora dos cursos de formação em psicanálise do CPMG.

Coeditora da Revista Estudos de Psicanálise.

Referências

DUNKER, C. I. L. *A crise brasileira como retorno do recalçado*. Disponível em: <<http://brasileiros.com.br/2016/05/crise-brasileira-como-retorno-recalçado>>. Acesso em: jun. 2016.

DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo, 2015.



Em setembro de 1956, com a vinda de Igor Caruso para proferir conferências em Pelotas a convite de Malomar, um grupo de 21 pessoas assinava a ata de fundação de um núcleo de estudos de Psicologia Profunda, embrião do CPRS e depois do CBP. Em poucos meses, só restaram quatro membros desse grupo: Malomar Lund Edelweiss, Siegfried Kronfeld, Gerda Kronfeld e Francisco Dias da Costa Vidal. Assim, o CPRS iniciou com um sacerdote, teólogo, filósofo e psicólogo, com um médico psiquiatra, com uma enfermeira e um agrônomo (depois também psicólogo), Francisco Vidal.

É marcante o testemunho de Vidal na valorização do diálogo, da convivência e da troca permanente entre analistas. Para isso, vinha de Pelotas todas as segundas-feiras, fazendo três horas de viagem, unicamente para participar da reunião científica dos colegas do CPRS. Isto por quase três décadas.

Interessou-se aproximar a psicanálise da cultura gaúcha e de seus mitos. Ao falar da necessidade de abirmos nosso olhar e nossa escuta como Freud o fazia, lembrava um dito gaúcho: “Para o sapo no fundo do poço, seu horizonte é apenas a boca do poço”.

Arte da era glacial – arte das cavernas – e o primeiro totem da humanidade (ou, não é que Totem e tabu pode estar certo?)

*Ice age art – cave art –
and humanity's first totem
(or, isn't it that Totem and taboo could be right?)*

Anchyses Jobim Lopes

Resumo

O homem leão, uma escultura totêmica datada de 40.000 anos atrás, até o momento objeto artístico mais antigo da humanidade. A revolução do paleolítico superior, era em que, de acordo com os arqueólogos especialistas, nasceram: linguagem falada, música, arte, religião e uma sociedade maior e mais complexa. De acordo com esses especialistas, não influenciados pela psicanálise, o surgimento da metáfora teria sido o portador dessa revolução. Utilizando conceitos psicanalíticos pode-se ver o início do inconsciente dinâmico, recalque e angústia. A arte das cavernas como a forma de aplacar a percepção da morte pela religião. Assim levando aos estudos mais recentes sobre totemismo e xamanismo. Especialistas em arte das cavernas interpretam as criaturas meio animais como seres metamórficos, mediadores entre este mundo e o outro. No referencial psicanalítico, podem ser interpretados como operadores da transformação do animismo e sua psicose latente num totemismo mais estável e na neurose.

Palavras-chave: Totemismo, Animismo, Nascimento da metáfora, Arte pré-histórica, Linguagem verbal, Música.

*Não há dúvida de que a arte não começou como arte pela arte.
Ela funcionou originalmente a serviço de impulsos
que estão hoje, em sua maior parte, extintos.
E entre eles podemos suspeitar da presença de muitos propósitos mágicos.
(v. Reinach, 'L'Art et la Magie'.
Na opinião de Reinach os artistas primitivos,
que deixaram as esculturas e pinturas de animais nas cavernas francesas,
não desejavam 'agradar', mas 'evocar' ou conjurar [...]).
S. FREUD. Totem e Tabu.*

Introdução: viajando no passado de cem a quarenta mil anos

Na nota editorial de sua tradução de *Totem e tabu*, Strachey relata que Freud em pessoa lhe afirmara ser esse o seu livro mais bem es-

critado. Até o final de sua vida, as ideias nele expostas foram zelosamente mantidas e aperfeiçoadas por Freud.

Entre as muitas controvérsias suscitadas pelo criador da psicanálise, talvez as teses de

Totem e tabu sejam aquelas as mais polêmicas entre os próprios psicanalistas. Muitos a elas se referem como um ‘mito freudiano’. Ao longo de toda a sua obra, por exemplo, Melanie Klein só cita o livro como vaga referência bibliográfica e sempre em notas de rodapé.

Fora do meio psicanalítico a aceitação ficou ainda mais restrita. Alguns, como Lévi-Strauss e Bataille, endossaram e até validaram algumas das ideias, mas jamais o todo do livro de Freud.

A nova datação pelo carbono 14 de uma pequena escultura pré-histórica, mais conhecida como o homem leão de Hohlenstein Stadel, a colocou sendo o objeto artístico mais antigo da humanidade, pelo menos até o presente. Fato divulgado até mesmo pela grande mídia, como a popular *National Geographic*, a idade da estatueta passou de 30.000 para 40.000 anos atrás. Inquestionável que se trata de um totem, meio humano e meio animal. Mas desde a primeira a primeira reconstrução da estatueta, em 1970, importância do estudo do totemismo e xamanismo na pré-história já vinha tomando grande impulso.

Infelizmente os arqueólogos especialistas no estudo do nascimento da mente e da arte, bem como da religião e da linguagem humanas, fundamentam-se sempre em referenciais não psicanalíticos. Felizmente, por outro lado, ao nos fornecerem outras ideias e mais dados, permitem construir uma ponte, desde sua compreensão dos primeiros seres humanos, até nossas especulações freudianas.

Não se trata de validar como um todo *Totem e tabu*, apenas propor novas conexões com algumas das teses do livro. Contudo, as novas descobertas indicam que várias ideias de Freud, há mais de século, iam em direção confiável.

O que é o homem leão, de Hohlenstein Stadel?

O homem leão é uma pequena escultura pré-histórica com a altura de 29,6 centímetros.

Foi toda esculpida no marfim de um único dente de mamute por meio de uma pedra lascada. Os fragmentos da estatueta foram descobertos em 1939, na caverna conhecida como Hohlenstein Stadel, localizada nos Alpes Suábios, ao sul da Alemanha.

Devido ao início da Segunda Guerra Mundial o estudo dos fragmentos teve de ser deixado de lado e acabaram ficando esquecidos por trinta anos. Só então a estatueta começou a ser refeita. Foi quando cerca de 200 fragmentos começaram a revelar uma forma humana com cabeça de animal.

Assim que o primeiro trabalho foi publicado em 1970, pelo Dr. Joachim Hahn, causou furor no meio especializado. Mas ainda era indefinido se a cabeça era de urso ou de um felino. Na década seguinte mais pedaços foram descobertos e em 1989 a cabeça pôde ser completada. Surgiu, então, a figura de um ser humano com cabeça de leão (COOK, 2013, p. 28).

A primeira datação por carbono 14 sugeriu a idade de 30.000 anos. Nova e mais precisa datação em 2013 revelou 40.000 anos. Tal descoberta ganhou manchetes de jornais no exterior e foi capa interna da famosa revista *National Geographic*, inclusive em sua edição brasileira (WALTER, 2015).

Trata-se do primeiro ou segundo objeto artístico mais antigo da espécie humana. O primeiro teria sido encontrado na caverna de Blombos, na África do Sul, e é um pequeno pedaço de ocre vermelho, onde aparecem linhas retas paralelas cortadas em diagonal, datado entre 65.000 e 75.000 anos. Mas é discutido se não se trataria apenas de um exercício para lascas pedras. Já a estatueta claramente foi feita por mãos humanas misturando formas com uma finalidade simbólica. A atual moradia desse ser híbrido é hoje um museu em Ulm, na Alemanha.

Os conceitos atuais de arte não podem ser inteiramente aplicados a um objeto tão antigo quanto o homem leão. Mas é inquestionável que a estatueta é uma combinação de duas formas da natureza numa terceira



que jamais existiu, a não ser pela imaginação. E que não possuía uma utilidade prática facilmente explicável, tal uma pedra lascada ou outro objeto cortante utilizado para caça. Objeto de culto? Amuleto? Utilizado por um xamã como símbolo de seu poder? Tudo isso possivelmente, e talvez muito mais.

Além da combinação de homem e animal, nos braços há o talhe de sete linhas paralelas horizontais. Podem ser associadas com linhas semelhantes em pinturas pré-históricas de cavernas. Ao mesmo tempo também podem representar: pintura corporal, tatuagem, cicatrizes ou marcas com fogo. Seja como for, as linhas revelam a estatueta como um objeto intencionalmente dotado por seu criador de ainda mais sentidos simbólicos.

Mas será um homem leão? Os leões europeus daquela época, hoje extintos, não são os leões modernos que conhecemos. Era o 'leão das cavernas' eurásianas – cientificamente batizado com o belíssimo nome de *Panthera leo spelaea*. Uma subespécie extinta de leão que viveu na Europa entre trezentos e dez mil anos atrás. Esse animal foi provavelmente um dos maiores felinos que já existiram. Era em média 25% maior que os leões e tigres modernos, com comprimento de 3,7 metros (WIKIPEDIA, 2015). Sua extinção é atribuída a mudanças climáticas. Mas é muito provável que os seres humanos tenham tido um grande – ou até principal – papel.

Só que há um detalhe: o leão das cavernas macho não tinha juba, assim como tampouco a cabeça da estatueta. Esse fato não impediu aos especialistas com facilidade decidir que se tratava de um homem leão. Mas o peito da estatueta continua incompleto, sem que se saiba se é masculino ou portava seios. E, por enquanto, não foi possível reconstruir os genitais. A estatueta evoca um ser musculoso e potente. Entretanto, isso não é garantia da identidade sexual. Outra estatueta antropomórfica, agora de origem mesopotâmica e de calcário, bem mais jovem, só de cinco mil anos atrás e muito bem preservada, conhecida como leonesa Guennol, claramente

apresenta: cabeça sem juba de leoa, genitais femininos e uma musculatura de super-halterofilista.

A paleontóloga e arqueóloga Elisabeth Schmid defendeu que a estatueta de Hohlenstein Stadel se trata da figura de uma mulher leão (COOK, 2013, p. 30). Até agora não se chegou a um consenso, exceto o de provisoriamente chamá-la pelo nome de 'humano leão' - *Löwenmensch*, que no idioma alemão pertence ao gênero neutro. Em português algo semelhante a 'pessoa leão' (*leon person*).

Mais recentemente, em outra camada escavada, uma segunda estatueta de marfim de um 'humano leão' foi descoberta em Hohlenstein Stadel. Um objeto menor e bem mais tosco. Dá a impressão de estar bastante gasto por ter sido muito usado. Igualmente impossível saber o sexo. Foi datado entre 33.000 e 31.000 anos de idade.

Não foi o único objeto figurativo encontrado na cavada escavada, o que levou o escavador a provisoriamente especular a favor de práticas xamânicas (COOK, 2013, p. 37).

Feliz Freud, o primeiro objeto artístico da humanidade, até o presente, é simbólico e mítico: um totem. Mas não mais como simples animal totêmico, e sim já em uma fase intermediária, como os antigos deuses egípcios, que possuíam corpo humano e cabeça de animal. Desenvolvendo ideias antes expostas em *Totem e tabu*, escrevera Freud em *Moisés e monoteísmo*:

O primeiro passo para longe do totemismo foi a humanização do ser que era adorado. Em lugar dos animais, aparecem deuses humanos, cuja derivação do totem não é escondida. O deus ainda é representado sob a forma de um animal ou, pelo menos, com um rosto de animal, ou o totem se torna o companheiro favorito do deus, inseparável dele, ou a lenda nos conta que o deus matou esse animal exato, que era, afinal de contas, apenas

um estágio preliminar dele próprio. Em certo ponto dessa evolução, que não é facilmente determinado, aparecem grandes deusas-mães provavelmente antes mesmo dos deuses masculinos, persistindo após, por longo tempo, ao lado destes. Nesse meio tempo, uma grande revolução social ocorrera. O matriarcado fora sucedido pelo restabelecimento de uma ordem patriarcal (FREUD, [1939], 1996, p. 97).

Pobre Freud, o primeiro totem da humanidade pode ser ‘uma’ totem. Teria o totemismo surgido antes do patriarcado? *Totem e tabu* talvez tenha de ser reescrito, transexualmente. O próprio pai da psicanálise já intuía essa possibilidade. A tese de um período dominado pelo matriarcado ter antecedido o patriarcado, mencionada acima em um dos últimos textos de Freud, já aparecera vinte e seis anos antes em *Totem e tabu*.

Numa frase um tanto desconexa (ao menos na tradução inglesa) com o que vinha sendo discutido – o papel dos irmãos ao fundar o totemismo – escreve Freud:

Aqui, também, talvez esteja o germe da instituição do matriarcado, descrita por Bachofen [1861], que foi por sua vez substituída pela organização patriarcal da família (FREUD, [1913] 1978, p. 144, tradução do autor).

Como ficaria a função do pai? A grande revolução do paleolítico teria ocorrido no matriarcado, e não na passagem para o patriarcado? E teremos de cuidar que *Löwenmensch* não acabe parecida com a grande mãe da mitologia jungiana.

O homem leão e a revolução do alto paleolítico

John Lubbock (Lord Avebury), banqueiro vitoriano, vizinho e amigo de Charles Darwin, do qual foi um forte defensor na querela da então nascente corrente evolucionista contra o pensamento religioso, publicou em 1865 o que, talvez, tenha sido o texto mais influente sobre arqueologia do século XIX: *Pre-historic*

times, as illustrated by ancient remains, and the manners and customs of modern savages [Os tempos pré-históricos, ilustrados pelos antigos restos, modos e costumes dos selvagens modernos]. Obra pioneira, uma das primeiras a rejeitar a cronologia bíblica que dizia que o mundo teria uns meros 6 mil anos. Lubbock introduziu os termos “paleolítico” e “neolítico”, para denotar a velha e a nova idade da pedra, hoje reconhecidas como períodos-chave do passado pré-histórico.

Freud não menciona o livro de 1865, mas outro dos livros de Lubbock é utilizado em *Totem e tabu: a origem da civilização*, de 1870 (FREUD, [1913] 1978, p. 13, 111). As citações são sobre as ideias do autor inglês sobre o tabu entre sogras e genros e sobre a origem do totemismo. Dois outros livros posteriores de Lubbock se encontram na biblioteca da casa de Freud em Londres.

O termo “paleolítico” se refere à época do domínio dos artefatos de pedra lascada e da sobrevivência do gênero *Homo* enquanto caçadores/coletores. Com variações entre os diferentes locais e com superposições com outras eras, subdivide-se em: paleolítico inferior (cerca de três milhões a cerca de 130.000 anos atrás), paleolítico médio (220.000 a 45.000 anos) e o paleolítico superior (*upper paleolithic*) (45.000 a 10.000 anos). Após essas três eras inicia-se o recentíssimo período neolítico.

Há cerca de 500.000 anos uma primeira emigração de homídeos, denominada *Homo heidelbergensis*, chegou da África, berço da humanidade, até a Ásia e a Europa. Seus descendentes europeus mais famosos foram os neandertalenses. Dessa primeira migração vários homídeos conviveram e se sucederam em diversas emigrações da África ao resto do mundo. Até que há 200.000 anos surgiu, também na África, o *Homo sapiens* arcaico.

De acordo com provas genéticas e fósseis, o *Homo sapiens* arcaico, do qual os atuais humanos evoluíram, surgiu exclusivamente no continente africano entre 200.000 e 100.000 anos atrás. Há cerca de 70.000 anos, numa segun-

da grande corrente emigratória, um de seus ramos deixou a África e migrou para o resto do mundo, inclusive a Europa. Acabou por substituir as populações de homídeos das migrações anteriores, como o *Homo erectus* e os neandertais, provavelmente de forma nada pacífica.

Além de uma provável maior agressividade, com essa segunda leva de emigrantes, ocorreu uma revolução psíquica e cultural em todas outras áreas. Transformação que é bem documentada pelos achados encontrados em mais de uma dezena de cavernas e sítios arqueológicos europeus. Provavelmente teve seu início ainda na África. Mas nesse continente os tipos de materiais para artefatos, o clima e a ausência de grandes cavernas, não teriam permitido a permanência dos verdadeiros túneis do tempo que são as cavernas europeias.

Quanto à revolução ocorrida resume Lewis-Williams (2009):

Tudo que quero até aqui é assinalar o que se tornou conhecido como ‘transição do médio para o paleolítico superior’. Na Europa ocidental essa transição ocorreu 45.000 a 35.000 anos atrás. [...] É nítido que essa transição foi um período decisivo na história humana [...] ‘a revolução do paleolítico superior’ ou, de modo mais dramático, a ‘explosão criativa’. De repente, segundo o que aparenta para muitos pesquisadores, surgiu a arte, e passou-se a reconhecer a existência como humana (LEWIS-WILLIAMS, 2009, p. 40, tradução do autor)

Na revolução do paleolítico superior ocorreu uma explosão: psíquica, linguística, musical, artística, social e religiosa. Mais de uma dezena de cavernas descobertas na Europa a partir do século XIX, famosas pelas suas pinturas, esculturas e pela riqueza de objetos encontrados, atestam essa explosão: Lascaux, Altamira, Chauvet, Dolni Vestonice, Sungir, Hohlenstein Stadel e muitas outras. Achados confirmados por outros sítios arqueológicos, como sepulturas.

Denegrada pelos sábios e intelectuais do século XIX e da primeira metade do século XX, como sendo arte ‘primitiva’, hoje é vista de modo bem diferente. Exclamou Pablo Picasso vendo as pinturas de Altamira: ‘nenhum de nós poderia pintar deste modo’ (LEWIS-WILLIAMS, 2009, p. 31). Também foi Picasso quem explicou a ausência de objetos pré-históricos na África.

O que se preserva na terra? A pedra, o bronze, o marfim, o osso, às vezes, a cerâmica [...] Nunca os objetos em madeira, nunca os tecidos, nunca as peles de animais [...] O que falsifica completamente nossas ideias sobre os primeiros homens [...] Creio que não me engano em afirmar que os mais belos objetos da idade da ‘pedra’ eram em pele, tecido e, principalmente, madeira (BRASSAÏ, 1999, p. 102, tradução do autor).

Nessa época, mais ao norte, na atual Alemanha, nasce o homem leão. Mas não o único das criaturas meio humanas e meio animais. Além da segunda escultura semelhante encontrada próxima ao homem leão, vários tipos de seres híbridos foram pintados nas muitas cavernas do paleolítico superior. Mais que um dos temas preferidos dos artistas pré-históricos, há suposições de que sejam a peça-chave para a compreensão de uma protoreligião.

Na caverna de *Les trois frères*, parte do complexo de cavernas de Volp, próxima aos Pirineus, uma figura enigmática parece ter sido o centro do culto. Apelidada de ‘feiticeiro’ ou de ‘deus chifrudo’, possui pernas humanas, cauda de cavalo, grandes chifres, braços e mãos que parecem estar no meio do caminho entre as de homem e animal, orelhas pontudas, rosto humano com longa barba, exceto pelos olhos que se parecem com os de uma coruja (LEWIS-WILLIAMS, 2010, p. 218-220). A interpretação mais comum é que representa um xamã no meio de um processo de metamorfose.

Arte pela arte

Várias objeções são feitas quando se denomina de arte as pinturas das cavernas, bem como todos os artefatos encontrados nelas ou fora delas. Quando se fala em arte, vem à mente contemporânea a ideia de um objeto cuja única função é nos dar prazer. A crítica principal é se seria válida a utilização de um conceito moderno, para rotular o produto de homens e sociedades tão remotas: o de arte pela arte, um juízo restrito a certas culturas da Antiguidade até os dias atuais? Como seria possível imaginar o que os seres humanos de 45.000 a 35.000 atrás sentiam?

Esquece-se que a maior parte do que hoje é julgado belo ou sublime foi feita por razões utilitárias. Tomando como exemplo as criações humanas que, devido a seu tamanho, foram as mais bem preservadas pelo tempo. Templos e igrejas para adorar deuses, estátuas de um imperador em todas as cidades para lembrar os súditos de seu poder, monumentos para comemorar vitórias militares. E assim em todas as demais esferas: pinturas, esculturas, cerâmicas, vitrais e outros exemplos que vão ao quase ao infinito.

Mas todos são produtos da criação humana. E os seres humanos – quando criam até algo abstrato como uma fórmula matemática e possuem algum tempo e recurso disponível, – sempre tentam gerar algo que também lhes dê prazer estético, senão prazer em algum dos sentidos, o prazer intelectual da compreensão da forma, ou ambos. A esse excesso se chama de arte. Por isso, mesmo perdida há décadas ou séculos sua utilidade estritamente prática, alguns desses objetos, para algumas pessoas, renovam esse supérfluo: o gozo estético.

Não se necessita ser católico, nem mesmo cristão, para ter prazer contemplando a igreja da Glória. Pela elegância de seu desenho arquitetônico, delicadeza e parcimônia de sua decoração externa, pela integração com o local onde foi erguida, mesmo quando ainda era quase uma rocha à beira do mar, ainda antes que se conheça seu interior, é um pré-

dio pequeno, sendo esta mais uma de suas qualidades, e muito bonito.

Quando se nomeia as pinturas das cavernas e muitos dos objetos pré-históricos como arte, podemos afirmar sim, que é arte pela arte. Ainda mais a partir do final do século XIX, quando cada vez mais livres dos cânones greco-romanos e do eurocentrismo, artistas ocidentais de todas as áreas de criação começaram a olhar outras culturas sem o habitual ar de superioridade. Africana, polinésica, cicládica, oriental e até pré-histórica, a diversidade das criações alcançou o estatuto de arte. Desnecessário evocar a autoridade de outros grandes nomes de artistas do século XX além de Picasso e Modigliani.

Mas o que pode ser acrescentado pela psicanálise para a compreensão desse excesso, que faz com mesmo o mais utilitário dos objetos possa ser contemplado como belo, até sublime, sendo originário de qualquer cultura ou época?

Arte pela arte é o excesso investido no fazer de um objeto para além de sua utilidade. Em psicanálise esse excesso só pode ser de pulsão. Freud caracterizou a pulsão, em sua diferença com o instinto, pelo seu excesso. E por que esse excesso não pode ser usado para se fazer mais objetos ou um objeto maior, mas em ambos os casos sem qualquer preocupação pela beleza? Porque a pulsão não pode ser satisfeita apenas pela utilidade prática do objeto, pela satisfação derivada diretamente de seu uso. Porque já observara Freud que devido ao apoio (análise) dos interesses do eu sobre a libido, para os humanos nenhuma necessidade é exclusivamente objetiva. Mesmo quando concretamente satisfeita, a repetição continua só por prazer. O que termina por torná-la antissocial. A não satisfação direta é impedida por meio de uma força contrária: o recalque. E é o recalque, desde que o ser humano é uma criança ainda na primeira infância, que o impele à criação de fenômenos aparentemente inúteis: os sintomas.

Mas sem os sintomas não haveria o brincar. Nem do aperfeiçoamento do brincar, se

proveitosamente sucedido e aprimorado pela educação. A família e a sociedade conduzem ao requinte do brincar em mecanismos psíquicos, conscientes e inconscientes, cada vez mais sutis e com maior descarga de pulsão. Assim chegamos até o mais sofisticado dos sintomas: a sublimação, para a psicanálise, principal origem da arte.

Talvez por ainda ter uma visão muito idealizada desse sintoma, Freud tenha ficado nos devendo um texto metapsicológico sobre a sublimação. Ela não resolve todos os conflitos, talvez nem a maior parte, mas é uma das características que nos torna humanos.

Para um cão um poste é só um objeto útil. Tendo as necessidades básicas supridas e algum excesso dinheiro e tempo, os moradores humanos da rua preferem que o poste seja ao menos ‘razoável’ e não enfeie suas moradias. Melhor ainda se enfeitar a rua. De que serve uma rua ‘enfeitada’? Do ponto de vista prático: para nada. Apenas porque é mais prazeroso morar numa rua bonita que numa feia. E assim, também é pelo excesso pulsional, transformado por meio da sublimação, que admiramos e sentimos prazer, independentemente de qualquer função religiosa ou xamânica que tenham tido, em contemplar as pinturas e objetos pré-históricos: são belos, até sublimes.

Redução à essência das coisas

Ao contemplar as imagens pintadas nas cavernas pré-históricas, nota-se a concisão de suas linhas e dos poucos detalhes acrescentados. Imediatamente o espectador não tem dúvida de que está diante de um bisonte, um leão, um cervo ou qualquer outro animal. Muitas vezes trata-se de uma linha única desenhada sobre uma pequena flauta, formando a imagem de um cervo, exemplo de uma concisão máxima da forma. Como a que tivemos o privilégio de ver no museu de história natural de Nova York. Ao contrário do que se possa pensar, essa brevidade não é sinônimo do primitivo em sua acepção pejorativa: algo incompleto e imperfeito. Pelo contrário,

indica que há dezenas de milhares de anos, possivelmente antes do próprio período de transição do médio para o alto paleolítico, e possivelmente antes até das migrações da África à atual Europa, nossos antepassados adquiriram capacidade cerebral e psíquica para olhar objetos naturais e deles abstrair a essência. A arte pré-histórica é ao, mesmo tempo, figurativa e extremamente abstrata.

Abstração e naturalismo parecem antagonicos. Trata-se do oposto. Quando poucas linhas definem para todos que aquela figura pintada se trata de um leão, mesmo nos dias de hoje, é confirmado que seu criador não diferia muito dos seres humanos atuais.

No século XX Pablo Picasso, em 1945 para ser mais preciso, por meio de uma série de onze figuras em uma litogravura, pegou uma de suas imagens míticas pessoais – um touro – e foi, em cada desenho, simplificando a forma à sua essência. O primeiro é um desenho detalhado do touro, quase uma fotografia. O último utiliza apenas sete linhas curvas e dois pequenos círculos. Mas formam um touro completo: chifres, corpo, cabeça, pernas, rabo, testículos e pênis.

O artista evocou a diversidade e a vitalidade do mundo natural que inspirou os pintores de Altamira e Lascaux [...] cavernas pré-históricas que havia visitado (COX; POVEY, 1995, p. 38).

O desenho de Picasso revela o talento, a elegância da concisão e a beleza. Mas não era só arte pela arte. Quem conhece a biografia do artista espanhol sabe de sua obsessão sexual com touros e minotauros, assim como a história tumultuada de seus muitos relacionamentos femininos. Genial mas humano, demasiadamente humano, o artista sublimava, mas não tanto. Parece que a origem desse excesso pulsional em nossa espécie vem de longa data.

Nas pinturas das cavernas há muito mais. Picasso utilizou superfícies planas e sobre onze delas construiu a sucessão de formas. Nas cavernas pinturas foram feitas utilizando as reentrâncias e saliências das paredes e

dos tetos. Muitas vezes as linhas de tinta só completam formas que foram imaginadas pelos artistas pré-históricos. O jogo de luz e sombra da rocha faz o resto.

Lewis-Williams (2009) demonstra como numa quase escuridão a forma do animal pode ser evocada pelo tato. Outras vezes estalactites, estalagmites ou apenas rochas isoladas, que já lembravam algum animal ou entidade, foram apenas um pouco esculpidas para ressaltar sua figura.

Esse dom de olhar um ser vivo e extrair a essência de sua forma, de olhar a parede ou outra formação de pedra de uma caverna e nela rever esse animal que só existia no mundo fora da caverna, de acentuar ou diminuir certas características de sua representação, e de transmitir essas percepções aos demais membros do grupo, demonstram a existência em época tão remota de características caras à psicanálise: projeção e identificação.

Teriam nascido há dezenas de milhares de anos. Ao mesmo tempo que os mecanismos do inconsciente – deslocamento e condensação, metáfora e metonímia – possibilitaram reutilizar as formas aprisionadas em sua essência e recombiná-las.

De onde teria surgido a recombinação das formas, até transformá-las em fantasia e mito, que permite apreender a forma física de um ser humano, fazer o mesmo com a de um leão e criar uma terceira que inexiste no mundo real: um homem-leão?

Sonho e criação

Os mamíferos superiores sonham. Experiências com cães mostram que seus sonhos sempre possuem os mesmos temas. Seccionando seus cérebros em áreas específicas, os cães dormiam todo o tempo, mas mexendo com o corpo nos momentos em que se supunha estivessem sonhando. A interpretação desses movimentos foi a de que seus sonhos se constituíam unicamente de dois temas: caça e cópula.

Tanto quanto saibamos, experimentos tão cruéis não foram tentados com nossos

primos primatas mais próximos, chimpanzés e bonobos (os cães eram sempre sacrificados). Mas devido ao córtex dos primatas ser bem maior que o dos carnívoros, há muito que também devem ter surgido períodos maiores de sono e sonho, que é nossa característica humana. Se nossos primos primatas sonham outros temas que o dos cães e gatos ainda não é possível saber. É possível que a plasticidade das imagens e temas dos nossos sonhos seja uma característica humana exclusiva.

Talvez depois da descoberta do recalque, que permitiu a pesquisa de métodos para deduzir os conteúdos inconscientes, a segunda maior conquista freudiana tenha sido a descoberta de como funciona o processo primário. A partir de *A interpretação dos sonhos* (FREUD, [1900] 1979) sabemos que, por exigência do recalque (censura), o deslocamento e a condensação metamorfoseiam as imagens do passado e do dia anterior, combinando-as em novas formas. Imagens que raramente se repetem, ora dissociadas de qualquer sentimento, como um filme passando em uma tela, ora são dotadas de intensas e estranhas tonalidades afetivas.

Lewis-Williams (2009), apesar de seu cognitivismo, salienta a importância dos sonhos e hipotetiza que, ao contrário de outras espécies de homídeos, tal os neandertais, nossos antepassados devem ter começado a lembrar diurnamente parte de seus sonhos. E começaram a se perguntar onde estava aquele outro mundo tão diferente do cotidiano.

Subscrevemos a ideia desse autor e de outros, que o mesmo processo recombinatório de imagens também foi surgindo nas percepções da vida diurna, ou que a lembrança das imagens noturnas começou a se infiltrar e ser confundida com as percepções da consciência ainda que acordada.

O mundo onírico deve ter levado à suposição de que outra realidade deveria existir. Onde ainda existiriam aqueles já mortos, mas que reapareciam nos sonhos? E esse ou-

tro mundo não era estável, as coisas se transformavam umas nas outras. Decifrar a origem das imagens oníricas deve ter ocorrido simultaneamente ao processo de questionar a essência das imagens diurnas e a inconscientemente recombiná-las.

Provavelmente muito, muito antes de qualquer arte paleolítica, o primeiro ser humano que olhou um galho seco de árvore ou uma pedra e viu nesses objetos a imagem da presa de um felino, por exemplo, fundou a imaginação (imagem em ação). Através de Freud e Melanie Klein sabemos que a fantasia inconsciente fecunda a criatividade consciente e vice-versa.

Mas se falamos em consciente e inconsciente, também estamos falando de sua separação devida ao recalque, da sobra de pulsão dos objetos recalcados, que emerge e tem de ser satisfeita na vida diurna. O excesso da pulsão motivou ao mítico primeiro humano olhar para o galho da árvore ou uma pedra e imaginar o dente de um tigre. De acordo com o pessimismo trágico freudiano, esse ser humano tanto deve ter utilizado sua descoberta para se defender e aos seus, para obter mais alimento, mas também para matar seus vizinhos.

O sonho pode ir desde a aparente indiferença total em relação às figuras que passam na tela, caso em que toda pulsão foi transformada na intensidade das imagens visuais, até seu oposto de uma intensidade afetiva espantosa, que levou místicos já de eras recentes a afirmar que Deus aparecia em sonho.

Daí se vê que a crua abstração utilizada para intelectual e desapaixonadamente reduzir bois ou carneiros a sinais gráficos elementares, criar registros para contá-los por pontos e linhas, por exemplo, origem mais antiga da matemática, é o outro lado da moeda de toda crença irracional na existência de outro mundo. E a necessidade dessa crença deve ter se tornado imperiosa para os primeiros humanos, que se deram conta do que era o tempo; também era uma contagem, e a morte, o somatório.

Simbolismo: abstrações e animais

A partir da explosão criativa ocorrida na revolução do paleolítico superior, formas humanas e de animais passaram a ser simultaneamente representadas tanto com base em seus traços essenciais como de maneira naturalista. As cavernas pré-históricas europeias, além das figuras claramente discerníveis de animais, ao mesmo tempo têm suas paredes decoradas com desenhos completamente abstratos: pontos, linhas que se cruzam formando grades, linhas em ziguezague, sinuosas ou arqueadas.

Lewis-Williams (2009) as interpreta as figuras abstratas como fenômenos semelhantes às alucinações que temos quando começamos a acordar ou a dormir, assim como com as alucinações causadas por substâncias. Esse especialista em arte pré-histórica interpreta as linhas e os pontos, bem como as figuras de animais, como resultado de práticas xamânicas e estados alterados de consciência por meio de música e alucinógenos.

Qualquer interpretação que se dê aos desenhos é arriscada. Mas conduz a uma pergunta anterior. Se é incerta qualquer interpretação moderna, há a certeza de que existe uma interpretação. A frequência das linhas e dos pontos em várias cavernas diferentes, por períodos que devem ter ido de anos a séculos, mostram que havia um significado compartilhado durante longo tempo por grande número de pessoas. Ao contrário das figuras de animais, as abstratas possivelmente representavam estados afetivos, talvez o registro de êxtases místicos ou, quem sabe, o prosaico registro de uma caçada excelente ou da vitória sobre uma tribo vizinha. Talvez tenha significado tudo isso junto e muitas outras coisas mais.

São para nós hoje incompreensíveis, porque eram significados compartilhados por sociedades que desapareceram. Mas se tivéssemos uma máquina do tempo, seríamos capazes de compreender suas explicações para a arte e o uso das cavernas. Falta-nos uma pedra da Roseta. Mas não há dúvida de

que eram símbolos cujo significado se manteve durante centenas ou milhares de anos, partilhado por vários grupos de centenas de pessoas. Um número razoável de indivíduos, que necessitava de uma linguagem complexa para estruturar uma sociedade complexa.

Para os especialistas, a partir dos achados arqueológicos até o presente, os primos neandertais, cujos grupos não atingiam mais que algumas dezenas, jamais teriam alcançado esse grau de pensamento abstrato e simbólico, nem mesmo uma linguagem tal como hoje a conhecemos. Extintos há apenas 27.000 anos, provavelmente por seus primos *sapiens*, sua sociedade era simples, sem grande hierarquia e vivendo apenas um presente quase absoluto.

Já para nossos antepassados, numa cultura sem linguagem escrita, os pontos e as linhas funcionavam à semelhança de ideogramas. Só que ao contrário dos ideogramas de algumas culturas e de até alguns mais simples de idiomas ainda presentes, não há nenhuma relação entre as linhas e os pontos com a forma do objeto que era representado. Estados afetivos e místicos comunais e grupais não são passíveis de representação concreta.

Tudo que podemos inferir é que se tratava de gravar externamente, talvez para a memória das gerações seguintes, eventos importantes por meio de sinais completamente abstratos. Aqui temos uma das definições de símbolo: uma representação comum – social – condensando em sua forma material dados que possuem pouca ou nenhuma semelhança com formas do mundo objetivo.

A construção de símbolos só é possível pelo uso, consciente ou não, dos mecanismos que tornaram o sonho humano plástico: deslocamento e condensação. No caso dos pontos e das linhas das cavernas pré-históricas, ênfase em uma extrema condensação.

Lewis-Williams (2009) e Cook (2013) assinalam que mesmo as figuras de animais não estão dispostas ao acaso. Muitas formam conjuntos extraordinariamente belos. Teria sido possível que as imagens do sonho, eter-

na metamorfose individualmente sentida durante o sono, eram coletivamente reexperimentados em cerimônias de êxtase místico nas cavernas?

Na caverna de Chauvet (França), descoberta em 1994, num dos mais famosos dentre muitos outros conjuntos de imagens, conhecido como ‘painel dos cavalos’, há cerca de vinte animais de várias espécies, em diferentes tamanhos, compondo diversos planos (CLOTTE, 2013, p. 38-39).

Focando os principais desenhos, no primeiro deles dois rinocerontes se defrontam chifre a chifre (sim, havia rinocerontes europeus). Atrás quatro enormes cabeças de cavalo, cada qual com características e ângulos diferentes, cada uma acima e à frente da anterior, compõem um poderoso movimento único. Mais ao longe dos cavalos, outro rinoceronte é visto, correndo. Há outras formas, mas de modo resumido, no todo da composição, as cabeças de cavalo parecem vir do céu, como seres superiores dominando os rinocerontes em conflito e fuga. Não foram dispostos desse modo apenas por uma questão puramente estética de arte pela arte. Também possuíam algum simbolismo que vagamente podemos intuir.

As figuras das várias cavernas não representam quantitativa ou naturalisticamente a fauna da época. Há escolha por certos animais. Em Hohlenstein Stadel, por exemplo, há prevalência de leões, mamutes e figuras antropomórficas.

Palavra e morte

As pinturas e os objetos encontrados nas cavernas europeias conduziram, além da explosão artística e criativa, a interpretações sobre suas funções religiosas. Mas há algo além do que Lewis-Williams considera de modo reducionista, em seu modelo baseado no cognitivismo, o nascimento da religião. A crença não é mero erro cognitivo neurocientificamente explicável.

A lembrança diurna do mundo sonhos, a recombinação das imagens lembradas e das

percepções diurnas que permitiram a criação de uma sofisticada estética, todas foram mudanças que também comprovam a existência de uma comunidade numerosa e complexa. Tais sociedades necessitavam de uma linguagem verbal sofisticada que permitisse seu funcionamento.

Toda linguagem humana, e não apenas a verbal, se forma de um número finito de elementos com possibilidade infinita de combinação. À semelhança da plasticidade artística nos conduz à hipótese de que também se desenvolveu muito a plasticidade verbal durante a revolução do alto paleolítico. Ora, toda a linguagem é uma disposição de seus elementos ao longo do tempo.

Além da aparição de mortos em sonhos e devaneios diurnos, seres que adquirem a percepção do tempo, adquirem a percepção da própria morte futura: desconhecida e inevitável. Dito em psicanalês, nascera o conhecimento da maior de todas as angústias, da qual Freud acabou por deduzir que todas as demais, inclusive a de castração, eram apenas simples derivadas. Herança do primeiro de todos os traumas – o nascimento –, uma vivência de destruição e aniquilamento da plenitude intrauterina, o absoluto ápice do desprazer segundo o princípio de prazer. O horror à morte futura porque sua experiência vem do passado.

Em Sungir, na Rússia, nas escavações iniciadas em 1957 e realizadas ao longo dos anos cinco sepulturas foram descobertas. Numa delas um homem fora sepultado com roupas adornadas com várias faixas enfeitadas com um total de 2.936 contas de marfim perfuradas, com 25 braceletes também de marfim, mais um colar com uma pedra pintada de vermelho e um capuz adornado de dentes de raposa ártica.

Em 1969 foi encontrada uma nova sepultura, datada de até 32.000 anos. O que foi mais surpreendente é que nessa foram encontrados dois esqueletos de crianças: o de um menino de cerca de doze anos, colocado em direção oposta, cabeça a cabeça, com o

de uma menina de cerca de dez anos, ambos com os braços dobrados sobre a pélvis. O menino possuía em suas roupas faixas com 4.903 contas de marfim, em sua cintura um cinto com 250 caninos perfurados de raposa e um capuz com muitos desses dentes. Nos adornos da menina, entre outros enfeites, havia 5.274 contas perfuradas de marfim, mas nenhum dente de raposa.

Ao redor dos corpos dessa sepultura dupla uma variedade de objetos havia sido colocada: uma pequena estátua de mamute em marfim, outro objeto como uma secção do mesmo material na forma de um cavalo, uma série de mastros ou estacas de marfim, entre as quais uma ornada e com o comprimento de dois metros e meio. Esta última era grande e pesada demais para ter sido usada como lança, mesmo por um homem adulto.

As sepulturas até agora descobertas em Sungir revelam que seus usuários eram pessoas muito especiais, que pertenciam a uma sociedade complexa. Foi calculado que nas contas de cada criança foram despendidas mais de 2.000 horas de trabalho. Enquanto artesãos especializados trabalhavam, outros forneciam sua subsistência. Os vários objetos, em especial a lança de dois metros e meio, demonstram valor meramente simbólico e afetivo. A riquíssima sepultura das crianças demonstra que era uma sociedade organizada por valores além da força física, o sexo ou a aptidão para a caça. Tal sociedade exige em seu funcionamento uma linguagem verbal complexa. Nada a ver com a ideia popular dos homens da época das cavernas como seres grosseiros, vestidos de peles de animais e pouco mais produzindo que grunhidos.

Deduz Lewis-Williams que a comunidade de Sungir era formada por:

Pessoas usavam itens com significados, como os dentes de raposa, para construir suas identidades em vida e para construir uma identidade especial, talvez realçada, específica para os mortos. O alto *status* que possuíam esses

jovens talvez tivesse sido herdado, mas também poderia ter sido adquirido assim como ocorre com a escolha do Dalai Lama. A quantidade de bens demonstra a existência de uma extensa rede social, não o produto de uma única família. Esse não era um mero bando de caça, isolado e igualitário (LEWIS-WILLIAMS, 2009, p. 80, tradução do autor).

Já Cook complementa que

[...] o enorme investimento feito nas sepulturas das crianças de Sungir indica que pode ter ocorrido uma preparação antecipada às mortes, e que, dado as características do sepultamento, parecendo ter sido simultâneo, pode assim significar um sacrifício, mais que a hipótese de acidente ou doença (COOK, 2013, p. 121, tradução do autor).

Paralelamente ao nascimento da arte, da linguagem verbal complexa, do pensamento abstrato, dos símbolos, de valores e de hierarquias sociais, também nascera a percepção do tempo, da finitude da existência e o medo da morte e a crença em uma outra vida como obsessões da humanidade. Ou melhor, para Freud, a grande neurose (ou psicose) da humanidade.

Apesar de os túmulos de Sungir serem de 10.000 anos após o homem leão de Hohlenstein Stadel, os primeiros vestígios de sepultamentos datam de 130.000 a 100.000 anos. O que Sungir mostra é a existência de uma sociedade economicamente complexa, plena de valores simbólicos e poderosos vínculos afetivos. É possível que aquela de Hohlenstein não adornasse seus mortos com tanta riqueza material e rituais tão trabalhosos. Mas já possuía todas as características da sociedade de Sungir.

No momento o que mais nos interessa são as provas de que tais sociedades só podiam ter surgido a partir da existência de uma linguagem verbal complexa. Mas teria sido a linguagem verbal a única ou a primeira forma de linguagem?

Música e palavra

Entre o grupo de cavernas próximas de Hohlenstein Stadel, há a Hohle Fels. Nela foram encontradas a primeira figura feminina conhecida até o momento – a Vênus de Hohle Fels – esculpida em marfim entre 35.000 e 40.000 anos atrás; mais a outra figura já mencionada híbrida de homem e leão, e duas flautas, todas datando de pelo menos 37.000 anos.

Por sua vez, em Geisenklösterle, caverna a dois quilômetros de Hohle Fels e explorada a partir de 1973, foi achada uma flauta de 42 ou 43.000 anos: até agora o instrumento musical mais antigo da humanidade. Somados vários sítios arqueológicos da revolução do paleolítico superior, até agora foram encontradas pelo menos duas dúzias de flautas. Também há indícios de que, nas cavernas, os locais de maior ressonância são mais propensos a ter imagens nas paredes do que os locais não ressonantes (LEWIS-WILLIAMS, 2009, p. 224).

Concordando em parte com as ideias de Lewis-Williams e Mithen a respeito do xamanismo e a origem da música na pré-história, escreve Cook (2013) sobre os achados desse amplo conjunto de cavernas:

[...] do mesmo modo que as imagens humanas e de transformações, os instrumentos musicais parecem ter sido parte da atividade cotidiana, sugerindo que o relacionamento das pessoas entre si, com a natureza e o cosmos, era parte da mesma visão de mundo (COOK, 2013, p. 47, tradução do autor).

Stephen Mithen, outro arqueólogo, também especialista em arte, religião e pensamento na pré-história, dedicou um livro à questão da música: *The singing neanderthals* (2005). Mithen defende a tese de que, por volta de dois milhões de anos no passado, os antepassados africanos – *Homo ergaster* – começaram a desenvolver formas mais ricas de comunicação. Já possuíam alto grau de encefalização e uma laringe suficientemente complicada para vocalizar algo como um canto

contínuo que Mithen nomeia ‘HmMMMM’. Além dos gritos variados emitidos por macacos e primatas, a intensidade, a acentuação e o tom do ‘HmMMMM’ tornaram-se um modo muito mais sofisticado de comunicação, enriquecendo as formas de caça, pilhagem, criação dos filhos, corte e acasalamento, unidade social do grupo. Os neandertais, descendentes da primeira imigração da África à Europa, teriam permanecido nesse estágio. E por isso acabaram indo para a lata de lixo da história evolutiva humana.

Já na própria África um segundo grupo evoluiu para o *Homo sapiens* e, como já vimos, dispersou-se por todo o mundo. Foi nele que ocorreu o que Mithen denomina ‘fluidez cognitiva’. Além da arte, essa fluidez permitiu que o ‘HmMMMM’ aos poucos fosse segmentado em sons, repetidos e recombinação em fonemas. Iniciara-se a criação da linguagem verbal.

Aliás, há mais de um século Nietzsche em *O nascimento da tragédia a partir da música*, e no século XX a filósofa Suzanne Langer, autora de *Philosophy in a new key*, já tinham proposto a hipótese da linguagem musical como origem da verbal.

Mithen afirma:

A música surgiu dos restos do ‘HmMMMM’ depois que a linguagem¹ evoluiu. Composicional, a linguagem referencial tomou conta da troca de informação de modo tão completo, que o ‘HmMMMM’ tornou-se um sistema de comunicação dedicado quase inteiramente à expressão de emoções e para forjar a identidade de grupos, tarefas para as quais a linguagem é relativamente ineficaz. De fato, tendo sido liberada da necessidade de transmitir e manipular informação, o ‘HmMMMM’ pode se especializar naquelas funções e estava livre para evoluir no sistema de comunicação que agora chamamos de música (MITHEN, 2005, p. 266, tradução do autor).

1. Aqui e na frase seguinte Mithen refere-se à linguagem como linguagem verbal.

A descoberta de mais de vinte flautas, de impressionantes pinturas em cavernas, ambas de época e local próximos ao homem leão, desenha as várias faces da explosão criativa do paleolítico superior. Indica também que existiam populações alcançando a casa de centenas de pessoas, talvez um milhão: uma sociedade complexa e hierarquizada, necessitando de uma linguagem verbal também complexa.

Desconhecíamos essas ideias de Mithen, também subscritas por Lewis-Williams. Antes de ler esses autores, havíamos discorrido psicanaliticamente sobre a relação entre as linguagens verbal e musical (LOPES, 2006, 2013). Entre as várias conclusões que chegamos, a principal havia sido que a voz fora o elemento primordial, o que Lacan denominara de pulsão invocante, ‘a experiência mais próxima do inconsciente’.

Desde Nietzsche, em *O nascimento da tragédia*, é debatida a origem da poesia a partir da música. Logo, o que inicia, a invocação musical, é semelhante às hermas de Janus, escultura da cabeça de um deus, que possuía duas faces: significante com faces de prosa e poesia, ambas sobre uma coluna de música. Porque, desde que não seja um manual de funcionamento de uma geladeira ou um tratado de lógica, quanto mais literária, também maior é a musicalidade da prosa. Muito menos subsiste qualquer poesia sem o ritmo da sonoridade das palavras (melopeia), o ritmo de apresentação das imagens (fanopeia) ou o ritmo da sucessão das ideias (logopeia). Apesar da ancoragem musical da linguagem em palavras, a música não possui o ‘não’. E primeira tópica freudiana, o ‘não’, insere-se no recalque, junto com a linguagem verbal.

A música se ancora em uma afirmação (*Bejahung*) mais antiga: é anterior à negativa consciente do discurso verbal, à censura moral e ao ‘não’ inconsciente do recalque. Propomos a hipótese de que em nossos primos neandertais ainda não surgira o recalque, que como uma rocha que despenca da montanha, fraturou em duas partes a psique

humana: uma parte consciente/pré-consciente, outra inconsciente. Talvez tenha sido o ponto principal da revolução do paleolítico superior e de sua explosão criativa.

Paleolítico superior e neurose da humanidade

As linguagens verbal e musical se separaram, e esse fato possibilitou que muito mais surgisse. Para satisfazer a pulsão o recalque teria causado um enorme aumento dos mecanismos do inconsciente freudiano da primeira tópica – deslocamento e condensação –, ou sua leitura lacaniana – metáfora e metonímia – de maneira que as formas, já aprisionadas em sua essência, passassem a ser infinitamente recombinadas.

Os neandertais possuíam um cérebro de tamanho equivalente ao nosso. Mas no *sapiens*, por alguma forma de reorganização neuronal, teria surgido uma capacidade mnêmica muito maior. Apesar de seu referencial teórico não psicanalítico, e interessante por isso mesmo, Mithen ancora a revolução do paleolítico superior nos conceitos de fluidez cognitiva e metáfora. Conclui o arqueólogo especialista na pré-história da mente:

Seja ou não uma memória aumentada a chave, os circuitos neurais extras que possuem os humanos modernos lhes fornecem o que denomino de ‘fluidez cognitiva’. Essa é, em sua essência, a capacidade para a metáfora, que subjaz à arte, à ciência e à religião – os tipos de comportamento que estão muito pouco presentes nos vestígios arqueológicos dos neandertais (MITHEN, 2005, p. 233, tradução do autor).

Sob um viés psicanalítico também é plausível a hipótese de que a grande ampliação da memória exigisse também o surgimento ou aumento do recalque. Impossível seria a psique humana sem organizar e separar os processos inconscientes dos conscientes/pré-conscientes. Mas trata-se de uma membrana porosa. Também lembremos que na primeira tópica freudiana é no recalque que

se encontra a linguagem. Se, por um lado, a membrana separou, por outro, através da metáfora, essencial à linguagem verbal ou não verbal, conhecimentos até então estanques foram misturados e recombinados. Teria, por um lado, ocorrido uma revolução da criatividade humana, por outro, uma grande confusão.

Mithen e Lewis-Williams, que adota suas ideias, acrescentam ao conceito de fluidez cognitiva, a possibilidade de várias formas de inteligência (linguística, social, técnica, natural) terem passado a se comunicar e influenciar umas às outras. Para esses autores, o nascimento dessa fluidez teria sido outro passo a causar a revolução do paleolítico superior. Teria sido ocasionado por alguma mutação genética? Ou por uma crescente complexidade social exigindo maior integração das áreas corticais e vice-versa. O fato é que ocorreu não um aumento do crânio, e sim alguma reorganização interna.

Ambos os autores são prudentes afirmando que os ossos até agora encontrados não permitem maiores especulações. Se poucas horas após a morte o cérebro começa a se dissolver, quanto mais deixar vestígios orgânicos para dezenas de milhares de anos. Todas as suas deduções são a partir das pinturas e dos objetos encontrados dentro ou fora das cavernas, das sepulturas e da impressionante difusão da segunda migração do *sapiens*, simultânea à extinção dos outros homídeos, bem como a catastrófica destruição ainda na pré-história das faunas, principalmente na Austrália e nas Américas, cada vez que a segunda grande migração atingia uma nova região. O sucesso evolutivo depende do ângulo de quem o vê.

Parece-nos que todas essas formas de inteligência – linguística, social, técnica, natural – além de se interligarem, se enriqueceram a partir da fantasia. E que no momento em que o processo secundário, pelo recalque, se diferenciou por completo do processo primário, o inconsciente dinâmico dos primórdios da teorização freudiana ficou livre para crescer ilimitadamente.

Mas o recalque não é uma parede intransponível, exceto em casos muito patológicos; é uma membrana porosa, que permite a fecundação pela fantasia inconsciente de todas as inteligências descritas por Mithen. Surgiram não uma, mas várias grandes e pequenas neuroses e psicoses da humanidade. Entre todas elas, uma se destaca na crítica da obra de Freud.

O estudo das pinturas e dos objetos nas diversas cavernas é interpretado por Lewis-Williams como evidência de práticas xamânicas – a primeira religião da humanidade, cujo papel teria sido essencial como aglutinador social, permitindo grupos humanos cada vez maiores. Além das pinturas e flautas, nas cavernas também são encontrados com frequência marcas de centenas de mãos, de pedrinhas e objetos enfiados nas rochas, de chão repletos de plaquetas com desenhos. Muitos dos locais de concentração das pinturas correspondem aos de melhor acústica.

A viagem ao longo das extensas e complexas cavernas seria uma viagem ao lugar onde este e o outro mundo entrariam em contato. As pinturas, as mãos e os objetos nas paredes, enfatizam a membrana entre os dois mundos. Conduzidos por experientes xamãs e com o uso de substâncias psicoativas, junto à música, ao canto e à dança, os humanos do paleolítico, em êxtase, entrariam em contato, por algum tempo, com o mundo que não existiria na superfície. O mundo dos espíritos e dos mortos, o outro mundo que aparece à noite, na metamorfose dos sonhos. O mundo cuja crença aplacaria um pouco a descoberta do tempo e a consciência da morte.

Com a descoberta da temporalidade e da finitude surgira uma angústia que tinha de ser de ser repetidamente aplacada. Angústia ainda mais aumentada pela crescente percepção do desvalimento diante das forças naturais (basta lembrar as várias glaciações²)

2. No texto inacabado e postumamente descoberto, *Neuroses de transferência – uma síntese* (FREUD [1915] 1987), apelidado de ‘manuscrito perdido’, continuação de *Totem e tabu* aplicada à psicopatologia, Freud coloca a glaciação, tendo tornado hostil um ambiente até então hospitaleiro, como a causadora filogenética da primeira das neuroses – histeria de ansiedade.

e da fragilidade física diante de uma fauna então toda selvagem. Os processos da mente humana foram projetados para tentar compreender e controlar a natureza e os animais.

Como descreve Freud em *Totem e tabu* (FREUD, [1913] 1978), à natureza foi dada vida, e aos animais, processos psíquicos parecidos com os nossos. Criou-se um mundo paralelo de mitos e seres sobrenaturais, que mais revela sobre nós mesmos do que sobre o mundo real. O tema foi resumido Freud em um segundo texto, ainda mais controverso, sobre o homem pré-histórico *Neuroses de transferência – uma síntese*:

A linguagem era para ele magia; seus pensamentos pareciam-lhe onipotentes; compreendia o mundo a partir de seu próprio eu. É a época da concepção anímica do mundo e de sua técnica mágica (FREUD, [1915] 1987, p. 76-77).

Mas o uso dos processos psíquicos para criação de um segundo mundo também se mostrou muito útil para a sobrevivência. São os mitos que, desde o paleolítico superior até hoje, mantêm desde tribos de centenas, até impérios de dezenas, centenas de milhões de seres humanos, agregados: religião, nacionalidade, progresso, ideias como justiça e liberdade, ideais políticos, superioridade racial ou tecnológica, entre muitos outros. Quando os mitos começam a ser percebidos apenas como criações da nossa fantasia, grupamentos humanos do tamanho que sejam, começam a se desagregar.

O aumento populacional pelo *homo sapiens* ocorrido nos últimos cinquenta mil anos é fácil de constatar, assim como as evidências de sociedades cada vez mais complexas, hierarquizadas e maiores. Proibições ao exercício livre da sexualidade, que sem proibições e interdições sempre tende a desagregar uma sociedade, tiveram de ser cada vez mais impostas e justificadas pelos mitos. ‘Os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem’ (FREUD, [1913], 1978, p. 144, tradução do autor).

A conexão entre totemismo e proibição do incesto, tirada por Freud de *O ramo de ouro*, de James Frazer, torna-se bastante crível. Um alto grau de exogamia sempre foi uma boa garantia contra conflitos familiares e bom para alianças com outras famílias, tribos e até nações, além da quantidade de informação e tecnologia que acaba sendo também trazida pela miscigenação de diferentes tribos e culturas. Já a tese freudiana da interdição do incesto a partir do assassinato do pai primevo e do banquete totêmico permanece mais polêmica.

Metamorfose e totemismo

Nossos primos primatas mais próximos – chimpanzés e bonobos – já possuem o dom de empatizar e se solidarizar com seus semelhantes. A aptidão de ‘se colocar na pele do outro’ ocorre até mesmo quando não são biologicamente parentes. Constituem aptidões sociais de todos criar filhotes de mães que morrem, ajudar os idosos e padecer de luto.

Mas o dom da empatia também serve para manipular os sentimentos alheios. Assim como nós, nossos primos são exímios manipuladores e políticos (WAAL, 2007, LOPES, 2013). Espécie nascida entre a confluência evolutiva dos chimpanzés e bonobos, os homídeos devem ter aumentado esses dons, que chegam a seu ápice no *sapiens*.

Além de capazes de nos ‘colocarmos na pele do outro’ com o qual temos contato por parentesco ou convivência, somos capazes de fazê-lo com aqueles que nunca vimos ou que já morreram, ou que nunca existiram. À parte qualquer misticismo, é o que ocorre entre pessoas que não se conhecem, ou através da arte, da literatura e da leitura da história.

Se no paleolítico superior não havia escrita, os vestígios das cavernas e seus objetos revelam que nossos antecessores já eram exímios em todas as demais artes: dramática, figurativa, abstrata e musical. Artes interligadas pelas práticas religiosas num modo único manifestação.

Quando Mithen descreve que as várias formas de inteligência também se interliga-

ram por meio da metáfora, pode-se desenvolver a ideia de que o conhecimento da natureza e dos animais (inteligência natural) se misturou com o das práticas inter-humanas (inteligência social), e ambas foram invadidas pelas características dos processos psíquicos e afetivos humanos.

O animismo de que tanto escreve Freud em *Totem e tabu* projetou-se sobre toda a percepção do mundo. E a psique e o corpo do *sapiens* foram invadidos pelo conhecimento da natureza e dos animais. A beleza e o sublime do mundo foram descobertos; seu terror e sua destruição revelados. Evolutivamente o desenvolvimento da inteligência natural facilitou a caça e a colheita e, mais tarde, a domesticação de animais e o nascimento da agricultura.

Mas se o *sapiens* também viu em si mesmo características dos animais e da natureza, ele desejou possuir dons físicos e instintivos dos seres que o cercavam. Alguns animais, seja pela ameaça que representavam, seja pela força física ou pela velocidade, acabaram por se tornar símbolos poderosos e afetivamente muito investidos.

Leões, mamutes e cavalos são os animais mais frequentemente encontrados nas pinturas e estatuetas. Seus dons inexplicáveis e invejados os tornaram para o *sapiens* o veículo entre este e o outro mundo. Após os felinos e os elefantídeos, as imagens mais frequentes são as de criaturas antropomórficas. E “a transformação em um animal é parte integral do xamanismo” (LEWIS-WILLIAMS, 2009. p. 202)

Os arqueólogos da pré-história sugerem que, na época da explosão criativa do paleolítico superior, ainda era frágil a separação entre o sonho e a vida diurna. E para Freud, medo e desejo são mesmo. Assim, não seria uma contradição que o uso de substâncias psicoativas e a privação sensorial das cavernas, somadas a seu oposto sensorial, a exacerbação pelo canto e a dança, as pinturas e os amuletos, tornasse concreta a experiência de transformação em animal. Ou a visão de

que alguns – os xamãs – realmente se metamorfoseavam. Além de uma prática de erotismo e violência, seu propósito maior era comunicar-se, através das finas membranas das paredes entre as cavernas e o outro mundo, com o espírito dos que morreram e com seres mais possantes que os humanos.

A lembrança acordada dos sonhos e o nascimento da metáfora fizeram com que as percepções diurnas deixassem de ser a de simples objetos naturais. Pela projeção todo o percebido pelos sentidos tornou-se dotado de qualidades subjetivas, sobretudo de pulsão.

Podemos denominar a esse percebido de imagem e defini-la

[...] no sentido de que a imagem tem a propriedade de ser um sinal cativante que se isola da realidade, que atrai e captura uma certa libido no sujeito [...] (LACAN, 1999, p. 233).

A isso acrescentamos também a captura de uma certa agressividade e de sadismo, de pulsão de morte.

Da época do paleolítico superior há dezenas de figuras de animais completos, algumas de grande beleza. Possivelmente representavam totens no seu primeiro estágio. Mas o homem ou pessoa leão de Hohlenstein Stadel não é mais um simples animal. É um teriantropo, designação científica composta do grego de *therion* (animal selvagem) e *antropos* (ser humano). E seja qual sexo for, está de pé, com os braços verticais quase colados ao corpo, do qual se destaca o espesso pescoço, sobre o qual sobressai, em relação ao tamanho do corpo, uma cabeça volumosa de animal. Sem dúvida, um objeto bastante fálico. Não há como deixarmos de supor que sua função seja deter o fluxo de imagens, estabelecer uma direção principal da linguagem, evitar a confusão entre o sonho e a realidade, em suma: o recalque.

Diria Lacan dissertando sobre *Totem e tabu* no *Seminário 5 – as formações do inconsciente* (1999):

[...] o totem também é isso mesmo, o significante de serventia múltipla, o significante chave, aquele graças ao qual tudo se ordena, principalmente o sujeito, porque o sujeito encontra neste significante aquilo que ele é, e em nome deste totem que se ordena, para ele, o que é proibido (LACAN, 1999, p. 321).

O que implica simultaneamente no justo contrário. Há o dito freudiano que o ser humano não aguenta muita realidade. Em condições socialmente controladas, dirigidas por sacerdotes (xamãs) no interior do percurso místico e mítico das cavernas, sejam só os xamãs ou os seguidores, a metamorfose e outros fenômenos eram alucinados e vividos no corpo como reais.

Segundo os termos psicanalíticos contemporâneos, a psicose latente era controladamente liberada. Ou, segundo o mito freudiano do pai primevo e seu assassinato pela horda de irmãos, e em uma interpretação calcada no lacanismo, o gozo absoluto, que um dia fora posse somente posse do pai primevo, era revivido no que mais tarde seria denominado de êxtase dionisíaco. Mas por breves momentos, isto é, era convertido em gozo fálico. Tipo de festa universal em todas as culturas passadas e presentes, definição do carnaval, que em sua origem também significava o retorno dos mortos.

O surgimento da metáfora e do pensamento mágico, ainda presentes em crianças, psicóticos e nas religiões, surgira de modo pouco ou nada controlado. Constituem operações simbólicas nas quais o uso semântico das palavras e sua relação objetiva com a realidade externa ou interna não era estável. O totem surgira para domá-las. Hoje a metáfora e o pensamento mágico fundamentam toda arte, desde que apropriadamente domesticados. Podemos pensar de modo homólogo que a oposição entre psicose e neurose, para alguns a oposição estrutural mais forte da psicopatologia, inclusive a psicanalítica, é uma oposição semelhante àquela que há entre animismo e totemismo.

Quanto ao tema principal de *Totem e tabu*, a filogênese do complexo edípico, muito foi escrito sobre o assassinato do pai primevo pela horda de filhos e o banquete totêmico que se seguiu, segundo Freud, a origem da lei social e do imperativo categórico, mais tarde expandido pelo conceito de supereu.

Mais ainda foi dito e escrito sobre o falo como símbolo da libido para ambos sexos, segundo Lacan. Nesse caso, o mito do nascimento do totem em *Totem e tabu* “esconde a estreita ligação entre a morte e o aparecimento do significante”, além de conjugar ambos com o desejo (LACAN, 1999, p. 321-322).

Para Freud a conexão entre proibição do incesto e totemismo é causa filogênica do que ontogenicamente se repete na infância de todas as crianças e em todas as neuroses infantis ou adultas. *Totem e tabu* teoriza a origem do complexo de Édipo, a passagem do homem da natureza à cultura. Bem abrupta, diga-se, conforme os ditames de um pensador ainda ancorado em conhecimentos do século XIX. Nesse livro Freud retoma o caso do pequeno Hans, uma fobia num menino de cinco anos.

O menino tinha fobia de cavalos e como consequência recusava-se a sair na rua. Demonstrava um medo de que o cavalo viesse ao seu quarto e o mordesse; e se descobriu que isto era a punição pelo desejo que o cavalo pudesse cair (isto é, morrer). [...] Mas não havia dúvida de que o pequeno Hans não era apenas assustado por cavalos; ele também se aproximava deles com interesse e admiração. Assim que sua ansiedade começou a diminuir, ele passou a se identificar com a criatura temida: passou a pular feito um cavalo e acabou mordendo seu pai (FREUD, [1913] 1978, p. 128-129, grifo do autor citado).

A partir da defesa contra desejos mortais, mas também eróticos, bem como a partir de outras descrições clínicas semelhantes em crianças, Freud chama a atenção para a revivência do totemismo na infância. Muito po-

deria ser dito sobre o tema e o Édipo. Apenas acrescentaremos que, além de ser o cavalo o totem pessoal de Hans, ele próprio se transformava em cavalo.

Tivemos contato não clínico, mas familiar, com um menino próximo à idade de Hans que durante longo período, de tempos em tempos virava um cão. Até que nos deu uma boa mordida. O quadro foi curado (recalcado) por meio de uma politicamente incorreta boa palmada.

A conexão entre totemismo e metamorfose também é feita por outro autor, de um terceiro referencial, interessante por detestar a psicanálise, mas que se fundamenta em vastos conhecimentos de literatura, filosofia e ciências sociais. Também serve para complementar algumas conclusões sobre o totem e a função dos teriantropos.

Escreve Elias Canetti em seu volumoso tratado *Massa e poder*:

É a *limitação* a essa metamorfose específica – afinal, inúmeras outras seriam possíveis – que define a natureza do totem. [...] Nunca é demais enfatizar o significado desta dupla natureza do totem. A própria metamorfose – mas *uma* metamorfose *bastante específica* – é fixada na figura do totem e transmitida a seus descendentes (CANETTI, 1995, p. 353-354, grifos do autor citado).

Esse autor, em vários textos, discorre ser este o ofício do poeta: ser o guardião das metamorfoses. Tanto ao se apropriar da herança literária da humanidade, que é rica em metamorfoses, quanto num mundo onde só importam a especialização e produtividade, sentir o que um homem é e apreender a verdadeira consistência daquilo que nele vive, manter em aberto o múltiplo, o autêntico, a diversidade (CANETTI, 2011).

O poder de se ‘colocar na pele do outro’, enquanto essência da literatura, só se torna ele mesmo uma metáfora poética porque é possível o antiquíssimo dom do *sapiens* da metáfora generalizada surgida durante a re-

volução do paleolítico superior. A criação da linguagem escrita aguçou esse dom.

Em outro texto dissertamos sobre a função da leitura:

Os seres humanos são por natureza criaturas que possuem prazer na mimese, isto é, tanto na representação ou imitação do real pela arte, quanto na imitação do gesto, voz e palavra de outrem. As imagens interiores provocadas pela leitura literária, que também podem ser evocadas pela contação oral, metamorfoseiam o leitor em diferentes personagens, transportam-no para épocas de culturas e crenças que já não mais existem, ou onde nunca poderá ir. A leitura literária torna possível viajar no tempo e no espaço, e não como mero espectador de um documentário, mas participante em uma experiência de ‘estar na pele de alguém’. Destas viagens não se retorna impunemente. Definiu o Nobel de Literatura Elias Canetti: o poeta-escritor é o guardião das metamorfoses. Cabe a cada leitor reativar esta herança, inventar seu roteiro de viagem e arriscar as transformações (LOPES, 2007, p. 20-21).

Mas não somente lemos. Assistimos também ao teatro e ao cinema, quando vivemos outras vidas além do tempo e do espaço. Até sentimos e empatizamos com objetos, mesmo que não possuam nenhuma característica antropomórfica ou figurativa, tal como na arte abstrata ou na música.

Aristóteles dissertava sobre mimese e catarse. A partir de sua *Poética*, além de reciclar o termo “catarse”, Freud conceituou os termos projeção e identificação, explicações psicanalíticas para mimese. Mecanismos que Melanie Klein uniu como formadores de um único movimento cíclico, ao qual nomeou projeção identificativa. Coube a Freud e seus seguidores aperfeiçoar a capacidade metamórfica, na clínica e na teoria, com o exercício de empatia do sentir e a percepção das associações do inconsciente alheio: a transferência.

Conclusão: de novo,

Freud e seu problema com o feminino

Embora Mithen e Lewis-Williams embasem suas ideias com vastas evidências arqueológicas e produzam muitas hipóteses ousadas, por usarem um referencial teórico bem mais limitado do cognitivismo, reduzem temas muito mais complexos a expressões simples como ‘o nascimento da metáfora’. O que não os impediu de sofrer as mesmas críticas feitas a Freud. Extrapolam ao passado muitos conceitos atuais. Lewis-Williams também é acusado por críticos limitados por um objetivismo simplório de se utilizar de algo tido como duvidoso, como o totemismo e o xamanismo para postular uma protoreligião da humanidade.

O interesse trazido pelas novas descobertas sobre o paleolítico superior, tornado orgânico pelas hipóteses e Mithen e Lewis-Williams, direciona a releitura e a revalorização de *Totem e tabu*. Animismo, totemismo e xamanismo passaram a ser novamente a sério, tanto nos primórdios da antropogênese, quanto em suas disfarçadas manifestações nos dias atuais.

A relação entre totemismo e exogamia, subscrita e ampliada por Freud, contudo originária de Frazer e Durkheim, torna-se cada vez mais plausível. Mas ainda ficam em suspenso as hipóteses realmente originais de Freud: o assassinato do pai primevo, o festim e o banquete totêmicos, além da incorporação do remorso e da culpa pelo canibalismo.

Contra Freud surge algo além de suas especulações. E igualmente além de sua capacidade para postular um feminino, que não fosse uma paródia da histérica rica e seu simulacro castrado da cultura vitoriana. A mulher como uma cópia imperfeita do homem, refletida em *Totem e tabu*, onde não possuem nenhum poder de decisão e escolha, sendo meros objetos de desejo e troca de seus machos.

A possibilidade de que a ‘pessoa leão’ Hohlenstein Stadel possa ser um totem feminino fatalmente necessitará de uma atua-

lização dos temas freudianos sobre a origem da lei, do imperativo kantiano e do superego. Algo cuja possibilidade Freud já intuía, nas frases soltas e mal conectadas no texto, ao mencionar Bachofen e sua teoria de um período matriarcal anterior. Os mitos de *Totem e tabu* terão de ser rebobinados numa versão menos patriarcal.

Abstract

The lion man, a totemic sculpture, dating about 40.000 years ago, up to now humanity's oldest artistic artefact. The Upper Paleolithic Revolution, according to archaeology specialists, age when were born: spoken language, music, art, religion and a larger and more complex society. According to these specialists, uninfluenced by psychoanalysis, the appearance of metaphor was this revolution's bearer. Using psychoanalytic concepts one can see the beginning of dynamic unconscious, repression and anxiety. Cave art as way of appeasing death's awareness through religion. Conducting thus to the more recente studies about totemism and shamanism. Cave art specialists interpret half animal metamorphic beings as mediators between this and the otherworld. Through a psychoanalytic reading, also working to convert animism and it's enclosing psychosis, into more stable totemism and neuroses.

Keywords: Totemismo, Animism, Birth of metaphor, Prehistoric art, Verbal language, Music.

Referências

BRASSAÏ, G. *Conversations avec Picasso*. Paris: Gallimard, 1964.

CANETTI, E. O ofício do poeta. In *A consciência das palavras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 310-322.

CANETTI, E. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CLOTES, J. *Cave art*. London: Phaidon Press Limited, reprinted 2013.

COOK, J. *Ice age art - arrival of the modern mind*. London: The British Museum Press, 2013.

COX, N.; POVEY, D. *A Picasso bestiary*. London: Academy Editions, 1995.

FREUD, S. *Neuroses de transferência: uma síntese* (1915). Tradução de Abram Eksterman. São Paulo: Imago, 1987.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo (1939 [1934-1938]). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 13-179. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. Totem and Taboo (1913). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XIII. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro; versão final de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Campo Freudiano no Brasil).

LEWIS-WILLIAMS, D. *Conceiving god – the cognitive origin and evolution of religion*. London: Thames & Hudson, 2010.

LEWIS-WILLIAMS, D. *The mind in the cave - consciousness and the origins of art*. London: Thames & Hudson, reprinted 2009.

LEWIS-WILLIAMS, D.; CHALLIS, S. *Deciphering ancient minds - the mystery of San bushman rock art*. London: Thames & Hudson, 2011.

LOPES, A. J. Afinal, que quer a música? *Estudos de psicanálise*, Belo Horizonte, n. 29, p. 73-82, jul. 2006. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

LOPES, A. J. Dos gritinhos da bebê ao canto do *fort-da* (psicanálise e música 2). *Estudos de psicanálise*, Belo Horizonte, n. 39, p. 15-28, jun. 2013. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

LOPES, A. J. O primata perverso polimorfo. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 40, p. 21-30, dez. 2013. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

LOPES, A. J. Psicanálise, poesia e educação: a imagem furo e a leitura poética. *Estudos de psicanálise*. Belo Horizonte, n. 30, p. 17-27, 2007. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

MITHEN, S. *The singing Neanderthals - the origino of music, language, mind and body*. Lonndo: Phoenix, 2005.

WAAL, F. de. *Eu primata*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

WALTER, C. A origem da arte. *National Geographic – Brasil*, São Paulo: Abril, ano 15, n. 179, p. 24-43, fev. 2015.

WIKIPEDIA. *Panthera leo spelaea*. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Panthera_leo_spelaea>. Acesso em: 04 fev. 2015.

Recebido em: 13/03/2015

Aprovado em: 06/04/2016

Sobre o autor

Anchyses Jobim Lopes

Médico e bacharel em filosofia pela UFRJ. Mestre em medicina (psiquiatria) e em filosofia pela UFRJ. Doutor em filosofia pela UFRJ. Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ). Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ. Supervisor clínico do Centro de Atendimento Psicanalítico do CBP-RJ. Coordenador do Grupo de Trabalho Sobre Transexualidades e Psicanálise do CBP-RJ. Um dos editores da revista *Estudos de Psicanálise*, do CBP. Presidente do CBP-RJ 2000-2004, 2008-2012 e 2014-2016. Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), 2004-2006. Ex-professor assistente do quadro principal do Departamento de Psicologia da PUC-RJ e adjunto da Faculdade de Educação da UCP. Professor titular III dos cursos de graduação em psicologia e de especialização em teoria e clínica psicanalítica da UNESA.

Endereço para correspondência

E-mail: <anchyses@terra.com.br>

Página: <<http://www.anchyses.pro.br>>

Por que fazer psicanálise? Carta a um amigo

Why psychoanalysis? Letter to a friend

Anna Bárbara de Freitas Carneiro

Resumo

O presente trabalho chama a atenção para a importância de algum movimento do sujeito em relação à repetição de escolhas e comportamentos que trazem sofrimento. Na forma de uma carta dirigida a um amigo, possível analisante, fala um pouco da trajetória da psicanálise, algumas peculiaridades, seus potenciais benefícios e desafios.

Palavras-chave: Psicanálise, Transferência, Resistência, Trauma, Desejo, Imaginário.

Meu caro amigo,

Escrevo-te para retomarmos aquele velho assunto: você está sofrendo de amor e se queixa disso. E eu te respondo quando você aparece com seus “novos” problemas, sempre os mesmos, ainda que te pareçam diferentes, pois afinal a parceira mudou, eu te digo para fazer análise, invariavelmente. Por que eu retomo esse assunto do qual você aparentemente não gosta? Fazer análise?

Porque vejo que você não tem andado bem, aquelas antigas queixas voltaram, e se você está se queixando, é porque algo está incomodando. Você se angustia, e na angústia há algo. Há uma inquietação que diz da falta. Falta algo, e isso pode ser sentido, vivido como carência de amor. Tudo o que você me diz remete a um mal antigo, com o qual Freud se deparou: o mal de amor.

É que, quase sempre, no seu mal-estar estão as mulheres, a relação com as sucessivas mulheres de sua vida. As mulheres, aqueles seres complicados para você, que te atormentam tanto. E agora você achou novamente uma que te acendeu o desejo, que tem o brilho do “objeto *a*”, como dizia Lacan, aquela “Coisa”, o que falta para a sua plenitude.

Aquela “Coisa” que é na verdade o impossível. E aí você me diz com a habitual franqueza (para não dizer falta de verniz civilizatório): “Que asneira é essa, de objeto *a* e que

Coisa é essa, do que é que você está falando?”

Vou esclarecer: estou falando daquela coisa, de algo ou alguém que desejamos, aquilo ao qual se referia Buñuel, nosso surrealista favorito, o “obscuro objeto do desejo”, aquilo que vai nos deixar para sempre felizes, a outra parte de nossa moeda partida, a carametade.

Você agora, depois de muito tempo lutando para encontrar alguém pela internet, achou por acaso numa festa essa mulher bacana, com a qual você gosta de conversar, de ter sexo, de estar junto. Tudo ótimo. Mas de repente aquele velho conhecido, o ciúme, começa a roer. Aí você se queixa da atenção que ela dá ao ex-marido, ao ex-namorado, às amigas e até aos filhos! E que você suspeita que ela não gosta de você como você gosta dela, que ela te quer só para ter um homem ao lado... Embora seja esse homem, você não serve!

Parece que você quer o amor pelo amor, o amor arrebatado de tudo e de todos, como se vocês estivessem em uma ilha deserta! Será assim? Você diz que ela não te quer como você a quer, que ela valoriza demais as amigas, a família, os outros. Percebe que você quer tudo? O corpo, a alma, todos os desejos da criatura? E que se não for assim, não serve?

Mas, meu caro amigo, nunca vai ser assim. Isso só é assim no mundo imaginário, idealizado, dos contos de fadas: “e foram fe-

lizes para sempre”. Para sempre! E a história acaba aqui. Não se fala das mazelas do dia a dia, dos atritos, dos conflitos pequenos e dos grandes, das micro e das macrodecisões a dois, desgastantes, e finalmente do envelhecer, dos cabelos brancos, das rugas, das traições, da infidelidade. Enfim, não se toca no mundo como ele é. O real.

Tudo bem. Amigos e amigas são para isto: para nos queixarmos, para nos dar conselhos, para nos ouvir desse jeito que nos apoia, com o qual nos identificamos, que sabemos que vai nos “entender”. Já explico essas aspas, logo a seguir, pois preciso aqui fazer um parêntese. Parar a escrita um pouco para refletir sobre esta questão deste ombro amigo aqui.

Sabe por quê? Porque parece que já ouvi essa mesma história muitas vezes antes, vinda de você. Outras mulheres, mas as mesmas queixas. Igualzinho... O que me fez pensar que talvez o problema não sejam elas, mas você. Você já pensou nisso? Sim, sei que você está revoltado ao ler isto. Não fica não. Eu vou tentar te explicar.

Aliás, é bem por isso que te escrevo, para que você me deixe “falar”. Senão você já teria ido embora, batido a porta, berrando que eu não te entendo ou mudado de assunto, falando mal do governo, como tudo está errado, como são revoltantes a corrupção e as bandalheiras do governo. Concordo. Isso dá “pano para manga”.

Mas voltemos ao seu caso. Eu já tinha te falado antes que eu julgava que seria bom você fazer análise. Você nunca levou isso a sério, portanto agora eu resolvi escrever esta carta para você e tentar te explicar por que acho que uma psicanálise seria interessante. De novo, por que escrever? Porque você poderá ler, rere ler, rabiscar, pregar no espelho e até rasgar, não importa. Pensando bem, importa sim.

Não rasgue. Leia várias vezes. Discuta comigo. Troque ideias. Mas de todo jeito, acho que vou fazer uma cópia, para te mandar de novo, quando acabar esse relacionamento atual e aparecer a próxima mulher perfeita. E a choradeira seis meses depois!

Bom, acho que você já achou complicada essa história de “objeto *a*”. Mas já deu para entender que é alguma coisa importante, um objeto que a gente está sempre prioritariamente procurando? E sabe por quê? Está tudo na infância. É lá que fazemos certas escolhas, que aprendemos a preferir certas coisas em vez de outras.

Então esse tal de “objeto *a*” é “a Coisa”, E corremos atrás dela a vida toda. É aquilo que nos completaria, que nos atrai, que nos enfeitiça, sempre mais adiante, nunca alcançável. Alienados no Outro, escapulimos em parte do desamparo, nos amarramos em alguma significação.

Mas como a existência humana é muito complexa, resta sempre um ponto em que o sentido vacila. Um furo, uma brecha. E é através dessa falha, dessa falta que constituímos o nosso desejo, desejo que nos funda como sujeitos na acepção psicanalítica.

Sei que você vai achar complicadas essas e outras coisas que eu vou falar, mas depois te explico, está bem? Uma boa desculpa para nos sentarmos, quem sabe abrir um bom vinho e conversar. Talvez até muitos vinhos, pois a coisa é complexa, mas vai depender do seu desejo de saber...

Mas voltando ao desejo, esse é o que nos faz aferrar à Coisa, que supostamente nos faria plenos, sem faltas.

“Coisa” que se traduz por um objeto que de fato nunca existiu, que foi perdido na inscrição mesma de nossa humanidade, mas que funciona para nós como a preciosidade escondida que perseguimos, dado que na fantasia ele nos retiraria da condição de carentes ou devedores em relação ao Outro salvador. [...] É como se a esperança fosse de que, ao obter esse objeto, eu pagasse a dívida que tenho para com o Outro e me libertasse de suas exigências (MAURANO, 2003, p. 50).

Você concorda comigo que, se repetimos as mesmas atitudes e dá errado, temos que mudar se queremos que o resultado seja di-

ferente? Mas repetir a mesma coisa e querer resultados diferentes é sinal de que a metodologia não está boa (Einstein disse que seria sinal de estupidez, mas eu não diria tanto).

A verdade é que o inconsciente insiste. Ele é o que é e persevera. Insiste até que possamos ter algum acesso a ele para então poder talvez fazer algumas ‘edições’ nos registros. Poder entender, aceitar, poder mudar a relação com o objeto, fazer até mesmo um luto desse objeto da fantasia, pelo menos uma relativização.

Então, talvez escolher se reposicionar na relação com o Outro, e poder (enfim!) eleger outra coisa além da repetição das mesmas fantasias, que respondem ao enigmático desejo do Outro, com a mesma ladainha de queixumes e frustrações.

Poder ver mais claro nesse emaranhado de pulsões, desejos, libido... E às vezes até continuar com os mesmos comportamentos, mas sabendo. E esse saber faz toda a diferença. Sabendo o quê? Bem, vamos por partes, vamos falar do início.

Essas coisas todas vêm da infância, dos traumas. E o que são os traumas? O trauma é o elemento mesmo que constitui o psiquismo, as vicissitudes na história do sujeito, esse ser imerso na linguagem, que, em vez de instintos, tem as pulsões, essas que o movem sempre à busca da satisfação.

Nossas vicissitudes começam ao nascer, nós que nascemos antes da hora, isto é, somos prematuros, totalmente desamparados por um longo tempo. Sem cuidados iniciais e contínuos, nenhum de nós sobreviveria. Esses cuidados são ministrados por alguém, geralmente a mãe ou a mãe e o pai, ou quem faz às vezes deles. E chamamos essas criaturas iniciais de o “grande outro”, o “Outro”, com maiúscula.

[...] o trauma é uma noção extremamente ambígua, porque parece, segundo toda evidência clínica, que sua face fantasmática é infinitamente mais importante que sua face do evento (LACAN, [1953-1954] 2009, p. 46).

Isso um dia eu te explico melhor. Não, já sei o que você está pensando. Eu não estou me queixando de ter que ouvir sempre as mesmas coisas. O que acontece é que eu quero ajudá-lo e não consigo. Fico vendo você preso a uma repetição sem fim, como um disco quebrado, sempre repetindo os mesmos “tristes velhos fatos”, que se renovam em novos objetos de desejo, e sempre com o mesmo fim, sem fim. Concorda comigo? Claro que não.

Mas se você se desse essa oportunidade... De passar um pente fino na sua história e poder entender o que está por trás disso, qual é afinal o seu fantasma, que te deixa angustiado, que te deixa sempre insatisfeito, inquieto, infeliz.

Não que a análise seja uma promessa de felicidade eterna. Ela é um trabalho duro, foi chamada do “osso duro de roer”... Mas garante que a maioria não quebra os dentes e até encontra um pouco de paz e felicidade. Poder amar e trabalhar, como dizia Freud. Ou ser um pouquinho feliz, segundo Lacan. Deixar a miséria da infelicidade neurótica para uma infelicidade comum já pode ser um bom começo.

E por que a psicanálise? Claro, a análise não é um caminho para todos. Se a pessoa já tem um pouquinho de felicidade, quem sabe não precisa passar pela dura viagem. Outros conseguem contornar os duros problemas da existência humana através da religião, da arte, da ciência. Existem outros caminhos. A psicanálise é um deles. Talvez não seja o seu. Mas mesmo assim, que custa tentar?

Muitas vezes só se recorre à psicanálise depois de inúmeras tentativas fracassadas de suprimir o mal-estar, como consumo, drogas, medicamentos, conhecimento, religião, informação, tecnologia, terapias mais diversas, dinheiro. Uma longa lista. No seu caso, sou sabedora de seu ateísmo, de que você não tem veia artística nem paixões maiores pela militância política ou pela ciência.

Bem, enfim, como lidar com essas questões? A análise me parece uma boa saída nes-

se seu caso, na sua busca. Claro, se você assim o desejar. Porque o desejo é a mola mestra do tortuoso caminho para se chegar à análise, caminho onde muitos se perdem. Sem o desejo, não há análise. Aí se encontra mesmo a ética da psicanálise. A utilidade da psicanálise não pode ser abordada nem apreendida se não se explicita qual é a sua direção ética.

Se refletirmos sobre o sentido da ação, realizamos uma reflexão ética. E a ética da psicanálise está no desejo. Como já disse em outras palavras, sem desejo não existe análise. Como fazer alguém desejar enfrentar os seus fantasmas?

Aí forçosamente entra o sofrimento, entram os sintomas, as repetições. E o saber da possibilidade de um caminho. Antes de Freud inventar a psicanálise, de começar a atender suas hísticas, esse caminho não existia. Ele passou a existir, passou a ser uma possibilidade, e veio se aperfeiçoando ao longo do tempo. Um sistema em construção constante, com importantes contribuições de diversos psicanalistas e outros campos do conhecimento, para enfrentar as novidades, as mudanças na vida da humanidade.

No tempo de Freud não havia internet, redes sociais eletrônicas, celulares, comunicação instantânea, consumo desenfreado. E os sintomas e a maneira como o sujeito lida com seu sofrimento mudaram também. Mas estão aí... De outras formas.

E para fazer análise, é preciso falar. Na fala, no simbólico está o caminho analítico. As outras dimensões, o real e o imaginário, também estão sempre presentes. Mas na conjugação do simbólico e do imaginário, quem sabe, você encontra o amor? E note que

[...] o amor distingue-se do desejo, considerado como relação-limite que se estabelece de todo organismo ao objeto que o satisfaz. Porque seu ponto de mira não é a satisfação, mas o ser. [...] Aprendam a distinguir agora o amor, como paixão imaginária, do dom ativo que constitui no plano simbólico (LACAN, [1953-1954] 2009, p. 314).

“Miséria neurótica”. Sim, estou te chamando de neurótico, pelo que conheço de você. Você não é nem psicótico, nem perverso. Então possivelmente teria uma estrutura de neurótico, talvez obsessivo. Esse rótulo importa? Não muito, mas é bom saber que existe essa possibilidade. Quem sabe, assim você se anima a fazer análise? Mas pode ser que isso aumente sua resistência.

Então, melhor não falar disso. Quando for passar a carta a limpo, talvez vá ter que tirar esta parte. Talvez tire muitas partes, e a carta vire um bilhete, com uma ordem lacônica: “faça análise”. E com uma indicação de um ou uma analista, ou os dois. Esta parte é difícil: indicar um analista. Como saber qual seria adequado?

Isso importa? Não sei, deve importar. Eu mesma já tinha passado por vários, em diversas épocas e posso dizer que fiz duas análises: uma quando mais jovem, outra agora. E sei que, quando o analista “não bate”, não adianta, a coisa não vai. Não se faz a transferência. Vou falar disso depois. Vou falar da resistência primeiro.

A resistência é algo que todos temos em algum ponto, porque na análise vamos mexer em coisas que doem. E temos medo. O “eu”, nossa parte consciente, tem medo das coisas que estão lá no fundo, tem medo de acontecer uma mudança radical que desejamos, mas que não queremos. Por exemplo: “O filho da comadre Maria foi fazer análise e virou *gay*”. Ou da moça que entrou para uma análise e não obedecia mais aos pais. Ou da mulher que largou o marido depois da análise.

Claro que isso tudo pode acontecer. Mudanças que correspondem ao desejo do analisando descoberto no trabalho analítico, por baixo de muitas camadas de ilusões... E que certamente refletem escolhas feitas com mais clareza e menos conflito, menos raiva e seu corolário, a culpa.

Vistos de fora, esses resultados parecem estranhas produções, mas só o sujeito, o sujeito do inconsciente pode saber. Ele é inal-

cançável, até certo ponto, mesmo para ele próprio. Por exemplo, eu vejo você se debatendo com a relação com as suas mulheres e não tenho uma pista de como você chegou aí.

Só você pode saber. Se buscar e saber através da palavra falando com alguém treinado para guiá-lo nos meandros do seu inconsciente. Buscar os traumas, as marcações, os trilhamentos que fizeram suas experiências da infância. Mas a viagem é sua, o analista é um guia. Um trabalho a dois: você atualiza com o analista as suas questões passadas.

Desde o início da psicanálise, Freud observou manifestações de hostilidade e várias formas de rejeição a ela, constatando que a psicanálise desferiu contra o narcisismo humano um ataque comparável às feridas geradas por Copérnico e Darwin.

É que a psicanálise mostrou que nosso eu consciente não é senhor de sua casa, isto é, que nós agimos, sonhamos, fazemos sintomas e atos falhos sem saber o porquê, sem conseguir ter o controle de nossas pulsões, e às vezes nem contorná-las, sendo por elas escravizados. E quando achamos que estamos no controle, surge um sintoma, um sonho ou um ato falho e nos desmente.

A resistência na análise se manifesta pelas reações do analisando, que criam obstáculo ao desenvolvimento do trabalho analítico (ROUDINESCO, 1998, p. 659). Elas são interpretáveis e, portanto, passíveis de ser superadas. A resistência pode se originar de uma instância chamada “isso” (ou id) e leva à compulsão à repetição, isto é, repetir sempre as mesmas coisas que trazem sofrimento. Mas pode ser superada quando o sujeito integra uma interpretação, isto é, quando ele elabora o seu sintoma.

O que é fundamental no processo da análise é uma coisa chamada transferência. A transferência é feita do mesmo estofado do amor comum, mas é um artifício, uma vez que se refere inconscientemente a um objeto que reflete outro: o analisando julga amar o analista, mas na verdade está encenando, através da realidade analítica, a realidade do inconsciente.

É a materialização de uma operação que se relaciona com o engano e consiste em instalar o analista no lugar do “sujeito suposto saber”, isto é, atribuir a ele o saber absoluto (ROUDINESCO, 1998, p. 769).

Através da palavra, o meio fundador da relação intersubjetiva, há a modificação retroativa dos dois sujeitos: o analisando e o analista. (LACAN, [1953-1954] 2009, p. 313).

Todo progresso no mundo simbólico suscetível de constituir uma revelação implica, pelo menos por um momentinho, um esforço de pensamento. Ora, uma análise não é nada senão uma série de revelações particulares para cada sujeito (LACAN, [1953-1954] 2009, p. 304).

Revelações... Será que você quer ter revelações sobre você mesmo? Será que você quer se conhecer melhor, saber o porquê das suas coisas, por que seus relacionamentos nunca dão certo?

Em vez de atribuir a causa dos fracassos sempre aos outros, quem sabe você poderia passar pela chamada “retificação subjetiva”, ao ver a sua participação nas acontecimentos amorosos de sua vida?

Ajustar o seu olhar: constatar, descobrir que o que acontece decorre pelo menos em parte do que você “faz e acontece”? Qual é a sua participação nesse processo de amor/desamor? Nessa repetição de que passados os primeiros seis meses tempestuosos de paixão com alguém em quem você viu um brilho diferente, você comece a ver os defeitos dessa mulher e comece a pensar em outra(s)?

Tempestuosos sim, pois sempre há um ciúme, uma cobrança, desde o início, uma suspeita de que seu imenso amor não é retribuído, que há um vão, uma hiância, que não deveria haver, na sua opinião. Que a pessoa não te ama tanto quanto você a ama. Não é verdade? Não é esse um moto constante na sua vida amorosa?

Mesmo em relação a outras figuras femininas em sua vida, como aquelas “tias velhas”

no interior, que não dão a você o devido carinho, a devida atenção, você já pensou quem são essas tias ingratas? O que elas representariam? E se a ingratidão revelar apenas o descompasso entre o seu desejo inconsciente e a realidade, que “é o que é”, à qual você deve se ajustar ou trabalhar para mudar... Tudo isso é analisável.

Finalmente, só posso te dizer que vale a pena, pois passei pelo processo, por essa viagem às vezes confusa, dolorosa, mas que sempre leva a uma maior compreensão, clareza e descobertas.

Se eu pudesse voltar, a única coisa que mudaria é que faria análise mais cedo. Para fazer melhores escolhas. Para aproveitar melhor a lucidez que acompanha o processo, a travessia do nosso fantasma, o fantasma da completude, de que um dia, de alguma forma vamos achar algo ou alguém que nos complete totalmente, em uma relação perfeita e redonda. A cara-metade, o *yin-yang*, a outra parte da moeda, aquilo ou alguém que obture a falta, este vazio que nos acompanha.

O vazio não some. Mas aprendemos a lidar com ele e com o desamparo inerente à condição humana, e a aceitá-los, ambos. E quem sabe, então, transformemos aquela pessoa que está ali ao lado, não na solução de todos os nossos problemas, mas na companhia agradável para uma viagem prazerosa?

Então, finalmente (e repetindo como você!), eu entendo que seria bom para você fazer psicanálise, para que esse seu sofrimento repetitivo, recorrente ou até mesmo circular, possa passar por uma reflexão.

E aí talvez você possa ter um pouco mais de alegria e serenidade, talvez enxergar que não são sempre os outros, que às vezes a coisa é em você mesmo e que, portanto, você pode ter escolhas. Quem sabe?

Abstract

The present paper calls the attention to the importance of some movement of the individual to meet the repetition of choices and behaviors that bring suffering with them. In the format of a letter directed to a friend and potential patient, it describes briefly the path of psychoanalysis, some peculiarities, benefits and challenges.

Keywords: *Psychoanalysis, Transference, Resistance, Trauma, Desire, Imaginary.*

Referências

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 125-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). 2. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Campo Freudiano no Brasil).

MAURANO, D. *Para que serve a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 2003. (Col. Passo a Passo, 21).

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em: 22/04/2016

Aprovado em: 03/05/2016

Sobre a autora

Anna Bárbara de Freitas Carneiro

Médica.

Pesquisadora e escritora.

Candidata em formação

no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

Endereço para correspondência

E-mail: <annaproietti@gmail.com>

A dimensão imaginária na análise, na educação e na política

*The imaginary dimension in the analysis,
education and politics*

Cibele Prado Barbieri

Resumo

Freud propôs ao longo de sua teoria três impossibilidades que Lacan posteriormente definiu como decorrentes da falta de significantes para recobrir todo o universo do ser falante: é impossível esgotar o inconsciente recalçado, educar as pulsões, governar todos. A civilização fala, o ser fala, mas a dimensão simbólica não dá conta de tudo. O texto pretende trabalhar os efeitos da dimensão imaginária nesses três campos da cultura.

Palavras-chave: Psicanálise, Educação, Política, Democracia, Saber, Agressividade.

Um apólogo Zen

Dois irmãos, ambos monges, viviam sozinhos num mosteiro no norte do Japão. O irmão maior era muito culto, enquanto o menor era estúpido, e lhe faltava um olho.

Um monge forasteiro chegou certo dia ao mosteiro em busca de abrigo.

O costume diz que, para que um forasteiro tenha o direito de ficar num mosteiro Zen, ele deve desafiar seus moradores e ganhar um debate sobre qualquer aspecto do budismo, caso contrário, ele deve ir-se.

Segundo esse costume, ele então desafiou os irmãos para uma discussão.

O mais velho, que estava muito cansado de tanto estudar, pediu ao mais jovem que ocupasse seu lugar. “Veja e modere-se para que o diálogo se faça em silêncio”, aconselhou o irmão, pois conhecia sua pouca habilidade com as palavras.

O jovem monge e o recém-chegado se dirigiram ao oratório e se sentaram.

Pouco depois, o forasteiro chegava correndo até o irmão mais velho e disse a ele: “Pode ficar satisfeito. Seu jovem irmão é um eminente budista, e me derrotou.”

“Conte-me como foi o diálogo”, pediu o irmão mais velho.

“Ao sentarmos”, explicou o viajante, “eu levantei um dedo, representando Buda, o Iluminado. Ele respondeu levantando 2 dedos, dando a entender que uma coisa era Buda, e outra, seus ensinamentos. Aí então levantei 3 dedos, simbolizando o Buda, seus ensinamentos e seus seguidores, levando uma vida harmoniosa. Mas ele me lançou então o punho fechado no rosto, indicando-me que as 3 coisas procedem de uma compreensão única. Foi como ele ganhou, e portanto eu não tenho direito a ficar”. Dito isso, foi-se embora.

Em seguida, chega o irmão menor, perguntando “Onde se meteu esse tipo?” E o irmão mais velho respondeu, “Pelo que eu entendi, você ganhou o debate”.

“Não ganhei nada. Vou dar uma surra nesse monge.”

“Conte-me qual foi o tema da discussão”, disse o maior.

“O tema!... Pois bem: Assim que nos sentamos, esse tipo levantou um dedo, insultando-me ao insinuar que só tenho um olho.

Mesmo assim, posto que se tratava de uma visita, achei que era minha obrigação tratá-lo com cortesia, então mostrei 2 dedos, felicitando-o por sua boa sorte, que lhe permitiu conservar ambos os olhos. Mas então, o grande miserável levantou impunemente 3 dedos, sugerindo que entre ele e eu não somávamos mais que 3 olhos. Isto me tirou do sério e comecei a dar-lhe socos, mas ele conseguiu escapar e assim tudo se acabou.”¹

Carne de Zen - Ossos de Zen (apud VEGH, 1991, p. 189).

Entre ele e eu...

Entre o eu e o outro, há um mundo de possibilidades de sentidos que a imagem não pode delimitar. Só a palavra, e nem mesmo a palavra, pode sempre especificar. Tudo depende do lugar que cada um ocupa, de onde cada um olha nessa díade. Essa é a lição que nos ensina essa história antiga do budismo Zen, assim como a psicanálise, desde Freud.

A partir dela, podemos compreender os engodos e desvios que se operam quando o ser falante, abstendo-se da palavra, se deixa guiar pela imagem e se aprisionar nas miragens de seu próprio eu. Dela podemos tirar muitos ensinamentos sobre a cristalização e o fechamento do sentido quando dois sujeitos, aprisionados na solidão da dimensão imaginária, somam-se como duas metades do UM, impedindo o avanço do desenrolar de novos sentidos.

No apólogo, o irmão mais novo, instruído sobre a conveniência de que “o diálogo se faça em silêncio”, coloca-se de saída nesse plano privilegiado da imagem cujo centro é o que nela falta: o olho. Frente a frente com esse estranho, o sujeito se representa a si mesmo como o olho que falta, e é a partir dessa posição que ele interpreta as imagens que o outro lhe envia. Enquanto o forasteiro fala de um Outro, o Buda, ele ouve a mensagem sobre seu eu: denúncia acusatória referente à sua falta. Isso desperta a sua agressividade

como defesa, pois se vê insultado e deve se defender.

Isso também explica certos efeitos que observamos em alguns estudos e relatos que encontramos a respeito de certas práticas na literatura psicanalítica de autores pós-freudianos, principalmente. A partir desse apólogo ficam esclarecidos os descaminhos do papel e da função a ser desempenhados pelo analista quando se posiciona numa relação dual, quase mística, de uma comunhão, uma comunicação entre inconscientes que, na verdade, decorre de sua própria transferência.

Algumas vezes, levados por essas miragens imaginárias, instalam-se na concepção de que o instrumento e objetivo da análise seria tornar consciente o sentimento do analisante, esquecendo que Freud nos ensinou que o sentimento não pode ser recalçado e, portanto, não se trata de des-recalçar o que nunca foi recalçado.

Como no apólogo, quando se instala uma relação ‘entre ele e eu’, identificar-se com ou contra o suposto sentimento do analisando a partir das imagens que ele envia, fatalmente desvia o sentido do discurso e desfavorece o ‘re-conhecimento’, o ‘des-cobrimto’, o discernimento das razões desse sofrimento, os modos de gozar do sujeito, verdadeiros vetores do direcionamento objetivo do tratamento.

Gosto dessa definição da análise: tratamento. O analista não está aí para compreender, para sentir junto, para se compadecer do sofrimento do outro, pois isso não resolve o conflito do sujeito, só o confirma. Está para tratar esse sofrimento de uma forma tal que desperte no sujeito a possibilidade de reorganizar sua subjetividade, seus conflitos e suas angústias ao se deparar com seus gozos na esfera do prazer ou no mais além – os mórbitos – e buscar instituir novas formas de gozar. Como se diz: passar da posição de objeto de gozo para a posição de sujeito de um desejo próprio, singular, nascido de si mesmo, liberto do aprisionamento ao desejo e ao gozo do Outro e do outro.

1. Tradução minha.

Mas para isso, é preciso que o sujeito faça o percurso num plano que exceda a relação 'entre ele e eu', onde se colocam tanto o monge estúpido, quanto o monge vagabundo, impedindo que o percurso seja feito. Nosso 'pa-ciente' não é ciente do alcance de suas palavras quando busca a análise. Exatamente por isso ele o faz. Não quer saber; só quer ser abrigado nesse monastério para amenizar a noite de sofrimentos em que vive e seguir viagem. O que ele quer é um porto seguro, que o analista lhe ofereça um novo sentido que o proteja no albergue do sentido.

Isso nos toca diretamente enquanto psicanalistas, pois que já passamos por esses caminhos e aprendemos que é no campo do sentido (com e sem sentido) que operamos na sessão analítica. E quando as relações entre analista e analisando permanecem no plano da dualidade imaginária – em espelho, como mostra o apólogo – aí proliferam a agressividade, a competição e os duelos: “ou eu, ou ele”. Em sua origem fundamental e constitutiva, o eu é essencialmente paranoico e, para preservar-se, deve excluir o outro que, *a priori*, o ameaça (LACAN, [1948] 1998).

A estrutura psíquica do analista, por mais que se tenha analisado, é a mesma estrutura que configura a subjetividade de seus analisantes. Mesmo quando se trata da psicose – e inclusive nesses casos –, a estrutura se organiza em torno dos mesmos pilares, apenas articulados de formas diferentes.

O que faz a diferença, para além das diferenças da estrutura psicótica, é o fato de que o analista esteja avisado, prevenido, quanto à sua própria estrutura, que tenha apreendido e aprendido, ao longo de sua análise pessoal e supervisão, pois também funciona nos registros do real, do imaginário e do simbólico; pois, logicamente, passou pelas sucessivas operações do recalque e dividiu-se diante do desejo que se fez inconsciente, do mesmo modo como acontece com o analisante neurótico.

O fato de o monge ter apenas um olho, ao contrário do que se poderia pensar, não

justifica a sua estupidez. A estupidez decorre não da falta do olho, mas da **forma** que prevalece a partir do ângulo do seu olhar, que só enxerga a imagem. O dedo em riste do visitante é signo de presença, que remete à ausência; representante unívoco, imagem da ereção do olho ausente no real e de tudo mais que lhe falta.

A fixação nessa ausência exclui os outros possíveis sentidos e qualquer avanço no seu mais além, que a dimensão simbólica e polisêmica da palavra permitiria; a imagem tanto vale mais do que mil palavras como pode se congelar em signo, em símbolo e, tanto num caso quanto noutro, deixar de nortear, contextualizar, oferecendo um norte imaginário e sabotador do diálogo no encontro entre dois.

Tem de haver uma dimensão a mais para quebrar a univocidade, introduzir o equívoco e a multiplicidade de sentidos para ancorar esse barco e abrir para novas rotas; é preciso que haja pelo menos três dimensões para definir um ponto: a dimensão terceira, a simbólica, estabelece o norte para o discurso.

Mas é a quarta dimensão, a que faz o enlaçamento do real, imaginário e simbólico – a entrada em jogo do Pai como agente da castração – que permite quebrar o idílio narcísico e instituir o desejo da mãe, diferente do desejo da criança, que se metamorfoseia em sujeito de um discurso singular, norteadado pelo falo, diferente e distanciado do desejo do Outro.

Entre analista e analisando, deve haver essa distância, aquela que só se faz quando o analista abre mão de seu ser para ocupar um lugar Outro para cada analisando; quando se porta como o farol que assinala as rochas no percurso na fala desse sujeito do inconsciente, permitindo que a cena ou a imagem que se apresenta à lembrança seja vista de fora, em seu mais além da significação original – o que costumamos chamar de *insight*.

Se o monge forasteiro tivesse colocado em palavras a chave, o tema a ser debatido, o diálogo teria sido norteadado por ela, na dire-

ção de um discurso sobre o budismo, como ele revela ao irmão sábio. Provavelmente, para ele isso era óbvio. Perdeu a disputa levado por dois erros: quando acha que sabe, entende e é entendido pelo outro e quando acha que sabe por que perdeu.

O monge estúpido também perde, pois despreza os termos do desafio sobre um saber a respeito do budismo e, em sua certeza, interpreta o gesto do outro pela via de um saber absoluto. Se tivesse questionado ou se interrogado sobre o sentido daquele dedo em riste, descobriria do que se tratava. Mas girava em torno de uma chave fixa baseada na figuração narcísica do eu, na sua incompletude e, por isso, não podia ver no gesto do forasteiro outra interpretação a não ser essa.

Então, o que é que o apólogo nos diz? Não é que o analista tenha de se abster de falar. Quando o sábio monge diz: “Veja e modere-se para que o diálogo se faça em silêncio”, devemos entender que é sábio ‘moderar-se’. Ouvir e moderar o quê? Os gozos, não falar com seu ser, não agir de acordo com seu inconsciente na sessão analítica – ao contrário do que lemos em alguns autores que propõem uma comunhão entre inconscientes –, evitar a possibilidade de encharcar essa relação com o sentido pertinente à relação de um eu para outro eu, onde se faz uma parceria de gozo do sintoma. O apólogo mostra como se monta a armadilha na qual se cai quando nós, analistas, nos calcamos em nossa fantasia particular.

Como abordei em outra oportunidade, auxiliada pelo texto de Serge André, *A impostura perversa*, e por Lacan, o desejo do analista não é um desejo puro e “poderia ser definido como o desejo de um homem prevenido” (ANDRÉ, 1993, p. 43-44). Isso significa que o analista deve tomar seu próprio desejo de se tornar analista como um desejo eminentemente suspeito, que fatalmente intervirá na sua postura.

No *Seminário 11* Lacan ([1964] 1985, p. 151) afirma que nessa história existem duas vertentes diferentes: o que o analista quer fa-

zer do paciente e o que o analista quer que o paciente faça dele. Temos aí o par da fantasia do analista: o analista na posição de sujeito e o analista no lugar de objeto, como comentei em outra oportunidade (BARBIERI, 2003).

A fantasia – que não se restringe aos sentidos de imaginar, devanear, sonhar acordado ou elaborar cenas usando a imaginação, que chamamos de fantasia neurótica – tem, a partir de Freud, uma consistência que vai além da fantasia neurótica, uma consistência de paradigma conceitual das relações entre seres falantes, que ele chama de fantasia fundamental.

Matematizada, a partir de Lacan, como fórmula, como função matemática, ela demonstra as posições que o ser falante ocupa em suas relações com seus objetos eletivos. Esse matema nos permite reconhecer as possibilidades de adotar alternadamente a postura de objeto e de sujeito na cena que permeia o modo de ser de cada ser falante.

Por isso, Freud a chama de fantasia “primária”, assim como a cena “primária”, recalcque primário, remetendo-nos à origem da constituição do eu e do sujeito como tal.

Mas não podemos deixar de notar que isso não se confunde com os aspectos passivo e ativo, já que identificar-se na posição de objeto pode ser a resultante de um ato, de um agir prenhe de intencionalidade ativa, tanto quanto posicionar-se no lado do sujeito. Muitas vezes, inclusive, fazer-se objeto exige mais atividade do que se fazer sujeito, como já foi observado quando se trata da mulher: fazer-se objeto de desejo de um homem.

Lacan nos dá a fórmula da fantasia: $\$ \diamond a$ – o sujeito, dividido pelo desejo interdito, inconsciente, e o objeto privilegiado de seu desejo e gozo. A isso responde o que mencionei acima a respeito da fantasia do analista, mas também à de todo ser falante, pois é à medida que o monge estúpido se coloca nessa posição de objeto da crítica do forasteiro que podemos vislumbrar os infortúnios que a imagem, a aparência formal, nos propicia.

Infortúnios. Mas, por outro lado e concomitantemente, proteção para não nos de-

pararmos com nossas faltas, nossas falhas e nossos desejos perversos que possam escapar à lei da castração. Pois, mesmo que não o façam, tais desejos, ainda assim, podem ser fonte contínua de angústia, a cada vez que se insinuam sedutoramente para o eu em busca de satisfação.

Quando o sujeito sofre de angústia é por se identificar como *a*. Enquanto objeto *a*, ele não pode ser sujeito. Mas há quem escolha essa posição na medida em que tem medo de ser sujeito de seu próprio desejo.

Se algo escapa à operação lógica da castração, resta como “tentação pulsional”, gozo que Isidoro Vegh² chama também de “parasitário”, que não pode ser contido ou desviado, sublimado através do simbólico. Diferente do gozo ligado ao desejo, acessível à interpretação, que chamaríamos de gozo sexual, porque norteador pelo Falo, no registro do simbólico.

O que resta como tentação não se circunscreve com palavras, permanecendo como real em sua consistência, inacessível pela interpretação e sem limite. É da ordem do que faço, sei por que faço, mas não sei como deixar de fazer.

Ouvi uma piada psicanalítica que ilustra bem o que quero dizer: um jovem que se analisa há muitos anos comenta com um amigo que continua sofrendo de enurese noturna, só que agora, por causa da análise, ele já sabe por quê. Essa piada, que aparentemente pretende desmoralizar a eficácia da psicanálise, como todos os chistes em sua relação com o inconsciente, é uma verdade. Temos de admiti-la.

Há certos gozos que não se submetem às intervenções simbólicas, não entram no circuito da representação e permanecem como tentação à satisfação direta, impossível de ser desviada, inibida, sublimada ou recalçada.

Por mais que se interprete, esses gozos persistem, não mudam, são resistentes à transcrição, não se inscrevem na linguagem e, conseqüentemente, não obedecem ao Ideal do Eu ou se submetem aos mandatos e ensinamentos da educação. Não é possível educar, governar e psicanalisar todas as pulsões, Freud nos assinalou.

Para ser condescendente, abrir mão do gozo da pulsão e passar ao desejo, há que passar pela angústia; nem todo sujeito, mesmo neurótico, está propenso a se deixar processar pela via da castração para se livrar de certos gozos. Para esses gozos, Vegh (2001) propõe, apoiado em Lacan, que deveria haver um ato do analista e uma tarefa do analisante.

Entretanto, para além das questões que envolvem mais diretamente a prática psicanalítica, o apólogo remete diretamente a questões tão importantes quanto. A transmissão do saber – não apenas o psicanalítico, mas qualquer outro – e o laço social estabelecido num contexto cultural fruto de manipulação midiática da imagem a serviço de interesses econômicos e políticos que conduzem e determinam o sujeito tornando-o refém de ideais imperativos, não podem deixar de ser notados e anotados pelos psicanalistas.

O saber sobre os discursos, constituído na obra de Freud e revisto, sistematizado e expandido na obra de Lacan, vem sendo posto à prova quando aplicado ao relato da história da humanidade desde os seus primórdios e fundamentos.

Nem precisamos recorrer à *Psicologia das massas e análise do eu* ou ao *Porvir de uma ilusão* e a *O mal-estar na civilização* para justificar esse ponto de vista. Mas, se o leitor assim desejar, pode ser importante recurso.

Começemos pela transmissão do saber, do modo como falamos aos educadores.

O saber da fantasia: da dimensão imaginária ao simbólico

Alguns anos atrás, convidada a falar para educadores no Instituto Anísio Teixeira, em Salvador, a questão que me foi proposta

2. Ideias apresentadas no texto *Repassemos* durante a Reunião Lacanoamericana de Psicanálise de Montevidéu e no seminário inédito *Estruturas e intervenções no sujeito da análise*, realizado em Salvador (BA), nos dias 7 e 8 jun. 2013.

permitiu avaliar a distância que o senso comum coloca entre a fantasia e a “realidade”, na medida em que desconhece tanto o seu substrato de real – que a fórmula lacaniana aponta – como o potencial de criação e elaboração de saber que a fantasia carrega. “De que forma o educador possibilita à criança buscar a ponte da fantasia para a realidade?” foi a pergunta que me fizeram, cuja resposta resumirei a seguir.

Mas afinal o que é mesmo a realidade? E de que realidade podemos falar? O que é que sabemos da realidade senão aquilo que dela apreendemos através das insidiosas lentes da nossa percepção pessoal e intransferível, daquilo que dela teorizamos ou, ainda, daquilo que criamos como nossa realidade?

Não podemos nos iludir. A realidade pode ser, e geralmente é, uma convenção que se propõe diante da coincidência de pontos de vista. Sabemos muito pouco ou quase nada sobre a realidade e o que sabemos é o que construímos ao longo da vida e transmitimos de um ao outro, como o educador transmite o que por sua vez aprendeu em sua própria vida transmitido por um outro educador. Por isso, a educação é tarefa permanente e eterna.

Na realidade..., aquilo que concebemos como real só pode ser apreendido na medida em que formulamos uma representação, que pode ser imaginária e ilusória, até mesmo enganadora. [...] A realidade material pode estar em desacordo com a realidade psíquica do sujeito, criada sobre a tela da fantasia individual. [...] A fantasia é de certa forma a criação de um saber, principalmente a fantasia consciente que chamamos devaneios ou sonhos diurnos. [...] o que seria da literatura, das artes e da ciência se certos adultos não tivessem conservado sua capacidade de fantasiar, transformando a realidade?

Não devemos, então, tomar a fantasia segundo um preconceito de que seja algo menor ou ca-

racterístico dos fracos e imaturos, pois a fantasia humana está na base dos processos mais fundamentais e produtivos e a inibição da sua atividade, não apenas empobrece o potencial de aprendizagem, como também termina por embotar a vida afetiva das pessoas. Se procurarmos as motivações mais profundas dos gênios criadores, terminaremos esbarrando numa fantasia fundamental do sujeito, que se oculta sob os mais variados disfarces, em germe, como semente da qual procede todo movimento intelectual e criador, seja científico, seja artístico. Todos os gênios criadores buscaram respostas para questões que em sua essência foram algum dia uma questão íntima e pessoal. [...] talvez o educador devesse canalizar esse manancial para o seu campo de trabalho, usar as águas da fantasia para fazer rodar os geradores da energia necessária ao trabalho intelectual.

Não estamos distantes do nosso apólogo como poderíamos pensar, mesmo que nele fiquem demonstradas as limitações e as fragilidades de julgamento quando nos apegamos à imagem como verdade, pois ela não pode circunscrevê-la. A verdade não pode ser desvelada toda, pois implica, em si mesma, uma vertente de Real, que é irrepresentável pelo Imaginário e inominável pelo Simbólico. Não falo da realidade, mas do Real enquanto aquilo que é imutável e inacessível. São necessárias a arte e a ciência para desvendá-lo e a religião para vendá-lo quando transparece.

Se o professor não estiver avisado, prevenido, de que seu saber não é pleno, de que seu aluno pode construir um saber próprio, individual, a partir de suas próprias articulações – se, como o monge estúpido, partir de uma imagem como se fora absoluta e unívoca – excluirá a possibilidade de um saber novo, fora do convencional, criativo, ou “transcriativo”, como diz Paolo Lollo.

Quando um professor se dirige a um estudante para lhe transmitir um saber, ele põe em

movimento uma dinâmica entre dois sujeitos. Assim, ele não pode abstrair-se do domínio humano que procede da singularidade. Se, na física, o ponto de vista do observador muda o objeto observado, no discurso das ciências humanas, o ponto de vista do professor forma e transforma o discípulo, mas ele também pode vir a ser transformado por um verdadeiro receptor que nunca é passivo. Assim, o objeto saber, o conteúdo transmitido no ensino, acaba se transformando nessa viagem de vai-e-vem (LOLLO, 2013, p. 16).

Sobre esse ponto, remeto o leitor ao livro ou à resenha de seu livro *Passagens*, publicada nesta revista (p. 171), que resumirei em poucas palavras.

O autor considera quatro modalidades ou frações na transmissão do saber. Uma fração de saber, que é transferido e pode ser mensurado, corresponde ao “que cessa de não se escrever”: um real que se representa, se escreve, se registra no campo do simbólico.

Uma segunda parte, que é transferida, mas não pode ser mensurada, “que não cessa de não se escrever” e permanece inapreensível, inacessível e impossível de ser quantificada.

Um terceiro tipo de saber que não pode ser transferido, pois se perde no trajeto e não chega ao seu destino e “cessa de se escrever”. Esse saber seria da ordem do recalcado, ou foracluído, por isso bloqueia a máquina de aprendizagem e de transferência.

A quarta modalidade é um saber que não pode ser transmitido, mas que surge do nada, produzido pelo aluno e por sua pulsão criadora: “O que não cessa de se escrever”. Esse seria um saber criado, “[...] um furo criador que permite sair do *trou-matisme* e da sideiração, levando o aluno (e o analisando) a produzir saber que não se encontra lá” (LOLLO, 2013 p. 19), uma saída original e singular pela produção de novos significantes.

É assim que se criam novos saberes na cultura, partindo da dimensão imaginária, mas não retrocedendo a ela. Vivemos na

atualidade um verdadeiro retrocesso à dimensão imaginária da informação, do saber e da verdade através da utilização espúria da imagem, com objetivos de massificação e engodo da opinião pública, com fins políticos.

Acostumados a tomar a palavra escrita e falada, assistimos, vemos e ouvimos, com nossos aparelhos sensoriais, o privilégio que se outorga ao uso manipulatório da imagem na veiculação das informações que torna a comunicação das massas tão truncada, distorcida e obscura quanto a dos dois monges do apólogo. As mensagens subliminares, enviadas através de distorções e fabricações de imagens são um fato e, assim como a imagem do dedo em riste, deflagram reações inconscientes, antes latentes.

Embora não considere que isso possa inaugurar um novo discurso, um sujeito desprovido de inconsciente ou incapaz de simbolização, inacessível ou inadequado à análise, que funcione a toda no imaginário – isso apenas implicaria um sujeito psicótico, como já conhecemos – e, considerando que o discurso que domina a nossa sociedade seja o discurso capitalista, como Lacan o definiu, atribuímos a esse discurso, como efeitos, o incremento da exploração política da imagem, da relação dual e narcísica com base no poder dos bens de consumo, individuais e grupais.

Desenvolve-se em larga escala um uso inevitável e adverso do potencial da imagem que – propiciado pelas novas tecnologias da comunicação utilizadas pelos sistemas e pelos grupos políticos – produz na atualidade os mesmos efeitos de ódio, destrutividade, competição, ilusão de verdade, que a história mundial das lutas de poder nos conta e que acabamos de reconhecer no encontro entre dois solitários monges.

A resposta é a mesma, só que agora numa proporção de massa, nacional e também internacional. Afirmada, rebatida, repetida, a imagem passa a ter valor inquestionável de verdade, e o receptor reage e revida: instala-se no lugar do estúpido e não questiona a interpretação da imagem.

O que está na base dos conflitos da sociedade atual não pode ser explicado simplesmente pelo uso exacerbado das tecnologias digitais e do uso da imagem, mas do tipo de uso que se faz e do objetivo que norteia esse uso que – encoberto, escamoteado e velado – sorrateiramente produz um pobre eu sedento de conquistar ideais grandiosos, tais como vencer o debate monástico, para se proteger do desamparo social.

Um olhar atento revela fatores políticos e econômicos muito mais radicais na composição da cena virtual que realmente nos devora neste século XXI: o discurso capitalista e o sujeito da nova democracia.

O capitalismo, a democracia e o sujeito democrático

Freud elaborou uma fina teoria sobre a constituição e os mecanismos de coesão dos fenômenos de grupos, considerando as estruturas subjetivas capazes de fornecer o aparato necessário ao processo de formação e manutenção dos grupos espontâneos e os comparou com as estruturas da igreja e do exército. Do indivíduo à cultura.

Lacan formalizou cinco discursos que contemplam as estruturas discursivas, que se diferenciam entre si na trama da cultura. O discurso capitalista se diferencia por se organizar fora da norma vigente nos outros quatro discursos; ele resulta de uma torção, de um deslocamento anômalo dos termos em comparação com os outros, subvertendo o modo como o laço social se estrutura. Essa torção implica diretamente os termos da fantasia ($\$ \diamond a$). Isso se dá na medida em que a ideologia capitalista transformou as relações de produção e as relações do sujeito desejante com os objetos de desejo e do gozo. O capitalismo institui a produção de objetos de consumo que nos são impostos, mais do que oferecidos, como possibilidade de compor a imagem da completude enquanto felicidade/satisfação plena. Isso tem como consequência elevar a satisfação à categoria de direito e rebaixar desejo a necessi-

dade: felicidade = necessidade satisfeita, por direito.

É desse discurso que fala Colette Soler quando diz que a civilização nos nossos dias é a

[...] civilização da ciência e dos objetos que ela gera. [...] o objeto é função dos discursos em ação, é função dos discursos que definem a civilização (SOLER, 1998, p. 167).

Assim, a ética desse discurso obedece ao imperativo do consumo, à dialética do ter ou não ter, que responde pelo ser ou não ser, e à lógica cartesiana do todo, da completude que obtura a falta a ser. A falta fundamental do ser humano deve ser preenchida e concretada com objetos que produzam a (ilusão de) felicidade.

Essa regra – embutida nas terapias de comportamento, nos manuais de autoajuda, implícita na lei que exige o “Eu em primeiro lugar” e nos ideais de beleza, juventude e saúde eternas, decorrentes da perfeição – pretende e quase consegue obnubilar o sujeito quanto à sua corruptibilidade física e moral, quanto ao destino natural da morte, quanto à sua falibilidade.

E enquanto consegue, oferece como objetivo de vida a solidão resultante da destruição do outro para viver consigo mesmo, amando a si mesmo, em primeiro lugar, consumindo e acumulando! Pena que isso não garanta a felicidade pretendida.

Simultaneamente, convoca o sujeito a exigir uma reparação do outro, suposto causador de sua falta, diferente, estrangeiro e inimigo. Como se desejo fosse direito a demandar e ser atendido, assistimos a cenas em que, diante da urgência conflituosa em prover plenamente tudo e qualquer coisa que evite dizer não ao filho, ouve-se em resposta uma reivindicação impossível que faria ao menos um desejo nascer nesse sujeito infantil que precisa desejar.

Muito já se esclareceu e se tem falado acerca da depressão generalizada em função

do esvaziamento do desejo nas sociedades economicamente desenvolvidas – o que poderia ser paradoxal, mas não é – pois, sem desejo, a vida não tem sentido e somos mortificados.

O culto à perfeição e aos objetos que completam, mortificando o desejo, certamente concorrem muito mais para a formação de sintomas aparentemente devidos à utilização das novas tecnologias. Ao que parece, a relação é, inclusive, inversa. As pessoas aderem ao consumismo e utilizam muito as tecnologias na medida em que pretendem com elas preencher as lacunas nos laços sociais. Os objetos de consumo tentam escamotear a falta ‘do olho’, que não pode ser aceita pelo monge estúpido.

A sociedade atual acredita na plenitude e na perfeição, no poder e satisfação total. Tudo posso! Não em Deus, em Jesus ou pela intercessão de alguma entidade infinita, absoluta e simbólica, mas em mim mesmo, por mim mesmo, sob o axioma “querer é poder”. Segundo essa nova ideologia, basta comprar. Quem tem, é.

Concomitante e conectada com o ideal capitalista, encontramos uma definição inesperada para um conceito que se revela como fundamento de diferentes sintomas da civilização atual, que vem articulada a esse discurso. Democracia: O reino dos desejos ilimitados dos indivíduos da sociedade de massa moderna.

Uma jovem que mantém a França em suspense com o relato de uma agressão imaginária; adolescentes que se recusam a tirar o véu na escola; o déficit da Previdência Social; [...] assalariados que fazem manifestações pela manutenção do sistema de aposentadoria; [...] o avanço dos *realities shows*, do casamento homossexual e da reprodução artificial. É inútil procurar o que une acontecimentos de natureza tão distinta. Centenas de filósofos ou sociólogos, cientistas políticos ou psicanalistas, jornalistas ou escritores já forneceram a resposta [...] Segundo eles, todos esses sintomas

traduzem um mesmo mal, todos esses efeitos têm uma única causa. Ela se chama democracia, isto é, o reino dos desejos ilimitados dos indivíduos da sociedade de massa moderna (RANCIÈRE, 2014, p. 7-8).

Não se trata de discutir o ódio à democracia, cuja violência continua sendo atual, como sempre, não é novidade, já aponta Rancière como introdução. Trata-se de articular a questão da dimensão imaginária que inunda o campo da cultura atual advinda dos próprios sistemas de pensamento que a estruturam. Não estamos lidando com objetos de gozo que são prejudiciais ao ser humano, não é essa a questão. Estamos envolvidos num sistema imaginário, virtual, que nos cala na medida em que entope nossos orifícios com objetos que devemos querer ter.

Assim, ele diz:

[...] as leis e as instituições da democracia formal são as aparências por trás das quais e os instrumentos com os quais se exerce o poder da classe burguesa (RANCIÈRE, 2014, p. 9).

Paradoxalmente, quanto mais evoluímos rumo aos direitos democráticos, mais ficamos submetidos à “tirania democrática” do consumo – termo usado por ele –, determinada pela ideia de plenitude a ser alcançada pela via do direito a consumir tudo.

A lei do lucro capitalista reina sobre o mundo porque o homem democrático é um ser de desmedida, devorador insaciável de mercadorias, direitos humanos e espetáculos televisivos. A verdade é que nossos profetas não se queixam desse reino. Eles não se queixam nem das oligarquias financeiras nem das estatais. Eles se queixam, em primeiro lugar, dos que as denunciam. A coisa é fácil de compreender: denunciar um sistema econômico ou estatal é exigir que eles sejam transformados. Mas quem pode exigir que eles sejam transformados, senão esses homens democráticos que reclamam que esses mesmos sistemas

não satisfazem seu apetite? (RANCIÈRE, 2014, p. 111-112).

O homem democrático de Rancière seria o sujeito freudiano? Seria o Eu, democrático? O sujeito da modernidade, no que tange ao ser de desmedida, devorador insaciável, agora abonado pela atitude capitalista ocidental, não parece, em essência, diferente do revelado por Freud e descrito por Rancière. O ideal democrático, aderido às curvas determinadas pelos interesses de poder e usura, adapta-se aos interesses elitistas de nosso tempo, distanciando-se do modelo grego que o concebeu.

A nova democracia, subordinada à ilusão imaginária de plenitude e poder ilimitado, torna-se cada vez mais difícil de ser sustentada, pois, como satisfazer a todos, o tempo todo, completamente, sem gerar um caos? Seria possível hoje seguir à risca o ideal democrático como o que surgiu na Grécia antiga?

Esquecida toda política, a palavra “democracia” torna-se então o eufemismo que designa um sistema de dominação que não se quer mais chamar pelo nome e ao mesmo tempo o nome do sujeito diabólico que toma o lugar desse nome obliterado: um sujeito composto, em que o indivíduo que sofre esse sistema de dominação e aquele que o denuncia se misturam. É com os traços combinados de um e de outro que a polêmica desenha o retrato falado do homem democrático: jovem consumidor imbecil de pipoca, *reality show*, *safe sex* [sexo seguro], previdência social, direito à diferença e ilusões capitalistas ou altermundistas (RANCIÈRE, 2014, p. 112).

Só acrescentaria a esse retrato falado, que parece bem francês, uma característica mais típica dos jovens e velhos consumidores imbecis, protestantes recentes do nosso país, que adotam o “panelaço gourmet”. Explico: protestos nas varandas de residências onde se usam panelas *Fissler* e talheres de prata

Christofle para reivindicar algum direito pessoal, no seio de um grupo.

Para concluir, lembro o fato de que nada disso passou despercebido para Freud, mesmo quando optou por não ser completamente explícito. Imerso no contexto que sua época produziu, adotou a postura daquele que vai sempre além, não se detém diante das tramas imaginárias e, muito menos, diante dos maniqueísmos políticos.

É impossível esgotar o inconsciente recalçado, educar as pulsões, governar todos e para todos. Ele, que sempre viu e ouviu além da superfície, não tinha de ser nem branco nem preto, apenas ser da cor da carne.

Joan Riviere conta, segundo Jones, que alguém acusou Freud de ficar em cima do muro, durante uma discussão política, de não ser nem fascista nem socialista. “O Sr. não é nem branco, nem preto!”, teria dito a pessoa. E Freud: “Não mesmo, temos que ser da cor da carne” (GOLDENBERG, 2015).

Abstract

Freud proposed over his theory three impossibilities that Lacan later defined as arising from lack of significant to cover the entire universe of the speaking being: it is impossible to exhaust the repressed unconscious, to educate all drives, to govern all. Civilization speaks, human beings speak, but the symbolic dimension does not account for everything. The text intends to work out the effects of imaginary dimension in these three fields of culture.

Keywords: *Psychoanalysis; Education; Policy; Democracy; Knowledge; Aggressiveness.*

Referências

- ANDRÉ, S. *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- BARBIERI, C. O viés perverso da sexualidade. *Cógito*, Salvador, Círculo Psicanalítico da Bahia, n. 5, p. 11-17, 2003.
- CARNE de zen - Huesos de zen. In: *ANTOLOGÍA de historias antiguas del Budismo Zen*. Trad. Melcón López Mingo. Madrid: SWAN, 1979.
- GOLDENBERG, R. *Sobre a indiferença dos psicanalistas em matéria de política*. Out. 2015. Disponível em: < <https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2015/10/sobre-a-indiferenc3a7a-dos-psicanalistas-em-matc3a9-ria-de-polc3adtica.pdf> >. Out. 2015. Acesso em: 1º fev. 2016.
- JONES, E. *Vida y obra de S. Freud*. Buenos Aires: Hormé, 1976. v. 2.
- LACAN, J. A agressividade em psicanálise (1948). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 104-126. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Ari Roitman; consultoria de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (Campo Freudiano no Brasil).
- LOLLO, P. *Passagens: transmissão da psicanálise e direitos do homem*. Tradução de. Antônia Ivo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.
- LOLLO, P. Psicanálise e transmissão do saber. *Trivium*, ano 5, n. 1, p. 15-20, 2013. Disponível em: < <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-v/artigos-tematicos/psicanalise-e-transmissao-do-saber.pdf> >. Acesso em: 3 mar. 2013.
- MILNER, J.-C. *Les penchants criminels de l'Europe démocratique*. Paris: Verdier, 2003.
- RANCIÈRE, J. *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- SOLER, C. O sintoma na civilização: o psicanalista e as latusas. *Curinga*, Belo Horizonte, Escola Brasileira de Psicanálise, n. 11, p. 164-174, 1998.
- VEGH, I. *Matices del psicoanálisis*. Buenos Aires: Agalma, 1991. p. 189.
- VEGH, I. Repassemos. In: REUNIÃO LACANOAMERICANA DE PSICANÁLISE DE MONTEVIDÉU, 2015. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=repassemos+Isidoro+Vegh&oq=repassemos+Isidoro+Vegh&aqs=chrome.69i57j9776j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>. Acesso em: 9 fev. 2015.
- Recebido em: 02/05/2016
Aprovado em: 03/05/2016

Sobre a autora

Cibele Prado Barbieri

Psicanalista. Psicóloga.
Membro e atual presidente do Círculo Psicanalítico da Bahia - CPB.
Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) 2006-2008.
Membro da Comissão Editorial da Revista *Estudos de Psicanálise* do CBP.
Editora da Revista *Cógito*, publicação anual do Círculo Psicanalítico da Bahia.

Endereço para correspondência

E-mail: <barbieri.cibele@gmail.com>

Consequências traumáticas da violência em crianças e adolescentes de favelas do Rio de Janeiro: alguma diferença atos terroristas em outras partes do mundo?¹

Traumatic consequences of violence on children and adolescents in favelas of Rio de Janeiro: any difference from terrorist acts in other parts of the world?

Fernanda Ribeiro de Freitas

Resumo

Atos terroristas têm motivações políticas, ideológicas, étnicas ou religiosas que expressam intensa insatisfação por meio de extrema violência. Os métodos usados por traficantes nas favelas cariocas são semelhantes aos dos atos terroristas: tortura, explosões, sequestros, violência sexual e ameaças à segurança em geral. Independentemente das razões, ambos têm em comum a luta por poder. Suas vítimas se sentem impotentes e obrigadas a obedecer a regras ditatoriais e violentas. A banalização da violência no noticiário local faz pensar se o número de vítimas em favelas não seria similar ao número de vítimas nas zonas afetadas pelo terrorismo – ou maior. A noção de trauma concebida por Donald D. Winnicott relaciona trauma a falhas ambientais que interrompem a continuidade do ser e quebram a confiança neste ambiente. Expressas em diferentes formas, pode-se discutir as experiências traumáticas em termos específicos de acordo com o processo de maturação individual. O estudo das consequências traumáticas do terrorismo é válido para uma gama muito maior de casos, independentemente das motivações ou da cultura, nacionalidade e nível social das vítimas.

Palavras-chave: Trauma, Violência, Infância.

O presente trabalho foi elaborado originalmente para o XIX Fórum Internacional de Psicanálise da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS) ocorrido em Nova Iorque, de 12 a 15 de maio de 2016.

O tema *Violência, terror e terrorismo hoje: perspectivas psicanalíticas* pareceu-me uma ótima oportunidade de apresentar um recorte que já me chamava a atenção havia muitos

anos: o conceito de terrorismo pode ser aplicado ao dia a dia de muitas favelas. Acredito que a psicanálise pode contribuir bastante para além do *setting* psicanalítico.

Apesar de parecerem tão distintas, as motivações de grupos terroristas e traficantes de drogas têm suas similaridades tanto pela despersonalização causada em suas vítimas quanto pelos recursos utilizados e, acima de

1. Texto agraciado com o Prêmio Benedetti-Conci pelo melhor trabalho apresentado por candidato de sociedades filiadas no XIX Fórum de Psicanálise da International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS) – *Violência, terror e terrorismo hoje: perspectivas psicanalíticas*, realizado no Roosevelt Hotel, Nova Iorque, de 12 a 15 de maio de 2016.

tudo – ao menos em minha opinião – pela busca do poder e pela necessidade dos agressores de ser notados em seus grupos sociais.

Essas observações vêm de experiência pessoal em trabalhos voluntários com crianças e jovens carentes ao longo dos anos. Além disso, resido num bairro nobre do Rio de Janeiro, mas a poucos metros de uma favela. Apesar de vidas tão diferentes, são meus vizinhos. Impossível passarem despercebidos.

Entretanto, a elaboração do trabalho mostrou o quanto eu não sabia e o quanto ainda tenho que aprender. Sendo um assunto tão complexo, admito desde já que a discussão é incompleta. É mero recorte baseado em minha experiência pessoal e no único trabalho acadêmico que encontrei, em que crianças de comunidades carentes foram ouvidas: *Infância e violência: cotidiano de crianças pequenas em favelas do Rio de Janeiro e Recife* (2013), coordenado pelo Prof. Dr. Hermílio Santos, da PUC-RS.

Obviamente, concentrei-me nos dados a respeito do Rio de Janeiro, onde foram ouvidos moradores, formadores de opinião, adolescentes e 207 crianças de até 8 anos em seis comunidades distintas.

Apesar de ter lido bastante sobre terrorismo, tema principal do fórum, achei que seria mais valioso apresentar apenas minhas perspectivas sobre a favela, algo desconhecido para a maioria dos participantes.

A comunidade a que me refiro pessoalmente é Pavão-Pavãozinho-Cantagalo, localizada entre os bairros de Ipanema e Copacabana, onde durante um tempo fui voluntária numa escola comunitária. Minha principal tarefa era no berçário com bebês de 5 a 24 meses.

Durante o curso de Letras estagiei numa escola municipal que serve à mesma comunidade. Além disso, sou voluntária em ações promovidas pela empresa para a qual trabalho em visitas a abrigos, orfanatos e casas de ressocialização (comumente conhecidas como presídios para infratores menores de idade).

Uma definição precisa do termo “favela” é tarefa quase impossível, já que há particularidades em cada uma delas quanto à região do País e mesmo dentro de uma mesma cidade, dependendo da origem dos seus imigrantes e da forma como cada comunidade foi concebida.

A percepção mundial do que seria uma favela vai a extremos: desde a animação *Rio* (Blue Sky Studios, 20th Century Fox Animation, 2011), com pessoas felizes vivendo na pobreza, ao filme *Cidade de Deus* (O2 Filmes, VideoFilmes, 2002) e sua violência extrema.

Há também uma certa glamourização do termo, como o restaurante francês *Favela Chic*. Pessoalmente não consigo entender como as duas palavras podem funcionar juntas. Longe de interpretações extremas, deve-se ter em mente que nessas comunidades vivem seres humanos, famílias.

O fenômeno favela surgiu no final do século XIX, em parte como consequência da abolição da escravidão em 1888. Os então cidadãos livres continuaram a trabalhar para seus antigos donos, mas como haviam perdido a moradia do tempo de escravos, tinham que encontrar um novo lugar para morar – de preferência perto do trabalho. Em virtude das características geográficas da cidade, a ocupação irregular no Rio de Janeiro se iniciou nos morros que cercam suas áreas nobres.

Ao longo do século XX, em consequência das precárias condições de vida nas regiões Norte e Nordeste do País, o número de imigrantes no Sudeste cresceu exponencialmente, e muitos deles escolheram as favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo como nova residência. Esse fenômeno certamente adicionou elementos ao caldeirão cultural das comunidades.

O século XX também foi testemunha de considerável aumento da criminalidade. E mesmo que a maioria de sua população não esteja envolvida em atividades criminosas, a disposição das casas facilita tais atividades:

há muito poucas ruas. As vias públicas muitas vezes não passam de vielas sem iluminação ou pavimentação.

Por não haver regulamentação, seus moradores pagam poucas taxas, muitas vezes nenhuma. O preço por isso é alto: falta de apoio governamental para as necessidades mais básicas. As casas – ou barracos – são construídas muito próximas umas das outras. É possível comprar um telhado (a famosa laje) em lugar de um terreno. E o novo dono também pode vender seu telhado posteriormente, se assim desejar.

Em muitas dessas casas, famílias e parentes próximos vivem em apenas um ou dois cômodos. O banheiro pode ser externo. A taxa de desemprego é alta, e as crianças, via de regra, frequentam escolas públicas.

Certa vez, ao subir o morro durante o dia, fui recepcionada por um rapaz jovem que vestia apenas um *short*, sem camisa. Também portava uma arma enorme. Ele foi simpático e perguntou aonde eu ia. Também se ofereceu para carregar minhas bolsas e me levar ao meu destino. Antes de seguirmos, tive que esperar alguns minutos porque ele vendia drogas enquanto falava comigo.

Esse mesmo rapaz, se descer o morro e circular pelos bairros nobres da cidade – mesmo desarmado – será invisível ou temido pela suposta violência que possa provocar. Isso ocorre com qualquer jovem de favela, seja por seu poder no tráfico, seja por uma liderança positiva que exerça na comunidade.

Tal invisibilidade, um sentimento de não pertencimento e a negligência do estado abrem o caminho para organizações paralelas, e o tráfico acaba por prover algumas necessidades básicas, tais como uma carona à emergência hospitalar, dinheiro para compra de medicamentos ou um botijão de gás de cozinha. São benefícios implicam o silêncio a respeito do tráfico e até mesmo a invasão da casa ou o assassinato de um parente numa troca de tiros.

Há também regras de conduta peculiares e distintas de uma resposta governamental.

Por exemplo, no caso de violência doméstica, se a mulher se queixa do marido ou namorado ao líder do tráfico, o homem é expulso da comunidade. Se houver reconciliação do casal, nova agressão e a mulher se queixar novamente, ambos serão expulsos.

Tiroteios e disputas contra a polícia ou organizações criminosas rivais são parte da rotina. Além de armas de fogo, crianças são expostas ao tráfico de drogas, violência doméstica e agressão física em casa, nas áreas públicas e, às vezes, também na escola. Aquelas que não são vítimas diretas, ao menos relatam já terem presenciado agressões criança-criança, adulto-criança ou adulto-adulto.

De acordo com a pesquisa citada, mesmo que em seu discurso a maioria dos adultos afirme que o diálogo é a melhor forma de educação dos filhos e que, na perspectiva tanto de crianças quanto de adultos, a repressão mais comum é o grito, crianças relatam mais agressões físicas a si como forma de correção do que os adultos são capazes de admitir.

Crianças mais velhas e adolescentes são muitas vezes responsáveis pelos cuidados diários dos irmãos mais novos, e a primeira gestação pode ocorrer antes dos 15 anos de idade. Estupros são perpetrados geralmente por policiais ou por quadrilhas rivais. O número de adultos que afirmam ter conhecimento de casos de abuso sexual contra crianças chega a 47% em uma das comunidades entrevistadas.

Berzolin (2012) pontua que Winnicott não elaborou uma teoria específica do trauma. O assunto e seus aspectos clínicos são encontrados ao longo de sua obra, já que para o autor, trauma é parte da constituição do ser, representando uma dissonância entre as necessidades do bebê e a provisão ambiental.

Vale salientar que algumas dessas falhas são saudáveis e essenciais para a formação de um sentido de *self*. Um exemplo é a mudança de comportamento da mãe em relação ao

bebê entre os estágios de dependência absoluta e dependência relativa.

Sua experiência como pediatra, a técnica de observação de bebês e a influência do trabalho de Melanie Klein levaram-no a considerar a relevância dos aspectos primitivos da constituição da subjetividade anteriores à fase edipiana. De acordo com a teoria winnicottiana, a repressão freudiana de uma figura paterna libidinizada só importa se o indivíduo estiver suficientemente maduro em termos de desenvolvimento emocional.

Nos primeiros meses de vida o bebê vivencia um estágio de dependência absoluta, apoiando-se exclusivamente na mãe-ambiente para seu desenvolvimento. Mais do que uma questão de sobrevivência, essa é uma condição para começar a viver.

Falhas nessa relação podem levar à falta de confiança na continuidade do ser e a uma sensação de vulnerabilidade. Isso explica um dos mais famosos postulados de Winnicott: “[...] não há tal coisa como um lactente” (1960). O que há aqui é uma relação mãe-bebê, já que o bebê não se reconhece como unidade.

Assim, os olhos e as expressões faciais da mãe funcionam como um espelho que permite o desenvolvimento e a integração do *self* do bebê. Esse processo, que auxilia na formação de identificações organizadas como uma realidade psíquica interna, surge após várias incorporações e introjeções de representações mentais de forma contínua.

Aquilo que será sentido como falha ambiental está relacionado com a singularidade de cada interação, permitindo que o trauma se desenvolva ao longo da vida do indivíduo. Tanto o excesso quanto a falta de cuidados maternos são igualmente traumáticos.

Um bebê deixado à própria sorte ou uma mãe deprimida ou mesmo um ambiente caótico e imprevisível são apenas alguns exemplos de vivências traumáticas. No berçário no qual trabalhei, embora as famílias recebam fraldas descartáveis para trocas à noite e nos fins de semana, alguns bebês retorna-

vam na manhã seguinte com a mesma fralda do dia anterior. Experiências assim forçam o bebê a permanecer em constante estado de alerta, sempre pronto a reagir por não saber o que esperar do ambiente.

Reagir neste estágio de desenvolvimento humano significa uma perda de identidade temporária. Isto oferece um sentimento de extrema insegurança e possibilita a expectativa de exemplos posteriores de perda da continuidade do *self*, e mesmo uma desesperança congênita (não herdada) a respeito da possibilidade de uma vida pessoal (WINNICOTT, 1958, p. 184, tradução da autora).

O indivíduo entende tais experiências como ameaças de agonias impensáveis e de aniquilação. Para enfrentá-las, utiliza a mais primária das defesas: a cisão. Em busca de proteção, é criado um falso *self* patológico, e essa perda de identidade representa o isolamento do gesto espontâneo – base do *self* verdadeiro.

A distinção *self* verdadeiro x falso *self* também existe na saúde. A diferença é que, no psiquismo saudável, o falso *self* protege o *self* verdadeiro, preservando a comunicação entre ambos. Consequentemente, são mantidos intactos o potencial criativo e a possibilidade de enriquecimento através das experiências – e a consequente integração do *self*.

Tanto nos resultados da pesquisa da PUC-RS quanto em minha experiência nessas comunidades, as crianças pequenas parecem ter mais memórias de cenas de violência que os adultos. Isso me faz pensar que há um limite de violência possível de absorção. Portanto, ao longo da vida, uma cisão ou mesmo a incapacidade de simbolização do sofrimento seriam as saídas mais óbvias.

Num nível extremo, o falso *self* se torna a personalidade total. Consequentemente, todas as experiências são vividas com um certo grau de agressividade, que será maior ou menor, dependendo da vivência de cada um. Assim, tais experiências acabam sendo

percebidas como inúteis afetando a sensação de pertencimento. Em algumas situações, considerando-se um ego tão imaturo, certas experiências nunca serão sentidas como realmente vividas.

Trauma é uma experiência contra a qual o indivíduo não possui nenhum tipo de defesa organizada. Ele causa confusão, já que as defesas de um tipo mais primitivo devem ser reorganizadas (WINNICOTT, 1964, p. 201, tradução da autora).

O indivíduo pode estar mais (bem) organizado em determinado momento ou área e em outro utilizar processos defensivos arcaicos, tal como a dissociação. No entanto, mais importante do que a fixação da imaturidade é a relação entre a capacidade de organizar defesas e algo que solicite mais do que essa organização de defesas esteja em condições de suportar.

Winnicott estabeleceu diferenças entre os tipos de trauma de acordo com o estágio do processo de amadurecimento no qual ocorrem, já que não alcançar um determinado estágio de desenvolvimento e perdê-lo são situações distintas.

A necessidade do uso de defesas primitivas no estágio de dependência absoluta leva à psicose. Quando falhas ambientais ocorrem num estágio de maior integração, em que o indivíduo já consegue diferenciar o EU-NÃO EU (*me-not me*), o trauma é vivenciado como uma quebra na confiança, e o ambiente é sentido como persecutório.

Então, quais seriam as consequências de falhas ambientais nesse segundo estágio?

A tendência antissocial é uma possibilidade de reparação da confiança inicial, numa demanda por aquilo que foi perdido. Nesse caso, o ambiente foi bom e confiável até certo momento, mas eventualmente desapontou. Nos estágios de dependência absoluta e relativa, a criança teve cuidados suficientes dos pais, cuidadores, parentes, vizinhos ou mesmo da creche. Ou seja, quando o trauma

ocorreu, ela já tinha mais maturidade e integração, possibilitando o uso de defesas mais sofisticadas.

Para Winnicott (1967), há uma ligação estreita entre delinquência e privação doméstica. Um lar partido afeta o sentido de liberdade criativa da criança e gera ansiedade, mas se o indivíduo ainda tem alguma esperança, tentará encontrar estabilidade fora de casa. Delinquência nada mais é do que a busca de estabilidade contra a possibilidade de loucura.

Com raras exceções, o sistema público de educação brasileiro não oferece recursos materiais e humanos adequados. Profissionais, alunos e familiares não recebem nenhum apoio psicológico. A deficiência vem das necessidades mais básicas. Por exemplo, muitas dessas crianças têm na escola sua única chance de uma refeição completa e balanceada. Entretanto, nem nesse aspecto a escola é confiável.

Outro triste exemplo dessa realidade: trocas de tiros – entre grupos rivais ou contra a polícia – ocorrem normalmente durante a madrugada. No dia seguinte é quase impossível para os professores a execução de tarefas mais simples com seus alunos. Há um clima intenso de ansiedade e agressividade – inclusive física – entre as crianças, e muitas vezes das crianças contra os professores e demais funcionários da escola.

Seja porque talvez nunca tenham sido ouvidas, seja por vergonha, seja por medo, para essas crianças não é possível simbolizar a dor e o medo. O *acting-out* é a única alternativa que conhecem. Infelizmente, a maioria dos profissionais não está preparada para lidar com tamanha violência e seus consequentes traumas.

Uma das adolescentes mais agressivas com quem convivi é uma menina que, na época, tinha 13 anos. Depois de algum esforço para conhecê-la melhor, descobri uma jovem meiga, inteligente e até capaz de seguir instruções e ouvir conselhos. No entanto, seu humor podia mudar de forma rápida e drás-

tica. Ela também era extremamente erotizada para sua idade.

Eventualmente, tive a oportunidade de conhecer sua casa: um barraco de apenas um cômodo, com banheiro externo. Ela vivia sozinha com o padrasto já que sua mãe falecera anos antes. Juntando todas as peças, pude entender de onde vinha tanta agressividade e seu constante estado de alerta, que propiciava mudanças bruscas de humor.

Afinal de contas, crescer num ambiente de tamanha ansiedade e privação força o indivíduo a desenvolver mecanismos de defesa para lidar com a situação. Tal sensação de abandono e impotência somada à impossibilidade de confiança no presente não permite que a criança tenha esperanças sobre o futuro.

Na busca pela estabilidade perdida, algumas crianças podem cometer pequenos furtos, também como um grito de socorro. No ato de furtar, a criança está buscando a mãe – mesmo que com alguma frustração – e, ao mesmo tempo, solicitando à autoridade paterna limites para tais atos impulsivos. A atuação é consequência de pensamentos que surgem num estado de excitação quando a simbolização de um evento traumático ainda não é possível.

Entretanto, caso não haja o estabelecimento de limites por parte da família ou dos cuidadores, pode ocorrer desde um aumento da depressão e do sentimento de despersonalização até a possibilidade de perda da realidade, exceto através de atos violentos.

Winnicott (1964) afirma que a agressividade pode ser uma reação direta ou indireta à frustração, que muitas vezes é descarregada naturalmente. Outras vezes é necessário que o agressor se depare com algo ou alguém para que maiores danos sejam evitados. A agressividade pode ser expressa abertamente ou aparecer como seu oposto.

Independentemente de idade, cultura, raça ou condição social, todos os seres humanos possuem sua carga de agressividade, que aparece primeiramente nos movimentos do bebê. Tal experiência é fonte de prazer e

descoberta de um mundo separado dele. É outra forma de diferenciação entre EU-NÃO EU. Esses movimentos mais simples eventualmente progridem em expressões de raiva, ódio ou controle.

Uma criança pode expressar abertamente sua agressividade, enquanto outra pode parecer não tê-la em absoluto. Entretanto, sendo um traço básico da natureza humana, a agressividade está presente em ambos os casos. A diferença está na expressão individual, já que a criança tímida deposita sua agressividade no mundo externo, em forma de medo e insegurança. Ela vive em constante estado de perseguição. Por outro lado, a criança abertamente agressiva (a mais saudável, de acordo com Winnicott) consegue mais facilmente entender os limites da expressão de sua agressividade.

Outras expressões saudáveis da agressividade são os sonhos, a relação da criança com um objeto transicional (ensinando a possibilidade de amar e odiar o mesmo objeto simultaneamente) e o brincar construtivo. Na verdade, para Winnicott (1964), o brincar oferece infinitas possibilidades de construção de um mundo subjetivo.

Mas qual seria o ponto exato de origem da agressividade? Em minha opinião, esta discussão é essencial para o presente trabalho. Na mágica infantil, é possível destruir e recriar o mundo num piscar de olhos. No desenvolvimento normal a criança começa experimentando uma relação puramente física com a mãe, que aos poucos vai se recheando de experiências emocionais mais ricas e complexas.

A agressividade é, de fato, um sinal de civilização. Entretanto, se esse sentimento de criação/destruição mágica não se desenvolve em uma percepção do mundo externo, venenos, armas de fogo e explosivos continuarão a ser o parque de diversões para muitas pessoas, fazendo do nosso mundo um lugar bem diferente de algo mágico.

Moradias decentes e saneamento básico, apesar de muito importantes, não são sufi-

cientes para o desenvolvimento da subjetividade. A manutenção de símbolos, mitos e história de uma comunidade é igualmente essencial.

Vale lembrar que para Winnicott (1964) o abuso é tão traumático quanto a privação. A oferta insuficiente de necessidades básicas e o abuso da violência são a mistura perfeita para terror em qualquer instância.

Nossas estatísticas oficiais não são sempre confiáveis por várias razões. Entre elas está o fato de delegacias serem avaliadas pelo número de vítimas de seus policiais. Em algumas favelas ainda há áreas de execução sumária onde os corpos são queimados, e as famílias das vítimas nunca saberão o paradeiro dessas pessoas.

Por tais razões, eu realmente acredito que o número de vítimas nas favelas brasileiras seja maior que o número de vítimas no Oriente Médio. Pelo menos, o *Atlas da violência 2016* (referente a 2014), relatório desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), mostra que, apesar de sermos apenas 3% da população mundial, o Brasil respondeu naquele ano por 13% das mortes por armas de fogo em todo o mundo. A maioria das vítimas são homens negros.

Para situarmos o problema, estas mortes representam mais de 10% dos homicídios registrados no mundo e colocam o Brasil como o país com o maior número absoluto de homicídios. Numa comparação com uma lista de 154 países com dados disponíveis para 2012, o Brasil, com estes números de 2014, estaria entre os 12 com maiores taxas de homicídios por 100 mil habitantes (*Atlas da violência 2016*, p. 6).

De acordo com o *Relatório sobre violência homofóbica no Brasil*, publicado em 2012 pela então Secretaria de Direitos Humanos, somos também o país que mais mata transexuais no mundo. Essas vítimas em geral são das classes menos favorecidas. Se isso não é viver em terror, eu realmente não sei o que é.

Para Varvin, citando P. Waldmann (2003), terrorismo é uma estratégia de comunicação, na qual destruição e vítimas são não o objetivo, mas os meios de alcançá-lo. Demonstrações de violência são demonstrações de poder e, conseqüentemente, de controle sobre as comunidades – tanto em terrorismo quanto em violência urbana.

Abigail Golomb (2003) ressalta que outro efeito em comum desses atos é a destruição da individualização, já que as vítimas são reduzidas a estatísticas ou a uma moeda de troca. Um ambiente de tamanha violência é impessoal e enfraquece a sensação de segurança.

A autora oferece um exemplo do desenvolvimento de segurança na infância: num ambiente suficientemente bom, quando a criança quebra seu brinquedo, geralmente pode contar com seus pais ou cuidadores para consertar o objeto. Quando isso é impossível, ela aprende que nem tudo pode ser consertado e que deverá lidar com as conseqüências de seus atos – tudo isso de maneira compatível com seu estágio de desenvolvimento emocional. É um processo saudável de aprendizado sobre frustração, perda e medo.

O terror, por sua vez, opera com a instabilidade e o inusitado. Mesmo que os adultos possam lidar melhor com o trauma de eventos de extrema violência, é provável que não tenham condições psíquicas de ajudar a reparar os danos causados em suas crianças.

Um tema tão difícil pode sugerir certa falta de esperança. Entretanto, várias organizações não governamentais brasileiras e estrangeiras e milhares de voluntários trabalham incansavelmente com essas crianças em todo o Brasil, e os resultados são positivos.

Através das artes, do esporte e de programas de desenvolvimento de talentos e capacidades, muitas dessas crianças conseguem superar tamanha violência, e algumas acabam por se tornar exemplos positivos dentro de suas comunidades.

Um bom exemplo é Mariana (nome fictício). Aos 17 anos matriculou-se num curso

básico de cabeleireiros em sua comunidade, oferecido gratuitamente por um profissional renomado. Os conhecimentos do curso permitiram que ela inicialmente oferecesse seus serviços a parentes e amigos. Posteriormente, especializou-se ainda mais e atualmente, ela e sua família puderam se mudar para um lugar mais seguro do que a favela em que viviam.

As marcas de experiências extremamente traumáticas permanecem, mas jovens que aproveitam as oportunidades oferecidas, mesmo que poucas, são capazes de usar seu potencial criativo para superar as falhas ambientais e viver uma vida rica e criativa.

Abstract

Terrorist acts are political, ideological, ethnic or religious acts to express intense dissatisfaction by means of extreme violence. The methods used by favela's drug lords are very similar to those of terrorists: torture, bombings, kidnappings, sexual violence and threats to general safety and security. Irrespective of reasons, their motivations are very similar in terms of pursue of power. Victims feel compelled to abide by dictatorial and violent rules. The banalization of violence and the frequency of such acts broadcast in the local news makes one wonder if the number of casualties in favelas is not similar – or either higher. The notion of trauma as conceived by Donald Winnicott relates trauma to environmental failures interrupting the continuation of being and breakage of trust in the environment. Expressed in different ways, one can discuss traumatic experiences in specific terms according to the process of each individual's maturation. The study of traumatic consequences of terrorism caters for a much wider spectrum of cases, irrespective of motivations or its victims' cultural background.

Keywords: Trauma, Violence, Childhood.

Referências

BRASÍLIA (DF). IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Atlas da Violência 2016. Brasília, Ministério do Planejamento, 2016. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160322_nt_17_atlas_da_violencia_2016_finalizado.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016.

BREZOLIN, R. L. O trauma em Freud e Winnicott. 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em <<http://www.humanas.ufpr.br/files/2012/05/Renan-de-Lima-Brezolin-trabalho-de-dissertacao.pdf>> Acesso em: 01 mar. 2016.

GOLOMB, A. Terror na infância. In: _____. VARVIN, S.; VOLKAN, V. D. (Orgs.). Violência ou diálogo: reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo. Tradução de Tânia Mara Zalberg. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 187-196.

VARVIN, S. Terrorismo e vitimização: dinâmicas individual e de grandes grupos. In: _____. VARVIN, S.; VOLKAN, V. D. (Orgs.). Violência ou diálogo: reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo. Tradução de Tânia Mara Zalberg. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 47-65.

WINNICOTT, D. W. Aspects of juvenile delinquency (1964). In: _____. The child, the family and the outside world. London: Penguin Books, 1991. p. 227-231.

WINNICOTT, D. W. Roots of aggression (1964). In: _____. The child, the Family and the outside world. London: Penguin Books, 1991. p. 232-239.

WINNICOTT, D. W. Birth memories, birth trauma and anxiety (1958). In: _____. Through Paediatrics to Psycho-Analysis. New York: Brunner-Routledge, 1992. p. 174-193.

WINNICOTT, D. W. The antisocial tendencies (1958). In: _____. Through Paediatrics to Psycho-Analysis. New York: Brunner-Routledge, 1992. p. 306-315.

WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: _____. O ambiente e os processos de maturação: sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 38-54.

WINNICOTT, D. W. Delinquency as a sign of hope (1967). In: _____. Home is where we start from. London: Penguin Books, 1990. p. 90-100.

Bibliografia

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott. Dicionário das palavras e expressões utilizadas por D. W. Winnicott* (1996). Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

SANTOS, H. *Infância e violência: cotidiano de crianças pequenas em favelas do Rio de Janeiro, Recife e São Paulo*. Porto Alegre, CAES; PUC-RS, 2014. Disponível em <<http://www.puc-rs.br/caes>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

WINNICOTT, D. W. Ambiente saudável na infância (1987). In: _____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 51-59.

WINNICOTT, D. W. Dependência no cuidado infantil (1987). In: _____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 73-78.

Recebido em: 23/05/2016

Aprovado em: 30/05/2016

Sobre a autora

Fernanda Ribeiro de Freitas

Licenciada em Letras: Português/Francês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Candidata a psicanalista e membro efetivo do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva, pertencente ao Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).
Participante do NEPSI – Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).

Endereço para correspondência

E-mail: <fernandafreitas.psi@gmail.com>

“Meu caro amigo”: considerações sobre correspondência e amizade em tempos virtuais¹

*“My dear friend”:
considerations about correspondence
and friendship in virtual times*

Janaína da Mota Martins

Resumo

Corresponder-se nos dias de hoje vai além do cartear-se, e as mensagens escritas continuam enredando relações afetivas fortes e duradouras. Entre as diversas possibilidades de falar sobre os elos entre pessoas, propomos neste trabalho pensar sobre correspondência e amizade partindo da ideia de que a escrita de si endereçada a outrem, seja de forma epistolar, seja mediada no ciberespaço, cria condições de vinculação com o outro e torna possíveis a construção e a transformação de si mesmo. Diante das críticas sobre as relações virtualizadas na contemporaneidade, que apontam para dificuldades de criar laços, refletimos sobre as possibilidades e os limites no exercício da amizade.

Palavras-chave: Escrita, Correspondência, Amizade, Vínculos e relações virtuais.

Este artigo nasceu de uma conversa informal sobre correspondência e amizade. Diante da urgência em escrever um trabalho sobre conexões virtuais, por ocasião de um congresso, a ideia de escrever sobre a escrita de si dirigida a outra pessoa e a relação dessa escrita com a amizade na contemporaneidade não se deu por acaso.

As motivações para este artigo contêm uma parcela de elementos subjetivos – como a lembrança das correspondências trocadas com amigos – e muitas intenções, entre elas, o projeto futuro de adentrar na pesquisa sobre o tema.

De certo modo, a leitura de um livro em especial fez surgir as reflexões que tentamos

desenvolver aqui. *As cores da amizade*, de Marilda Ionta (2007), analisa as complexas relações entre a escrita epistolar, a amizade e a subjetivação, e aponta como a artista plástica Anita Malfati, a jovem musicóloga e folclorista Oneyda Alvarenga e a poetisa Henriqueta Lisboa se constituíram como sujeitos éticos mediante a amizade tecida com o escritor modernista Mário de Andrade, através das correspondências trocadas entre eles, durante as décadas de 1920 e 1940.

Ao examinar a correspondência particular de Mário de Andrade com essas três mulheres intelectualizadas, a historiadora recupera a discussão sobre o tema da amizade,

1. Trabalho apresentado no XXI Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise e I Congresso Internacional de Psicanálise – *Conexões Virtuais: Diálogos com a Psicanálise*, realizado pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, nos dias 23, 24 e 25 jul. 2015.

que, segundo ela, não tem mais o prestígio de outrora. Para a autora, a amizade, virtude cardinal das sociedades antigas, é hoje desprezada em relação às promessas de felicidade do amor romântico e aos vínculos que reproduzem estados de dominação.

No tempo em que Mário, Anita, Oneyda e Henriqueta se correspondiam, a sociedade brasileira passava por um momento de modernização experimentando um intenso processo de disciplinarização e normatização da vida social, proveniente do desenvolvimento econômico.

As relações de amizade entre eles atravessaram a ordem normativa vigente, escapando à tendência de que as relações, entre homens e mulheres especialmente, eram regidas pelo amor, pela paixão e pela sedução (IONTA, 2007, p. 19).

Havia também uma tradição filosófica que postulava a incapacidade das mulheres para esse vínculo intersubjetivo, que parecia pertencer ao mundo masculino ou “mundo de cavaleiros”. A amizade era uma forma de intersubjetividade masculina, cheia de significações políticas, num ideal de virilidade e fraternidade guerreira na relação com o outro.

A amizade heterossexual, embora omitida do discurso filosófico – de Platão a Montaigne – era bem mais comum do que se imaginava e foi historiada não só nas correspondências de Mário com Anita, Oneyda e Henriqueta, mas também em cartas trocadas por Clarice Lispector com Fernando Sabino, por exemplo; e a correspondência de Cecília Meireles com Fernando Azevedo; a amizade de Lou Andreas-Salomé com Nietzsche e Freud; e Hannah Arendt com Martin Heidegger; unindo singularidades e associada à plasticidade e à generosidade.

Sem querer problematizar aqui a amizade a partir das relações de gênero e para além das peculiaridades das missivas e da relação do escritor com aquelas três mulheres, interessa para este trabalho o acento dado pela autora de *As cores da amizade* à correspon-

dência como importante na construção de laços de afeto.

É possível perceber que a amizade entre Mário, Anita, Oneyda e Henriqueta se desenvolveu de forma singular, sempre atravessada por afetos intensos. E as cartas trocadas testemunham a sensibilidade das relações de amizade, que excede a convivialidade.

Correspondência e amizade

Escrever cartas, até certo tempo atrás e bem mais que na atualidade, era uma forma de pôr em ação as relações sociais, de cultivar a si mesmo e intensificar as relações com o outro. Era um hábito que levava as pessoas à pergunta diária ao entrar em casa “Chegou alguma carta para mim?”.

Aguardava-se ansiosamente o carteiro, coadjuvante das histórias de amigos, que habitava entre as saudades separadas pelas distâncias. As cartas entre amigos guardavam ternura, cumplicidade, confiança, ciúmes, diferenças, admiração e outros afetos próprios às relações amistosas.

Corresponder-se pode ser um gesto sublime de amizade. Nas correspondências os amigos se acariciam com palavras: “Quando estou ao seu lado ou quando ouço a tua voz ao telefone, sinto a imensa paz que permeia a tua alma e me mantém fortalecida para enfrentar seja qual for a dificuldade”, diz uma amiga à outra, numa carta.² Os amigos falam do tempo e da vida, mandam notícias de algum lugar, falam de si mesmos.

Talvez a mágica das cartas estivesse na possibilidade da distância e na *mise-en-scène*, ou ‘arte da encenação’ – não como ‘criação fantasiosa’ – mas como criação particular, aquele enquadramento entre missivistas, ou tudo aquilo que caracteriza a correspondência entre duas pessoas.

É possível dizer que fazem parte dessa encenação as formas de se dirigir ao outro, ao iniciar ou finalizar a correspondência; o tom

2. Carta de G. T. Cavalcanti para mim, 2003; 1 folha, não referenciada.

afetivo, familiar e íntimo que se destaca sobre a formalidade; os papéis de carta; os envelopes; os selos; a assinatura e a caligrafia. Esses aspectos constituem a identidade do escritor e vão influenciar o modo como o destinatário lê o remetente e o reconhece nas nuances da sua escrita, como Manuel Bandeira escreveu a Clarice:

[...] Sua carta de julho deu uma grande alegria. Você nunca é falante, barulhenta. O que você escreve nunca dói nem fere os ouvidos. Você sabe escrever baixo. E sua assinatura, Clarice, é você inteirinha: Clara... Clarinha... Clarice... Receba um grande abraço do velho amigo Manuel.
(MORAES; COUTINHO, 2009, p. 92).

Há uma gramática nas cartas de amigo, que Mário de Andrade denominou ‘cartas de pijama’, propondo uma escrita efusiva e transparente na arte epistolar, rompendo com o caráter formal, em ‘primores de estilo’, e ‘moderno’ de regras de bom-tom e civilidade. Uma gramática que permite dizeres carinhosos, derramamento de confissões e excesso de afetações, condenada outrora pela prática da etiqueta.

A distância aparece como uma possibilidade, contrapondo-se à determinação de sua ausência e está presente no exercício da amizade através das cartas. A amizade exige movimentos de aproximação e afastamento que a epistolografia favorece. Na correspondência a distância admite a espera e, mesmo quando imposta, a exemplo dos exílios, transforma-se na boa distância capaz de causar contemplação da vida, do outro, de si, ou mesmo uma avaliação do cotidiano.

Já para o filósofo Aristóteles o convívio na amizade é fundamental, e nada é mais característico do que o desejo dos amigos de viver juntos, pois o amigo é um *outro eu*. Além disso, a construção da identidade pessoal, a consciência de si se dá na contemplação do amigo através do outro. Aristóteles considera

também que o homem não é autossuficiente e precisa de amigos tanto para desenvolver as virtudes quanto para alcançar a felicidade (OLIVEIRA, 2012).

A amizade, porém, pode ser iniciada, concretizada e mantida no espaço intersubjetivo das cartas, que pressupõe a distância. Um exemplo de amizade iniciada e construída a distância está documentada nas epístolas de Mário e Henriqueta, que se conheceram em 1939, num “encontro de papel”.

Somente depois de algum tempo e de algumas cartas trocadas, Mário e Henriqueta finalmente se encontraram. O curto tempo da relação que durou seis anos, findado com a morte do escritor, contrapôs-se à intensidade daquele laço.

Outro exemplo, e já citado aqui, é a amizade entre Clarice e Fernando Sabino, registrada em epístolas de quase três décadas, numa amizade literária, segundo apontam alguns autores como Nolasco e Rojas (2011), e Moraes e Coutinho (2009).

Clarice em suas correspondências com Sabino e outros correspondentes, especialmente com suas irmãs Tânia e Elisa, sentia-se uma ‘exilada em terras estrangeiras’. Esse exílio sentimental, muito mais que geográfico e provocado por anos de permanência ‘no estrangeiro’, permitiu que ela se mantivesse ligada aos amigos e à família, sobretudo com o próprio ‘eu’. As suas cartas representam uma ‘escrita do eu’ e revelam uma Clarice ora sombria, ora alegre, oscilando entre as alegrias e o enclausuramento de se sentir exilada (MORAES; COUTINHO, 2009).

Toda carta tem um pouco de nós mesmos. Através dela nos apreciamos, nos transformamos. Ao endereçá-la a outrem, endereçamos a nós mesmos. A carta é uma forma de escrita de si.

Criamos o que Foucault (*apud* IONTA, 2007, p. 138) chamou de literatura de si, que se modela no espaço do ‘entre’, dialogicamente. O espaço dialógico das correspondências entre amigos é lugar de confidências, de exame de consciência e de reflexão sobre

as ações do cotidiano. A escrita de si, que emerge nas correspondências entre amigos, dá visibilidade aos medos, às frustrações, às ansiedades e aos desejos (RAGO, 2007, p. 15).

A amizade através da correspondência epistolar é pessoal e privada, está sob a égide da inviolabilidade. Violar uma correspondência é mais que um crime, uma transgressão. É a violação do outro e da sua história. As correspondências são produções materiais e escritas que estão no âmbito da vida privada e podem ser consideradas “obras íntimas” (VIANNA, 2003-*apud* IONTA, 2007, p. 33) de criação de laços entre os correspondentes.

Amizade em tempos virtuais

A troca epistolar composta por cartas, bilhetes, postais, etc., que quase sempre nos convida a escrever de próprio punho, foi em tempos não muito distantes instrumento de aproximação entre as pessoas e protagonista de muitas relações entre amigos.

Atualmente, num cenário de novas formas de informação e comunicação, e diante das novas tecnologias, coloca-se em questão a possibilidade da existência da amizade entre as pessoas.

Em textos de estudiosos e pensadores das relações humanas encontramos afirmações de que os relacionamentos contemporâneos andam efêmeros, marcados pela virtualização relacional, pela velocidade e satisfação urgente.

Acreditam que o mundo vive um empobrecimento das relações de afeto, como aponta Passos (2011), ao observar que os relacionamentos do século XXI estão marcados pela desafetação, pela ausência do outro e pelo excesso de si mesmo.

A revolução digital que vivenciamos hoje influencia aspectos da vida individual e coletiva, favorece as redes sociais digitais e o acesso à internet, que indiscutivelmente mudou as formas de estar com o outro. Ao permitir a comunicação direta entre as pessoas, a internet é capaz de suprimir a distância. Os encontros entre as pessoas podem se dar de

forma virtual e, sem dúvida, no campo do imediatismo e da instantaneidade.

Entretanto, os encontros virtuais acontecem em meio às críticas dos cultores da amizade em sua expressão mais tradicional. Reticentes às formas que as pessoas têm encontrado para se relacionar na contemporaneidade, os estudiosos percebem as amizades construídas virtualmente como uma expressão do distanciamento entre indivíduos.

Em seu artigo *Sujeitos. Tão sós, mas sempre acompanhados*, Maria Consuelo Passos (2011) observa que as pessoas vivem cada vez mais sozinhas e que, embora busquem diferentes espaços de convivência, continuam “[...] insatisfeitas, carentes, a solicitar a presença de um outro” (PASSOS, 2011, p. 86).

A autora comenta que as mudanças ocorridas no Ocidente nas últimas décadas se apresentam hoje em diferentes aspectos. Um deles é a prevalência da presença fria do outro em relações efêmeras, virtuais e precárias caracterizadas pela fragilidade do ‘encontro’ e inexistência de conflitos próprios aos laços de afeto. Em tais relações, afirma, “[...] podemos travestir o outro, e, como num passe de mágica, deletá-lo” (PASSOS, 2011, p. 87).

Para Passos (2011) é a presença firme e integral do outro que nos humaniza, delimita os espaços e aponta as fronteiras e os limites de cada um. Pode-se falar da falta desse outro que, segundo ela, desapareceu e nos deixou órfãos e sem referência. A amizade, então, (re)surge como uma experiência de resistência em meio ao deserto relacional em que vivemos.

A falta de tempo decorrente da rotina que compõe uma agenda de compromissos, típica do cotidiano de ocidentais pós-modernos, era o pivô do distanciamento entre as pessoas. Com o avanço tecnológico, pode-se imaginar que é possível fazer o caminho inverso através do ciberespaço, nas correspondências por *e-mails*, nas conversas em salas de bate-papo, *Skype*, pelas redes sociais ou *WhatsApp*, nos modernos *smartphones*, *tablets*, *iphones*.

Dessa forma, não seria coerente pensar que as amizades virtuais expressam o distanciamento nas relações. Essa constatação nos permite dizer que realmente estamos sempre insatisfeitos, e a internet, que ora elimina a distância, pode ser vista como um risco à vinculação entre as pessoas.

Shopenhauer conta a parábola de um grupo de porcos-espinhos que no frio se aproximavam uns dos outros para não congelar, mas no momento em que ficavam muito próximos para se aquecer, se espetavam com seus espinhos. A dor causada pelos espinhos fazia com que se dispersassem e perdessem o benefício do convívio próximo e, assim, voltavam a sentir frio. Isso os levava a buscar novamente o convívio uns dos outros, e o ciclo se repetia em sua luta para encontrar uma distância confortável entre o emaranhado e o enregelamento (PASSOS, 2011; IONTA, 2007).

Essa ‘distância confortável’ parece não ser reconhecida quando se pensa a amizade nos moldes aristotélicos: sem a constância do convívio não é possível estabelecer uma relação amistosa. Entendemos a distância como possível e necessária na convivência entre os amigos.

Considerações finais

Absolutamente propomos um retorno ao passado. Compreendemos a amizade como um potencial criador de possibilidades de encontros e comunicação, seja através das cartas, seja através dos *e-mails* e das mensagens instantâneas. É legítimo pensar que amizade construída e regada com correspondências virtuais pode se fragilizar diante da imediatez e da instantaneidade, mas a materialidade das epístolas não garante que vínculos não se fragilizem.

Percebemos que o que liga os amigos não são as correspondências em si, senão a própria amizade. No entanto, reconhecemos a importância de corresponder-se no enredamento afetivo. O próprio vínculo entre duas pessoas é o que vai caracterizar, por exemplo,

a *mise-en-scène* de suas correspondências e a linguagem de sua gramática.

Ficamos com Ionta (2007) quando nota que a amizade pode inventar lugares de encontros e de convivência, dando sentido à criação de novas formas de estar criativamente com o outro.

Abstract

Nowadays, keeping in touch goes beyond the interchange of letters and, despite this, written messages still involve strong and lasting affective relationships. Among the different possibilities when talking about bonds, we propose in this paper to explore the concepts of correspondence and friendship, starting from the assumption that writing about oneself toward another person – no matter if by means of a letter or into cyberspace – creates conditions to bind with the other and makes possible self-construction and transformation of self-concept. Taking into account the current criticism about the potential of virtualized relations to disturb creation of bonds, we discuss the possibilities and limits of friendship development in virtual times.

Keywords: *Writing, Correspondence, Friendship, Bonds and virtual relationships.*

Referências

IONTA, M. *As cores da amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

MORAES, V. L. A.; COUTINHO, F. M. A. Miscelânea de afetos e notícias: o discurso das cartas em Clarice Lispector. *Revista Alceu*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 87-100, jul./dez. 2009.

OLIVEIRA, L. R. P. *O sentido da amizade em Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Uapê, 2012.

PASSOS, M. C. Sujeitos. Tão sós, mas sempre acompanhados. *Revista Continente*. Recife, Companhia Editora de Pernambuco (CEPE), n. 121, p. 84-90, jan. 2011.

RAGO, M. Podemos ser amigas? In: IONTA, M. *As cores da amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume; Fapesp, p. 13 -16, 2007.

ROJAS, F.; NOLASCO, E. C. Entre cartas: a amizade (literária) entre Fernando Sabino e Clarice Lispector. *Revista Rascunhos Culturais*, Coxim (MS), v. 2, n. 4, p. 213-223, jul./dez. 2011.

Recebido em: 02/05/2016

Aprovado em: 03/05/2016

Sobre a autora

Janaína da Mota Martins

Psicóloga.

Especialista em Psicologia Clínica

(CPPL – Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem/UNICAMP).

Mestre em Psicologia Clínica

pela Universidade Católica

de Pernambuco (UNICAP).

Membro do Círculo Psicanalítico

de Pernambuco (CPP).

Endereço para correspondência

E-mail: <janammartins@gmail.com>

A posição autista-contígua e a comunicação não verbal na clínica psicanalítica

The autistic-contiguous position and the non-verbal communication in psychoanalytical clinics

**Julia Braga do Patrocínio Fernandes
Carlos Augusto Peixoto Junior**

Resumo

O objetivo deste artigo é explorar o conceito de posição autista-contígua, formulado por Thomas Ogden. Com o aumento considerável de pacientes ditos não neuróticos, o analista se viu compelido a ampliar suas capacidades de escuta e atentar para outras formas de comunicação que não passam necessariamente pela linguagem verbal. A partir do enfoque oferecido pela teoria das relações objetais, abordamos a gênese da comunicação humana e o modo pelo qual seus aspectos não verbais permanecem ativos na vida adulta, oferecendo subsídios para uma compreensão ampliada daquilo que se deseja comunicar na relação analítica.

Palavras-chave:

Posição, Comunicação, Psicanálise, Relações objetais.

Introdução

Ao longo das últimas décadas, a psicanálise vem se ocupando da problemática referente aos casos ditos não neuróticos, cada vez mais presentes na clínica. Psicanalistas como Melanie Klein, Donald Winnicott e Wilfred Bion já haviamse debruçado, de maneiras distintas, sobre estudos referentes aos espectros psicopatológicos que se diferenciavam daqueles estudados por Freud.

Ferenczi, na década de 1920, já salientava a dificuldade de alguns pacientes em seguir à risca a técnica clássica durante as sessões, apontando para a necessidade de reformulações técnicas na clínica.

Klein, ao se dedicar ao estudo aprofundado da análise de crianças (1921, 1923, 1932) – e, por sua vez, ao desenvolvimento infantil em sua fase pré-edípica (1928, 1945, 1946)

– começou a esboçar em linhas mais precisas o papel do objeto na constituição do sujeito. A partir de sua obra, a articulação entre ego e objeto se mostrou indispensável para o pleno exercício das funções de simbolização. A teoria kleiniana oferece a base para os trabalhos de Winnicott (1945) e Bion (1962) acerca do desenvolvimento emocional primitivo e de sua importância para o entendimento de alguns fenômenos transferenciais.

Winnicott constrói um novo enfoque sobre os primórdios da vida infantil e se preocupa com o desenvolvimento de técnicas voltadas para o tratamento de pacientes psicóticos e *borderliners*, além de explicitar a importância do ambiente nos processos de subjetivação.

Já Bion se mantém mais ligado à teoria kleiniana e aprofunda algumas teses acerca

da identificação projetiva, que passa a ser concebida em sua dimensão intersubjetiva, amplamente utilizada na clínica pelos pós-kleinianos. A identificação projetiva, juntamente com o que Bion chamou de “estados de *reverie*”, torna-se a base de sua “teoria das funções”, que promove uma mudança de paradigmas em relação ao papel do analista diante das angústias inomináveis do paciente.

Em tal contexto, evidencia-se que os dilemas presentes na clínica de pacientes difíceis passam a exigir novas formulações técnicas, entre as quais se destaca a necessidade de ampliação das capacidades subjetivas do analista. Escuta e comunicação ganham novas definições em seus aspectos tanto associativos quanto interpretativos.

Nessa linha, Thomas Ogden nos oferece ampliações teóricas importantes para a compreensão de estados pré-verbais, em que os afetos e as manifestações corporais tomam a cena e oferecem ao analista dados relevantes sobre a dinâmica da relação analista-paciente.

A gênese da comunicação humana: aspectos não verbais

Em 1965, no livro *O primeiro ano de vida*, René Spitz traz à luz questões referentes à observação de bebês durante o primeiro ano de vida. O autor aponta a importância das primeiras experiências do bebê na relação com a mãe, atribuindo uma função decisiva aos aspectos sensoriais, identificados como estados cenestésicos da experiência.

Spitz introduz uma mudança de paradigma em relação à teoria kleiniana quando assinala um estado indiferenciado no início da vida, colocando as relações objetais como um processo a ser construído ao longo das experiências com a mãe. Para ele, não há nem objeto nem relações objetais no universo do recém-nascido; o que existe é um estado de não diferenciação (SPITZ, 1965). A partir de um modo cenestésico, os estímulos e a sensibilidade visceral são “recebidos” em vez de “percebidos”.

Spitz diferencia as experiências através das quais os bebês recebem e percebem os fenômenos denominando-as, mais especificamente, de “recepção cenestésica” e “percepção diacrítica”.

A recepção cenestésica estaria ligada a um sistema de sensações de característica extensiva, que através de modalidades sensoriais periféricas – como a superfície da pele – seriam sentidas e recebidas pelo recém-nascido em seus primeiros meses de vida. Segundo ele, certas zonas e órgãos sensoriais se caracterizam como transicionais, ou seja, mediadores entre o interior e o exterior, formando uma ponte entre a recepção cenestésica e a percepção diacrítica, que ocorre mais tarde, após o desenvolvimento de algumas capacidades cognitivas.

A percepção diacrítica teria uma característica intensiva, derivaria dos processos de recepção cenestésica e, através de um processo de aprendizagem e maturação, começaria a se formar em torno do terceiro mês de vida.

A partir da reação do bebê ao sorriso de alguém que se aproxima, é possível notar que a percepção começa a se definir melhor. A reação de sorriso é, para Spitz, um indicador de que o precursor do objeto se estabeleceu e de que um ego rudimentar já está operando rumo à formação do ego propriamente dito. É também o momento em que o bebê atinge a capacidade de suspender temporariamente o funcionamento incondicional do princípio de prazer, dando lugar ao princípio de realidade.

Há, portanto, uma passagem da passividade para uma atividade dirigida, que dá lugar ao início, ainda embrionário, das relações de objeto. Ainda assim, a organização cenestésica continua a funcionar durante toda a vida, desempenhando um papel determinante nos sentimentos, nos pensamentos e nas ações da vida adulta.

A importância conferida por Spitz à díade mãe-bebê o leva ao aprofundamento de questões referentes à comunicação entre os dois. Retomando Freud, o autor considera que a gênese da comunicação no bebê jaz na

descarga de tensão em situações de desprazer.

O recém-nascido apenas pode descarregar a tensão que surge de sua necessidade, por manifestação de emoções difusas, causais, através de gritos, de enervação dos vasos sanguíneos, etc. (SPITZ, [1965] 1979, p. 124).

Segundo Freud (1895), essa via de descarga ganha uma função secundária importante, isto é, convocar um entendimento por parte de outras pessoas. Dessa forma, a comunicação na díade mãe-filho se estabelece nos primeiros meses de vida, antes da formação das relações de objeto, baseando-se na filogenética.

Para Spitz, a comunicação entre animais serve de base para a compreensão da comunicação humana se levamos em consideração que a linguagem animal é egocêntrica, ou seja, ela não se destina a outro animal, mas apenas expressa um processo interior.

A mesma situação aparece no recém-nascido cujo ego não existe. Suas vocalizações são a expressão de processos interiores e não se destinam a ninguém (SPITZ, [1965] 1979, p. 126).

A comunicação volitiva dirigida (alocêntrica) aparecerá mais tarde, operada por sinais e signos semânticos que culminarão no desenvolvimento da função simbólica. Dessa forma, a comunicação que se estabelece nos primórdios da vida está calcada na organização cenestésica, ou seja, responde a signos não verbais, não dirigidos e puramente expressivos. Eles pertencem a categorias tais como equilíbrio, tensão, postura, temperatura, contato de pele, ritmo, intervalos, duração, som, timbre, rumor, ressonância, entre outras.

No adulto tais manifestações aparecem de maneira camuflada. Por causa da aquisição da linguagem verbal e da percepção diacrítica, o adulto passa a privilegiar os símbolos semânticos em detrimento dos signos não

verbais. Entretanto, a sensibilidade materna pode aumentar a capacidade potencial de reação cenestésica, ou seja, através de inúmeros processos regressivos ocorridos no curso da gravidez, do parto e da lactância, a mãe se torna capaz de compreender os sinais do bebê e atribuir sentido a eles.

Em outras palavras, a capacidade empática da mãe fará com que o sinal não dirigido e não verbal emitido pelo bebê se transforme em um diálogo afetivo, dando início à comunicação mais elementar. O estado afetivo da mãe em relação ao seu bebê recém-nascido foi descrito anteriormente por Winnicott como “preocupação materna primária” (WINNICOTT, 1956).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Frances Tustin aborda a temática do autismo, levando em consideração não apenas o autismo patológico, mas também o estado de autismo normal, necessário a todo desenvolvimento saudável. Identificando-o como autismo primário normal, a autora considera que o bebê é, nos primeiros dias de vida, a própria torrente de sensações que experimenta (TUSTIN, 1972).

Em referência a Spitz, Tustin reafirma que “[...] a inundação é a regra que regula cada hora” (SPITZ *apud* TUSTIN, [1972] 1975, p. 68) nesse primeiro estado de diferenciação. Nele tudo que o bebê vivencia pode ser expresso em termos de matéria ou intensidades corporais. Dito de outra forma, as partes da mãe são experimentadas como zonas do próprio corpo em estado de excitação.

Para que o bebê possa caminhar em direção à integração psicológica, é necessário que ele adquira um sentimento interno de que é capaz de ‘ligar’. Esse sentimento derivará das inúmeras experiências de satisfação, vividas principalmente quando ele circunda o mamilo com a boca ou quando se sente envolvido nos braços da mãe e “contido no clima criado pela atenção afetuosa desta” (TUSTIN, [1972] 1975, p. 67).

Tustin destaca uma característica importante da fase autística, a saber, ela está asso-

ciada com uma autossensibilidade relativamente indiferenciada. Ou seja, se, por um lado, essa fase não está totalmente desprovida de objeto – como acreditava Freud (1914) – por outro, as relações objetais não parecem estar operando desde o início, como pensam certos teóricos das relações objetais; elas se desenvolvem gradualmente, a partir das experiências com a mãe.

Nesse período inicial, a criança parece reagir ao mundo em termos de seu próprio corpo e suas disposições internas. Ainda assim, a autora sustenta que o autismo primário não é absoluto, ou seja, haverá provavelmente estados vacilantes de consciência de separação que preparam a criança para uma transição do estado primário dominado por sensações para um estágio em que o relacionamento emocional com pessoas separadas e diferentes dela pode começar a se desenvolver.

Sendo assim, a sensualidade do bebê no estado de “autismo primário normal” e sua relativa indiferenciação, combinadas à adaptabilidade da mãe, protegem o recém-nascido das experiências *não-eu*. “Elas provêm um estágio protetor intermediário entre ser dentro do útero e ser fora dele” (TUSTIN, [1972] 1975, p. 18). Nesse contexto, a maneira como a criança atravessará esse estágio, definido por Tustin como “autismo primitivo normal” determinará os desenvolvimentos posteriores.

Caso a criança se depare com a separação entre ela e seu objeto primordial antes da aquisição da capacidade para assimilá-la, as angústias decorrentes dessa experiência se localizarão no reino das vivências sensoriais, portanto anteriores à conquista da linguagem verbal. A esse modo sensorial de atribuir sentido à experiência Ogden deu o nome de “posição autista-contígua”, discutida a seguir.

A posição autista-contígua

Próximo da tradição kleiniana e dos autores da escola britânica de psicanálise, Thomas Ogden procura dar forma a um nível bastante primitivo de experiência psíquica. Ele

acrescenta às formulações de Melanie Klein sobre as posições esquizo-paranoide (1946, 1952, 1957, 1958) e depressiva (1935, 1948, 1958) um estado denominado posição autista-contígua, caracterizando-o como o modo mais primitivo, pré-simbólico e sensorial de atribuir sentido à experiência.

É nessa forma mais elementar de experiência humana, onde há a predominância da vivência sensorial, que o mais rudimentar senso de *self* é construído. Essa construção se apoiará sobre o ritmo das sensações, mais especificamente das sensações de superfície da pele. O ritmo e a experiência de contiguidade serão decisivos e essenciais para as relações primitivas do bebê com seus objetos nesse momento, onde a experiência sensorial é o bebê (OGDEN, 1989).

A noção de posição autista-contígua se constituirá também a partir de constelações específicas de ansiedade, mecanismos de defesas, organizações de pensamento, qualidade das relações de objeto e graus de subjetividade.

A proposição de Ogden com o termo “posição autista-contígua” parte da ideia de que, em primeiro lugar, a palavra “posição” pretende opor esse tipo de organização psicológica àquela determinada por fases do desenvolvimento. A ideia de posição traz consigo uma concepção dialética da constituição da experiência humana, diferentemente da noção de fase, que setoriza as vivências, restringindo-as a um determinado momento da vida. O estado de ser vivenciado nesse tipo de organização psicológica se encontra em relação tanto sincrônica quanto diacrônica com as posições esquizo-paranoide e depressiva.

Sob esse viés, Ogden acrescenta que as qualidades da experiência em cada posição – autista-contígua, esquizo-paranoide e depressiva – são interdependentes, e cada uma provê o contexto para a outra. Portanto, há uma relação cronológica sequencial entre as posições e uma simultaneidade interativa entre elas, na medida em que os três modos

de experiência representam dimensões de toda a experiência humana.

O autor utiliza a palavra “autista” para designar a mais primitiva organização psicológica, embora esse termo seja usualmente associado aos estados de autismo patológico. Tais estados são caracterizados como um sistema psicológico patologicamente fechado, enclausurado, que se diferencia do que Ogden acredita ser característico da posição autista-contígua.

Ele utiliza esse termo por acreditar que as formas patológicas de autismo

[...] envolvem uma versão hipertrofiada dos tipos de defesa, do método de atribuir sentido à experiência, e do modo de relação objetal característico da organização normal autista-contígua (OGDEN, 1989, p. 50).

A palavra “contígua” é acrescentada pelo autor porque ela descreveria ainda melhor essa organização, já que a experiência de toque entre as superfícies corporais do bebê e da mãe é o principal meio pelo qual as conexões são formadas. “Contígua” provê a antítese necessária às conotações de desconexão e isolamento que a palavra ‘autista’ carrega” (OGDEN, 1989, p. 50).

Para o psicanalista americano a posição autista-contígua não deve ser vista como um sistema no qual a criança está isolada de seu mundo objetal, sem responder a ele. A relação objetal, nesse tipo de experiência, é vivida em termos de

[...] superfícies sensoriais geradas pela interação do indivíduo com seus objetos e pela transformações sensoriais que ocorrem com ele no curso dessas interações (OGDEN, 1989, p. 51).

Sendo assim, a ideia de Ogden é que o interjogo das experiências de “unicidade” e de “estar separado” da primitiva relação mãe-bebê, torna toleráveis para o bebê os momentos de consciência desse “estar separado”.

Em outras palavras, a elaboração normal da posição autista-contígua depende sobretudo da capacidade da mãe e do bebê de criar formas de experiência sensorial que “cicatrizem” ou “tornem suportável” a consciência da separação, componente fundamental na gênese da experiência infantil (TUSTIN, 1986).

Nesse modo de experiência, a contiguidade sensorial da superfície da pele, juntamente com a ritmicidade, são sensações básicas para o desenvolvimento de todo o conjunto das relações objetais infantis. Estariam relacionadas com experiências nas quais a criança se vê, antes de tudo, sustentada, cuidada e falada pela mãe. A experiência sensorial no modo autista-contíguo oferece à criança uma primeira impressão do lugar onde se sente, pensa e vive, através de certos recursos como forma, contorno, dureza, frieza, calor e textura, que são o começo das qualidades *de quem se é*. Aí começa a surgir um senso rudimentar de “Eu-dade”, que ao longo do tempo gera a sensação de uma superfície sensorial limitada (OGDEN, 1989).

Ogden retoma o pensamento de Tustin para descrever dois tipos de experiência com objetos que comportam significados importantes para a definição da experiência no modo autista-contíguo. O primeiro estaria relacionado à criação de “formas autísticas”, que surgem da experiência de toques delicados na superfície do corpo, responsáveis pelas impressões sensoriais mais originárias. Elas seriam idiossincráticas a cada um de nós e se associam a substâncias corporais como saliva, urina e fezes.

Experiências de formas (*shapes*) em um modo autista-contíguo contribuem para um senso de coesão do *self* e também para a experiência da percepção daquilo que está se tornando um objeto. Mais tarde, no desenvolvimento, palavras como ‘conforto’, ‘calmante’, ‘segurança’, ‘conectividade’, ‘sustentação’, ‘afago’ e ‘gentileza’, serão ligadas à experiência de formas (*shapes*) em um modo autista-contíguo (OGDEN, 1989, p. 55).

O segundo modelo para a delimitação dessa experiência sensorial muito primitiva, tal como descrita por Tustin, é a experiência com “objetos autísticos”, a qual marca um contraste com a experiência de “formas autísticas”. Um objeto autístico se caracteriza como uma experiência sensorial de superfície dura, angular, criada quando um objeto é fortemente pressionado contra a pele do bebê. Nessa forma de experiência, o indivíduo experimenta suas superfícies como uma crosta dura ou armadura que lhe protege contra o indizível e o inominável. Um objeto autístico, portanto, é uma impressão sensorial de contorno que gera segurança, delinea e protege a superfície corporal do indivíduo, que se encontra exposta e vulnerável (OGDEN, 1989).

Desse modo, é possível afirmar que as experiências relativas às “formas autísticas” se encontrariam no campo das impressões sutis, ao passo que aquelas relativas aos “objetos autísticos” estariam ligadas ao reino das impressões rígidas.

Para Ogden, as experiências vivenciadas na superfície da pele são de suma importância durante a infância. Elas constituem uma área em que ocorre algo como uma convergência entre o mundo de impressões sensoriais pré-simbólicas da criança e o mundo interpessoal feito por objetos que possuem existência separada e fora do seu controle onipotente. Segundo ele, é nesse momento que a criança poderá construir uma forma de estar no mundo em frequente relação com a mãe e com os outros objetos, ou elaborar um modo de ser onde haja uma predominância sensorial que acaba por isolar um *self* potencial de tudo que se encontra fora de seu mundo predominantemente sensorial. Em outras palavras,

[...] na medida em que o sistema corporal se fecha diante de experiências mutuamente transformadoras com seres humanos, há uma ausência do espaço potencial entre o sujeito e o outro (OGDEN, 1989, p. 60).

Diante disso, constatamos que a ansiedade relativa à posição autista-contígua está associada à ruptura da coesão sensorial e da delimitação corporal. Segundo Ogden, a ansiedade nesse modo experiencial envolve a vivência de desintegração iminente das superfícies sensoriais do bebê e de seus “ritmos de segurança” (TUSTIN, 1986), que resulta no sentimento de estar vazando, se dissolvendo, desaparecendo, ou caindo em espaços não delimitados, disformes (BICK, 1968; GADDINI, 1987; ROSENFELD, 1984).

Ogden nos mostra que podem ser observada em alguns pacientes manifestações comuns de ansiedade autista-contígua, por exemplo, a sensação de não controlar os esfíncteres e outras substâncias corporais, ou de não conseguir adormecer por medo de cair em espaços, infinitos e disformes. Muitos desses pacientes, na tentativa de aliviar a ansiedade, se cercam de cobertores e travesseiros, mantêm as luzes acesas ou colocam músicas familiares para tocar a noite inteira (OGDEN, 1989).

Giuseppe Civitarese (2008) – que retoma o pensamento de Ogden, associando-o a outros autores – reafirma que nessa fase autística, a importância do processo de subjetivação recai sobre a sucessão rítmica, ou seja, sobre a ritualização do comportamento materno, que deve operar de maneira circular e previsível. A função de repetição será responsável pelo que, mais tarde, possibilitará o surgimento das capacidades de simbolização.

Nesse sentido, a quebra na ritmicidade e contiguidade das experiências gerará estados de “não ser” (*not-being*), responsáveis por ansiedades primitivas e fortemente caracterizadas pela ausência de limites corporais. Vazar, nesse sentido, corresponde ao medo real de estar se desfazendo, sem contornos suficientemente delimitados, não ancorados em equações simbólicas amparadas por linguagem verbal. Isso indicará uma falha nessa primeira forma de contenção, que cria um envelope ou uma “pele psíquica”.

Ogden também aponta para os modos de defesa específicos da experiência autista-contígua. Eles são dirigidos ao reestabelecimento da continuidade da delimitação de superfície sensorial e à ritmicidade ordenada, sobre as quais a integridade inicial do *self* repousa. Observam-se pacientes que tentam manter essa coesão corporal através de atividades musculares rítmicas, incluindo longos períodos de exercícios físicos como andar de bicicleta, nadar, entre outros.

Esther Bick (1968, 1986) criou o termo “formação de segunda pele” (*second skin formation*) para designar o modo como o indivíduo cria um substituto para a sensação de deterioração da coesão da superfície da pele. O sujeito cria soluções excessivas e disfuncionais para evitar experiências de separação e perda.

Meltzer (1975) utilizou o termo “identificação adesiva” para designar justamente a aderência defensiva ao objeto com a intenção de aplacar a ansiedade de desintegração, típicas nesses casos. Qualidades parciais do objeto, como odor, voz ou elementos visuais, podem se tornar um recurso de estimulação sensorial ao qual o sujeito pode se apegar. Assim, o que se nota é que função interna de conter as partes do *self*, a capacidade para estar só ou de consolar a si mesmo pode não se desenvolver suficientemente (CIVITARESE, 2008).

O conceito de posição autista-contígua nos oferece, portanto, uma interessante perspectiva da comunicação não verbal que constantemente se estabelece entre paciente e analista. Este deverá estar atento para essa forma de experiência, principalmente com pacientes muito regredidos, os quais expressam por recursos não verbais aquilo que desejam comunicar. Isso se assemelha à vivência primitiva da díade mãe-bebê, descrita por Winnicott como uma experiência de mutualidade, onde a mãe consegue compreender as necessidades do seu bebê através de uma sintonia afetiva e sensorial, que está aquém da linguagem verbal. O conceito de

reverie materna, tal como exposto por Bion, também indica que a capacidade da mãe para sonhar o seu bebê, outra experiência fundamentalmente não verbal, é essencial para a constituição psíquica dele.

O espaço analítico e a comunicação não verbal

A partir das concepções de Ogden sobre a posição autista-contígua, abordaremos agora como o analista ouve aquilo que o paciente deseja comunicar, mas que se encontra fora do registro simbólico e da esfera verbal. Para isso, delinearemos as nuances do que usualmente chamamos de espaço analítico, onde todas as sensações, todos os pensamentos e todos os sentimentos são depositados, não apenas pelo paciente, mas também, ao menos em parte, pelo próprio analista.

Segundo Civitarese (2008), autores como Winnicott (1956) e Bleger (1967) podem ser considerados aqueles que mais contribuíram para a teoria moderna a respeito do *setting*. Enquanto para Winnicott, em muitos casos, o *setting* é mais importante do que a interpretação propriamente dita, sendo visto como um componente do sistema analista/ambiente em casos de deficiências primárias do ego, Bleger afirma que sua importância reside nas constantes dentro das quais se desenrola a terapia analítica. Ele nos apresenta a hipótese intrigante de que a principal função da interpretação reside não tanto em tornar consciente o que está inconsciente, mas em preservar o *setting*. Se Winnicott enxerga *setting* e interpretação como ferramentas distintas do processo analítico, Bleger, por sua vez, as vê como complementares.

Ele considera que devemos incluir no enquadramento psicanalítico

[...] o papel do analista, o conjunto de fatores espaciais (ambiente) e temporais, e parte da técnica (na qual incluímos o estabelecimento e a manutenção de horários, honorários, interrupções planejadas, etc.) (BLEGER, 1967, p. 311).

Por esse motivo, o autor afirma que a interpretação deve atender a manutenção desse espaço, incluindo questões relacionadas ao contrato analítico, para que o paciente sintase seguro e amparado pelas molduras que servem como contenção. O que definitivamente aproxima Bleger de Winnicott é a tese de que o enquadramento (*setting*) remonta à simbiose vivida entre mãe e bebê, ou seja, o que é depositado nele remete ao estado de não diferenciação outrora vivenciado pela díade.

Thomas Ogden, em seu livro *Projective identification and psychotherapeutic technique* (1982), nos mostra como, através da identificação projetiva, conteúdos não assimilados pelo paciente em sua vida infantil reaparecem na relação com o analista, e como o analista, por sua vez, precisa ampliar sua capacidade de acolhimento e elaboração para devolver esses conteúdos de forma mais assimilável ao paciente.

O trabalho do analista, nesse caso, certamente não exclui o uso da interpretação verbal. Porém, o foco nessas circunstâncias recairá sobre o esforço do terapeuta para achar uma forma de *falar com e estar com* o paciente. O reconhecimento da importância da identificação projetiva no *setting* marca o início de uma posição diferenciada do analista em relação ao paciente e ao próprio enquadre psicanalítico. Ele passa a exercer junto ao analisando uma função de construção psíquica, experiencial e histórica, ao mesmo tempo que os significados semânticos e os conteúdos interpretativos perdem seu protagonismo, dando lugar a modos singulares de comunicação em que sobressaem ritmos, tonalidades, silêncios, etc.

A partir das teses de Fairbairn (1952) sobre a condição esquizoide da personalidade, Ogden nos mostra como a posição autista-contígua pode ser pensada como “a zona vulnerável” ou “o lado mais obscuro” da organização da personalidade esquizoide. Ele acrescenta às formulações de Fairbairn um novo aspecto presente na personalidade es-

quizoide. Segundo Ogden, além do medo e da expectativa provocada pelo mundo dos objetos externos – que são extremamente perigosos e tirânicos – há um estado predominantemente sensorial que próprio a uma dimensão pré-simbólica, autocentrada, que esbarra nos limites da representação psíquica. Como vimos anteriormente, o modo autista-contíguo se constitui a partir de uma experiência rudimentar, já em seu nível relacional, mas ainda não propriamente objetal.

Sendo assim, o sujeito que vive a condição esquizoide torna

[...] o presente uma mera ‘re-atuação’ (*re-enactment*) do passado, usando objetos externos como acessórios para a re-criação do drama interno de um tempo perdido (OGDEN, 1989, p. 85-86).

De acordo com Fairbairn e Klein, o sujeito esquizoide tem como principais recursos defensivos a cisão do ego (*splitting*) e a identificação projetiva. Essas serão, por sua vez, as armas com as quais ele se defenderá do mundo externo e dos objetos persecutórios à sua volta, para que seu mundo interno possa ser preservado. Esse modo de defesa se configura como um recurso extremamente primitivo, o que dá a suas relações objetais um caráter primário, em que o objeto não poderá ser visto e tratado como total. Fairbairn ressalta que certo grau de cisão do ego sempre estará presente em níveis mais ou menos profundos em todo o ser humano e retoma o pensamento de Klein quando afirma que “a posição básica da psique é invariavelmente uma posição esquizoide” (FAIRBAIRN, [1940] 1980, p. 7). Na relação com o analista será possível verificar o grau de profundidade em que se encontra a cisão do ego através do tipo de relação que se estabelecerá entre o par analítico.

Diferentemente de Klein e Fairbairn, Ogden considera que os fenômenos esquizoides possuem sua raiz em um momento mais primitivo do que aquele identificado

pelos dois primeiros autores. Para Ogden, a origem da condição esquizoide reside nos modos autista-contíguos, onde a relação com o objeto existe apenas em potencial.

Michael Balint, em 1955, já apontava para o desafio imposto por tais pacientes à psicanálise, mostrando como os termos técnicos que utilizamos para descrever o período inicial da vida mental se referem a experiências subjetivas da esfera oral. Nesse sentido, ele afirma a necessidade de dirigirmos nosso conhecimento a esses fenômenos muito iniciais, localizando-os em esferas relacionadas aos sentimentos de calor, movimentos e barulhos rítmicos, balbucios indefinidos, sabores e cheiros, contato próximo corporal, sensações musculares e táteis, especialmente nas mãos, etc. (BALINT, 1955).

Desde os estudos com crianças autistas feitos por Meltzer (1975), Tustin (1972, 1981, 1986), Bick (1968, 1986), Mahler (1952) e Marcelli (1983, 1986) até os estudos referentes à condição esquizoide formulados por Fairbairn (1952), Winnicott (1960, 1974) e Guntrip (1969), pode-se observar que a relação entre paciente e analista nesses casos se configura de uma maneira bastante diferente daquelas anteriormente descritas pela psicanálise clássica.

Além disso, os modos de comunicação presentes nas sessões com pacientes desse tipo ultrapassam a barreira da linguagem verbal, colocando em destaque outras possibilidades de escuta clínica por parte do analista. Dessa forma, não é só o paciente regredido ou severamente traumatizado que recorre a outros recursos de comunicação – geralmente de maneira inconsciente. Também o analista passa a buscar em suas experiências pessoal e intersubjetiva recursos não convencionais para ouvir, elaborar, representar e, por fim, devolver algum material ao paciente. Nesse movimento, antes de tudo, ele revive junto com o paciente um momento simbiótico – ou na linguagem de Ogden, uma experiência autista-contígua – permitido pelo espaço analítico.

Nesse sentido, as concepções de Bleger e Winnicott sobre o *setting* se complementam. Se, por um lado, faz-se necessário que o analista seja maleável, servindo de objeto/receptáculo dos medos, traumas e angústias do paciente, por outro, os padrões determinados pelo enquadramento analítico também servirão para manter os ritmos de segurança, vistos como uma distribuição harmoniosa e regular do ambiente analítico.

Considerações finais

O que se torna evidente na concepção desses autores é que a fantasia de fusão no decorrer da vida é importante para a saúde mental, de modo que todos concordariam em afirmar que uma verdadeira relação afetiva não pode existir se não for baseada também em uma fantasia de fusão.

Para Civitarese (2008) o que protege o indivíduo da patologia é, em última instância, a sua capacidade de alternar entre continuidade e descontinuidade. Assim, é possível constatar a função continente da fusão tanto no desenvolvimento infantil com a mãe quanto na relação com o analista.

Ao afirmar que “[...] qualquer separação só pode existir em uma relação dialética com a fusão”, Civitarese ([2008] 2010, p. 48) se aproxima da concepção winnicottiana de que só será possível conquistar alguma independência se houver a possibilidade de viver estados simbióticos e de dependência absoluta com um objeto primordial. Essa alternância dará ao sujeito a capacidade para viver a separação de forma tranquila, e não devastadora e aniquilante.

Há em Winnicott a ideia de que o isolamento pessoal é uma faceta essencial da experiência de estar vivo, ou seja, uma condição necessária para a saúde psicológica. Para que essa experiência ocorra, é preciso que o bebê tenha podido vivenciar a dialética *de estar-em-um e estar separado* do objeto.

Ogden, retomando o pensamento winnicottiano sobre o isolamento pessoal, destaca outra forma de isolamento, mais primitivo,

que promove experiências de desconexão. Esse tipo de isolamento ligado ao modo autista-contíguo caracteriza-se como um sistema sensorial autogerado, que substitui a mãe-como-ambiente em sua função de apresentar o mundo externo ao bebê. Tal sistema cria uma matriz sensorial autônoma, que predominará nos modos de relação posteriormente estabelecidos na vida adulta.

Com base nesses pacientes, que funcionam predominantemente nos modos autista-contíguos, Ogden e outros psicanalistas pensam a clínica e a relação analítica. Ao formular a ideia de ação interpretativa, Ogden mostra como há algo da comunicação analítica que subverte a lógica verbal, colocando na ação o efeito interpretativo. Em suas palavras:

Entendo por ação interpretativa (ou 'interpretação-em-ação') a comunicação que o analista faz ao analisando de sua compreensão de um aspecto da transferência-contratransferência, por intermédio de uma atividade outra que não a simbolização verbal. [...] Às vezes, a atividade do analista (como meio para a interpretação) adota a forma de uma 'ação verbal'. [...] Às vezes, a ação interpretativa implica a voz, mas não palavras (por exemplo, a risada do analista) (OGDEN, [1994] 1996, p. 104).

Tendo em conta o que foi dito até aqui, consideramos que as ações do analista seriam, para Ogden, veículos interpretativos que transmitem ao paciente aspectos específicos da relação transferencial. Nesses termos, a interpretação é uma forma de relação de objeto ao mesmo tempo que a relação de objeto se configura, em certa medida, como uma forma de interpretação. Sendo assim, cada relação de objeto transmite um aspecto da compreensão do sujeito sobre o conteúdo latente da interação com o objeto, o que coloca a relação analítica em uma lógica dialética de presença e ausência, em que o analista se apresenta ora como sujeito, ora como objeto *do e no* campo transferencial intersubjetivo.

O conceito de posição autista-contígua nos oferece, portanto, a compreensão necessária das diversas formas de comunicação presentes no diálogo analítico, principalmente daquelas em que há predominância de aspectos não verbais. Nesse contexto, a escuta do analista passa a ser guiada não só por seus ouvidos, mas também por outros sentidos, que captam intensidades para além do registro simbólico. Essa nova perspectiva técnica oferece à clínica a possibilidade de enfrentar novos desafios e obstáculos, principalmente aqueles que esbarram com os limites impostos ao analista pelos chamados 'casos difíceis'.

Abstract

This article aims to explore the concept of autistic-contiguous position formulated by Thomas Ogden. With the considerable increase of so called non-neurotic patients, the analyst found himself compelled to expand their listening skills and direct his attention to other forms of communication that do not necessarily pass through verbal language. From the approach offered by object relations theory, we will discuss the genesis of human communication and the way in which its non-verbal aspects remain active in later life, offering support for a further understanding of what one wants to be communicated in the analytic relationship.

Keywords

Position, Communication, Psychoanalysis, Object relations.

Referências

BLEGER, J. Psicanálise do enquadramento psicanalítico (1967). In: _____. *Simbiose e ambiguidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p. 311-328.

CIVITARESE, G. The symbiotic bond and the setting (2008). In: _____. *The intimate room: theory and technique of the analytic field*. Trad. Philip Slotkin. New York: Routledge, 2010. p. 22-49.

FAIRBAIRN, R. Fatores esquizoides na personalidade (1940). In: _____. *Estudos psicanalíticos da personalidade* (1952). Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

OGDEN, T. O conceito de ação interpretativa (1994). In: _____. *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

OGDEN, T. *The primitive edge of experience*. New Jersey: Jason Aronson, 1989.

SPITZ, R. *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TUSTIN, F. *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Bibliografia

BALINT, M. Friendly expanses - horried empty spaces. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 36, p. 225-241, jul. 1955.

BICK, E. Further considerations on the function of the skin in early object relations. *British Journal of Psychotherapy*, n. 2, p. 292-299, 1986.

BICK, E. The experience of the skin in early object relations. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 49, p. 484-486, 1968.

BION, W. A theory of thinking (1962) In: *Second thoughts*. New York: Jason Aronson, 1967. p. 110-119.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 355-450. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico*, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-113. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GADDINI, E. Notes on the mind-body question. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 68, p. 315-330, 1987.

GUNTRIP, H. *Schizoid Phenomena, Object-Relations, and the Self Schizoid Phenomena, Object-Relations, and the Self* (1969). London: Karnac Books, 1992.

KLEIN, M. A análise de crianças pequenas (1923). In: _____. *Amor, culpa e reparação*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 100-128.

KLEIN, M. Estágios iniciais do conflito edipiano (1928). In: _____. *Amor, culpa e reparação*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 214-227.

KLEIN, M. Influências mútuas no desenvolvimento do ego e do id (1952). In: _____. *Inveja e gratidão*. Tradução de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 80-84.

KLEIN, M. Inveja e gratidão (1957). In: _____. *Inveja e gratidão*. Tradução de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 205-267.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946) In: _____. *Inveja e gratidão*. Tradução de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 17-43.

KLEIN, M. O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas (1945). In: _____. *Amor, culpa e reparação*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 413-464.

KLEIN, M. O desenvolvimento de uma criança (1921). In: _____. *Amor, culpa e reparação*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-75.

KLEIN, M. Sobre a teoria da ansiedade e da culpa (1948). In: _____. *Inveja e gratidão*. Tradução de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 44-63.

KLEIN, M. Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental (1958). In: _____. *Inveja e gratidão*. Tradução de Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 268-279.

KLEIN, M. *The psycho-analysis of children*. London: Hogarth Press, 1980.

KLEIN, M. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos (1935). In: _____. *Amor, culpa e reparação*. Tradução de André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 301-329.

MAHLER, M. On childhood psychoses and schizophrenia: autistic and symbiotic infantile psychoses. *Psychoanalytic Study of the Child*, n. 7, p. 286-305, 1952.

MARCELLI, D. *Position autistique et naissance de la psyché*. Paris: Press Universitaire de France, 1986.

MARCELLI, D. Réflexion sur une conduite particulière de l'enfant autiste: prendre la main. *Neuropsychiatrie de l'Enfant et de l'Adolescence*, n. 31, p. 259-261, 1983.

OGDEN, T. *Projective identification and psychotherapeutic technique*. Oxford: Jason Aronson, 1982.

ROSENFELD, D. Hypochondrias, somatic delusion and body scheme in psychoanalytic practice. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 65, p. 377-388, 1984.

TUSTIN, F. *Autistic barriers in neurotic patients*. London: Karnac Books, 1986.

TUSTIN, F. *Estados autísticos em crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento emocional primitivo (1945) In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 218-232.

WINNICOTT, D. W. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self (1960). In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINNICOTT, D. W. Fear of breakdown. *International Review of Psycho-Analysis*, n. 1, p. 103-107, 1974.

WINNICOTT, D. W. On transference. *International Journal of Psychoanalysis*, n. 37, p. 386-388, jul. 1956.

Recebido em: 25/11/2015

Aprovado em: 14/12/2015

Sobre os autores

Julia Braga do Patrocínio Fernandes

Psicóloga.

Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio.

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e Etologia.

Carlos Augusto Peixoto Junior

Psicólogo.

Psicanalista.

Doutor em Saúde Coletiva pela UERJ.

Professor do Departamento de Psicologia

e do Programa de Pós-Graduação

em Psicologia Clínica da PUC-Rio.

Membro do Espaço Brasileiro

de Estudos Psicanalíticos.

Endereço para correspondência

Julia Braga do Patrocínio Fernandes

<juliab.patrocinio@gmail.com>

Carlos Augusto Peixoto Junior

<cpeixotojr@terra.com.br>

Prezado Dr. Freud

Dear Dr. Freud

Juliana Marques Caldeira Borges

Resumo

Refletindo sobre as questões da modernidade e do mundo virtual, a autora envia um *e-mail* a Freud fazendo um relato sobre a revolução tecnológica e os dias atuais.

Palavras-chave: Psicanálise, Modernidade, Web, Freud.

A XXXIII Jornada do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais,¹ na qual apresentei o trabalho *Navegar é preciso, viver não é preciso? - o sujeito nas ondas da Web*, e o XXI Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise² trouxeram questões acerca da modernidade e do mundo virtual para pensarmos sobre esses novos tempos e a psicanálise.

Esse sujeito, mergulhado quase vinte e quatro horas nas ondas da Web, o que se tornou? Um descobridor dos sete mares, mas sem destino e sem desejo, uma vez que tem tudo ao seu alcance?... Já não se fazem mais tesouros como antigamente? No fundo desse mar ainda é possível descobrir algo que nos retire da nova ordem vigente?

“Tenha tudo, saiba de tudo, compre o que quiser, escreva o que quiser, faça a guerra que quiser, encontre o amor que quiser, o sexo... como quiser”, basta ter o aplicativo do dia, o clique do dia, o computador do dia, o *iphone*, o *ipad*.

E o que, então, teremos ainda para pedir, posto que a fantasia não mais espera um gênio aprisionado numa lâmpada perdida nas areias de uma praia, que outrora habitou os sonhos de nossa geração? Aliás, é possível fantasiar e desejar nos dias de hoje?

Com tantas dúvidas me cercando, resolvi enviar um *e-mail* ao Freud,³ na esperança de que a tecnologia tenha chegado também a ele:

“Prezado Dr. Freud, quem lhe escreve é uma analista um pouco perdida com os tempos modernos e necessitada de sua ajuda. Tudo aqui embaixo mudou muito. Inventaram uma maneira de estarmos ligados uns aos outros o tempo todo. O senhor não conseguiria jamais supor isso. Essa ligação foi nomeada de ‘conexão’. Ficamos, assim, conectados por aparelhos que nos fazem conversar vinte e quatro horas, às vezes sem tempo nem para comer.

A intensidade é tão grande que já existem sintomas: jovens que morrem de desidratação por não conseguirem sair da frente desses aparelhos chamados de computador, *smartphones*, *tablets*, *ipads*, *iphones*. Crianças que não conseguem mais escrever com letra cursiva, pois só sabem digitar no teclado desses aparelhos.

O senhor se lembra de como era a emoção dos toques de dedos ou mãos, no escuro de um cinema, entre pessoas apaixonadas em um primeiro encontro? Ih, isso não existe mais. Os dedos estão ocupados com alguns

1. Ocorrido em out. 2015, em Belo Horizonte.

2. Ocorrido em jul. 2015, em Porto Alegre.

3. Este *e-mail* fez parte do Discurso de Abertura da XXXIII Jornada do CPMG, apresentado em 2 out. 2015.

Referências

ARNAO, M. A distinção entre representação de palavra e representação de coisa na obra freudiana: mudanças teóricas e desdobramentos filosóficos. *Ágora*, Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia da UFRJ, v. 11, n. 2, p. 187-201, dez. 2008.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-113. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

LACAN, J. A significação do falo (1958). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 692-703. (Campo Freudiano no Brasil).

Recebido em: 13/10/2015

Aprovado em: 03/05/2016

Sobre a autora

Juliana Marques Caldeira Borges

Psicóloga. Psicanalista.

Presidente do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais - triênio 2014-2017.

Endereço para correspondência

E-mail: <jucborges@gmail.com>

Violência e sexualidade: uma reflexão a partir da teoria psicanalítica

*(Violence and sexuality:
a reflection derived from the psychoanalytic theory)*

Larissa Bacelete
Paulo de Carvalho Ribeiro

Resumo

O artigo trata da ideia de que os comportamentos violentos são sempre atravessados pela pulsão, plenamente comprometidos com a sexualidade perversa e disruptiva da qual Freud (1905) fala em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Questionando a noção de que a violência é algo natural e inerente ao ser humano, examinamos os textos freudianos sobre a guerra e seus escritos sociológicos que abordam a questão do mal-estar e da agressividade. A noção de poder, de Hanna Arendt, também será essencial para desenvolver essa visão crítica sobre a violência, reconhecendo aí uma forma de determinados grupos manterem a opressão social, política e econômica sobre outros. Assim, acreditamos que as manifestações de ódio e discriminação que aparecem atualmente no cenário virtual, nas redes sociais, se apoiam em algo do sexual e do traumático daqueles que as praticam. Acreditamos que esses pontos podem demonstrar as implicações do inconsciente nas relações sociais, no engajamento de sujeitos em determinados grupos que se identificam com a segregação e com a prática violenta.

Palavras-chave: *Violência, Sexualidade, Poder, Mídia.*

A tarefa de analisar fenômenos sociais a partir de uma teoria cujo referencial é a clínica inevitavelmente nos conduz a algumas dificuldades. A principal delas talvez seja a questão da legitimidade: é possível extrapolar conceitos que surgiram num contexto específico para situações tão complexas e dinâmicas como as relações sociais?

Mas lembrando o que afirma o próprio fundador da psicanálise, podemos considerar que “[...] a psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (FREUD, [1920] 1996, p. 81).

Primeiramente, é preciso dizer que Freud usou pouquíssimas vezes a palavra “violência”. Ele trabalha, na maioria das vezes, com o termo “agressividade”, o que já nos per-

mite vislumbrar algo da abordagem teórica que tem sobre o tema. Fazendo, então, um apanhado sobre a agressividade em sua obra, podemos começar pelos escritos que trazem todo o seu incômodo e sua indignação em relação às guerras.

No artigo *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, Freud ([1915] 1996) demonstra sua decepção com as nações “civilizadas”, das quais esperava mais solidariedade nos confrontos de guerra, ou “um embate de armas cavalheiresco”. Para o autor, o berço das artes e da ciência deveria encontrar formas mais pacíficas de resolver as diferenças políticas; no entanto, o que aconteceu foi um combate extremamente violento, no qual não houve preocupações com o socorro das vítimas ou a proteção dos mais frágeis.

Nesse texto, Freud diz acreditar que mesmo os indivíduos mais bem educados, cujos comportamentos são os mais nobres possíveis, conservam em si os conteúdos e os impulsos mais primitivos e egoístas, que podem emergir na ocasião de uma regressão moral e ética.

Freud aborda também a violência do estado: constata que este cerceia os indivíduos de exercer a agressividade uns com os outros não por considerá-la intolerável, mas por desejar o monopólio sobre tal prática. Dessa forma, a própria civilização na qual estamos inseridos não abre mão da violência, mas procura controlá-la para, assim, deter o poder entre seus membros. Entretanto, nota-se que numa situação de guerra as regras se reverterem: a pressão social não é mais para que o homem renuncie à violência, e sim para que a cometa no campo de batalha. A violência entre os homens é tomada pelo estado como melhor lhe aprouver.

Em seguida, Freud especula sobre a origem do comportamento violento no ser humano. Para isso, lança mão de teorias sobre a vida em sociedades primitivas, nas quais não haveria os pudores que a civilização impõe em relação à morte, fazendo com que os homens não só desejassem o extermínio de seus inimigos, como também por vezes o exaltassem.

Apenas quando um indivíduo experimentava a morte de um ente querido (o que produziria culpa, pelo caráter ambivalente de seus afetos) a prática da violência era interrompida. Sentir a dor da perda de um membro de seu pequeno grupo faria com que o homem primitivo refletisse, cunhando, então, uma regra ética: “Não matarás!”. Freud nos lembra que

[...] uma proibição tão poderosa só pode ser dirigida contra um impulso igualmente poderoso. O que nenhuma alma humana deseja, não precisa de proibição; é excluído automaticamente. A própria ênfase dada ao mandamento “não matarás” nos assegura que brota-

mos de uma série interminável de uma geração de assassinos, que tinham a sede de matar em seu sangue, como talvez, nós próprios tenhamos hoje (FREUD, [1915] 1996, p. 306).

Nesse ponto, nota-se que Freud atrela a violência à ambivalência afetiva e à culpa. Existiria, então, uma tendência hostil em todo sentimento amoroso que temos por aqueles a quem queremos bem, e mais ainda, por aqueles a quem queremos mal.

Desse modo, situações extremas como a guerra só retirariam o verniz civilizatório que a educação imprime nos sujeitos, deixando transparecer as tendências agressivas e animais que os habitam. Nesse texto já é possível reconhecer uma nuance instintiva e biológica da violência no pensamento freudiano.

Em *Por que a guerra?*, carta a Einstein, na qual pretende responder aos questionamentos do cientista sobre os impulsos destrutivos do homem, Freud ([1933] 1996) corrobora essa visão filogenética, recorrendo novamente ao mito da horda primeva para explicar a origem das leis e da civilização. Na horda o pai tirânico é assassinado pelos filhos, que resolvem enfrentá-lo unindo suas forças.

Após o parricídio, eles se arrependem do crime, pois percebem que o pai representava não apenas um rival mas também uma figura amada. Decidem, a partir de então, se colocar como iguais e estabelecem leis que impedem o incesto e o assassinato. A culpa é o que instaura a capacidade de refrear o impulso destrutivo. Esse mito é lembrado na correspondência com Einstein para dizer que, a partir de uma situação de violência, surge a lei, e que a lei é que mantém a violência.

Provavelmente por isso, Freud diz que uma guerra em si não pode ser considerada boa ou ruim, mas precisa ser analisada em seu contexto, pois pode servir para questionar um poder injusto, estabelecendo uma nova ordem social. Ele conclui sua carta afirmando que a humanidade não pode se livrar do “instinto destrutivo”, mas é possível desviá-lo para outros objetivos além da guerra,

fortalecendo os laços amorosos e a identificação entre os sujeitos.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego* ([1921] 1996), a identificação aparece como o fenômeno que une um grupo e o mantém em funcionamento. A libido investida na figura do líder, assim como a que circula entre seus membros, alimenta o sentimento de pertencer a uma estrutura que os faz muito mais poderosos do que seriam individualmente. Essa sensação de onipotência terá um papel fundamental no comportamento violento e arcaico dos grupos.

Freud ([1921] 1996) se baseia nas ideias de Le Bon (1855) para comparar a dinâmica dos grupos ao psiquismo infantil ou aos povos primitivos, pois ela dissolveria todo o refinamento cultural imposto às pulsões nos indivíduos, fazendo com que seus conteúdos recalcados viessem à tona facilmente. O resultado dessa interação seria a formação de uma massa acrílica, impulsiva e sempre propensa a exercer a agressividade com aqueles que não pertencem ao núcleo grupal.

No entanto, mais adiante Freud afirma que essas características devem ser atribuídas apenas a grupos desorganizados ou efêmeros, pois acredita que grupos organizados, que possuem um senso de identidade, costumes, hábitos e funcionamento próprio, podem atingir interessantes conquistas sociais através da busca por ideais coletivos.

Pensamos que não é necessário optar entre uma dessas hipóteses freudianas, que nos parecem extremistas: julgar, *a priori*, os grupos como irracionais e impulsivos ou como nobres e idealistas. O importante é considerar as influências das fantasias inconscientes de seus membros. E o efeito desse conteúdo em sua estrutura de funcionamento, em especial no caráter violento, pode adquirir as regras e as leis neles instituídas.

Em *Além do princípio do prazer*, vemos Freud ([1920] 1996) sintetizar o pensamento biologicista sobre a violência no conceito de ‘pulsão de morte’, um instinto existente no ser humano, que o impele a repetir condutas

e comportamentos que geram desprazer, visando sempre que o sujeito atinja um estado anterior, inanimado: a morte propriamente dita.

Se, por um lado, podemos facilmente reconhecer e aceitar a presença de um impulso destrutivo no ser humano, por outro, notamos algumas contradições no novo panorama pulsional que essa ideia estabelece na teoria freudiana. Nessa nova antítese, tudo o que é da ordem do sexual fica vinculado à pulsão de vida. E a pulsão de morte se apresenta como os conteúdos destrutivos e compulsivos.

No entanto, como explicar comportamentos sexuais que conservam traços de agressividade e compulsividade, como o sadismo e o masoquismo? Estariam fora do campo da pulsão de morte? E em contrapartida, é possível entender situações extremamente violentas e traumáticas, a exemplo das cruéis experiências do Dr. Mengele no regime nazista, ou as sessões de tortura ocorridas no regime militar brasileiro como isentas de qualquer traço de sexualidade?

A justificativa freudiana para tais questionamentos é que sadismo e o masoquismo demonstram que a pulsão de morte e a pulsão de vida raramente podem ser encontradas isoladas; estão quase sempre combinadas nas manifestações sintomáticas. Mas não podemos deixar de notar que Freud frequentemente atribui à destrutividade inerente ao homem o profundo mal-estar social que se apresenta na forma de conflitos violentos, guerras, segregação. Portanto, concluímos que há um certo ‘descaso’ de Freud para com o sexual no cenário social.

No entanto, é importante lembrar que as contradições da obra freudiana são interessantes porque nos possibilitam diversas interpretações e teorizações sobre um mesmo aspecto.

Em *Totem e tabu* ([1913] 1996), por exemplo, encontramos uma ligação entre a violência que os filhos dirigem ao pai da horda primeva com o complexo de Édipo e

a ambivalência afetiva presente nas relações familiares. A refeição totêmica simbolizaria a introjeção do pai (comer sua carne e beber seu sangue) pelos filhos, adquirindo seu poder sobre o grupo. Isso demonstra que, nesse texto, Freud está convencido de que o ato violento não é imune ao amor, à libido investida no objeto odiado.

Já em *O mal-estar na civilização*, o autor diz que as renúncias exigidas pela sociedade são muito maiores do que as recompensas que ela oferece gerando, assim, um permanente sentimento de infelicidade em seus membros. Para Freud ([1930] 1996), o homem precisa abrir mão de boa parte de seus impulsos sexuais para se dedicar ao trabalho, às realizações científicas, artísticas e políticas. Desse modo, renuncia tanto à convivência familiar, quanto à satisfação de suas inclinações agressivas, já que o contexto social exige que ele as controle.

Como o objetivo da civilização é que a comunidade seja mais importante do que os desejos individuais ou a célula familiar, ela propicia o fortalecimento dos laços fraternos entre os membros do grupo, através da identificação e, assim, procura reprimir a violência entre eles. Além disso, a cultura faz com que a agressividade inata e a insatisfação com os sacrifícios que a sociedade impõe sejam reintrojadas através do sentimento de culpa.

Criando dispositivos como a religião, a sociedade desvia a revolta que lhe seria direcionada para o próprio ego dos sujeitos. Eis, então, outro destino para a agressividade “natural” do homem. Nesse texto, Freud ([1930] 1996) apresenta a importância do dualismo pulsional, que divide a pulsão entre Eros e pulsão de morte. Atribui a esta última a dificuldade da civilização de prosperar, pois agiria contrariamente aos esforços de Eros para unir os seres humanos.

É interessante notar que, apesar de defender a existência de um impulso destrutivo totalmente desvinculado da sexualidade, o exemplo que fornece como mais caracterís-

tico da pulsão de morte é justamente o sadismo, ou seja, quando ela se encontra mesclada com a erotização.

Retomamos estas teorizações freudianas para salientar nelas que a violência geralmente aparece como um instinto agressivo constitutivo do ser humano e como algo necessário para o estabelecimento da ordem numa sociedade.

Porém, acreditamos que é preciso questionar o significado dessa ideia de violência. Será que ela não legitima, de alguma forma, as relações violentas, como se desejar superá-las fosse uma ilusão? Será que não abrimos mão da hipótese de que os homens são ‘violentos por natureza’, por não desejarmos renunciar à nossa própria violência? Será que a violência não evoca em nós também um ‘prazer’ ao qual resistimos a abdicar?

Em um lúcido ensaio, Jurandir Freire Costa (1984) critica as interpretações que a psicanálise tem lançado sobre a questão da violência. Para ele as concepções de violência como um instinto que faz parte do ser humano ou como um processo inerente à própria constituição do psiquismo contribuem para banalizá-la, além de desprezar o aspecto voluntário dessa propensão a destruir o outro.

O autor afirma que associar a violência à desrazão é também dessubjetivá-la, retirá-lhe o contexto histórico. Costa adverte que, ao tratar do tema, não devemos nos deixar levar pelas explicações biologizantes sobre a pulsão de morte nem pelas suposições apresentadas em *Totem e tabu* ([1913] 1996) de que a transmissão da cultura e a instalação da ordem social só se dão através do assassinato do pai e da ameaça de destruição da horda.

Para o autor, a noção de que a violência funda o direito e a lei, bastante solidificada no pensamento filosófico e sociológico – que influenciou autores como Hobbes (“O homem é o lobo do homem”), Weber (“O estado é o domínio do homem pelo homem, baseado nos meios da violência legítima”) e Benjamin citado por Costa (1984) –, é ape-

nas uma projeção do tipo de poder exercido no contexto cultural europeu, no qual tais teorias foram elaboradas.

Hannah Arendt (1969) também foi uma pensadora que se debruçou sobre a questão da violência para tentar compreendê-la. Em sua obra *Sobre a violência*, faz uma crítica tratamento do tema como um fator periférico quanto à política e às relações sociais, quando na verdade é necessário reconhecer que ela frequentemente está vinculada aos modos da sociedade se articular formal e informalmente.

Arendt diz, inclusive, que muitas vezes a guerra é uma força estruturadora da sociedade, aquilo que organiza o Estado. Cita, por exemplo, como a crise de 1929 dos Estados Unidos foi contornada apenas com a participação do país na produção e na venda de armas para a Segunda Guerra Mundial. Com isso, a autora pretende mostrar que o conflito não é algo imprevisto e indesejável, mas uma situação para a qual os estados se preparam e que faz parte da construção de sua identidade.

Arendt fala também sobre o caráter imprevisível da violência: ela pode gerar consequências inimagináveis no plano das relações políticas. Lembra que o desenvolvimento científico e tecnológico propiciou a existência de armas químicas, biológicas e nucleares, com enorme potencial destrutivo, que ameaçam toda a humanidade.

Para ela, então, a ideia de progresso, de aperfeiçoamento constante – da ciência, da tecnologia – acaba desvinculando tais inovações da evolução e do bem-estar da humanidade.

Não apenas o progresso da ciência deixou de coincidir com o progresso da humanidade, mas também até poderia disseminar o fim da humanidade, tanto quanto o progresso ulterior da especialização bem pode levar à destruição de tudo o que antes a tornara válida (ARENDR, 1969, p. 47).

Analisando os movimentos sociais da década de 1960 tanto nos Estados Unidos quan-

to na Europa, Arendt critica o que chama de “nova esquerda” (organizações cujo objetivo seria combater poderes hegemônicos, como o movimento negro nos EUA, o movimento estudantil na Europa e os movimentos comunistas inspirados no pensamento marxista na Ásia) por utilizar a violência como estratégia de enfrentamento à violência do poder institucionalizado.

Segundo ela, tais movimentos demonstram profunda divergência em relação ao pensamento marxista, pois jamais propôs o uso da violência para romper determinada ordem social. Arendt afirma que para Marx o estado social deveria chegar ao fim em decorrência de suas próprias inconsistências.

A forte retórica marxista da nova esquerda coincide com o firme crescimento da convicção totalmente não marxista de Mao Tsé-tung, de que o poder brota do cano de uma arma (ARENDR, 1969, p. 26).

Compreendemos, então, através de seu pensamento, que o enfrentamento da violência através de atos também violentos perde seu caráter de questionamento e de reflexão. Esse é o ponto de partida para que Arendt (1969) estabeleça algumas distinções entre ‘política’, ‘poder’ e ‘violência’.

Para ela existe no imaginário social, e até mesmo na teorização política, a ideia de que a violência é a forma de exercer o poder por excelência. Essa noção se apoia nos governos absolutistas, ou mesmo na concepção de obediência às “leis divinas”: ambas pressupõem um poder que é exercido à força. E como vimos, reconhecemos também no pensamento freudiano muito dessa noção, quando o autor supõe um instinto de dominação e uma agressividade inata no homem.

Se déssemos crédito às nossas próprias experiências nesses assuntos, deveríamos saber que *o instinto de submissão*, um ardente desejo de obedecer e de ser dominado por alguns homens fortes, é ao menos tão proeminente

na psicologia humana quanto a vontade de poder, e *politicamente, talvez mais relevante*. O velho adágio ‘como está apto ao poder aquele que sabe obedecer’ [...] bem pode apontar para uma verdade psicológica: isto é, que a vontade de poder e a vontade de obedecer estão interligadas (ARENDR, 1969, p. 56, grifo nosso).

A autora define o poder como a habilidade humana para agir em conjunto. É o investimento de um grupo de pessoas em outro grupo ou figura que as representam em determinada situação. Portanto, para que o poder se mantenha, é necessário que haja legitimidade, ele requer a anuência de um grande número de pessoas, ou pelo menos sua omissão.

A partir dessa lógica, não seria correto dizer que alguém ou um grupo exerce poder sobre outros de forma ilegítima, mas que estes últimos não exercem seu poder de destituir as figuras indesejadas de seus lugares.

Arendt fala aqui de um movimento recíproco de imposição e de convivência. Isso significa que

[...] o poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas enquanto o grupo se conserva unido. Quando dizemos que alguém está no poder, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome (ARENDR, 1969, p. 60).

Quanto à violência, só é possível entendê-la em seu caráter ‘instrumental’, pois ela é usada para tentar manter o poder quando ele já se encontra fragilizado. Portanto, poder e violência são opostos: onde existe um, o outro está em decadência.

No entanto, é preciso notar a complexidade da teoria de Arendt: mesmo num governo frágil em legitimidade, que recorre ao exercício da violência, existe uma base mínima de poder que se sustenta. Ou seja, para que

as pessoas sejam privadas de sua liberdade, torturadas e assassinadas por discordarem de um tipo de política, é necessário que haja um rede de sujeitos que concordem com ela – torturadores, polícia, políticos, etc. – ainda que não sejam maioria na sociedade.

Contudo, Arendt acredita que o uso da violência de modo frequente ou maciço tem o efeito de destruir o poder, já que ele vai sendo minado, perdendo sua legitimidade, até que não se sustente mais.

Como exemplo disso podemos citar a derrocada do governo dos jacobinos, na Revolução Francesa. Através do exercício constante da violência, do assassinato de qualquer um que fosse suspeito de trair a revolução, o partido acabou ‘devorando os próprios filhos’, exterminando aqueles que implantaram a República. Em pouco tempo, o governo fracassou por não ter mais apoio social suficiente, já que o medo atingira a todos, impedindo-os de acreditar naquele partido.

Outro ponto interessante que a autora aborda é a visão da violência como algo biológico, instintivo. Ela menciona estudos de biólogos, zoólogos e outros cientistas que pretendem classificar nossos conflitos como comportamentos agressivos animais, como ‘instinto territorialista ou agressão natural’, totalmente dissociados de estímulos externos.

De acordo com essa teoria, quando perdeu sua função autopreservativa – pois não precisamos mais de nos valer do instinto agressivo para continuar vivos no mundo atual, já que ele é totalmente adaptado a nós – a agressão natural se tornou reprimida e, assim, pode sujeitar o homem a explosões totalmente irracionais de cólera.

É como se a mediação da razão (através da tecnologia, que torna a vida mais fácil) transformasse os sujeitos em seres perigosamente irracionais, por estarem se desviando de sua natureza. Ora, esse argumento, por mais insustentável que nos pareça, não nos é totalmente estranho. A noção de uma violência instintiva, que precisa ser projetada em algo, é familiar ao discurso freudiano.

Arendt, no entanto, é categórica quando afirma que “a violência não é nem bestial, nem irracional”.

Recorrer à violência em face de eventos ou condições ultrajantes é sempre extremamente tentador em função de sua inerente imediação e prontidão. [...] Tanto na vida privada quanto na vida pública, há situações em que apenas a própria prontidão de um ato violento pode ser um remédio apropriado. [...] *A ausência de emoções nem causa, nem promove a racionalidade*. ‘Desapego e serenidade’ em vista de uma ‘tragédia insuportável’ podem realmente ser ‘terrorizadores’, isto é, quando não são o resultado de controle, mas de uma evidente incapacidade de incompreensão (ARENDR, 1968, p. 82-83, grifo nosso).

Com isso, Arendt quer dizer que a capacidade de se indignar com alguma situação, sentir raiva e agir de modo violento não deve ser imediatamente traduzida como um comportamento-reflexo animal, não racional.

O que ela parece apontar é que essa cólera, esse ódio transformado em ato se localiza num contexto social, político, econômico, histórico, que deve ser levado em conta se realmente quisermos fazer uma análise séria desse fenômeno.

Em determinadas circunstâncias, afirma Arendt, a violência é a única forma de lidar com a injustiça (É interessante notar, entretanto, que essa passagem contradiz sua análise desfavorável aos movimentos sociais na Europa e nos EUA, que buscam mudanças através da violência, citada anteriormente).

A compreensão da complexidade do tema nos leva a perceber que nas ações violentas mais organizadas (militares ou revolucionárias), o individualismo costuma declinar, dando lugar a um sentimento de coerência grupal que pode se tornar mais forte do que outros vínculos existentes no contexto social – ideia já presente em Freud.

Arendt acrescenta que, desse modo, a morte, que geralmente é fonte de angústia e

medo, pode parecer aceitável e até um modo de contribuir para a causa do grupo. Assim, podemos entender a adesão voluntária e entusiasta a forças armadas em uma situação de guerra ou de conflito cujas possibilidades de vitória sejam ínfimas.

Em *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, Arendt (1963) problematiza a questão da adesão aos grupos em sua análise do julgamento de um dos principais oficiais do governo nazista. Contrariando a opinião de todos que acompanhavam o processo – sobretudo os judeus, que desejavam vingança –, e da mídia, que avidamente propagava uma imagem sensacionalista do evento, ela afirma que Eichmann não parecia ser o monstro sádico que imaginavam. Ao contrário, a autora o vê como um homem extremamente comum, quase medíocre em sua obsessão por ser “um cidadão respeitador das leis”.

E justamente por querer obedecer cegamente às leis do Terceiro Reich, que se resumiam às ordens de Hitler, esse sujeito teria se engajado de maneira integral em sua função: cuidar de todo o transporte dos judeus para os campos de extermínio nazistas.

Apesar da ironia de ter dito durante o julgamento que vivera toda a sua vida de acordo com os princípios morais de Kant, ao longo de seu depoimento à corte, Eichmann demonstrou que procurava não pensar nas tarefas que lhe eram confiadas e tinha por objetivo somente resolvê-las com eficiência.

Essa eficiência, observa Arendt, contribuiu para o extermínio de um terço da população judaica europeia, já que era frequente que ele buscasse judeus em outros países e negociasse com líderes dos governos condições para levá-los a Auschwitz.

O que nos soa estranho nessa teoria de Arendt de que os grandes oficiais alemães estavam apenas “cumprindo ordens” – como se estivessem em um estado de alienação ao partido que os impedisse de fazer qualquer reflexão ética sobre seus atos – é que desde o tribunal de Nuremberg, e nessa época dos

juízos realizados em Jerusalém, sabia-se, através de testemunhos, que os membros da SS estavam totalmente implicados em esquemas de corrupção, desvio de dinheiro, venda de passes para judeus abastados, etc.

Portanto, não se tratava de um fanatismo militar que tornasse tais sujeitos incapazes de decidir seus próprios atos, já que, quando lhes convinha, eram capazes de desrespeitar as regras e sair dos protocolos. O próprio Eichmann tentou entrar nessas negociações quando elas pareciam a única forma de lidar com os problemas que as forças alemãs enfrentavam no final da guerra.

Arendt parece não admitir que esse sujeito mediano, subordinado, pouco criativo e sem muitas iniciativas em seu trabalho como militar poderia, ao mesmo tempo, manifestar suas fantasias mais sádicas e mortíferas através da execução de suas tarefas rotineiras. O fato de a execução em massa ter se tornado uma política organizada sob a tutela de Hitler não transforma todos que para ela contribuíram como meros burocratas, retirando de suas tarefas – capturar pessoas inocentes, espancá-las, vê-las morrer de fome, de frio, e doenças, conduzi-las a câmaras de gás – seu componente perverso.

Certamente a grande contribuição de Arendt em relação à violência é o conceito de ‘banalidade do mal’, segundo o qual, o perigo, no que concerne às relações sociais, provém da incapacidade ou indisponibilidade das pessoas de refletir sobre seus atos. Assim, elas se engajam em causas de forma acrítica e se contentam em obedecer às ordens daqueles que são eleitos como líderes, nos quais se projeta um ideal e uma figura de salvador.

É inegável que essa noção torna a discussão muito mais elaborada no que tange à violência, pois simplesmente atribuir um caráter demoníaco, monstruoso aos oficiais nazistas, e ao próprio Hitler, não nos ajuda a compreender como esse estado pôde ser apoiado e tolerado por tantos cidadãos comuns. A ideia de um ‘mal generalizado’, se assim podemos dizer, nos parece muito mais

interessante do que a de figuras altamente perigosas que, por uma espécie de ‘hipnose social’, provoca a destruição em larga escala através de seus atos.

Se estamos falando de uma perversão social, é preciso sustentar que, por mais perversa que seja a figura que encarna a tirania e a violência como modo de tratar o outro, ela só se sustenta numa sociedade que a aceita silenciosamente ou, no caso do nazismo, abertamente.

Entretanto, não podemos deixar de observar que em seu ensaio sobre o julgamento de Eichmann, Arendt se esforça para retratá-lo como um mero burocrata. Para a autora, seu pecado maior foi se conformar em sua mediocridade intelectual, evitando se questionar eticamente sobre o que fazia.

Arendt leva a sério a alegação de Eichmann: “[...] com o assassinato dos judeus não tive nada a ver. Nunca matei um judeu, nem um não judeu – nunca matei nenhum ser humano”, como se fosse possível retirar de suas ações toda a carga pulsional envolvida, como se “embarcar milhões de homens, mulheres e crianças para a morte, com grande aplicação e o mais meticuloso cuidado” não requeresse, de alguma maneira, um grande componente sádico, além, é claro, do sadismo contido na cínica declaração de não ter provocado nenhuma morte.

Sem dúvida, o conceito de banalidade do mal é importante para refletir sobre a responsabilização de todos os envolvidos (ou até mesmo o fato de não querer se envolver) direta ou indiretamente numa situação de violência radical.

Porém, nossa ressalva recai sobre o argumento de que se trata apenas de certa recusa em pensar, de uma propensão a transferir as próprias decisões civis por temer fazer escolhas. Acreditamos que o engajamento em situações tão extremas, cuja realidade é tão radicalmente oposta a tudo que ordena a convivência humana, não se apoia unicamente nessa alienação.

Essa concepção nos faz pensar que o desamparo original que experimentamos pode nos levar participar de práticas de crueldade, para termos a sensação de que fazemos parte de um todo. E sobretudo pensamos que essa atitude é atravessada pelo sexual.

As profícuas reflexões de Hannah Arendt nos levam a perceber que poder e violência não devem ser considerados aspectos naturalmente interligados na sociedade, mas que a violência é aplicada sempre que o poder está em decadência, seja pelo excesso de tirania, seja pela burocratização excessiva.

Pensamos que essas questões só reforçam a ideia de que, quando praticada sistematicamente contra alguém ou um grupo, a violência deve ser compreendida naquilo que tem de sexual, de traumático, naquilo que traz as marcas da subjetividade de quem a exerce. Podemos tomar a *Teoria da sedução generalizada*, de Jean Laplanche (1988) para compreender a dimensão perversa, demoníaca, destrutiva da sexualidade e sua relação com a agressão ao outro.

Retomando a *Teoria da sedução* abandonada por Freud em 1897, Laplanche tenta trazer à tona o sexual polimorfo apresentado nos *Três ensaios* ([1905] 1996), sem abrir mão da ideia de que o trauma psíquico é fruto de uma cena de sedução. Isso não quer dizer que Laplanche insista naquilo que Freud acreditou durante parte de sua investigação acerca da origem da histeria, ou seja, que tal patologia seja consequência de uma cena de abuso sexual.

Mas, então, de que sedução se trata? Ao expandir o conceito de *sedução*, Laplanche a torna cotidiana, presente nos cuidados maternos, no aleitamento do bebê, nas invasões frequentes e necessárias ao corpo da criança pelo adulto que dela se encarrega. Cuidar de uma criança, física e psicologicamente, implica necessariamente um movimento de invasão (no corpo e no psiquismo que está se formando). que é também um tipo de sedução, na medida em que erotiza esse pequeno ser. Esses momentos de cuidados básicos são

momentos de implantação da pulsão no corpo infantil pelo cuidador que, por sua vez, é atravessado por fantasias inconscientes, pelo afeto em sua propriedade disruptiva.

Como podemos perceber, na concepção laplancheana a veiculação da sexualidade no corpo e psiquismo infantil é necessariamente traumática, pois compreende um encontro extremamente assimétrico entre um adulto – cujo aparelho psíquico já está organizado – e uma criança – que ainda se encontra em situação de extrema passividade em relação ao mundo externo. Desse modo, aqueles elementos que não podem ser simbolizados permanecem como restos não traduzidos e passam a ser fonte da pulsão: funcionam como um corpo estrangeiro interno a atacar o ego.

Nesse contexto, podemos interpretar a violência como um modo de lidar com esse ataque interno, de externalizar o excesso pulsional que não encontra destino no psiquismo do sujeito. Então, o sadismo e o masoquismo seriam modos de reproduzir o momento inaugural da pulsão, do encontro assimétrico entre adulto e criança. O sadismo pode ser visto como uma tradução dessa intrusão no corpo do outro, e seu caráter traumatizante. Da mesma forma, o masoquismo traduz em termos eróticos a experiência de ter o corpo penetrado, apassivado pelo outro.

Ambos os movimentos são resultantes do efeito da sexualidade do adulto sobre a criança, o que nos conduz à conclusão inevitável de que a violência da sedução originária está invariavelmente ligada à origem da sexualidade. Nesse sentido, a violência seria constitutiva do ser humano, mas não inata, pois ela emana dessa sedução originária inerente a uma situação antropológica fundamental, que é a exposição do infante à sexualidade inconsciente do adulto.

Notamos aqui como as vertentes intra e extrapsíquica da violência podem se cruzar: se, por um lado, concordamos que a própria constituição do aparelho mental do sujeito é

traumática e abarca certa violência, que por sua vez é erotizada, por outro lado, não nos faltam exemplos de práticas e comportamentos violentos que são claramente investidos libidinalmente.

Um exemplo disso é o fascínio que os casos de extrema violência (assassinatos, linchamentos, conflitos entre facções, crimes familiares) exercem nas pessoas, o que é muito bem explorado pela mídia, que costuma reproduzir dezenas de vezes as mesmas cenas nos noticiários, programas comentados na televisão, etc.

Gerard Bonnet (2008), em uma obra que trata da questão da perversão, fala do *frisson* que o fenômeno da pedofilia causa na opinião pública e na mídia, e que não devemos deixar de analisar o gozo que tais descrições provocam, atizando fantasias recalcadas nos espectadores.

Ceccarelli (2002) também comenta o impacto da televisão na formação de crianças e adolescentes, que, muitas vezes carentes de referências simbólicas e familiares, tomam os conteúdos midiáticos como valores morais.

Sabemos da importância dos pais na construção do universo psíquico destas últimas. Porém, no caso de um ambiente familiar mal estruturado, a criança buscará modelos fora do âmbito familiar para construir seu sistema de valor ético-moral. Ou seja, na falta de referências no ambiente onde está inserida, a criança pode tomar aquilo que a televisão mostra como coordenadas de base na construção de seu sistema ético-moral. [...] Alguns movimentos antissociais dos adolescentes – delinquência, uso de drogas... – traduzem bem esta configuração. Em ambos os casos – crianças e adolescentes – quando o mundo interno se encontra mal estruturado e pobre em imagens identificatórias, a televisão pode oferecer “soluções” a conflitos internos (CECCARELLI, 2002, p. 1).

As demonstrações de ódio e discriminação que aparecem na mídia na ocasião de crimes

bárbaros, e agora também nas redes sociais, demonstram que tais eventos evocam no público algo desse componente sexual mal traduzido, atrelado à violência, que muitas vezes visa combatê-la através de mais violência.

Podemos citar os vários linchamentos que vimos ocorrer pelo País nos últimos anos, por “cidadãos de bem”, que tinham como objetivo combater a criminalidade ou os atos violentos, bem como as posturas radicais incitadoras de violência que vêm se tornando comum nas discussões políticas atuais, seja qual for o ideal defendido.

Fenômenos como esses, que causam grande impacto na imprensa e têm o apoio de boa parte dos usuários de redes sociais, demonstram que o que entendemos por justiça muitas vezes pode estar contaminado com um componente pulsional, disruptivo, totalmente avesso à racionalização e à análise dos fatos. Essa postura atenta ao sexual da violência nos convida a reconhecer as fantasias que influenciam as formações de grupos, estruturas e até instituições sociais encarregadas de promover o bem-estar.

Em relação a essas incidências, Ribeiro (2012) traz uma contribuição que consideramos promissora para trabalhar a violência das e nas instituições. Em seu artigo *A sexualidade ampliada no sentido freudiano: breves considerações sobre psicanálise e direito*, o autor diz que é preciso perceber que a imposição da lei pode se transformar numa forma de satisfazer as pulsões sexuais mais violentas que habitam os homens.

Assim, a sexualidade que nos atravessa pode influenciar tanto a realização de atos criminosos, quanto as noções de responsabilização e punição impostas aos outros quando há infração às regras, ou seja, o exercício da lei pelos que a representam no cenário coletivo também pode ser sádico.

Em *Responsabilité et réponse*, Laplanche (1999) também expõe essa faceta pulsional da lei e identifica o desejo de punir com os restos da sexualidade intrusiva que interpela o sujeito.

Aquele que clama a morte quando se julga uma criança (que a punam!) ou aquele que brada para o sujeito da Bósnia (que o bombardeie!) [...] é aquele que desde a infância grita: “Não é justo!”. Resumindo, aquele que tem sede de justiça – cada um de nós – grita também contra o que o ataca internamente, contra o torturador nele mesmo (LAPLANCHE, 1999, p. 171, tradução nossa).

Para o autor, a violência humana não deve ser confundida com uma simples tendência à destruição, com um fator endógeno, como a pulsão de morte é descrita em 1920 – conforme também já nos recomendara Costa (1984). Assim, o adágio *homo homini lupus* [o homem é o lobo do homem], evocado por Freud em *O mal-estar na civilização* ([1930] 1996), não passa de uma tentativa de recorrer a um alibi biológico para explicar uma crueldade que não pode ser observada nos animais.

Segundo Laplanche, essa figura emblemática representa a crueldade humana, que se encontra em um registro diferente do instinto de autopreservação. Dessa maneira, ele prefere pensar numa “pulsão sexual de morte”, que seria o impulso destrutivo conservando a faceta perversa e polimorfa da sexualidade.

Em uma entrevista concedida a Marta Resende Cardoso, Laplanche (2000) aborda a questão da violência num panorama mais social. Ele afirma acreditar que todas as guerras têm um aspecto sádico e que a violência, mesmo em seu contexto coletivo, conserva uma ligação com o sexual, embora muitas vezes esses fenômenos adquiram uma *vestimenta* autoconservativa. O autor fala em vestimenta, pois são sempre justificativas que envolvem a autodefesa, a defesa da pátria ou de seus interesses, mas que não deixam de estar implicadas em questões individuais ou que ressoam questões individuais.

Laplanche faz uma provocação à entrevistadora: diz que, se fosse convocado para a guerra, não se comportaria como todas as

outras pessoas, pois teria sua própria forma de lidar com a necessidade de se proteger (dimensão autoconservativa) e, com a possibilidade de ferir, causar sofrimento (dimensão sexual).

Tomamos conhecimento dessas diferenças, por exemplo, nos crimes de guerra que às vezes são divulgados: os exageros cometidos em nome de um combate, as crueldades, aquilo que não estava dentro dos limites da disputa entre dois combatentes políticos.

Laplanche (2000) afirma que os conflitos sociais violentos não estão imunes a essas pulsões, mas são atravessados por elas, embora muitas vezes os fenômenos de grupo possam organizá-las, dando a impressão de que não se trata de algo da ordem do sexual. De todo modo, apesar de sugerir pontos profícuos de pesquisa acerca das perversões sociais, o autor não desenvolve essa questão. Por isso, consideramos importante tentar identificar como a sexualidade ecoa na violência coletiva.

Pensar a violência atrelada ao sexual significa, então, atentar para as implicações do inconsciente nas relações sociais, nas dimensões subjetivas do engajamento de cada sujeito a determinado grupo, bem como na carga pulsional existente tanto na conduta criminoso quanto no desejo acríptico de ser um “cidadão respeitador das leis”, que muitas vezes leva algumas pessoas a integrar uma engrenagem social sem de fato ponderar sobre seus aspectos éticos (ARENDRT, 1963).

Das páginas de discriminação racial, social e regional que figuram nas redes sociais – como vimos na época das últimas eleições – aos movimentos e aos eventos políticos marcados para reafirmar essas posições de segregação e violência, notamos que a formação de vínculos muitas vezes pode ocorrer a partir do que Freud ([1915] 1996) considera os impulsos mais primitivos e egoístas, avessos à civilização.

Segundo Arendt (1961), a ética deveria perpassar pela nossa capacidade de pensar, querer e julgar. Ou seja, pela possibilidade de

sair de uma posição generalista no que tange às leis e às ordens vindas de fora, e problematizar tais parâmetros com nossas experiências pessoais e nossos afetos, para obter respostas complexas aos impasses que vivenciamos na coletividade.

Entretanto, a autora identifica na sociedade contemporânea uma intensa dificuldade na construção de espaços públicos, ou mesmo de um imaginário público, de algo que vá além do interesse pessoal e da prática do consumo. Na contramão dessa corrente, a ética arendtiana aponta para a importância de espaços de convivência com o outro, pautados pela liberdade de expressão, desafiando regras normatizantes que visam simplesmente controlar comportamentos. Poderíamos dizer que, contra a violência, Hannah Arendt aposta no fortalecimento dos laços sociais, dos ideais coletivos, mas preserva a crítica e a reflexão, que devem ser subjetivas e advindas do trabalho psíquico de cada indivíduo.

Nas organizações virtuais que citamos anteriormente e que contam frequentemente com o benefício do anonimato, nota-se essa precariedade do espaço público da qual fala Arendt (1961), além de algo que Freud também já havia observado: a fragilidade do verniz” da educação e da sociabilidade; como as divergências em discursos políticos ou de qualquer outra ordem podem desencadear posturas que visam obter e manter o poder através da violência, subjugando, dominando e desconsiderando o outro em sua posição de sujeito.

Observa-se pouca aceitação de discursos moderados ou de posturas que não beiram o radicalismo. Os sujeitos são rapidamente classificados apenas por oposição de determinados grupos (simpatizantes de partido A ou B, moradores das regiões mais ou menos desenvolvidas do País, pertencentes a uma ou outra raça e classe social, etc.), como se não fossem possíveis inúmeras combinações e posturas políticas e sociais a partir de qualquer um desses fatores. Os discursos e a

argumentação são ridicularizados, desvalorizados. E não há diálogo possível.

Além disso, percebemos que nesses espaços virtuais a apologia à violência vem acompanhada de uma fratura do poder enquanto arranjo legitimado pela convicção das pessoas em um bem comum (ARENDR, 1969). O enfraquecimento do poder simbólico, seja das instituições, seja do próprio tecido social, cede espaço aos apelos da violência como forma de lidar com os problemas na esfera social e apagar as diferenças. Enquanto ainda estão no plano da palavra, tais apelos da violência geram apenas danos psicológicos, provocam nos agredidos sentimentos de indignação e insegurança.

Mas não devemos nos esquecer de que a transmissão de tais palavras de ordem, de tais discursos de ódio muitas vezes ganha contornos inimagináveis, cujas consequências práticas podem ser trágicas, como já vimos acontecer em nossa história, com os fenômenos de massa.

É importante lembrar a advertência de Arendt (1969) de que a violência é um instrumento que, uma vez que começa a ser usado – em qualquer esfera, de qualquer forma – pode sair totalmente do controle de quem o pratica e atingir a todos.

Abstract

This paper aims to address the idea that violent behaviors are always crossed by the drive, fully committed to the perverse and disruptive sexuality, which Freud (1905) deals with in his work "Three Contributions to the Sexual Theory". Questioning the notion that violence is something natural and inherent to human beings, we will examine the freudian texts about war, and his sociological writings that address the issues of malaise and aggressiveness. The notion of power, by Hannah Arendt, will also be essential to develop this critical view on violence, recognizing in this a form of certain groups to maintain social, political, and economic oppression over others. Thus, we believe that the manifestations of hatred and discrimination which currently occur the virtual scenario, on social networks rely on something related to the sexual and traumatic elements of those who practice them. We believe that these points can demonstrate the implications of the unconscious in social relations, in the engagement of individuals in certain groups who identify with the segregation and violent practices.

Keywords: *Violence, Sexuality, Power, Media.*

Referências

ARENDDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1963.

ARENDDT, H. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

ASSY, B. A constituição do sujeito e a ação política. *Revista Cult*, São Paulo, n. 208, p. 21-25. dez. 2015.

BONNET, G. *La perversion: se venger pour survivre*. Paris: PUF, 2008.

CECCARELLI, P. *Violência e TV*. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=223>. Acesso em: 20 abr. 2016.

COSTA, J. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 12-75. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-153. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. Por que a guerra? (1933 [1932]) (Einstein e Freud). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 193-208. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte: I - A desilusão da guerra (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 285-297. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. Totem e tabu (1913). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago,

1996. p. 21-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 128-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

LAPLANCHE, J. Agressividade e sadomasoquismo. In: _____. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LAPLANCHE, J. Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In: _____. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, J. Entrevista concedida a Marta Resende Cardoso. *Cadernos de Psicanálise*, SPCRJ, Rio de Janeiro, v. 16, n. 19, p. 57-76, 2000.

LAPLANCHE, J. Responsabilité et réponse. In: Laplanche, J. *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: PUF/Quadrige, 1999.

RIBEIRO, P. C. A sexualidade ampliada no sentido freudiano: breves considerações sobre psicanálise e direito. In: MARRACINI, E. M.; FERNANDES, M. H.; CARDOSO, M. R.; RABELLO, S. *Limites de Eros*. São Paulo: Primavera, 2012.

Recebido em: 22/04/2016

Aprovado em: 03/05/2016

Sobre os autores

Larissa Bacelete

Psicóloga (UFMG). Psicanalista.
Mestre em Estudos Psicanalíticos (UFMG).
Doutoranda em Estudos
Psicanalíticos (UFMG).
Desenvolve pesquisas
na área acadêmica sobre perversão
e violência.

Paulo de Carvalho Ribeiro

Professor do Departamento
de Psicologia da Universidade Federal
de Minas Gerais (UFMG).

Endereço para correspondência

E-mail: <bacelete@hotmail.com>

Histeria e masculinidade em Freud e na contemporaneidade¹

Hysteria and masculinity in Freud and in Contemporaneity

Luan Sampaio Silva
Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

O objetivo deste artigo é tentar compreender o funcionamento psíquico da histeria masculina, levando em consideração o contexto sócio-histórico no qual a teoria é desenvolvida. Nos primórdios da psicanálise e em alguns pensadores pós-freudianos, a histeria foi associada ao feminino. Freud no início de sua obra já se questiona acerca da histeria apenas como manifestação na mulher e se interessa pela histeria ligada aos homens. Neste artigo, os autores fazem um breve estudo da histeria masculina através da revisão da obra de Freud e de autores contemporâneos.

Palavras-chave: Histeria, Masculinidade, Freud.

A ideia de refletir sobre a histeria masculina sempre encontrou resistências por parte tanto da Sociedade de Medicina de Viena na época de Freud e posteriormente quanto da teoria psicanalítica. Essa resistência deriva em parte da crença da gênese da histeria ligada ao útero, o que leva a conceber a ideia da histeria ligada ao feminino, excluindo, assim, a possibilidade de sua articulação com o masculino.

Diante dessa perspectiva, os estudos em sua maioria eram voltados para a histeria feminina, destacando-se na psicanálise o clássico *Caso Dora*, publicado por Freud em 1905 e considerado por muitos como o principal caso de histeria nos primórdios da psicanálise.

O advento das novas conquistas da mulher e sua participação ativa na sociedade resultou na flexibilidade de papéis que outrora eram atribuídos unicamente ao sexo femini-

no e que se fazem presentes na atualidade no sexo masculino, nesse jogo de interposições não estanques de papéis.

Com isso, faz-se necessário se debruçar nos estudos sobre a histeria ligados ao homem, uma vez que a construção da masculinidade e seu papel variam de acordo com as épocas históricas e o contexto social.

Apesar de haver estudos mais recentes acerca dessa temática, a histeria masculina sempre foi posta de lado. Com isso, buscamos neste trabalho dar seu devido espaço e valor na teoria psicanalítica, pois a psicanálise tem muito a contribuir para o estudo da constituição subjetiva do histórico.

Para isso, abrem-se questionamentos acerca de como fatores socioculturais influenciam nesse funcionamento psíquico e quais suas particularidades na construção da masculinidade. Ou seja, como a histeria masculina constitui uma saída psíquica para

1. Este texto faz parte de um projeto de pesquisa que conta com uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Processo n. 312687/2013-3).

um modo de estar no mundo, de fazer laços sociais e de operar com o desejo,

[...] funcionando como uma curiosa defesa frente à falta inerente à condição humana, uma vez que viver é estar sempre em busca de algo (MAURANO, 2010, p. 16).

Voltemos, então, aos primórdios da psicanálise recorrendo à obra freudiana. Em seu percurso por desvendar o inconsciente, Freud não se absteve de estudar a histeria masculina, mesmo a contragosto da época vigente, em que a histeria era particularmente concebida e vinculada ao feminino. No período em que retornou de Paris, em 15 de outubro de 1886, Freud apresentou na Sociedade de Medicina de Viena um texto sobre a histeria masculina, o qual não foi bem recebido. Embora não tenhamos acesso a esse texto, esse evento é descrito por Freud em seu *Estudo autobiográfico* (1925)

Pessoas de autoridade, como o presidente (Bamberger, o médico), declararam que o que eu disse era inacreditável. Meynert desafiou-me a encontrar alguns casos em Viena semelhantes àqueles que eu descrevera e a apresentá-los perante a sociedade. Tentei fazê-lo, mas os médicos mais antigos, em cujos departamentos encontram casos desta natureza, recusaram-se em me permitir observá-los ou a trabalhar com eles. Um deles, velho cirurgião, na realidade me irrompeu com a exclamação: “Mas, meu caro senhor, como pode dizer tal tolice?” *Hysteron* significa útero. Assim, como pode um homem ser histérico? (FREUD, [1925] 1996, p. 26).

Conforme descrito no texto *Observação de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico* (FREUD, [1886] 1996), diante do desafio de apresentar um caso de histeria masculina, Freud se depara com dificuldades em encontrar o caso devido à não colaboração dos demais médicos. É com a ajuda de um laringologista que localiza um paciente

adequado e o apresenta à Sociedade Médica de Viena em 26 de novembro de 1886, conhecido como o caso de August P.

Nesse início de seu percurso, por ainda não ter desenvolvido um arcabouço teórico metapsicológico, Freud se encontra ligado a terminologias fisiológicas e as privilegia nos fenômenos da histeria, embora haja alguns leves indícios de interesse pelos fatores psíquicos dessa manifestação.

August P. (FREUD, [1896] 1996), um jovem de 29 anos, é apresentado com riqueza de detalhes em relação à sintomatologia que se manifesta em seu corpo, e Freud a relaciona aos fenômenos histéricos (nessa época as descobertas sobre os fatores psíquicos da histeria ainda não haviam sido estudados por ele).

Durante a exposição desse relato, Freud aponta que se trata de um caso não isolado ou raro, mas comum, de frequente ocorrência, embora possa passar despercebido. Nessa época a hipocondria era uma das manifestações mais comuns da representação da histeria, uma solução psíquica pela qual a histeria se apresentava.

O aspecto que chama a atenção de Freud ([1886] 1996) para um sintoma além do corpo é quando, por exemplo, ele caminha ao lado de August P. e percebe as reações esboçadas pelo jovem ao caminhar, denotando que ali haveria algo além de uma deficiência orgânica.

No que diz respeito à vida familiar do paciente, Freud nos relata a morte dos pais de August: seu pai morrera aos 48 anos, ingeria bebida alcoólica de forma excessiva e tinha comportamentos violentos. A mãe morrera aos 46 anos de tuberculose. August sempre fora acometido por dores de cabeça quando jovem e foi o último filho de seis da prole de seus pais.

Segundo Freud ([1886] 1996) dois momentos cruciais ocorreram no período em que August P. fora acometido por diversas sintomatologias. No primeiro momento, teve uma briga com um de seus irmãos que lhe devia financeiramente. Ao ser cobrado, o

irmão o intimida com uma faca para não pagar. No segundo momento, August foi acusado de furto por uma mulher, o que agravou o seu estado. Ele sofria de violentos espasmos, depressão e tremores no lado esquerdo de seu corpo. A metade de seu cérebro aparentava ter sido comprometida por um acidente cerebral (FREUD, [1886] 1996).

Freud relata, então, aos seus colegas da Sociedade de Viena que esse caso de hemianestesia tinha causas não somente orgânicas, mas também de ordem psíquica. O sofrimento psíquico de August se expressava no corpo, e seus sintomas advinham de diversas situações traumáticas.

Anos depois Freud ([1923] 1996) escreve o seu segundo caso de histeria masculina em *Uma neurose demoníaca do século XVII*, tendo como base um conjunto de documentos históricos. Freud narra o caso de Christoph Haizmann, um pintor que, enquanto se encontrava na igreja de sua aldeia, foi acometido por convulsões assustadoras, as quais persistiram durante vários dias.

Diante desse fato, foi examinado pelo *Praefectus Domini Pottenbrunnensis* (Prefeito do domínio de Pottenbrunn) para desvendar o motivo dessas convulsões e a possibilidade da existência de algum tipo de envolvimento com o demônio. Christoph Haizmann admitiu ter sido tentado nove vezes pelo demônio e acabou realizando um compromisso por escrito de pertencer-lhe em corpo e alma após o período de nove anos. Contudo, ele havia se arrependido do pacto e estava convicto de que só a graça da mãe de Deus em Mariazell, cidade próxima da aldeia onde residia, poderia libertá-lo desse pacto escrito com sangue.

No decorrer da descrição do caso, Freud relata que dois compromissos com o demônio aparecem em sua história: um anterior, redigido com tinta, e o posterior, com sangue.

Ao examinar esse pacto demoníaco como um caso clínico de um neurótico, Freud ([1923] 1996) se volta para a questão do que levaria alguém a assinar um compromis-

so com o demônio. Em troca de uma alma imortal, o demônio poderia oferecer diversas regalias: segurança, riqueza, poder e o gozo das belas mulheres.

Mas curiosamente, diz Freud, não foi por nenhum desses prazeres, mas o demônio lhe prometeu apoio e auxílio diante de seu estado melancólico:

Seu pai, portanto, falecera, e, em consequência, ele havia caído em um estado de melancolia, após o que o Demônio se aproximara dele e lhe perguntara por que estava tão abatido e triste, e prometera “auxiliá-lo de todas as maneiras e dar-lhe apoio” (FREUD, [1923] 1996, p. 97).

Freud descreve que o pintor se encontrava em um estado melancólico devido à morte de seu pai, e foi diante desse fato que o pacto surgiu. Fez o compromisso com o diabo para ser libertado desse estado de depressão, como o autor relata:

[...] temos aqui, portanto, uma pessoa que assinou um compromisso com o diabo, a fim de ser libertado de um estado de depressão (FREUD, [1923] 1996, p. 97).

E assim, Christoph Haizman entregou sua alma não por algo que fosse obter do demônio, mas por algo que deveria fazer para ele, a saber, ser filho obrigado até o nono ano, e o demônio se compromete a ser o substituto do pai falecido do pintor pelo período de nove anos.

Pode soar estranho, diz Freud ([1923] 1996), que o diabo seja o eleito para ser o substituto paterno de um suposto pai amado. Porém, para Freud, Deus é um substituto paterno, que constitui o protótipo do pai infantil experimentado e visto quando criança, e na pré-história de toda a humanidade como o pai da horda primitiva. E que cedo todo sujeito se depara com sentimentos ambivalentes em relação ao pai: impulsos afetuosos e impulsos de natureza hostil.

Por se tratar de um caso no qual a pessoa não está sendo analisada, Freud sente dificuldades para

[...] descobrir quais foram os fatores acidentais que se acrescentaram aos motivos típicos para o ódio ao pai, inerentes ao relacionamento de filho e pai (FREUD, [1923] 1996, p. 103).

Freud ([1923] 1996) cogita a possibilidade de o pai ter se oposto ao desejo de Chistoph de ser pintor. Seguindo esse raciocínio, a impossibilidade de exercer sua arte, após o falecimento do pai, seria a expressão do fenômeno de “obediência adiada”. E ao se tornar incapaz de se sustentar, seria impelido a cada vez mais a ansiar pelo pai protetor ao encontro de suas necessidades. No aspecto da obediência adiada, há que levar em consideração uma suposta expressão de remorso e autopunição bem-sucedida.

Freud ([1923] 1996) associa o número do compromisso com o demônio ao período de gestação materna (nove meses), relacionando a posição feminina do pintor adotada em relação ao pai, pois o luto pela perda do pai e seu intenso anseio por ele desencadeiam no pintor uma reativação de sua fantasia inconsciente de gravidez reprimida, e diante dessa fantasia, Chistoph adota a neurose e o aviltamento do pai como saída psíquica.

Todavia, Freud ([1923] 1996) se questiona o motivo pelo qual o pai de Chistoph, além de ter sido reduzido ao demônio, porta essa característica física de uma mulher.

Diante de tal questionamento, Freud aponta dois caminhos para entender essa questão de forma complementar, e um não exclui o outro. O primeiro:

A atitude de um menino com o pai sofre recalque tão logo ele compreende que sua rivalidade com uma mulher pelo amor do pai tem, como precondição, a perda de seus órgãos genitais masculinos – em outras palavras: a castração. O repúdio da atitude feminina é,

assim, o resultado de uma revolta contra a castração (FREUD, [1923] 1996, p. 106).

Sua via de expressão comumente é encontrada na fantasia inversa de castrar o pai, de transformá-lo em “mulher” e, no caso de Chistoph, os seios atribuídos ao demônio corresponderiam a uma projeção da própria feminilidade do pintor sobre o substituto paterno (FREUD, [1923] 1996).

O segundo caminho apontado por Freud sobre os acréscimos femininos ao corpo do diabo comporta um caráter mais afetuoso, sem hostilidade:

Ele vê na adoção dessa forma uma indicação de que os sentimentos ternos da criança pela mãe foram deslocados para os pais, e isso sugere que houve previamente intensa fixação na mãe, fixação que, por sua vez, é responsável por parte da hostilidade da criança para com o pai (FREUD, [1923] 1996, p. 106).

A intolerância de Chistoph Haizzman em aceitar a castração desencadeou a impossibilidade de atenuar seu anseio pelo pai. Portanto, é compreensível sua volta para a imagem materna na esperança de que somente a Santa Mãe de Deus em Mariazell poderia libertá-lo de seu compromisso com o demônio (FREUD, [1923] 1996).

Através desse caso, Freud aponta uma das importantes características da histeria masculina: a dificuldade de lidar com a castração. Diversos autores pós-freudianos teceram alguns estudos sobre a histeria masculina e ampliaram o arcabouço teórico sobre o fenômeno.

Ao falar da histeria masculina, Dor (1997) destaca a sedução como sintoma privilegiado dessa posição subjetiva. A sedução funcionaria como um suporte excepcional de um amor negociado. Assegurando-se se sentir amado por todos, o histérico oferece seu amor sem medir esforços. Todavia, esse amor é de fachada, pois o histérico é incapaz de se engajar além da sedução. O que impor-

ta é receber o amor de todos, já que não pode renunciar a ninguém. No entanto, querer ser amado por todos é, em outras palavras, não querer perder nenhum objeto de amor. Dor (1997) localiza aí um dos aspectos principais da histeria: a insatisfação.

Ao discutir a sedução em Don Juan, Mezan (2005) destaca que o personagem é a própria encarnação do desejo: por onde passa deixa seu rastro numa trajetória marcada por uma espécie de furacão libidinal. Essa característica explicaria seu modo de existir baseado na sedução: por um lado, oferece às mulheres seu amor, que se esgota no momento da conquista e não oferece uma continuidade na relação; por outro lado, a reiteração constante do mesmo ato conquistador é uma necessidade inerente ao personagem. Sua lista inacabada de pretendentes está sempre aberta para a próxima aventura. Para Don Juan, a próxima da lista é mais importante do que as mulheres que deseja.

Mezan (2005) enfatiza que o aspecto primordial da sedução é a veiculação inconsciente de significações para o sedutor, que vão atribuir ao seduzido um trabalho de simbolização e repressão. O autor acredita que isso ocorre com Don Juan, que pensa amar as mulheres, quando de fato ama apenas a si mesmo. O amor dessa lista comporta uma significação narcísica inconsciente que permeia com as *performances* galantes de Don Juan, com o não cumprimento das promessas feitas.

É nessa mesma ordem de significação que Don Juan transfigura as próximas da lista: ele as idealiza de tal forma que sua própria paixão constitui um ato de narcisização, no qual ocorre uma projeção do objeto narcísico sobre o objeto externo e a identificação desse objeto externo com o objeto narcísico.

Esse jogo de realização total do desejo, no qual se oferece como sendo tudo para o outro e o outro tudo para o sedutor, está fadado ao fracasso pela impossibilidade de concretude de preenchimento total um do outro. Essa impossibilidade leva à ruína toda

sedução, que não pode ser cumprida e, conseqüentemente, à decepção. Há de fato um traço histérico na sedução (MEZAN, 2005).

Melanie Klein ([1937] 1996), no texto *Amor, culpa e reparação*, tece algumas considerações sobre o personagem Don Juan em relação à manifestação de sua infidelidade, que em suas diversas formas de apresentação, tem um ponto em comum: o frequente distanciamento de um objeto amado, proveniente em parte do medo da dependência.

Para Klein ([1937] 1996) Don Juan é assolado inconscientemente pelo medo da morte dos objetos amados, e a manifestação desse medo se daria através de sentimentos depressivos e de grandes sofrimentos psíquicos, se não fosse essa defesa contra si próprio: sua infidelidade.

Através desse recurso, ele prova a si mesmo que seu único grande objeto amado (originalmente a mãe, cuja morte era temida porque seu amor por ela era voraz e destrutivo) não é indispensável, pois sempre é possível encontrar outra mulher pela qual tem sentimentos ardentes, porém superficiais. Ao contrário dos indivíduos cujo pavor da morte da pessoa amada leva à sua rejeição ou à negação do amor, ele não consegue fazer isso, por vários motivos. Na sua relação com as mulheres, entretanto, chega inconscientemente a um meio-termo. Ao abandonar e rejeitar algumas mulheres, ele se afasta inconscientemente da mãe, salvando-a de seus desejos ameaçadores e se libertando de uma dependência dolorosa. Ao mesmo tempo, ao procurar outras mulheres, dando-lhes amor e prazer, mantém em seu inconsciente a mãe amada, ou a recria (KLEIN, [1937] 1996, p. 364).

Segundo a autora Don Juan é impelido de um objeto para outro, pois cada objeto, ou seja, cada mulher com a qual se envolve, acaba representando sua mãe. Esse objeto amoroso originário é substituído por diversos objetos subsequentes. Em sua fantasia inconsciente, Don Juan cura ou recria a pró-

pria mãe pelo meio da gratificação sexual, o que de fato oferece às demais mulheres, ao considerar sua sexualidade como restauradora e capaz de proporcioná-la a felicidade. Essa ação dupla “[...] faz parte do meio-termo inconsciente que resulta na sua infidelidade e é uma condição básica para esse tipo de desenvolvimento” (KLEIN, [1937] 1996, p. 364).

O Outro aspecto da histeria masculina é destacado por Lucy Linhares da Fontoura (2005), que relaciona a histeria masculina como uma das formas de manifestação da masculinidade e lança questionamentos acerca dos sintomas histéricos e suas peculiaridades de expressão nos dias atuais. A autora relata observar na histeria masculina a propensão característica do histérico de questionar o lugar de todos: tanto o seu quanto o dos outros. Isso se confirma na problemática do reconhecimento, a saber,

[...] quando não se obtém o reconhecimento que se considera devido, ou seja, quando os atos se justificam por sua referência narcísica, para afirmar o que sou ou o que tenho (FONTOURA, 2005, p. 12).

Fontoura (2005) articula a questão do reconhecimento – que se refere à imagem – à posição fálica do sujeito. Por essa expressão se compreende o lugar em que o sujeito se vê e se posiciona relativamente à sua representação simbólica, à condição de seu exercício subjetivo frente a si mesmo e ao Outro. O histérico é convocado a sustentar uma espécie de falo inflacionado, no sentido de

[...] produzir valores imaginários, sem respaldo real e com um efeito – consequente desta dilatação imaginária – de transformar a ordem simbólica, isto é, de produzir desordem no ordenamento simbólico das coisas (FONTOURA, 2005, p. 12).

Sob esse ponto de vista, o histérico aparenta uma imagem fálica diante do outro

maior daquela que de fato possui e sofre de angústia ao saber que há uma diferença significativa entre a camuflagem fálica que se apresenta aos outros e a própria consistência (JERUSALINSKY, 2004).

O histérico se apresenta como um portador de um falo superlativo que o diferencia como único, mas paga um alto preço por isso, um excesso que se manifesta ora como excesso de trabalho, ora como excesso de recursos, como o poder e o dinheiro, que são demandados para a sustentação desse falo. Como possíveis saídas para a histeria masculina, a autora aponta: encarnar o falo; supor o falo em figuras de autoridade a quem se submeterá ou reconhecer e aceitar a ordenação do falo fora de si mesmo: produzir uma representação social para seu falo (FONTOURA, 2005).

Trazendo uma perspectiva sócio-histórica, Marazina (2005) enfatiza a importância e a dificuldade de conceituar a masculinidade no campo imaginário da subjetividade social e na clínica. Além disso, acredita que há uma torção da neurose obsessiva para a histeria na posição subjetiva masculina e que no atual cenário social haveria um apontamento característico do laço social, que é mais favorável ao campo da histeria.

Diversos fatores a levam a conceber essa linha de pensamento como o contexto de uma sociedade ocidental que enaltece a depreciação dos valores dos processos de construção que aludem o devir temporal, para se fixar ao brilho instantâneo da imagem, das mudanças quase alucinatórias que foram afeiçoando a camada social em um culto ao novo, das significativas mudanças nos papéis tradicionais estabelecidos do masculino e do feminino (MARAZINA, 2005).

A histeria masculina marca presença na história, porém a histeria feminina é mais interessante de ser estudada pela medicina, pois a histérica não se adequava ao ideal da feminilidade burguesa, em que a maternidade era um modelo enaltido. A histérica era vista como uma espécie de “antimãe” e ameaçadora da ordem social.

Por conseguinte, o homem histérico não era ameaçador à ordem, nem um “antipai burguês”, mas era considerado um fora das regras, que pouco atrapalhava a raça e a moral das classes predominantes e em ascensão (MAZARINA, 2005).

Aqui nos encontramos com uma articulação no mínimo intrigante: considerou-se que a posição histérica feminina dava corpo – literalmente – ao mal-estar resultante do recalque de aspectos fundamentais da sexualidade que não podiam ter espaço no laço social. Com seu corpo em sofrimento, suas exibições “destemperadas”, seus sintomas multiformes, a histérica falava de um feminino que escapava do ideal de mulher “decente” que a burguesia preconizava (MARAZINA, 2005, p. 19).

Considerando que a histeria masculina predominava nos setores mais precários desse ordenamento social, pode-se pensar que sua forma de denunciar o mal-estar se refletia nos terrenos da exclusão e da vulnerabilidade, onde teria que se manifestar exatamente naqueles que não tinham expressão nem direitos para o ordenamento social, o qual definia a distribuição de valores, ou seja, nas palavras da autora, de significados fálicos, aos sujeitos que possibilitassem sustentar o semblante humanitário e civilizatório (MARAZINA, 2005).

Ao pensar no falocentrismo como distribuidor de valores e poderes na sociedade patriarcal como aquele que reforça o binário “eles têm/elas não têm” Marazina (2005) reporta a origem da teoria infantil emergente da impossibilidade de inscrição da diferença sexual nos primeiros anos de vida de vida. Para a autora, esse imaginário originou no decorrer da história um *status* social de poder ao homem, concebido como algo pertencente a ele “por natureza”, daquele que possui um pênis, garantia do poder fálico.

Numa época em que os atributos físicos como a força eram indispensáveis para a garantia da posse de terras, das mulheres, dos

Estados, a hegemonia masculina era incontestável. Todo esse aparelhamento institucional estava voltado à sustentação dessa lógica que separava a espécie entre seres “completos” e “incompletos”.

A partir do século XX essa lógica vai sofrendo gradativamente uma desconstrução através do advento das tecnologias, com a valorização do eixo “pensamento e habilidade” em detrimento da “força e coragem”, sem falar das revoluções e das diversas conquistas femininas por um espaço que antes era predominado pelo masculino. Por isso, a imagem do patriarca com seu atributo fálico natural vai sofrendo sucessivos e mortais golpes e sendo colocado em xeque desde o princípio da modernidade (MARAZINA, 2005). O resultado desse processo culmina na circulação do falo, que não se amarra mais imaginariamente no corpo masculino.

E com isso Marazina (2005) levanta os seguintes questionamentos:

- A possibilidade de pensar o “ofício de homem”, que sustentava esse falo desde o momento em que seu corpo o testemunhava na atualidade sofre um movimento basculante, análogo ao processo de feminilidade?
- Fazer-se desejar por um corpo inteiramente falicizado constitui um percurso para muitos homens que atualmente sentem que seu pênis pouco lhes assegura, diante do movimento das mulheres, que se empoderaram de atributos ditos masculinos, e os sustentam com assombrosa competência?

Complementando esse raciocínio, podemos pensar com Bourdieu (1999) para quem a marca do falocentrismo presente na teoria freudiana (e por extensão nos pensadores pós-freudianos) impossibilita a consideração do masculino como algo particular e problematizável, levando-se em consideração que, sob a lógica do paradigma falocêntrico, a diferença sexual é naturalizada, constituindo-se, assim, uma oposição antitética entre masculino e feminino de forma diferenciada, em que os lugares nobres eram destinados à masculinidade.

Segundo Gay (1993) no início do século XX há uma demarcação mais rígida entre masculino e feminino no Ocidente, o que levou à naturalização dessas divisões na época, levando Freud a afirmar que a anatomia é o destino, reforçando as divisões históricas que vinculam o homem à atividade, à autossuficiência, à racionalidade e à circulação na esfera pública. De fato, já existe na obra de Freud uma associação entre masculinidade e atividade anterior a 1923, redigida em outros momentos de sua obra.

Segundo Ceccarelli (1998), no início de sua obra Freud já se deparou com a dificuldade do paralelo entre masculinidade ligada à atividade e feminino ligado à passividade. Em seu *Rascunho K* ([1896] 1996) sobre as neuroses de defesa, Freud faz essa ligação direta entre passividade e feminino. E em *Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa* ([1896] 1996) faz a relação entre atividade e masculinidade, e a neurose obsessiva ligada ao sexo masculino. Boa parte da dificuldade, inclusive no meio psicanalítico, em se falar da histeria masculina, e em sentido mais amplo, da sexualidade masculina, se deve à resistência de questionar o modelo falocêntrico (CECCARELLI, 2013).

Nesse sentido, os casos de histeria masculina ficaram restritos a homens cuja constituição era caracterizada de forma passiva, uma exceção à regra da atividade. De forma análoga, uma ligação entre atividade e masculinidade é concebida ao ser analisada a neurose obsessiva, quadro clínico no qual a experiência sexual primária é fonte de prazer, opostamente ao que ocorre na histeria (SAMPALHO, 2012).

Finalmente, podemos pensar o contexto sociopolítico em que estamos inseridos, no qual há um movimento constante de transformação nas referências identificatórias de gênero e de funções sociais arraigadas na cultura há séculos, com isso abrindo um espaço para se debater esses lugares e papéis que outrora eram rígidos e tidos como universais.

Se o mundo contemporâneo embaralhou sintomas outrora associados ao 'feminino' e ao 'masculino', não é incomum na atualidade encontrar homens fixados na falta, denunciando-a a todo instante em seus objetos de amor, fazendo-se desejar e marcados pela insatisfação (MAURANO, 2010).

Se no tempo de Freud a neurose obsessiva era predominante no homem, há que questionar se no momento atual essa predominância persiste e sustentar uma escuta psicanalítica para os diversos arranjos psíquicos que são apresentados pelos homens.

Abstract

The purpose of this article is to understand the psychic functioning of male hysteria, taking into account the socio-historical context in which the theory is developed. In the early days of psychoanalysis and to a large extent by some post-Freudian thinkers, hysteria is designed connected to the female. Freud at the beginning of his work already questions about the hysteria just as manifestation in the female and is interested in the hysteria attached to men. In this article, the authors make a brief study of male hysteria, by reviewing the literature work of Freud and contemporary authors.

Keywords: *Hysteria, Masculinity, Freud.*

Referências

BORDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CECCARELLI, P. R. A construção da masculinidade. *Percurso*, São Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, n. 19, 1998.

CECCARELLI, P. R. Reflexões sobre a sexualidade masculina. *Reverso*, Belo Horizonte, Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, ano XXXV, n. 66, p. 83-92, 2013.

DOR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus, 1997.

FONTOURA, L. L. Único no gênero - vicissitudes da histeria masculina. In: *Revista da APPOA - A masculinidade*. Porto Alegre, n. 28, p. 9-15, abr. 2005.

FREUD, S. Observações de um caso grave de hemianestesia em um homem histérico (1886). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 61-67.

FREUD, S. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-78. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

FREUD, S. Uma neurose demoníaca do século XVII. (1923 [1922]). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 87-120. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

GAY, P. *A experiência burguesa da rainha vitória a Freud*, v. II. O cultivo do ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JERUSALINSKY, A. *Comunicação pessoal*. 29 jun. 2004.

KLEIN, M. Amor, culpa e reparação (1937). In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 363-364.

MARAZINA, I. O espelho e os homens: considerações sobre os reflexos na masculinidade de hoje. In: *Revista da APPOA - A masculinidade*. Porto Alegre, n. 28, p. 16-22, abr. 2005.

MARKUS, C. *Histeria masculina*. Departamento de Humanidades e Educação. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2015.

MAURANO, D. *Histeria: o principio de tudo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MEZAN, R. *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SAMPAIO, R. *Do universal ao particular: uma discussão sobre o masculino na psicanálise*. 2010. 198 f.

Tese (Doutorado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

Recebido em: 05/04/2016

Aprovado em: 03/05/2016

Sobre os autores

Luan Sampaio Silva

Psicólogo clínico.

Graduação em Psicologia

pela Universidade da Amazônia.

Aprimoramento em Psicologia Clínica

Psicanalítica pela Universidade da Amazônia.

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo. Psicanalista.

Doutor em Psicopatologia Fundamental

e Psicanálise pela Universidade de Paris 7 - Diderot.

Pós-doutor por Paris 7 - Diderot.

Chercheur associé da Universidade

de Paris 7 - Diderot.

Membro da Associação Universitária

de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Membro fundador da Rede Internacional

de Psicopatologia Transcultural.

Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

Membro da Societé

de Psychanalyse Freudienne, Paris.

Membro do Núcleo de Estudos Freudiano, Belém/PA.

Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ).

Professor Adjunto IV da PUC Minas.

Professor e orientador de pesquisa no Programa

de Pós-Graduação em Psicologia/UFPA.

Professor e orientador de pesquisa

no Mestrado Profissional de Promoção

de Saúde e Prevenção da Violência

da Faculdade de Medicina da UFMG.

Diretor científico do Centro de Atenção

à Saúde Mental (CESAME)

<www.cesamebh.com.br>.

Membro do Projeto Antártico Brasileiro.

Membro da Comissão de Direitos Humanos

do Conselho Regional de Psicologia da 4ª

Pesquisador do CNPq.

Endereço para correspondência

Luan Sampaio Silva

E-mail: <psi_luansampaio@hotmail.com>

Paulo Roberto Ceccarelli

E-mail: <paulorcbh@mac.com>

A clínica psicanalítica contemporânea e as novas abordagens para o desvalimento

The contemporary psychoanalytic clinic and the new approaches of helplessness

Maria Helena Nemitz Alcaraz Gomes
Liliana Haydee Alvarez

Resumo

Na clínica contemporânea, existe a tendência à predominância de pacientes carentes de uma vida com funcionamento simbólico, não registrado nos primórdios das etapas evolutivas. São pacientes com fixações traumáticas da época em que o aparelho psíquico é ainda incapaz de atender as demandas das vicissitudes endógenas e exógenas. Este trabalho propõe uma reflexão sobre novas formas de prática psicanalítica, que, repensadas a partir dos estudos de Freud, buscam, em fases pré-ediípias, estudar as vicissitudes de um ambiente não empático e não acolhedor, as quais provocam estados de desvalimento expressos por sintomas psicossomáticos ou adições. Esse ambiente não provedor nos primeiros tempos de vida pode propiciar patologias tóxicas, como transtorno alimentar, anorexia, psoríase, asma, entre tantos outros. Abordamos um caso clínico de desvalimento psíquico com sintomas psicossomáticos, em que a comunicação virtual foi empregada como forma de falar sobre seu sofrimento.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica contemporânea, Desvalimento, Metapsicologia freudiana, Libido intrassomática, Comunicação virtual.

Desvalimento psíquico: abordagens contemporâneas

Em vivências cotidianas, deparamo-nos com sintomas que são próprios do mundo contemporâneo, sintomas considerados os mais inusitados para ser incluídos em um tratamento psicanalítico. Acolhendo pacientes portadores dos traços mencionados a seguir, o terapeuta costuma ser impulsionado a verificar a origem da patologia que se manifesta, quando as queixas podem indicar a forma de produção dessa manifestação. Com escuta apurada, é possível observar, no discurso do paciente, seu tipo de vida, as dificuldades que enfrenta, sua gestualidade e a forma de produção dessas manifestações.

Ao constatar a forma de produção que deu luz à manifestação de desvitalização re-

latada pelo sujeito, pode-se pensar em uma estratégia clínica capaz de definir uma direção para o trabalho. Estudando Sigmund Freud ([1923] 1969), observa-se que esse foi o esquema seguido em suas pesquisas. Freud articulava a reconstrução da forma à medida que os sintomas neuróticos se definiam. Para ele, estes eram gerados a partir das formações substitutivas, resultantes do trabalho do pré-consciente, articulando-se com os conteúdos inconscientes, com as maneiras de defesas, com o conflito de Édipo e com a castração.

Tanto os grupos de pacientes neuróticos quanto o de narcisistas têm algo em comum: de alguma maneira, seus sintomas respondem a um mundo simbólico. Há simbolismo de menor ou maior grau, de maior ou menor complexidade. Há simbolismo. Mesmo nas

alucinações dos pacientes mais regressivos, que são os esquizofrênicos, há um *quantum* de representações.

O que se entende por representações? Essa é a peculiaridade fundamental das patologias de desvalimento, nas quais não foram instaurados nem o simbolismo, nem as representações. Para Green (1988), representar ou reapresentar é o objetivo do trabalho analítico. O sujeito em terapia manifesta vicissitudes da vida pregressa, pois todo indivíduo é resultado de uma estrutura que combina fragmentos de representações passadas. Ninguém é somente depressivo ou tampouco só psicossomático, ou ainda adicto, ou somente autista. Pode haver um fragmento dominante. Contudo, subjacente a este estarão outros, que, se trabalhados em análise, poderão aflorar e, pouco a pouco, auxiliar na reconstrução da psique. Constituem traços, resíduos, construtos inconscientes.

Quando chegam ao consultório pacientes manifestando sintomas, sendo possível detectar desvalimento dominante, há o questionamento: será que o paciente está em crise de identidade ou de despersonalização temporárias? Ou será que houve falhas no contexto do sujeito em seus tempos primordiais de construção da subjetividade?

Nessas crises vitais, existe um descompasso nas energias psíquicas, por serem elas uma reprodução da energia física. No caso em que a libido estanca na psique do bebê, pode instalar-se, a partir daí, a desvitalização física, em decorrência de fixações importantes.

Como registrou Freud ([1915] 1969, p. 13), “As pulsões estão entre a psique e o soma, exigindo trabalho para chegar à meta”. Ocorre que a patologia como efeito do trauma surge devido à desvitalização do aparelho psíquico, pois este absorverá todas as energias, em função da elaboração e do processo dos estímulos internos e externos.

O desvalimento e as patologias que o acompanham, de acordo com Maldavsky (1992), costumam ser resultantes de vicissitudes

negativas na fase da libido intrassomática (40 primeiros dias do bebê). A diferença fundamental entre o vazio existencial e o eu constituído está na questão do mundo representacional simbólico, em que funciona a qualidade do pensar e do significar, sendo o aspecto qualitativo o diferencial. São pacientes que não falam dos próprios sentimentos. Por exemplo, os pacientes psicossomáticos não vão dizer: “Estou com raiva, estou triste, estou invejoso”. Na melhor das hipóteses dirão: “Estou cansado, me dói o braço, me dói a nuca”, o que, laconicamente, expressará o que se passa.

Pacientes com quadros neuróticos revelam-se mais conectados com o exógeno, com a realidade externa. As patologias do vazio estão associadas ao corpo, com fixações no aparelho psíquico, o qual é extremamente vinculado ao psicossomático.

O desvalimento, profundamente estudado e pesquisado por Maldavsky (1992), inclui o psicossomático entre os componentes dessa temática. Seus estudos foram elaborados a partir da teoria de Freud e de alguns pós-freudianos. Para Maldavsky e colaboradores (2007), essa temática do desvalimento coincide com o ponto de fixação do ego e o ponto de fixação libidinal (devido ao ambiente contextual não empático), com defesas denotando desestimação dos estados afetivos.

O afeto é uma forma de qualificar, de tornar conscientes os processos pulsionais, e, ao mesmo tempo, na medida em que é consequência da empatia dos progenitores, também é uma forma de estabelecer um nexo com a vitalidade dos processos pulsionais destes, mas existem indivíduos nos quais essa conquista psíquica precoce não se desenvolveu ou se arruinou de maneira transitória ou duradoura: nessas situações, a subjetividade fica comprometida, ao menos parcialmente, e em seu lugar costumam aparecer alterações somáticas (MALDAVSKY *et al.*, 2007, p. 17-18, tradução nossa).

Freud ([1923] 1969) afirma que, nesses tempos primordiais, em que os registros são eminentemente internos no bebê, em que há tão somente o Id, o Ego estará em fase de construção e organização. Há corpo e energia neuronal circulante tão somente. O bebê estará envolvido com as funções cardíacas, pulmonares e digestivas.

Os pacientes em desvalimento permanecerão com fixações importantes na primeira fase do Ego primitivo, fase essa em que serão registrados os afetos expressos em desprendimentos libidinais nas fases mais avançadas do sujeito. Por isso, essa é a primeira forma de memória que tem o ser humano que não depende de representações; depende somente de estados afetivos, dos cuidados e do *holding* propiciado ao bebê (WINNICOTT, 2013).

De acordo com Maldavsky (1996, p. 176):

[...] as relações de um indivíduo com seu ambiente serão a base para o surgimento da consciência, tanto afetiva quanto sensorial. Temos afirmado que a percepção só adquire significado e é acompanhada por consciência quando envolvida com a qualificação afetiva. Então, essa percepção-consciência pode culminar em falha mnêmica. O surgimento da qualificação implica o desenvolvimento da consciência ligada ao afeto, ponto no qual fica evidente o valor do outro, do semelhante (Tradução nossa).

Se o bebê é atendido de maneira amorosa, se está satisfeito, se está sustentado de maneira acolhedora e equilibrada, sem agitação, com a temperatura correta, poderá descontrair-se, terá uma expressão de paz e conforto com a experiência de plenitude e harmonia. Trata-se de um estado afetivo chamado de estado de base. Constitui o fundamento do sentimento de si, do sentir que se está vivo e bem.

Para Maldavsky e colaboradores (2007), nesses primeiros 40 dias do bebê, esses processos vão se organizando, e é na fase da libido intrassomática que se formarão as

primeiríssimas folhas, com um primeiro estrato, organizando memórias, até culminar, finalmente na lógica, que corresponde ao pré-consciente verbal, à linguagem, permitindo, assim, o acesso à consciência. O processo será contínuo até chegar à consciência secundária, vinculada à linguagem verbal.

A qualificação implica uma modificação das quantidades em uma unidade de tempo (ritmo). O prazer é pura qualidade. Para Freud ([1915] 1969), somente será registrada a qualidade se houver prazer. Caso a vivência seja desprazerosa, irá se registrando e se formando um vazio na psique do bebê, não haverá registro do sentir de si, prejudicando a instauração da primeira fase, base para a formação da consciência secundária, na qual estariam instalados o simbolismo e a representação (1895 [1950] 1988).

Uma abordagem do desvalimento

David Maldavsky, psicanalista argentino, desenvolve há mais de 30 anos, a partir de estudos das teorias de Freud, uma pesquisa sobre problemas e patologias do desvalimento. Para ele, as patologias referidas nos sintomas de desvalimento advêm de uma relação muito arcaica, não empática e não acolhedora, especialmente nos primeiros 40 dias do bebê.

De acordo com o autor, os registros mnêmicos serão possibilitados quando o bebê recebe, percebe, sente e registra afetos. Na falta de um outro empático com o bebê, o afeto processado poderá transformar o processo do afeto. Nesse caso, na idade adulta os efeitos dos transtornos dos afetos, um deles pode ser a abulia, que aparece no lugar do sentir, com uma dor carente de representação no sujeito, originando um vazio existencial em lugar dos afetos, propiciando possíveis falhas nas bases da subjetivação. Com base nessa perspectiva, entende-se alterações na origem da consciência e da subjetividade. Em muitos dos casos de desvitalização e apatia do sujeito, os motivos e as raízes são pesquisados nas vicissitudes desse período arcaico vital.

Para Maldavsky e seu grupo de pesquisadores (2000), incluem-se nessa abordagem pacientes com traços autistas, neuroses tóxicas e traumáticas, doenças psicossomáticas, adições, transtornos alimentares, perturbações do sono, violência vincular, promiscuidade e outras patologias, que, do ponto de vista psicopatológico, diferem das neuroses, das psicoses e das perversões.

Sintomas psicossomáticos: correntes teóricas

Surgiram, na psicanálise, duas correntes para compreender a somatização. Uma delas tenta explicar a psicossomática com o modelo da conversão histérica descrita por Freud. Faz da histeria o modelo de toda somatização, estendendo ao pré-genital o processo de conversão simbólica. Muitos dos autores que defendem essa ideia estão próximos da teoria das relações objetais e da teoria kleiniana.

Uma segunda corrente busca opor as psiconeuroses de defesa (obsessões, fobias e histeria, em particular) às neuroses atuais. Em outras palavras, opõe o sintoma conversivo histérico ao sintoma psicossomático. Atualmente, contudo, entende-se que as interpretações de fenômenos de somatização derivam das duas posições anteriores, ambas relacionadas com sintomas que têm expressão no corpo, determinadas pelo sistema freudiano (conversão histérica e neuroses de angústia).

De acordo com Marty (1963), isso seria produto de um desamparo inicial, propiciado por demandas do bebê não atendidas, vinculado a uma mãe narcísica, que promove um vazio psicológico, em desacordo com seus ritmos pulsionais e com suas necessidades básicas, de modo a não contribuir para o desenvolvimento ou o desdobramento do espaço simbólico, da fantasia, abrindo-se caminho para a ação direta corporal.

McDougall (2001) defende que os fenômenos psicossomáticos podem ser evitados quando uma organização neurótica serve de “escudo” contra a somatização. Vale-se; para

sua teoria, do conceito de Winnicott (2013) de falso *self*, agregando que o fracasso das defesas habituais frente ao desamparo psíquico poderá propiciar somatização da dor mental.

Desestimação do afeto (repúdio do afeto)

Os pacientes descritos acima, em suas manifestações pulsionais, apresentam uma tendência a deixar-se morrer – identificada como apatia –, sendo sua defesa mais incidente a desestimação do afeto, o que denota prejuízo no desenvolvimento da subjetividade. Tal fator resulta de qualidades inexistentes, ou muito pobres, registradas na psique a partir dos vínculos estabelecidos no ambiente familiar.

No que diz respeito à estratificação da primeira tópica de Freud (inconsciente, pré-consciente e consciente), nas patologias do desvalimento, a instância desinvestida é a consciência, mais precisamente a consciência originária, anterior às marcas mnêmicas e às representações, com registros sensoriais capturados do ambiente, que poderá ser empático ou hostil.

De acordo com a segunda tópica de Freud, cuja instauração do Ego permanece, em parte, no Id, pacientes da clínica do desvalimento evidenciam subjetivação do Ego frágil e insegura, sem clareza de si mesmos como sujeitos com independência psíquica.

Freud ([1850] 1988) distinguiu uma consciência oficial, que chamou de secundária, implicada na formulação “fazer consciente o inconsciente”, e uma consciência anterior, originária, a qual denominou de neuronal, que consiste na captação de vitalidade, força ou manifestação pulsional como fundamento da subjetividade. Para ele, os conteúdos iniciais da consciência são a percepção, da qual derivam as marcas mnêmicas, e os afetos, os primeiros a se desenvolver como algo novo e diferente dos processos mentais puramente quantitativos da época de recém-nascido.

Para Maldavsky e colaboradores (2007), em determinadas manifestações psicopato-

lógicas, em situações de fixações traumáticas prevalentes, observa-se uma tendência a processar os conflitos mediante alterações internas. Caso a libido não tenha sido estimulada e deslocada para as zonas erógenas periféricas (como caminho para estabelecer uma circulação pulsional intersubjetiva), formar-se-á uma aderência ao próprio corpo, com um estado de estancamento, o que, em muitos casos, poderá manifestar-se como somatizações. Freud destaca:

[...] efetivamente no início da vida psíquica, a ação específica não esta descoberta e estabelecida como método de tramitar uma exigência pulsional. Agrega então que, enquanto isso não ocorrer, a pulsão e processada por alterações internas. Sendo, desse modo, esse o critério inicial de processamento da pulsão (FREUD, [1850] 1988 *apud* MALDAVSKY, 1996, p. 188).

Somatização: desvitalização ou apatia

Maldavsky (1995) denominou tais patologias somáticas como “depressão sem consciência”, ou seja, sujeitos sem registros sensoriais de qualificações, provenientes do afeto, em tempos primordiais. A etapa evolutiva em que se cria o cenário que dá origem à depressão sem afeto é aquela que surge da vida psíquica, a partir do encontro entre um substrato neuroquímico, o recém-nascido e um mundo extracorporal, conectado com sua mãe, em sua capacidade de entender e decodificar as demandas do bebê.

Para o autor, quando não registra empatia, a figura materna se inscreve na mente da criança como um interlocutor arbitrário que contraria a realidade, ao que ele denomina de “déspota louco”, a cujo domínio absoluto o paciente sucumbe, tornando-se um ser desvitalizado ou vivo inanimado:

Viver significa ser amado e, se isso não ocorrer, o eu ego resigna-se a si mesmo, causando uma baixa no investimento libidinal narcisista (MALDAVSKY, 1996, p. 195, tradução nossa).

Deve-se ainda destacar que a apatia que resulta da carência de qualificação do afeto pode ser substituída pelo pânico e, em outros momentos, pela fúria, a qual se oferece como um caminho para retornar à inércia letárgica.

Destacam Maldavsky e colaboradores (2007) que os estados de desvitalização parecem ser o efeito de uma defesa contra Eros pela ação da pulsão de morte, podendo impedir que se acumule energia de reserva na psique do sujeito.

Freud explicitou ([1923] 1969) que a ausência da energia de reserva impede o indivíduo de realizar ações específicas para tramitar as exigências pulsionais amorosas ou hostis, próprias ou do outro, despertando no ego uma angústia automática, a qual surge como corolário da desvitalização.

Grupos de estudos na Argentina tratando do desvalimento

Há grupos de estudos na Argentina, para os quais pacientes psicossomáticos são considerados dentro de um grupo mais extenso. Para esses grupos de trabalho, não se trata de patologias tóxicas, em que são incluídas adições, transtornos alimentares, neuroses traumáticas, consideradas dentro do estado de desvalimento psíquico.

De acordo com Maldavsky (1992), esse estado é o produto de um déficit de funcionamento egoico libidinal determinante da constituição de um fragmento anímico comandado por uma corrente psíquica, na qual a desestimação do afeto é usada como defesa, capaz de conduzir ao dano orgânico.

A corrente psíquica que sustenta os aspectos psicossomáticos em uma estrutura de personalidade (derivando daí, em grande proporção, algumas das características de pacientes psicossomáticos) está organizada em torno de um estancamento libidinal tóxico como resultado de fixações no erotismo intrassomático e no ego real primitivo.

Nesses pacientes, há uma articulação defensiva cuja defesa central e frequente é a desestimação dos afetos, sem condições de

qualificar os sentimentos devido à existência do registro de quantidades tão somente, que se descarregam no soma via alterações orgânicas, fazendo com que a fonte coincida com o objeto da pulsão.

Fragmento de um atendimento psicanalítico

Otávio tem perto de 50 anos, é solteiro, mora com os pais e auxilia o pai no negócio. Veio ao consultório em busca de ajuda, por não suportar a irritação na pele e os pruridos resultantes de psoríase, conforme o diagnóstico médico. De acordo com os relatos do pai, que procurou tratamento para a coluna na clínica, o filho fora rejeitado pela mãe devido ao fato de ela estar, na época da gravidez desse filho, com um bebê de três meses. Outro motivo seria que a esposa gostaria de ter tido uma menina, uma vez que já havia gerado dois filhos homens. Ao nascer, Otávio estava asfixiado com o cordão umbilical, resultando em anoxia. Mais tarde, no colégio, foi constatado que o menino apresentava dificuldades de aprendizagem. Há quatro anos, tentou suicídio duas vezes.

Otávio chegou às sessões terapêuticas relatando fatos dos pais, dos vizinhos, dos irmãos; todos os relatos eram monótonos, como se ele próprio não existisse. No início, antes de frequentar a terapia, permanecia a maior parte do tempo no quarto, por vergonha das feridas que se estendiam pelas pernas, pelos braços e pelas costas. Havia nele um olhar vago e quase um desespero pelo incômodo das erupções e dos pruridos na pele.

Iniciaram-se as sessões com incertezas sobre a possibilidade de realmente ajudar o paciente, semelhante a um caminhar sob neblina; e ele, com grandes expectativas de melhora. Com todo o acolhimento terapêutico e uma escuta bem apurada, foi possível observar que Otávio tinha muita dificuldade em expressar sentimentos. Expressava-se em quantidades, por exemplo: quanto vendeu na loja do pai, quanto gastou com remédios, quanto tempo levava no trajeto até a clínica,

etc. Em algumas sessões, chegou com o semblante cerrado porque alguma coisa dera errado. Conforme ia relatando os fatos, foi induzido a lembrar-se do que ocorreu durante o dia. Era possível perceber a existência de muita raiva, tristeza e ressentimento devido a sua situação física, mas ele não expressava, só dizia que estava cansado, sem energia; não havia nele subsídios para qualificar esse estado energético.

Pacientes assim não aprenderam a decodificar os sentimentos, a refletir sobre o porquê dos fatos, nem puderam desenvolver formas de pensar estratégias. Aparentam um vazio imenso, com uma vida nebulosa, sem iniciativa e sem muitas perspectivas. Enquanto terapeuta, a partir do sentimento empático, é necessário emprestar a própria subjetividade para que o paciente aprenda a refletir sobre seus sentimentos, por exemplo, nomeando o que se passou antes de sentir-se desvitalizado. Possivelmente, foi desacatado, pressionado, tratado com indiferença ou segregado.

Passados dois anos, as lesões do Otávio foram se debelando, por conta de sua dedicação ao tratamento. Estando o paciente enquadrado na clínica do desvalimento, nem a atenção flutuante, nem a tentativa de afrouxar a resistência, nem o processo de transferência funcionam.

Nesses casos, o terapeuta ajudará a decodificar os relatos e as queixas, auxiliando na formação de significados para que o paciente possa dar início ao processo de simbolização e qualificação dos seus sentimentos, como também dar maior valor a sua própria existência, que acompanha uma baixa autoestima, devido à falha na constituição do eu como sujeito, instaurada, muito precariamente, nos primórdios da sua existência.

Otávio sentia-se solitário muitas vezes em seu quarto, e o único refúgio e forma de sentir-se vivo era navegar na internet ou comunicar-se pelo *Facebook*. Dessa maneira, sem o contato físico, virtualmente, tinha a ilusão de que estava realmente interagindo com

outras pessoas ou parentes. Para ele, essa era uma ferramenta que o retirava um pouco da letargia, da tristeza e do sentir-se só.

Alvaréz (2013), discorrendo em sua tese as características da vida infantil e de vínculos, menciona que os efeitos posteriores de desconexões iniciais podem resultar em um desconhecimento dos afetos e desejos infantis, que passam a ser substituídos pelas aspirações paternas.

De acordo com a autora, é comum ver pais que se impõem sobre a vida anímica dos filhos, com dificuldades enormes em considerar os desejos deles, ou perguntar por eles, impondo-lhes, em lugar disso, as próprias respostas. Essa era a forma de tratamento dos pais com relação a Otávio, pois o pai falava por ele, decidia por ele de modo despótico a vida do filho. Com esse procedimento, é gerado, pouco a pouco, um sentir de invalidez diante da vida.

Para esses pacientes, o outro não foi constituído como diferente, capaz de ser interlocutor, capaz de ser receptor de seus desejos e de seus projetos. Não há um outro em quem se possa confiar ou a quem se possa pedir ajuda. É como viver em um mundo onde é necessário se autoabastecer com a sensação de não poder confiar em ninguém.

Acreditam que não interessa o que tenham a dizer de si próprios. Então, quando falam, fazem-no a partir do que supõem que o outro quer escutar, devendo o terapeuta estar atento a esse detalhe. São pacientes que muitas vezes se apresentam com uma fachada não genuína, caracterizada por certa adulação e um comportamento sobreadaptado ao meio vivenciado em determinado momento.

Considerações finais

Esta pesquisa de referenciais nos propõe reflexões sobre novas práticas psicanalíticas, que, repensadas a partir dos estudos de Freud, buscam, em fases pré-edípicas, estudar as vicissitudes de um ambiente não empático e não acolhedor, propiciador de des-

valimento, com sintomas psicossomáticos ou adições.

Pacientes com déficits patogênicos, cuja subjetivação se encontra fragilizada, apresentam, em seu lugar, um vazio existencial, com estado de estupor, sem conexão com a realidade. São pacientes que chegam ao consultório denotando uma construção incompleta do aparelho psíquico, sem noção de si mesmos enquanto sujeitos independentes.

De acordo com vários estudiosos, essas manifestações psíquicas na fase da adolescência ou na vida adulta são produto de vivências de desamparo inicial, nos primórdios da existência do bebê, denominada por Freud de fase do Ego real primitivo. Tal estado é propiciado por demandas não atendidas, seja de uma mãe narcísica, seja de uma cuidadora não disponível às demandas do bebê. Registra-se, assim, em lugar de qualidades decorrentes de afetos, um vazio psicológico, com o sentir de desamparo rítmico e afetivo, que contraria o registro narcísico na psique do bebê.

Abstract

In contemporary practice, there is a tendency to the predominance of patients in need of a life with symbolic function, not registered in the early evolutionary steps. These are patients with traumatic fixations of a time when the psychic apparatus is still unable to meet the demands of the endogenous and exogenous vicissitudes. This work proposes a reflection on new forms of psychoanalytic practice rethought from Freud's studies through pre-Oedipal phases, to study the vicissitudes of a non-empathic and non-welcoming environment, in states of helplessness expressed by psychosomatic symptoms or additions. This environment, which was non-provider in early life, may be propitious to toxic neuroses, or eating disorder, among many other pathologies. In this paper, we will discuss a case of psychic helplessness with psychosomatic symptoms and the use of virtual communication as a way to express suffering.

Keywords: Contemporary psychoanalytic clinic, Helplessness, Freudian metapsychology, Sexual drive, Virtual communication.

Referências

ÁLVAREZ, L. H. *Investigación psicoanalítica de los deseos y las defensas en pacientes psicossomáticos crónicos con diferente evolución clínica*. 2013. Tesis (Doctorado en psicología) - Universidad de Ciencias Empresariales y Sociales (UCES), Buenos Aires, 2013.

ÁLVAREZ, L. H. Para recibirme de "Carla". *Actualidad Psicológica*, Buenos Aires, 36 (396), 13-16, 2011.

ÁLVAREZ, L. H.; COSTA, G. O silêncio da alma. In: COSTA, G. et al. *A clínica psicanalítica das psicopatologias contemporâneas*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

FREUD, S. Correspondencia con Fliess, Carta 52 (1950). In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, vol. I, 1988.

FREUD, S. Carta 52 (06 dez.1896). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 281. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. La fijación al trauma, lo inconsciente (1917). In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, vol. XIV, 1988.

FREUD, S. Los orígenes del psicoanálisis (1892). In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, vol. I, 1988.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 27-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 123-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. Pulsões e destinos das pulsões (1915). In: _____. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (1911-1915). Coordenação-geral da tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 133-173. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

GREEN, A. A mãe morta. In: GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, p. 239-273, 1988.

MALDAVSKY, D. Clínica de las adiciones. Buenos Aires: Zona Erógena, v. 26, 1995.

MALDAVSKY, D. *Lenguaje, pulsiones y defensas. Redes de signos, secuencias narrativas y procesos retóricos en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires, Nueva Visión, 2000.

MALDAVSKY, D. Erogeneidades, defensas y lenguaje: aportes al desarrollo de una metodología psicoanalítica de investigación. *Psicoanálisis APdeBA*, 22(3), 699-718, 2000. Disponível em: <<http://www.apdeba.org/wp-content/uploads/032000maldavsky.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

MALDAVSKY, D. et al. *La intersubjetividad en la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Lugar, 2007.

MALDAVSKY, D. *Linajes abúlicos: procesos tóxicos y traumáticos en estructuras vinculares*. Buenos Aires: Paidós, 1996.

MALDAVSKY, D. *Teoría y clínica de los procesos tóxicos: adicciones, afecciones psicosomáticas, epilepsias*. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

MARTY, P.; M'UZAN, M.; DAVID, C. *L'investigation Psychosomatique*, Paris: PUF, 1993.

McDOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros: uma explanação psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

URRIBARRI, F. Postface. In: GREEN, A. *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Paris: Odile Jacob, 2010.

WINNICOTT, D. W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

Recebido em: 02/05/2016

Aprovado em: 03/05/2016

Sobre as autoras

Maria Helena Nemitz Alcaraz Gomes

Psicanalista do Círculo Psicanalítica do RS.
Especialista em Medicina Chinesa.
Doutoranda em Psicologia
na Universidad de Ciencias
Empresariales y Sociales (UCES), Buenos Aires.
E-mail: <clinivida.rs@terra.com.br>

Liliana Haydee Alvarez

Doutora em Psicologia.
Master em Patologías do Desvalimiento.
Docente titular do Doutorado em Psicologia.
Coordenadora acadêmica do Instituto
de Altos Estudios en Psicología
y Ciencias Sociales da UCES (IAEPCIS),
Buenos Aires.
Coordenadora acadêmica
do Laboratório Universitário
de Psicanálise de Casais e Família.

Endereço para correspondência

Maria Helena Nemitz Alcaraz Gomes

E-mail: <clinivida.rs@terra.com.br>

Neurose moderna e mal-estar da civilização

Modern neurosis and civilization discontent

Martín Mezza

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar a categoria de “neurose moderna”, sintagma utilizado por Lacan unicamente no texto *A agressividade em psicanálise*, como capaz de abarcar uma diversidade de sofrimentos que, por não encontrar seu lugar na teorização e na nosologia psicanalítica, são incorporados nos limites da neurose de transferência e da psicose, ou considerados diretamente a partir da lógica expressa nos diagnósticos da psiquiatria americana. Dessa maneira, este trabalho se insere no marco de uma reflexão epistêmica e nosológica, que visa salientar diversos sofrimentos acolhidos pela clínica psicanalítica atual, considerando a categoria de “neurose moderna” como irredutível à categoria de neurose de transferência.

Palavras-chave: Psicanálise, Neurose moderna, Nosologia, Civilização, Modernidade.

Novos sofrimentos e psicanálise

Na última década, os novos sofrimentos psíquicos – e sua relação com a época – têm se tornado um objeto privilegiado e de inquestionável relevância para todo o diverso espectro das ciências sociais e de saúde. A psicanálise também passou a se ocupar dessa realidade; prova disso são os inumeráveis artigos e livros em relação a essa temática, assim como os últimos congressos das diversas sociedades analíticas.¹

A psicanálise não pode prescindir de um “diagnóstico” de época nem pode simplesmente se resumir numa análise micro ou macro das condições culturais e dos processos sociais contemporâneos, já que sua prática se fundamenta numa clínica do particular; tampouco poderia se contentar com identificar novos sofrimentos “psíquicos”, já que isso a aproximaria do discurso da patologização e medicalização, impulsionado pela psiquiatria e pela psicologia a ela associada.

Dessa maneira, nem puramente social, nem na trilha de uma ontologização individualista subsidiária de um mítico aparelho psíquico que tenha por parâmetro uma imaginada normalidade desde onde medir os novos desvios ou sofrimentos, a psicanálise precisa definir os novos sofrimentos a partir da sua ética, sua epistemologia e sua nosologia.

Torna-se fundamental para o psicanalista saber que, desde sua perspectiva ético-teórica, os sofrimentos – abordados pela psicanálise – não se opõem a uma normalidade nem são classificados por signos capazes de identificar e isolar entes da natureza. Pelo contrário, o sofrimento é captado mediante estruturas que se organizam através de uma série de oposições internas (EIDELSZTEIN, 2008), conformando o que se pode chamar de nosologia psicanalítica (neuroses – psicoses e perversão).

Dessa maneira, adverte-se que essa oposição estrutural e suas subdivisões (obses-

1. *O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI* (X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, Rio de Janeiro, abr. 2016); *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise* (CPB, 2015); *Solos e solas. Lo que dice y hace el psicoanálisis* (XXIV Jornadas da EOL, Caba, 2015); *O império das imagens* (VII Enapol, São Paulo 2015); *Clínica psicanalítica. Perspectivas actuales* (XLIII Congreso de APA, Caba, 2015). *El orden simbólico en el siglo XXI* (VIII Congreso da AMP. Caba, abril 2012).

são, histeria, fobia; paranoia, esquizofrenia; sadismo, masoquismo, voyeurismo e exibicionismo) não contemplam uma variedade relativamente grande de sofrimentos decorrentes de posições subjetivas atuais, que cotidianamente direcionam sua demanda ao psicanalista.

Modernidade e mal-estar da civilização.

Se voltarmos a ler as páginas de *A moral sexual [civilizada] e a nervosidade moderna*² (1908), temos a impressão de que 100 anos não são nada.³ Freud traz a opinião da comunidade médica da sua época (W. Erb, Beard; Binswanger; V. Krafft-Ebing) preocupada com as mudanças sociais e a sua relação com o aumento da “nervosidade”.

Assim, apresenta a vida moderna urbana instigada pela exigência do progresso, segundo formas facilmente reconhecíveis por nós: a busca de um luxo inaudito, inclusive por estratos de populações que o desconheciam por completo; irreligiosidade; aumento de descontentamento e apetências; a comunicação e o comércio internacional como base da aceleração e a agitação que alteram o ciclo do trabalho e do descanso; as incertezas das crises políticas e econômicas, assim como as crescentes lutas de diversos coletivos sociais na esfera pública; a procura por estímulos mais potentes e gozos mais picantes; a exposição na mídia ou em outras formas de representação social, de uma estética e valores contrários aos ideais e princípios éticos da sociedade (FREUD, [1908] 1996, p. 165).

A comunidade científica dessa época, sem a noção atual de plasticidade neuronal, mas numa evidente comunhão paradigmática, utilizava a noção de estresse para teorizar a articulação entre o social e o indivíduo. A biologia já se apresentava como a grande ar-

ticuladora entre o social e o individual. Segundo eles, as formas de vida moderna impunham ao cérebro uma exigência de trabalho cada vez maior (estresse), tirando tempo de sonho, distração e descanso, o que resultava num aumento da “nervosidade”.

Freud (1908) concordará com esse pensamento, mas dirá que é necessário sair das formas gerais da nervosidade e, mediante um olhar mais clínico e atento, considerar as suas formas particulares: neuroses tóxicas e psiconeuroses. Dessa maneira, a articulação entre o geral e particular, entre a cultura e o indivíduo, estaria não no estresse do sistema nervoso, e sim na sufocação – mediante o recalque das “pulsões sexuais orgânicas” –, instigada pela moralidade social.⁴ Essa tese tem a importância de incorporar ao debate a sexualidade e o mecanismo psíquico, mas não abandona a organicidade (“pulsões sexuais orgânicas”) nem deixa de lado a dicotomia indivíduo e cultura, que será continuada e desenvolvida completamente no texto *O mal-estar na cultura* (1930).

Jacques Lacan ([1948] 1998, p. 122-123) conseguiu estabelecer uma nova elaboração das condições sociais e sua relação com o sofrimento individual. O progresso será entendido não apenas como produtor de estresse (versão biológica) ou como contribuidor da moral sexual no processo de sufocação das pulsões sexuais orgânicas (versão psicofísica), mas também como determinante da preeminência de uma agressividade no desenvolvimento social e do eu humano.

[...] o sucesso de Darwin parece dever-se a ele haver projetado as predações da sociedade vitoriana e a euforia econômica que sancionou a devastação social que ela inaugurou em escala planetária, e a havê-las justificado pela imagem de um *laissez-faire* dos devoradores mais fortes em sua competição por sua presa natural (LACAN, [1948] 1998, p. 123).

2. Tradução livre do título da edição castelhana de J. Luis Etcheverry, Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

3. Na atualidade tem lugar uma rica e complexa discussão dentro das ciências sociais, que visa definir se estamos vivendo sob as condições da modernidade, da hipermodernidade ou da pós-modernidade.

4. Aqui Freud segue a tese do filósofo austríaco Christian Von Ehrenfels em relação à nocividade da monogamia.

Em outro momento, Lacan reforçará essa crítica lembrando que na natureza animal existem muitos exemplos de solidariedade, tanto e quanto como de sobrevivência de pequenos e frágeis organismos, acentuando, assim, ainda mais essa projeção social que chamará de “barbárie do século darwiniano” (LACAN, [1948] 1998, p. 123).

Antes dele [refere-se a Darwin], no entanto, Hegel havia fornecido a teoria perene da função da agressividade na ontologia humana, parecendo profetizar a lei férrea de nossa época. Foi do conflito entre o Senhor e o Escravo que ele deduziu todo o progresso subjetivo e objetivo de nossa história, fazendo surgir dessas crises as sínteses que representam as formas mais elevadas do status da pessoa no Ocidente, do estoico ao cristão, e até ao futuro cidadão do Estado Universal (LACAN, [1948] 1998, p. 123).

Não é a cultura que sufoca a vida pulsional (sexualidade e agressividade) nem naturalmente boa (Rousseau), nem suficientemente má. É a cultura que introduz a negatividade na natureza; e mediante a função central da agressividade – promovida por ela mesma – desenvolve o conflito entre as consciências (Senhor e escravo), que vem a constituir as formas da pessoa em Ocidente. “Lei férrea de nossa época” em que Hegel (1807) encontrará não simplesmente o mito antropomórfico, mas também a tendência da sociedade moderna ao individualismo.

Considerou-o como um desvio, uma patologia, uma posição louca do Ocidente. Lacan ([1950] 1998) retoma esse diagnóstico, articulando as formas do individualismo tipificadas por Hegel (alma bela, lei do coração e delírio de presunção) numa verdadeira teoria da loucura, ligada à lógica do eu e do ideal.

Mais próximo do nosso tempo, o antropólogo Luís Dumont (1999) conseguiu elaborar e sistematizar as condições e os efeitos do individualismo Ocidental. E as recentes ideias de Espósito (2005) – o individualismo

como patologia autoimune – parecem continuar as elaborações iniciadas por Hegel.

Aqui, o indivíduo natural é tido por nada, já que o sujeito humano efetivamente o é diante do Senhor absoluto que lhe é dado na morte. A satisfação do desejo humano só é possível mediatizada pelo desejo do outro e pelo trabalho do outro. Se, no conflito entre o Senhor e o escravo, é o reconhecimento do homem pelo homem que está em jogo, é também numa negação radical dos valores naturais que ele é promovido, ou seja, que se exprime na tirania estéril do Senhor ou na tirania fecunda do trabalho (LACAN, [1948] 1998, p. 123).

A posição de Lacan não deixa dúvida. O ser humano, os sofrimentos humanos que interessam ao discurso psicanalítico não se constituem em relação a nenhuma natureza, senão em relação à morte. Não há satisfação que implique relação entre o homem e a natureza. O que está em jogo é a relação entre os homens, relação de luta – a morte – não pela vida nem pelo espaço, senão pelo reconhecimento. E como se não bastasse essa tomada de posição pelo idealismo hegeliano, com a qual se afasta da concepção dual do mal-estar na cultura, nos traz a dialética comum entre as paixões da alma e da *pólis*, de Platão.

[...] a sabedoria de um Platão nos mostra a dialética comum às paixões da alma e da *pólis*, podem esclarecer-nos sobre a razão dessa barbárie. Trata-se, para dizê-lo no jargão que corresponde a nossas abordagens das necessidades subjetivas do homem, da ausência crescente de todas as saturações do supereu e do ideal do eu que são realizadas em todo tipo de formas orgânicas das sociedades tradicionais, formas estas que vão dos ritos da intimidade cotidiana as festas periódicas em que se manifesta a comunidade. Já não as conhecemos senão sob os aspectos mais nitidamente mais degradados. Mais ainda, por abolir a polaridade cósmica dos princípios masculino e feminino, nossa sociedade conhece todas as

incidências psicológicas próprias do chamado fenômeno moderno da luta entre os sexos. [...] está claro que a promoção do eu em nossa existência leva, conforme a concepção utilitarista do homem que a secunda, a realizar cada vez mais o homem como indivíduo, isto é, num isolamento anímico sempre mais aparentado com sua derrelição original (LACAN, [1948] 1998, p. 123-124).

Mediante as elaborações de “barbárie do século darwiniano”, “o conflito do Senhor e o escravo” e a “dialética entre as paixões da alma e da *pólis*”; Lacan consegue articular os efeitos do progresso da vida moderna de um modo diferente de Freud e a comunidade científica da época deste. Já não se tratará da oposição cultura/organismo mediada pelo estresse, nem cultura/pulsões mediada pelo aparelho psíquico; não se tratará mais de um jogo de forças dispare, da força do progresso que afeta a fragilidade orgânica ou dos esforços da moral cultural para dominar as intensidades pulsionais.

São os próprios efeitos do progresso da vida moderna que participam de um tipo de produção de subjetividade, em que o homem ocidental vem a se constituir fundamentalmente por uma agressividade que marca todo o desenvolvimento do eu, e levá-lo a se realizar como indivíduo no “isolamento da alma” (sociedade cabide de Bauman) e na “derrelição original”.

Esse indivíduo acaba por se confundir com o ser de nada (*Nihil*) e por naufragar na fragmentação original – alguns autores (STUART HALL, 2003) elevam esse signo, junto com a multiplicidade e a crise de identidade, a um traço preeminente da pós-modernidade – à que articulará uma série de sofrimentos diferentes aos reconhecidos para as neuroses de transferência.

Neurose moderna: os sofrimentos do homem ‘liberado’ da sociedade moderna
Em oposição à neurose de transferência, a neurose moderna consiste em sofrimentos,

e não em sintomas, e se desenvolve sobre um fundo de liberação, e não de dependência. O próprio do sintoma neurótico, aquele que a psicanálise apreendeu como neurose de transferência, é se deslocar, se transferir e, assim, transmitir uma verdade recalçada, que se tece no interdito entre o sujeito e o Outro. Consiste num tipo particular de relação entre linguagem e palavra, em que a verdade ocupa o lugar da causa (LACAN, [1966] 1998), e o significante, elidido da consciência do sujeito, dá a cifra do discurso do Outro (LACAN, [1956] 1998).

O sofrimento da neurose moderna apresenta outro tipo de paradoxo entre linguagem e palavra, outra relação como a verdade e outro laço com os Outros históricos. Aqui, o sentido se perde nas alienações e nas objetivações do discurso.

Dessa maneira, o sofrimento (*souffrance*) da neurose moderna suspende o sentido, troca a verdade pela manifestação pura do sofrimento. Não há elisão nem substituição de significantes. Esse sofrimento não se intercambia com significantes, com verdades. Diante da pergunta: o que significa esse sofrimento? a resposta que achamos tem estrutura tautológica: o sofrimento é o sofrimento. Assim, o vemos objetivar-se nos fatos, cobrir um dizer, dificultá-lo ao máximo e impossibilitar toda tendência a se tornar sintoma.⁵

No homem “liberado” da sociedade moderna, eis que esse despedaçamento revela, até o fundo do ser, sua pavorosa fissura (LACAN, [1948] 1998, p. 126).

Vemos que a “liberação” das instâncias simbólicas, das tradições, da história e do complexo de Édipo não nos leva diretamente até a terra prometida; pelo contrário, nos confronta com a divisão, com os efeitos da

5. Esta diferença entre sintoma e sofrimento foi extraída da aula n.º 4 do *Seminário 16*, de Lacan (1968-1969), mas a atribuição específica à diferença entre neurose moderna e neurose de transferência não é feita explicitamente por Lacan; é uma interpretação de nossa autoria.

lógica significativa, mediante um “despedaçamento” em que a dialética do ser e do nada se experimenta nos efeitos imaginários do eu.

Comunidade imensa, no limite entre a anarquia “democrática” das paixões e seu nivelamento desesperado pelo “grande zangão alado” da tirania narcisista, está claro que a promoção do eu em nossa existência leva [...] a realizar cada vez mais o homem como indivíduo, isto é, num isolamento [...] sempre mais aparentado com sua derrelição original (LACAN, [1948] 1998, 124).

Essa “liberação” do Outro, das formas sociais e culturais, essa ruptura da dialética entre as paixões e as saturações sociais, longe de atingir alguma liberdade ou de achar um ponto de fuga para os efeitos de determinação inconsciente, encontra, no desenvolvimento do eu, a tirania do narcisismo e a promoção dos seus tipos particulares de sofrimentos.

Em primeiro lugar, Lacan destaca a participação da agressividade na neurose moderna e no mal-estar da civilização (LACAN, [1948] 1998, p. 112). Mas essa agressividade, que é consequência da identificação narcísica e não se esgota em si mesma nem nos efeitos de violência que hoje são considerados como parte dos novos sintomas sociais, também se expressa de diversas maneiras – a princípio não tão próximas – como “o medo fantasístico, a cólera, a tristeza ativa ou a fadiga psicastênica” (LACAN, [1948] 1998, p. 113).

Mas também fazem parte deste diagnóstico:

[...] a neurose de autopunição, com os sintomas histérico-hipocondríacos de suas inibições funcionais, com as formas psicastênicas de suas desrealizações do outro e do mundo, com suas sequências sociais de fracasso e de crime. É essa vítima comovente, avaliada de alhures, inocente, que rompe com o exílio que condena o homem moderno a mais assustadora galé social, que acolhemos quando ela

vem a nós; é para esse ser de nada que nossa tarefa cotidiana consiste em reabrir o caminho de seu sentido, numa fraternidade discreta em relação a qual sempre somos por demais desiguais (LACAN, [1948] 1998, p. 126, grifo nosso).

Perante esse diagnóstico de época, que podemos sintetizar como “a agressividade ontológica do eu” e “no homem liberado da sociedade moderna: o indivíduo”, encontramos uma série de sofrimentos que se articulam a uma identificação narcísica, que se caracteriza por apresentar sem mediações seu avesso: o ser de nada e a fragmentação original.

Discussão

A categoria de neurose moderna apresenta de forma manifesta uma nova possibilidade para revisar os supostos epistêmicos da psicanálise, assim como sua relação com as ciências sociais. Através dela se estabelece um “diagnóstico” social, que de alguma maneira, antecipa e se relaciona com as elaborações atuais produzidas pelos máximos representantes das ciências sociais; oferece ao psicanalista um contexto social preciso em que pensar sua prática clínica com os indivíduos; e questiona a lógica binária com que se pensa o mal-estar na civilização (organismos – cultura, interno – externo, texto e contexto), circunscrevendo uma série de sofrimentos numa textura entre o sujeito e a cultura.

Entendemos que essa categoria também permite abordar uma série de sofrimentos – os mencionados no texto – sem o risco de entrar na deriva psiquiátrica, que estende indefinidamente os diagnósticos, contribuindo com a patologização e a medicalização da vida.

Enfim, entendemos que a neurose moderna – apenas apresentada aqui – é uma categoria que precisa de mais descrição clínica e elaboração conceitual, já que tem fundamentos epistêmicos e teóricos como para contribuir nas lacunas e problemáticas da

teoria, assim como potencial para alargar o campo nosológico que subsidia a clínica psicanalítica.

Abstract

This article aims to present the category of “modern neurosis”, syntagma used by Lacan only in the text: “Aggressiveness in psychoanalysis” as capable of embracing a diversity of suffering which, as they do not find their place in theorizing and in psychoanalytic nosology, they are incorporated in the transfer’s neurosis and psychosis limits, or considered from the logic expressed in the diagnosis of American psychiatry. Thus, this work is part of an epistemic and nosological reflection, which aims to highlight various subjective methods accepted by the current psychoanalytic practice, from consider the category of “modern neurosis” as the category irreducible transfer’s neurosis.

Keywords: *Psychoanalysis, Modern neurosis, Nosology, Civilization, Modernity.*

Referências

AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano y la nuda vida*. Valencia: Pre-Textos, 1998.

BAUMAN, Z. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BIRMAN, J. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DUMONT, L. *Homo aequalis. Génesis y apogeo de la ideología económica*. Madrid: Santillana, S.A., 1999.

EIDELSZTEIN, A. *Las estructuras clínicas a partir de Lacan*. Vol. I. Buenos Aires: Letra Viva, 2008.

ESPÓSITO, R. *Immunitas. Protección y negación de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

FREUD, S. El malestar en la cultura (1930). In: _____. *Obras completas*. Traducción de José Luis Etcheverry. 7. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. XXI, p. 57-140.

FREUD, S. La moral sexual [cultural] y la nerviosidad moderna (1908). In: _____. *Obras completas*. Traducción de José Luis Etcheverry. 7. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1996. v. IX. p. 161-181.

HEGEL, G. E. F. *Fenomenología del espíritu* (1807). Traducción de Wenceslao Roces. Barcelona: RBA Coleccionables, S.A., 2004.

LACAN, J. A agressividade em psicanálise (1948). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 104-126.

LACAN, J. A ciência e a verdade (1966). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 869-892.

LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica (1950). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 152-196.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem (1956). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é relevada na experiência analítica (1949). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, J. *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-1969). Aula n.º 4. Inédito.

STUART, H. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

Recebido em: 03/05/2016

Aprovado em: 05/05/2016

Sobre o autor

Martin Mezza

Psicanalista argentino,
atualmente residente em Salvador (BA).
Membro do Círculo Psicanalítico da Bahia.
Membro de *Apertura* (Buenos Aires).
Mestre em Saúde Mental Comunitária
pela Universidad Nacional de Lanús (UNLa - AR).
Doutorando no Instituto de Saúde Coletiva (ISC)
da Universidade Federal da Bahia.
Trabalha com clínica de adolescentes e adultos.
Vinculado aos movimentos de reforma psiquiátrica.
Foi professor da Universidad de Buenos Aires (UBA).
Trabalhou na gestão de saúde.

Endereço para correspondência

<mezzamartin@yahoo.com.ar>
<martinmezza@hotmail.com>

Mudança de estilo de vida em situações de risco cardiovascular

Changing lifestyle in cardiovascular risk situations

Rachel Barreto Sotero de Menezes Gois
José Augusto Soares Barreto Filho
Ricardo Azevedo Barreto

Resumo

Fruto de um trabalho de mestrado, a presente pesquisa investigou as motivações de pacientes com fatores de risco cardiovascular que mudaram o estilo de vida. Consultaram-se prontuários médicos e realizaram-se entrevistas. Através de análise temática, predominaram temas relacionados ao sujeito. Destacaram-se o impulso para a vida e o funcionamento pelo princípio da realidade.

Palavras-chave: Estilo de vida, Tratamento, Risco cardiovascular, Motivação, Subjetividade.

Introdução

As doenças cardiovasculares estão declinando em países desenvolvidos, mas continuam sendo a maior causa de morbimortalidade em todo o globo (WHO, 2014). Foram responsáveis por 31,9% das mortes nos Estados Unidos em 2010 (Go *et al.* 2014). No Brasil a doença coronariana aguda é a principal causa de morte, e o colesterol é o principal fator de risco modificável (SIMÃO *et al.*, 2013; XAVIER *et al.*, 2013).

Além do componente genético, o estilo de vida do indivíduo é fator preponderante no surgimento e na manutenção das doenças cardiovasculares (RIPPE; ANGELOPOULOS, 2014). Dieta predominantemente composta por gorduras e carboidratos, hábitos sedentários, tabagismo, uso abusivo de álcool e o estresse do mundo moderno são nocivos à saúde cardiovascular global do homem (Go *et al.*, 2014).

Mudar o estilo de vida, portanto, tem se apresentado como uma intervenção cardinal no combate às doenças cardiovasculares. Para o tratamento dos fatores de risco principais, tais como hipertensão, dislipidemia e

obesidade, a mudança de estilo de vida entra como medida adjunta fundamental e aditiva ao tratamento farmacológico (XAVIER *et al.*, 2013).

O interesse em desenvolver o presente estudo surgiu do reconhecimento de que a escuta dos pacientes pode trazer contribuições profícuas para a compreensão do percurso de construção de um estilo de vida saudável.

Informações podem ser úteis para aprimorar o tratamento em saúde, principalmente, no que se refere à prevenção e ao contato relacional médico-paciente (MARSH *et al.*, 2004).

Para a psicanálise, o ser humano é movido por impulsos ou pulsões de vida e de morte (FREUD, [1920] 2006). Por outro lado, o estilo de vida de um sujeito pode ser pensado não apenas pelo que é manifesto em seus comportamentos, seus hábitos e suas atitudes. Numa leitura psicanalítica, pode-se compreender o estilo de vida como um modo de relação. Nessa visão, são importantes as dinâmicas inconscientes e as considerações sobre o sujeito e seu desejo (BARRETO, 2010).

O presente estudo buscou investigar as motivações para a mudança do estilo de vida de pessoas portadoras de risco cardiovascular em acompanhamento médico ambulatorial sob a ótica do paciente.

Metodologia

Realizado no estado de Sergipe, este estudo se caracteriza por ser qualitativo, exploratório e transversal. A mudança de estilo de vida foi caracterizada se fossem adotados pelo menos três dos hábitos preconizados pela *V Diretriz Brasileira sobre Dislipidemias e Prevenção da Aterosclerose*.

São preconizadas a prática regular de atividade física, a cessação do hábito de fumar, a redução ou cessação do hábito de beber, a adoção de dieta balanceada e a permanência nela há pelo menos seis meses (XAVIER *et al.*, 2013).

Obteve-se um quantitativo de doze participantes de ambos os sexos, entre eles, sete homens e cinco mulheres, com faixa etária que variou de 34 a 64 anos de idade. A amostra foi intencional e selecionada pelos médicos que os atenderam. Os critérios de exclusão foram os pacientes portadores de doença coronariana ou acidente vascular cerebral submetidos a cirurgias bariátricas e usuários de medicamentos para redução de peso corporal.

Foram adotados dois tipos de instrumentos. O primeiro correspondeu ao prontuário dos pacientes com informações sobre eles e os indicadores de saúde. O segundo foi a entrevista semiestruturada, com perguntas abertas e composta por uma indagação principal (Como foi seu processo de mudança de estilo de vida?) e outras auxiliares.

Através de contato por telefone e *e-mail*, foram solicitadas a médicos clínicos que atendem em consultório particular indicações de pacientes que mudaram o estilo de vida há pelo menos seis meses. Os profissionais de saúde foram solicitados a realizar uma seleção prévia de pacientes que estivessem no perfil da pesquisa. Num segundo contato, a

pesquisadora recebeu as indicações com os nomes e os telefones dos pacientes. O número de participantes foi definido pelo método da saturação dos conteúdos.

As entrevistas foram realizadas individualmente pela pesquisadora num ambiente reservado. As falas foram gravadas, transcritas e submetidas à análise temática.

Analisar é “[...] descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado” (MINAYO, 2007, p. 209).

Na análise temática, é possível fazer o levantamento de atitudes, qualidades e aptidões nas unidades de codificação que, na presente pesquisa, foram as falas dos sujeitos. Cada unidade de codificação apresenta o objetivo buscado pela pesquisa que, reagrupado, forma os diferentes elementos em cada categoria (BARDIN, 2009).

Para a realização do trabalho, buscaram-se conhecimentos da literatura especializada, da psicanálise e da psicologia.

O presente estudo passou por uma pesquisa piloto e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Dele foi produzida e defendida a dissertação de mestrado *Mudança de estilo de vida em situações de risco cardiovascular: um olhar do paciente* (GOIS, 2014).

Sobre uma possível compreensão da motivação na psicanálise

A psicanálise considera a inconsciência nos processos que constituem a atividade psíquica. O aspecto central é que o ser humano é movido por impulsos ou pulsões. Existem os ligados à sobrevivência e à autoconservação, além dos associados ao desejo e à sexualidade. Além das pulsões de vida, o ser humano tem impulsos destrutivos ou de morte (FREUD, [1920/1923] 2006, LAPLANCHE; PONTALIS, 1988).

Freud considera a pulsão como um conceito limite entre o psíquico e o somático,

já que ela é o representante psíquico das excitações provenientes do interior do corpo (GARCIA-ROZA, 1986).

Outra maneira de definir tal conceito é como um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz tender um organismo para um alvo (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988).

De acordo com o pensamento psicanalítico, existem quatro componentes da pulsão: o impulso, o alvo, o objeto e a fonte. O impulso seria uma força constante no sentido de uma energia potencial; a satisfação, a capacidade de completar um caminho ou percurso, seu alvo; o objeto, a causa do desejo, e a fonte, de onde provém a pulsão (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988).

Com base em Freud ([1950] 2006), o funcionamento psíquico pode ser compreendido para além da atividade consciente, oferecendo a base para entender as contradições do ser humano.

Freud ([1911] 2006) fala sobre dois funcionamentos psíquicos do ser humano. Quando o bebê nasce, é regido pelo princípio do prazer. Ele se afasta de qualquer evento que possa gerar desprazer. No decorrer da vida, seu amadurecimento exige um funcionamento psíquico baseado no princípio da realidade, ou seja, suas escolhas são voltadas para o mundo real, mesmo que seja desagradável. Sair de um funcionamento mental baseado em recompensas imediatas requer uma capacidade de pensar nas consequências dos seus atos e adiar o prazer.

O princípio de realidade ganha predominância por força do ego. Para que haja superação da repetição de comportamentos do passado, é necessário que a pessoa tolere o desprazer momentâneo, ou seja, que haja predomínio do princípio da realidade. O abandono de uma série de possibilidades de obter prazer e a tolerância temporária do desprazer são etapas para o caminho indireto do prazer de outra ordem (FREUD, [1920] 2006).

Sabe-se, de acordo com a literatura especializada, que a psicanálise contemporânea

buscou expandir o trabalho de Freud, oferecendo subsídios para uma discussão da motivação dentro da psicologia geral da mente. As motivações humanas foram pensadas com base na prática clínica, entre outros aspectos. Destaca-se, por conseguinte, que a mudança de estilo de vida tem influência das motivações de cada sujeito.

Resultados e discussão

Por meio da análise temática, surgiram sete categorias relacionadas ao sujeito: (1) concepções sobre a vida; (2) medo das perdas e da morte; (3) pensamento religioso; (4) relações interpessoais; (5) preocupação com a genética; (6) ganhos; e (7) mudanças.

Apareceu apenas uma categoria referente ao profissional de saúde: encontro médico-paciente. Alguns participantes citaram mudanças iniciadas há anos, demonstrando que o desenvolvimento de um novo estilo de vida foi um processo gradual, e não um momento pontual na história do sujeito.

Categorias relacionadas ao sujeito

As categorias relacionadas ao sujeito surgiram com maior frequência, sugerindo a importância do amadurecimento psicológico para esse processo de mudança do estilo de vida. Mostraram as possibilidades que surgem quando um sujeito se torna autor das próprias decisões.

Na categoria *concepção sobre a vida*, encontraram-se aspectos da individualidade relacionados a valores e preferências pessoais. Ressaltou-se a importância de escolher um caminho construtivo para si, mesmo quando se está passando por um momento difícil na vida.

[...] Eu vou procurar assistência médica [...]. Fui procurar o SUS, o sistema de saúde é pra todos nós. Procurar, tomar aqueles remédios, todos fortes, ou seja, de má qualidade [...]. Pra poder ir aguentando [...] até entrar numa coisa melhor (E02).

Freud ([1911] 2006) fala sobre ser regido pelo princípio da realidade, saindo do funcionamento infantil, baseado predominantemente no princípio do prazer.

A concepção da maioria dos entrevistados sobre a vida correspondeu ao desejo de fazer escolhas duradouras e saudáveis. Houve a percepção de que uma vida voltada predominantemente para prazeres sensoriais ou momentâneos não lhes traria boas consequências. O predomínio do funcionamento pelo princípio da realidade, conceituado por Freud ([1911] 2006), foi depreendido através da tomada de consciência da própria finitude e da possibilidade de prolongamento da vida com a conquista de mudanças.

Aspectos subjetivos da escolha surgiram mobilizando mudanças internas. Percebeu-se também nos sujeitos a importância da pulsão de vida para se tornarem capazes de abrir mão do prazer momentâneo. Além disso, relataram que a vida e o convívio familiar são mais importantes para eles do que os prazeres instantâneos.

Na categoria *medo das perdas e da morte*, houve referência ao adoecimento e ao envelhecimento. A mudança dos sujeitos foi originada pela percepção de sintomas físicos, pela consciência dos limites gerados pelo envelhecimento e da própria finitude, bem como pela possibilidade de vivenciar perdas das conquistas realizadas ao longo da vida. Tornar-se consciente dos medos traz a possibilidade de mudança.

De acordo com Freud ([1915] 2016), o ser humano revela uma tendência de colocar a morte de lado, eliminá-la ou silenciá-la. O autor explica ainda que um impulso afetivo pode ser mal sentido e mal interpretado, caso a ideia a ele ligada seja inconsciente. Os participantes da presente pesquisa puderam trazer à consciência ideias sobre a finitude da vida, na tentativa de prolongá-la.

As falas mostraram sujeitos que buscaram, através de recursos variados, uma maneira de melhorar a própria saúde. Após o conhecimento sobre o diagnóstico de hi-

pertensão arterial, de diabetes ou do risco de adoecimento grave, percebeu-se nos entrevistados uma ligação com impulsos de vida através da escolha de hábitos saudáveis.

Destacou-se a responsabilização dos sujeitos por sua saúde, característica presente no processo de amadurecimento psicológico. Foram adotados mecanismos para modificar o que estava se tornando obstáculo para uma vida saudável. Foi necessário conviver com a ansiedade de postergar o prazer momentâneo pela ideia da conquista de um resultado positivo futuro.

Comentaram a respeito de como sua maneira de gerir a vida estava provocando doenças e trazendo consequências negativas e limitações. A identificação precoce dos fatores de risco cardiovascular, associada à consciência do próprio adoecimento, mostrou-se fundamental para o processo de mudança.

Farkouh *et al.* (2013) falam sobre resultados desanimadores na tentativa de prevenção das doenças cardiovasculares. Numa via oposta, percebeu-se que os sujeitos buscaram, através de recursos variados, uma maneira de melhorar a própria saúde.

Jurkiewicz e Romano (2009) salientam a importância da maneira como se vivenciam as perdas durante a vida para o surgimento de doenças cardíacas, já que na vida adulta avançada há redução da vitalidade, da vida produtiva e da vivência da sexualidade.

Embora a amostra não tenha sido composta por idosos, o adoecimento os levou a pensar sobre o envelhecimento, a finitude e os limites da vida. As falas de quatro entrevistados foram permeadas por crenças religiosas reconhecidas por eles como primordiais, das quais se depreendeu a categoria *pensamento religioso*.

A fé em Deus. O principal. Se eu não tivesse fé em Deus eu não procuraria o meu médico, nem nenhum médico, não. Entraria em depressão, deixaria a depressão tomar conta e ia na autodestruição [...] (E02).

Na categoria *relações interpessoais* as situações citadas tratavam de questões de incentivo, cobrança, desestímulo ou, até mesmo, influência favorável às mudanças para toda a família. Surgiu também o desejo de cuidar de si próprio para poder conviver mais com os entes queridos. Destaque-se que a superação de influências negativas de pessoas afetivamente próximas foi fundamental para mudanças favoráveis.

Com base em Freud ([1920] 2006), pode-se compreender tal objeção como uma luta do ego que funciona sob a influência do princípio da realidade. Além disso, os pacientes agiram como multiplicadores, favorecendo mudanças em prol da saúde na família.

[...] Meu marido mesmo gostava muito de carne vermelha. Hoje em dia [...] quando come é um pedacinho assim porque ele comia à vontade [...]. Ele adorava doce. Ele aprendeu a comer frutas. Aqui todo mundo se adaptou ao meu estilo (E06).

Barreto (2010), numa perspectiva psicanalítica, pensa no estilo de vida não apenas como hábitos ou comportamentos, mas também como uma modalidade de relação na qual considera o sujeito e seu desejo.

O reconhecimento e o envolvimento dos familiares foram vistos positivamente e como fonte de afetividade. A união da família também foi citada como aspecto facilitador para o desenvolvimento de um novo estilo de vida. O desejo de estar presente com a família foi fundamental para o processo de mudança.

Saí terça-feira do consultório, liguei pras minhas filhas e disse: daqui a dois meses talvez eu saia da insulina; a vibração delas (E11).

Na categoria *preocupação com a genética*, surgiram questões referentes aos antecedentes familiares. Quatro entrevistados se referiram ao modo como tal aspecto fortaleceu o desejo de melhorar o estilo de vida.

A preocupação com o adoecimento familiar progressivo agiu como impulsionador para a mudança. A hipertensão de um familiar, a morte de um ente querido por doença cardiovascular e a experiência de ter um irmão diagnosticado anteriormente com a mesma doença favoreceram esse processo de mudança.

Todos os entrevistados identificaram resultados favoráveis por terem mudado o estilo de vida. Esse tema deu origem à categoria *ganhos*. Foram citados, entre outros aspectos, perda de peso; redução de glicemia, colesterol e estresse; melhora no sono e na autoestima e aumento na disposição.

Esses resultados são previstos por dados da World Health Organization (2014), que atestam que três quartos de todas as mortes por doenças cardiovasculares poderiam ter sido prevenidas por mudanças no estilo de vida.

Eu consegui em menos de dois meses reverter bastante os índices que estavam altíssimos [...]. Eu perdi na faixa de 15 a 17 quilos. Isso faz seis meses. Os índices todos de glicose foram derrubados mesmo. Os demais índices cardiovasculares, que também eram problemáticos, triglicérides e colesterol, foi tudo, tudo pra baixo, ficou ótimo (E03).

Freud ([1920] 2006) afirma que a capacidade de tolerar o desprazer na conquista de objetivos coloca o ser humano sob a égide do princípio da realidade.

A melhora do estado emocional foi um dos resultados identificados. Citou-se, entre outros aspectos, aumento da autoestima e do bem-estar:

Minha autoestima melhorou. Comecei a ver as roupas folgando [...] eu estava me sentindo bem, meu intestino funcionando melhor (E04).

Na categoria *mudanças*, foram percebidas as falas referentes a aspectos relacionados ao

novo estilo de vida dos entrevistados. Mencionaram a transformação na rotina diária, desde as atividades que começaram a praticar até assuntos como o interesse por informações de saúde. Em todos os participantes, foram encontradas falas dessa categoria.

As mudanças podem ser compreendidas à luz da psicanálise como uma superação da compulsão à repetição. As questões pulsionais infantis podem ser parcialmente solucionadas, quando abrem espaço para o amadurecimento das escolhas dos seres humanos (FREUD, [1920] 2006).

As mudanças realizadas pelos entrevistados coincidem com aquelas sugeridas pelas pesquisas. Rocha *et al.* (2010), Mozaffarian *et al.* (2011) e Perk *et al.* (2012) recomendam para uma vida saudável: prática regular de atividade física, adoção de dieta balanceada, ausência de tabagismo e de estresse, tempo adequado de sono. Percebe-se congruência, portanto, com os resultados encontrados.

Categoria relacionada ao profissional de saúde

Surgiram aspectos relacionados aos atendimentos oferecidos pelos cardiologistas e endocrinologistas, nomeados como categoria *encontro médico-paciente*.

Foram reconhecidas nuances do relacionamento estabelecido com o profissional de saúde, que diziam respeito às orientações oferecidas por ele, assim como a maneira como eles as forneceram. Os pacientes entrevistados atribuíram aos médicos ações que facilitaram o processo de compreensão e o desenvolvimento das medidas de mudança de estilo de vida.

Martin *et al.* (2005) pontuam que o relacionamento com o profissional de saúde é preponderante na adesão ao tratamento. A capacidade para criar empatia com o paciente, percebendo aspectos da subjetividade, foi uma atitude citada pelos participantes como fundamental na postura dos médicos.

Barreto (2010), com base no referencial teórico psicanalítico, enfatiza o papel do pro-

fissional de saúde na mobilização do estilo de vida de seu paciente. O equívoco, para o autor, é o profissional orientar e seguir uma cenografia da educação, desconsiderando o sujeito.

Minhas visitas à doutora me ajudaram muito [...] com o trabalho feito com ela [...] eu fui me sentindo mais forte, aí eu fui me vendo com outros olhos. Eu fui me vendo como pessoa que realmente tinha algo. E que esse algo também tinha muita importância e que isso eu teria que me reerguer (E07).

Os entrevistados falaram sobre os médicos de maneira afetiva e próxima, demonstrando uma relação profissional duradoura. A constância no contato interpessoal foi capaz de trazer soluções criativas para a díade médico-paciente.

De acordo com Magnezi, Bergman e Urowitz (2014), os pacientes cujo médico considera a subjetividade e a afetividade, entre outros aspectos, adotam com maior frequência as recomendações por ele sugeridas.

As falas mostraram que a confiança no tratamento aumentou nas relações em que os médicos se colocavam de maneira próxima e afetiva para o sujeito. Falou-se sobre a importância da escuta e do acolhimento oferecidos pelo médico.

Os meus médicos que souberam [...] me colocar numa posição de reagir quanto a essa doença. Hoje em dia eu posso falar que como a própria endocrinologista falou, eu nunca vi uma mudança tão rápida de alguém [...]. Em termos de reagir aos índices que estavam (E03).

A psicoterapia foi vista como fundamental para o processo de mudança. O acompanhamento 'psi' contribuiu para persistir nos propósitos que haviam sido definidos.

Com base em Freud ([1912] 2006), toda ação humana possui motivações inconscientes que podem ser contrárias a decisões

conscientes. Percebeu-se que, através da psicoterapia, foi possível conhecer, por exemplo, aspectos para superação de resistências à mudança.

Aspectos da personalidade do médico foram citados como importantes para as mudanças. Os pacientes indicaram a importância da postura do profissional de saúde. A comunicação satisfatória pôde ser estabelecida quando um sujeito se aproximou do outro e pôde encontrar nele suas singularidades e subjetividade.

Todas as determinações do médico e do nutricionista e atividade física que era uma coisa que escolhia [...] passei a fazer regularmente. A atividade física passou a ser um tratamento (E12).

A escuta e o cuidado de cada um foram fatores descritos pelos sujeitos como favoráveis nesse complexo processo de mudança. Alguns chegaram a comparar o papel do médico com o do profissional 'psi'.

Considerações finais

A realização do presente estudo permitiu desvelar aspectos do desejo de alguns pacientes para atingir as metas preconizadas pela ciência médica para prevenção de risco cardiovascular.

Foi possível perceber que, apesar dos obstáculos, os pacientes buscaram tornar cada situação cotidiana catalisadora de mudança de estilo de vida. Diante do encontrado, chama-se atenção para a importância dada às questões da subjetividade. Nas oito categorias que surgiram das falas dos entrevistados, sete se referiram ao sujeito, e apenas uma se referiu ao profissional de saúde.

A escolha de um estilo de vida saudável passou pela esfera da mudança interna, fazendo-se necessário refletir sobre os tratamentos médicos oferecidos. Pode-se pensar na inclusão de um profissional 'psi' que atua nessa compreensão de aspectos subjetivos para facilitação do processo de mudança.

A escuta desses pacientes permitiu observar que as metas foram atingidas pela junção de uma série de fatores. Cada participante trouxe a peculiaridade do desejo individual para a mudança.

O *impulso para a vida* foi fator comum em todos os sujeitos. O desejo de mudar o estilo de vida parece ter sido preponderante. Essa pulsão de vida permeou as escolhas dos sujeitos, permitindo que a mudança ocorresse gradualmente.

Percebeu-se que o desejo de mudar foi ganhando forma e aos poucos se tornou suficientemente forte para que se tornasse uma ação. Pode-se dizer que a mudança ocorreu num processo contínuo.

Outro ponto da subjetividade que se destacou foi a capacidade dos sujeitos de utilizar os dados da realidade, ora transmitidos pelos médicos, ora percebidos pelos sintomas físicos e psíquicos, como fomentadores das mudanças.

O funcionamento ligado ao princípio da realidade foi predominante. Os sujeitos se mostraram capazes de abrir mão do antigo, muitas vezes prazeroso, pelo desejo de que tal atitude gerasse efeitos favoráveis.

Apesar de ter surgido em menor quantidade, o tema relacionado ao profissional de saúde também teve relevância. Desvelaram-se questões relacionadas à comunicação no atendimento médico e à afetividade do profissional de saúde. Os pacientes ressaltaram as atitudes dos médicos que atuaram considerando a individualidade para facilitar a comunicação com o paciente.

O atendimento clínico se revelou uma esfera criativa e dinâmica na qual os resultados dependem de aspectos não só objetivos mas também subjetivos. Foi possível perceber que a mudança do estilo de vida exige do sujeito um posicionamento sobre os objetivos que pretende atingir superando resistências.

Enfim, o processo de transformação de cada sujeito se apresentou de forma singular. A mudança de estilo de vida trouxe sentimentos vivenciados como agradáveis. Atra-

vés do presente estudo, pode-se perceber a importância de pensar nos pacientes como sujeitos e escutá-los em relação àquilo que vivenciam, para facilitar a transposição de obstáculos na adesão ao tratamento médico.

Sugere-se que outros estudos sejam realizados, incluindo pacientes da rede pública, buscando ampliar a população investigada. Abre-se espaço, portanto, para pensar em novas pesquisas que visem conhecer experiências nos tratamentos em saúde. Essa compreensão pode facilitar o aprimoramento dos tratamentos médicos oferecidos, favorecendo a adesão dos pacientes e o contato relacional com o profissional.

Abstract

As the result of a master's work, the present research investigated motivations of patients with cardiovascular risk factors that changed their lifestyle. Medical records were consulted and interviews were conducted. Through thematic analysis, issues related to the subject dominated. The impulse for life and the operation by the principle of reality were prevalent.

Keywords: *Lifestyle, Treatment, Cardiovascular risk, Motivation, Subjectivity.*

Referências

BARDIN, L. *Análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRETO, R. A. A psicanálise na clínica do estilo de vida: uma escuta político-institucional. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, v. 34, p. 123-128, dez. 2010. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

FARKOUH *et al.* Risk factor control for coronary artery disease secondary prevention in large randomized trials. *Journal American College Cardiology*, v. 61, n. 15, p. 1607-1615, abril 2013.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de*

grupo e outros trabalhos (1920-1922). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 12-75. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 237-244. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 27-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 355-450. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte: I - A desilusão da guerra (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 285-297. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 279-285. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise*. Uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

GO, A. S. *et al.* Heart Disease and Stroke Statistics - 2014 Update. A Report From the American Heart Association. *Circulation*, v. 129, n. 3, p. 399-410, jan. 2014.

GOIS, R. B. S. M. *Mudança de estilo de vida em situações de risco cardiovascular: um olhar do paciente*. 2014. 55 f. Dissertação (Mestrado) - Núcleo de Pós-Graduação em Medicina, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.

JURKIEWICZ, R.; ROMANO, B. W. Doença arterial coronariana e vivência de perdas. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 93, n. 3, p. 327-333, 2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

MAGNEZI, R.; BERGMAN, L. C.; UROWITZ, S. Would your patient prefer to be considered your friend? Patient Preferences in Physician Relationships. *Health Education and Behavior Journal*, ago 2014.

MARSH, D. R. *et al.*. The power of positive deviance. *BMJ*, v. 329, p. 1177-1179, 2004.

MARTIN, L. R. *et al.* The challenge of patient adherence. *Ther Clin Risk Manag.*, v. 1, n. 3, p. 189-199, 2005.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 2007.

MOZAFFARIAN, D. *et al.* Changes in Diet and Lifestyle and Long-Term Weight Gain in Women and Men. *N Engl J Med*, v. 364, n. 25, p. 2392-2404, 2011.

PERK, J. *et al.* European guidelines on cardiovascular disease prevention in clinical practice (version 2012). *European Heart Journal*, v. 33, p. 1635-1701, 2012.

RIPPE, J. M.; ANGELOPOULOS, T. J. Lifestyle Strategies for Cardiovascular Risk Reduction. *Current Atherosclerosis Reports*, v. 10, n. 16, out. 2014.

ROCHA, M. I. U. M. *et al.* Lifestyle, health characteristics and alcohol abuse in young adults who are non-daily smokers. *Med J*, v. 128, n. 6, p. 354-359, 2010.

SIMÃO, A. F. *et al.* I Diretriz brasileira de prevenção cardiovascular. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 101(Supl.2), p. 1-63, 2013.

WORLD Health Organization (WHO). *World health statistics 2014*. Geneva: WHO Press, 2014.

XAVIER, H. T. *et al.* V Diretriz brasileira sobre dislipidemias e prevenção de aterosclerose. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, v. 101, n. 4, 2013.

Recebido em: 26/05/2016

Aprovado em: 06/06/2016

Sobre os autores

Rachel Barreto Sotero de Menezes Gois

Psicóloga clínica.

Mestre em Ciências da Saúde

pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Especialista em Psicoterapia Breve e em Psicologia da Infância e da Adolescência pela Faculdade Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Obteve o título de mestre com a apresentação

e defesa da dissertação intitulada *Mudança de estilo de vida em situações de risco cardiovascular:*

um olhar do paciente, da qual deriva o presente artigo.

José Augusto Soares Barreto Filho

Médico cardiologista.

Residência em Cardiologia pelo Instituto do Coração (INCOR) - FMUSP.

Tem doutorado em Cardiologia pelo Instituto do Coração (INCOR) - FMUSP.

Pós-doutorado na Yale University (Connecticut, Estados Unidos).

Coordenador do serviço de Cardiologia da Clínica e Hospital São Lucas (SE).

Membro do Conselho Administrativo

do Hospital São Lucas em Sergipe.

Professor de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Orientador do trabalho de mestrado

do qual deriva o presente artigo.

Ricardo Azevedo Barreto

Presidente do Círculo Brasileiro

de Psicanálise (Biênio 2014-2016).

Psicólogo graduado pela Universidade de São Paulo (USP).

Tem mestrado e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP.

Especialista em Psicologia Hospitalar pelo CEPsic da Divisão de Psicologia do Instituto Central

do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Teve experiência de treinamento

no Butler Hospital (RI-USA).

Psicanalista. Um dos editores da revista *Estudos*

de Psicanálise do Círculo Brasileiro

de Psicanálise (CBP).

Coordenador do programa de humanização

da assistência e membro do Conselho Administrativo do Hospital São Lucas em Sergipe.

Professor titular da Universidade Tiradentes (UNIT), onde ensina nos cursos de Psicologia e Medicina.

Professor de Psicologia em cursos

de especialização na área de Odontologia.

Coorientador do trabalho de mestrado

do qual deriva o presente artigo.

Endereço para correspondência

E-mail: <rachelbsm@ig.com.br>

O adolescente na rede e a rede no adolescente: reflexões sobre as conexões virtuais e suas incidências na subjetividade

*The teenager on the web and the web on the teenager:
reflections about virtual connections and its effects on the subjectivity*

Rafaela Mota Paixão França

Resumo

Partindo da consideração de que o uso da tecnologia tem produzido novas formas de circulação afetiva e constituição dos laços sociais, interrogamos os efeitos dessas transformações enquanto possibilidade de mediação ao processo analítico. Para tanto, este trabalho discute a presença da virtualidade na adolescência contemporânea, destacando a escrita nos *blogs* como uma via de elaboração psíquica, produção subjetiva e espaço de ressignificação. A partir de fragmentos da análise de uma jovem, refletimos como as conexões virtuais podem promover um espaço intermediário entre a constituição de si e a construção de um lugar no mundo.

Palavras-chave: Conexões virtuais, Adolescência, Vínculos, Espaço intermediário.

Introdução

O uso das tecnologias mobiliza diferentes discussões na atualidade. Desde reflexões sobre os efeitos nas relações vinculares até as formas de mobilização política e cultural, o acesso à tecnologia e às mídias sociais tem possibilitado, não resta dúvida, uma variedade de transformações, promovendo modificações nos modos de ser e estar no mundo. Portanto, o diálogo entre as conexões virtuais e a psicanálise, não por acaso, tem se apresentado como uma importante via de interpretação da cultura e do sujeito em nossos tempos.

Notoriamente, a internet tem incidido diretamente na construção de novas modalidades de relação, na produção de novas formas de uso da linguagem e para muitos tem se mostrado um espaço de vida alternativo (OTERO; FUKS, 2012).

Contudo, neste trabalho, longe de discutir todos os desdobramentos decorrentes das

revoluções tecnológicas, tampouco de discorrer sobre o uso que a psicanálise tem feito dela, pretendemos lançar como questão os efeitos da virtualidade na adolescência.

Nossa hipótese é que a escrita nos *blogs*, ao se apresentar como efeito das construções em análise, acena para uma face importante das conexões virtuais, qual seja, apresentar-se como uma via de elaboração psíquica, espaço de ressignificação e criação subjetiva.

Como ponto de reflexão para a questão que aqui propomos, revisitamos os estudos de Winnicott (2005) sobre adolescência, numa tentativa de compreender as relações entre as conexões virtuais e as incidências no processo de subjetivação. Em seguida, apresentamos fragmentos da análise de uma jovem, cuja experiência de imaturidade psíquica – expressa em rompantes agressivos e isolamento social – vinha se tornando um entrave à sua expressão no mundo. Além de todas as nuances desse caso, a escrita no *blog*

literário produziu para essa jovem um espaço de travessia da infância para a vida adulta.

Assim, podemos supor que a conexão em rede na adolescência se mostra não apenas como uma revolução tecnológica de impacto nos vínculos entre os jovens, mas também parece inaugurar um novo modo de processamento da constituição de si. Por fim, propomos algumas considerações sobre as repercussões das conexões virtuais na clínica com adolescentes.

O adolescente na rede

A presença da virtualidade nas subjetividades não apenas convoca todos nós a uma redefinição das fronteiras entre o público e o privado, como também nos incita a uma reflexão sobre a capacidade de ação dos sujeitos diante de tantas aberturas promovidas pelo espaço virtual.

Autores como Rolnik (1997), Kehl (2004), Nicolai-da-Costa (2002), apenas para citar alguns, ao estudar os avanços tecnológicos e as mudanças por eles provocadas, apontam as importantes transformações decorrentes da globalização, da cultura de mercado, sobretudo da era digital.

A tecnologia tem produzido modificações nas formas de circulação afetiva e na constituição dos laços sociais. Além disso, tem sido responsável por novidades nas relações amorosas, nas relações de amizade, especialmente nas narrativas que crianças, adolescentes e adultos têm construído sobre si no ciberespaço e a partir dele.

Nas composições culturais atuais, a internet tem nos apresentado possibilidades de vinculação que transpõem as antigas referências de intimidade influenciando, portanto, a construção das identidades e das relações familiares contemporâneas. Justifica-se, assim, a necessidade de a pesquisa e a clínica psicanalíticas repensarem os efeitos dessas mudanças tanto nos modos de subjetivação quanto nos processos analíticos.

Na adolescência, “[...] que começa hoje bem mais cedo do que outrora e que se pro-

longa também bastante” (BIRMAN, 2006, p. 26), essas questões parecem se potencializar, diante da própria condição de imaturidade psíquica dos jovens.

Essa imaturidade – parte fundamental da adolescência e de seu percurso à vida adulta – coloca em destaque a necessidade de que o ambiente (familiar, escolar, social) possa acolher o desafio adolescente oferecendo um espaço de transformação, num contexto em que a dependência deles seja assegurada. Isso explicaria, por exemplo, a razão pela qual os adolescentes tendem a ser tão facilmente impactados pela rede.

Imaturos para dar sentidos ao bombardeio de informações que recebem e aos múltiplos códigos presentes nos discursos da internet, os jovens convivem hoje com uma variedade de possibilidades de constituição identitária, desafiando a juventude a se adaptar a novas formas de comunicação e novos modelos de subjetivação. Não parece haver dúvida de que eles têm se adaptado às mudanças, sobretudo, têm encontrado novas formas de comunicação intra e extramuros (da escola, da família e da própria internet).

Contudo, os impactos dos jovens nas redes e as redes nos jovens não acontecem sem trazer aspectos positivos e negativos. Se, por um lado, podemos encontrar adolescentes que usufruem da rede escrevendo sobre si, buscando amigos ou mesmo compartilhando ideias, por outro, o ciberespaço pode produzir efeitos difíceis à realidade psíquica deles, ao garantir, em alguns ‘territórios’, uma falsa solução para questões complexas.

Fiquemos, então, com Lévy ([1995] 2011, p. 13) para quem:

[...] a virtualização não é boa, nem má, nem neutra. Antes de temê-la, condená-la, ou lançar-se às cegas a ela, a proposta é que se faça o esforço de aprender, de pensar, de compreender a virtualização em toda a sua amplitude.

Diante dos diálogos e vínculos que se apresentam na rede, os *blogs* se destacam.

No Brasil “dos quase 20 milhões de internautas, estima-se que algo como 25% vasculhem *blogs* todo dia em busca de informação ou entretenimento”,¹ ou seja, é evidente a abertura proporcionada pelos roteiros virtuais a crianças, jovens e adultos.

Desde um espaço para que eles construam narrativas sobre si até relatos de viagens e trocas experiências, os *blogs* têm se mostrado um convite à juventude disposta a interagir. Para muitos, funcionam como desabafo; para outros, como construção de seu mundo. O fato é que os *blogs* variam de diários íntimos a espaços políticos de opinião.

Corroborando com a ideia de que a rede traz em si uma potencialidade e, em contrapartida, produz efeitos naqueles que dela usufruem, podemos pensar no adolescente que está na rede e na rede que está no adolescente. Portanto, na imaturidade dos jovens, “[...] estão contidos os aspectos mais excitantes do pensamento criador, sentimentos novos e diferentes, ideias de um novo viver” (WINNICOTT, 1975, p. 198).

A rede no adolescente

Trazida ao consultório por sua mãe, Ana² vinha de um processo psicanalítico de quase dois anos, interrompido por causa da licença-maternidade de sua analista. A queixa era aparentemente simples contudo marcada por longa e detalhada história que precedia a chegada de Ana ao mundo.

Durante a gestação, sua mãe havia se apavorado com a possibilidade de ela apresentar problemas, pois um dos exames sugeria uma alteração clínica no feto (um possível aumento cerebral). Na ocasião, ela supôs a existência de dificuldades cognitivas, entretanto a hipótese médica logo foi descartada; era alarme falso: o bebê estava bem. A dúvida dos pais, que poderia ter durado apenas o

tempo entre um exame e outro, ou seja, aproximadamente um mês, deixou marcas nessa família. A suposição de que tinham uma criança com dificuldades perdurou durante toda a gravidez e persistia até a chegada da jovem em análise.

Desde a infância Ana apresentou dificuldades recorrentes nas suas formas de se relacionar. Tinha também uma vida escolar conturbada, não apenas do ponto de vista formal, mas sobretudo diante dos conflitos que ela parecia produzir com os colegas. Foi uma criança de poucos amigos, mostrava-se arredia e com baixa tolerância às frustrações. Na adolescência, essas dificuldades se repetiam.

Quando chegou a mim, aos 17 anos, Ana trazia a marca de uma garota aprisionada a um discurso familiar e escolar de fracasso: ela havia sido reprovada, mudado de escola pela segunda vez em dois anos, era vista pelos pais como uma garota comprometida em suas relações sociais e desorientada no tempo e no espaço.

Enquanto o pedido de análise por parte dos pais girava em torno dessa longa história de impossibilidades, para Ana a análise parecia apenas mais uma atividade extracurricular. Sentia que devia participar, mas não apresentava uma demanda SUA ao processo.

Porém, a ansiedade, era visível. Falava rápido, movimentava todo o corpo e agia nas sessões como uma criança que pede atenção as suas brincadeiras. Dentro e fora da análise cutucava as espinhas do rosto e, ao fazê-lo, sem perceber ia marcando um lugar no mundo: a sua tentativa de saída da infância.

Vale registrar que essa repetição era apresentada por seus pais como um dos sintomas da jovem e foi uma das queixas iniciais da mãe a mim: “Ana cutuca muito as espinhas”. Essa demanda, aparentemente deslocada diante de tantas dificuldades, só no *a posteriori* esclarecemos: a chegada de Ana à análise oscilava entre as projeções imaginárias de seus pais quanto as suas ditas ‘incapacidades’ e a preocupação velada deles quanto a sua entrada na adolescência. Ana estava quase

1. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EDG74959-6014-428,00-BLOGS+OS+CAMPONES+DE+AUDIENCIA.html>>. Acesso em: 28 jun. 2015.
2. Nome fictício escolhido com o intuito de preservar a identidade da paciente.

saindo da adolescência, e seus pais pareciam vê-la ainda como criança.

Os primeiros meses da análise foram marcados por conversas cotidianas, inclusive rotinas e interesses gerais. Ana se esforçava para aparentar uma menina ‘descolada’, que ‘não levava desaforo para casa’. Todavia, seu discurso era incompatível com a postura infantilizada que demonstrava e com a atitude que ela mesma descrevia ter nos espaços sociais.

Nessa época, as sessões eram repetitivas e empobrecidas. Transferencialmente, assim como seus pais, eu continuava tomando-a como uma menina de ‘poucas possibilidades’.

Leitora voraz, com o tempo Ana começou a demonstrar enorme interesse pelas sagas e aventuras de vampiros. Ávida pelos lançamentos, a cada sessão trazia para me mostrar o título que estava lendo no momento e, em poucos dias, já estava com um novo exemplar. Foi assim que a literatura tomou a cena em nossas conversas. Ela não apenas contava sobre suas últimas leituras, como também dedicava um tempo da sessão a me mostrar mais uma de suas aquisições, se orgulhando de poder recheiar as prateleiras do seu quarto com as coleções que comprava sistematicamente.

A nossa relação se modificava. Eu passei a querer conhecer as histórias que Ana lia, a desejar saber que novo título ela tinha comprado e me entusiasmava com os enredos que descrevia. Os episódios e os rompantes com os colegas passaram a diminuir na escola, e Ana me falava com alegria que tinha tirado nota boa ou, como noutra ocasião, se alegrava-pelo convite dos amigos para fotografar uma das festas da escola.

Essas histórias, de conteúdo marcadamente adolescente, com paixões arrebatadoras, vampiros e uma transcendência mágica, faziam-na transitar entre a infância e a vida adulta. Ora vibrava com as cenas de paixão tórrida, ora parecia encantada com os poderes mágicos de alguns personagens.

Suas escolhas pareciam trazer a marca da transicionalidade, no sentido winnicottia-

no do termo. Os livros que comprava, assim como o seu interesse pelos animes (outra paixão de Ana), explicitavam duas faces da moeda: infância e vida adulta se tocavam, mas não se reduziam a uma coisa só. Não seria mesmo essa a questão da adolescência?

Nessa aproximação com a literatura, Ana passou a ser protagonista da sua própria história. Mais do que ler, decidiu opinar sobre as leituras que fazia, dizer suas impressões e apresentar os conteúdos dos livros. Começou, então, a escrever resenhas e, disposta a compartilhar suas ideias, passou a propagá-las nas redes sociais. Diante das interpretações que surgiam em análise, Ana era convocada a se desligar do destino que, inconscientemente, seus pais esperavam para ela. A sua ansiedade, com o tempo, visivelmente diminuía, e ela passava a falar em nome próprio.

A criação do seu *blog* literário veio logo em seguida. Ana colocou o seu *blog* na rede, articulou-se com amigos virtuais para fazer o *layout* de sua página e em pouco tempo já recebia solicitações de parcerias. Certa vez chegou a ser convidada para resenhar o livro de um autor paulista.

Os conteúdos adolescentes, que pareciam latentes até então, começam a ser expressos: o gosto pelas novas formas de conexão a introduziam em novas experiências vinculares e subjetivas. Foi assim que a posição regredida de antes, dava lugar à imaturidade peculiar da adolescência.

Enquanto Ana se recriava, descongelando-se do olhar da família, seus pais continuavam a não levá-la a sério. Suas escolhas ainda eram vistas como excentricidades, e não como possibilidades reais. Se pudéssemos parafrasear o entendimento dessa dinâmica, diríamos que para seus pais Ana ainda era reconhecida a partir de uma virtualidade: “existente apenas em potência, sem efeito real” (DICIONÁRIOS MICHAELIS).

As sessões com ela convocam a uma constante ambivalência também em minha escuta. Essas mudanças me impeliam a compreender o reposicionamento subjetivo que

Ana vinha conquistando. Entretanto, ao perceber a sua dificuldade com coisas objetivas como tomar um ônibus ou fazer um depósito no caixa eletrônico, facilmente percebia como era, transferencialmente, levada questionar suas habilidades, enredada no discurso que marcava sua vida.

No entanto, a potencialidade da jovem já apresentava os efeitos do trabalho de análise: Ana não recuava mais diante da reivindicação de ser tomada de um modo jovem e, mesmo que por vezes ainda escorregasse em demandas regredidas, em poucos dias voltava às sessões compartilhando uma nova conquista.

Nessas horas, faz todo sentido a colocação de Winnicott sobre a clínica com jovens:

Quem cuida de adolescentes sente-se perplexo: como pode alguém ser tão desafiador e, ao mesmo tempo, tão dependente, a ponto de se mostrar pueril, até infantil (WINNICOTT, 2005, p. 172).

Escrevendo em seu *blog*, Ana passou a comemorar os novos seguidores que tinha. Imaginemos o que significava para ela esse tipo de relação. Deixou de ser 'invisível' e, a partir das redes, começava a tecer um lugar social.

As conexões que fazia só aumentavam e, enquanto se conectava à rede, a rede se mostrava nela: as amigas coloriam suas conversas, os vídeos caseiros de maquiagem (os tutoriais) a faziam encontrar um caminho adolescente para direcionar seus conhecimentos, e cada nova postagem era levava a uma reflexão sobre o seu futuro profissional.

Orgulhosa das próprias iniciativas, começou a pensar em cursar Letras, com a clara intenção de ser tradutora. Parece-nos que de alguma forma as conexões virtuais traduziam um processo de subjetivação que a análise construía a partir das interpretações.

Podemos dizer que a incidência da adolescência para Ana demandou um percurso

em rede, em que a presença da virtualidade e da clínica psicanalítica teceu sentidos para uma vida psíquica fragilizada por aquilo que não pôde ser elaborado quando ela ainda crescia na barriga da sua mãe.

A posição jovem não configura apenas evidência naturalista do corpo. Mais do que isso, é marcada pelo registro simbólico e histórico que a vida psíquica se efetiva.

O caso de Ana nos parece um exemplo dessa incerteza no amadurecimento psíquico. Aos 18 anos e prestes a concluir a vida escolar, foi apenas através da análise que essa jovem encontrou uma moldura necessária para organizar a descontinuidade da sua existência, permitindo-lhe tardiamente a entrada na adolescência.

O pertencimento à posição juvenil diante do mundo parece só ter sido possível na medida em que várias janelas se abriram quando Ana começou a se conectar, e a circulação de afetos rompeu a pobreza nos seus processos de simbolização.

Conclusão

Isso nos permite afirmar que não podemos mais desconsiderar a presença da virtualidade e das conexões que se formam a partir dela como uma nova abertura aos modos de subjetivação contemporânea. Nos limites das suas bordas entre a realidade objetiva e o espaço do vir a ser, a virtualidade se apresenta hoje como uma nova aba para as transformações subjetivas, convocando-nos a repensar os conceitos psicanalíticos e as formas de produção identitárias.

Hoje Ana me mostra o cartão de visitas do seu *blog*, que acabou de confeccionar, trazendo para a análise a conquista da experiência de convidar o outro para transitar entre a sua esfera pública e privada, num jogo de desvelamento, que revela e esconde a sua própria existência. Receber visitantes, novos curtidores e seguidores pressupõe a constituição de novos vínculos e novos modos de identificação necessários à apropriação e à recriação de si, tão importantes na adolescência.

A partir dos fragmentos dessa análise, refletimos como as conexões virtuais podem promover um espaço intermediário entre a constituição de si e a construção de um lugar no mundo para os jovens. Entre tutoriais e resenhas literárias, relatos íntimos e escritas genéricas, a jovem encontrou na escrita do seu *blog* uma forma de se conectar aos seus pares e iniciar a elaboração da sua saída da vida infantil. Do seu mundo ao nosso mundo, ter um domínio público passou também a ser uma maneira de começar a delinear um domínio próprio.

Abstract

Starting from the consideration that the use of technology has produced new forms of affective circulation and formation of social ties, we questioned the effects of these changes as a possibility for mediation to the analytical process. Therefore, this paper discusses the presence of virtuality in contemporary adolescence, emphasizing writing in blogs as a psychic development pathway, subjective production and redefinition of space. From fragments of a teenager analysis, reflect how virtual connections can promote an intermediate space between the constitution itself and the construction of a place in the world.

Keywords: *Virtual connections, Adolescence, Bonds, Intermediate space.*

Referências

AMORIM, R.; VIEIRA, E. Como fazer de seu *blog* um campeão de audiência. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EDG74959-6014-428,00-BLOGS+OS+CAMPEOES+DE+AUDIENCIA.html>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

BIRMAN, J. Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: _____. CARDOSO, M.; REZENDE, M. (Orgs.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta, 2006. p. 25-42. (Biblioteca de Psicopatologia Fundamental).

KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. In: BUCCI, E.; KEHL, M. R. (Orgs.). *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 43-62.

LÉVY, P. *O que é virtual?* 2. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 18, n. 2, p. 193-202, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n2/a09v18n2.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

OTERO, C.; FUKS, B. A internet e a reinvenção de si. *POLÊMICA*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3092/2227>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade. Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (Org.). *Cultura e subjetividade. Saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997. p. 19-24. Disponível em: <http://caosmosse.net/suelyrolnik/pdf/viciados_em_identidade.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2015.

Virtual. Def. Dicionário Online - Dicionários Michaelis - UOL. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=virtual>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

WINNICOTT, D. W. *O brincar & a realidade*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Recebido em: 18/05/2016

Aprovado em: 06/06/2016

Sobre a autora

Rafaela Mota Paixão França

Doutoranda em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestre em Psicologia Clínica. Psicóloga do Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem (CPPL). Membro do Círculo Psicanalítico de Pernambuco.

Endereço para correspondência

E-mail: <rafaelapaixao@cppl.com.br>

Caixa lúdica e novas tecnologias

Playful box and new technologies

Renata Franco Leite

Resumo

O presente trabalho se propõe a pensar sobre a caixa lúdica tradicional e as novas tecnologias que, muitas vezes, parecem mais atraentes para as crianças. São levantadas questões relativas à teoria tradicional proposta por Melanie Klein para que se possa refletir sobre a utilização de novas tecnologias durante o processo analítico.

Palavras-chave: Caixa lúdica, Tecnologias, Psicanálise.

Introdução

A psicanálise com crianças sempre foi considerada um desafio. Alguns autores, há muito tempo, desenvolveram técnicas que possibilitavam às crianças se expressar e, conseqüentemente, se desenvolver no processo psicanalítico.

Melanie Klein foi uma das pioneiras e é considerada uma das principais referências no que diz respeito à psicanálise com crianças. Suas técnicas desafiaram as propostas feitas na sua época e, por se mostrarem eficazes, conquistaram amplo espaço no universo psicanalítico, por isso são utilizadas e estudadas até hoje.

O principal objetivo deste trabalho consiste em pensar sobre as dimensões técnicas kleinianas tradicionais e, em especial, as ferramentas utilizadas na caixa lúdica e seus objetivos, além de fazer uma reflexão acerca das novas ferramentas tecnológicas que podem, ou não, ser utilizadas com sucesso no trabalho com crianças. Questiona-se principalmente se as novas tecnologias suprem as expressões obtidas através do uso da caixa lúdica e como elas podem ser utilizadas sem que haja descaracterização do processo psicanalítico.

Aspectos introdutórios

sobre as contribuições Kleinianas

Melanie Klein foi a responsável pela criação e pelo desenvolvimento da psicanálise com crianças. Seguindo as principais teorias e técnicas propostas por Freud, Melanie Klein adaptou a maior parte desses trabalhos direcionando-os à análise com crianças, que naquele momento surgia como novidade.

Apesar de ter tido destaque, Melanie Klein não foi a única a propor a análise com crianças. Autores como Anna Freud e Winnicott, por exemplo, trouxeram importantes inovações, porém cada um utilizou uma abordagem diferente. Deve-se destacar que todas essas teorias e técnicas continuam sendo estudadas e utilizadas até hoje tanto por psicanalistas quanto por psicólogos (ZIMERMAN, 1999).

Ao desenvolver e descrever o seu trabalho com crianças, Melanie Klein considerou que, através das brincadeiras, a criança conseguia expressar suas questões conscientes e inconscientes, pois o brincar para a criança funcionava de maneira similar à associação livre do adulto.

Para a autora, os brinquedos funcionam como ferramentas facilitadoras que permitem à criança expressar seus principais con-

flitos através do mecanismo de projeção descrito por Freud.

Além disso, a brincadeira auxilia no processo de comunicação da criança, que funciona de maneira tanto verbal quanto comportamental, através de gestos e atitudes, que muitas vezes são bastante sutis (BLEICHMAR; BLEICHMAR, 1992).

Alguns funcionamentos atrelados à maneira como as crianças se expressam durante o brincar, que Melanie Klein (1981) descreve teoricamente, podem ser percebidos como complementares aos descritos por Freud. A partir disso, a teoria das posições esquizoparanoide e depressiva é abordada e percebida, principalmente através da maneira como a criança se expressa ao brincar. A autora destaca que diversos fatores influenciam na vida da criança e que cada momento é fundamental para a construção de sua personalidade.

A posição esquizoparanoide estaria ligada a tudo aquilo que é individual e primário na formação da criança – traumas e angústias seriam constantes nesses momentos, fazendo com que as pulsões de morte estejam presentes, permitindo ao ego em formação ser lapidado até se tornar coeso. Ainda são destacados os aspectos de seio bom e seio mau, cisão e projeção, defesas primitivas e outras questões teóricas postuladas por Freud e adaptadas à nova teoria por Melanie Klein.

Já a posição depressiva teria sua principal influência na organização do ego, proporcionando, assim, sua coesão e permitindo que a criança interaja e socialize. Nessa posição, a pulsão de vida terá mais destaque, e a criança estará mais tolerante com relação à frustração. Questões teóricas são enfatizadas nessa posição, entre elas, a presença da ansiedade depressiva (COSTA, 2010).

Caixa lúdica e novas tecnologias: questões relativas à finalidade e ao manejo

O trabalho tradicionalmente realizado por Melanie Klein com crianças era conduzido através das observações e interações durante o brincar, que permitiam que a criança

criasse, tanto através da construção quanto pela destruição. Água, cola, papéis, tintas, tesouras, alguns bonecos e outros componentes provocavam as mais diversas reações nas crianças, permitindo-lhes criar, repetir, gerar angústia e expressar essas questões a partir da maneira como utilizavam esses itens.

O processo tem bons resultados, pois, ao perceber as reações manifestadas, é possível ao analista conduzir a brincadeira amenizando os conflitos internos que se apresentam no momento (COSTA, 2010).

Ao longo dos anos, foi sendo utilizada a caixa lúdica que continha essas ferramentas consideradas básicas. Além de propiciar a ideia do sigilo, a caixa passou a ter importância fundamental no processo terapêutico.

Outros itens como jogos, bonecos mais elaborados, tabuleiros e brinquedos de montar passaram a ser utilizados, principalmente pelos psicólogos, fazendo com que a caixa lúdica tradicional fosse, até certo ponto, perdendo suas principais características.

Alguns desses novos itens não descaracterizam os objetivos primordiais da caixa lúdica nem interferem neles. Porém, os jogos e os brinquedos que possuem finalidade específica (adivinhação e competição, por exemplo) limitam as possibilidades para a criança se expressar livremente como Melanie Klein fazia.

Armanda Aberastury (1982) traz, da mesma forma que Melanie Klein, a importância de a criança estar livre/a importância da liberdade da criança para se expressar através do brinquedo, pois só dessa maneira suas angústias poderão ser identificadas e, consequentemente, manejadas pelo analista.

Além disso, a autora considera que a caixa lúdica significaria mais do que um local em que os brinquedos são guardados: a caixa se torna um símbolo de sigilo profissional que, no caso do adulto, é acordado apenas de maneira verbal (ABERASTURY, 1982).

Os jogos eletrônicos, *video games* e *tablets*, principalmente, vêm ganhando destaque ao longo dos anos e se tornando os favoritos das

crianças. Alguns profissionais da área psi iniciaram estudos relativos ao uso, ao vício e à influência dos jogos no comportamento das pessoas, independentemente de sexo e faixa etária.

Apesar de muitos estudos estarem sendo produzidos, existem poucas publicações sobre o uso desse tipo de ferramenta nos consultórios de psicólogos e psicanalistas. Sabe-se que alguns profissionais, principalmente da psicologia, utilizam essas ferramentas com os mais diversos objetivos.

Assim como os testes psicológicos, as ferramentas tecnológicas se mostram bastante eficazes no que diz respeito a perceber aspectos objetivos do comportamento dos sujeitos. Níveis intelectuais, questões relativas à atenção, capacidade de resolução de problemas, tolerância à frustração, entre outros aspectos, podem ser percebidos e, então, trabalhados com o auxílio do terapeuta responsável.

Como parte de um processo terapêutico, o uso dessas ferramentas tecnológicas apresenta aspectos positivos e negativos. A possibilidade de identificar alguns tipos de comportamentos e patologias através de uma ferramenta que atrai o sujeito, principalmente no caso das crianças, que em geral costumam ter facilidade e preferência por esses itens, pode ser de muita valia para o andamento do processo, além de servir como uma boa forma de estabelecer vínculo com o indivíduo.

Entretanto, por serem ferramentas limitadas, a percepção de questões subjetivas, que é fundamental para qualquer processo terapêutico, pode ser pouco explorada ou até despercebida caso o uso dessas ferramentas se torne abusivo. Além disso, questões relativas ao vício podem interferir negativamente no processo, podendo até descaracterizá-lo.

O uso de jogos eletrônicos e ferramentas tecnológicas interfere diretamente na capacidade que o indivíduo possui de se expressar livremente, o que pode impedir ou, pelo menos, dificultar que sua subjetividade seja

percebida e manejada pelo profissional psi. Sendo assim, apesar de terem sua importância, essas ferramentas muitas vezes limitam tanto o sujeito quanto a possibilidade de o profissional trabalhar determinadas questões.

Diante dessas reflexões, podemos pensar e questionar o uso de ferramentas tecnológicas durante um processo psicanalítico, algo mais específico ao tema proposto. Partindo da premissa kleiniana, foco deste trabalho, é fundamental que a criança esteja livre de qualquer obrigação e que não haja indução ou objetivo específico para o brincar.

Dessa maneira, a maioria dos jogos eletrônicos, como foi citado acima, se encontraria fora da abordagem proposta da autora, abordagem que é utilizada tanto por psicólogos quanto por psicanalistas.

É preciso que fique claro que, embora não se enquadre na proposta tradicional, o uso de novas tecnologias pode auxiliar o terapeuta, o psicólogo ou o psicanalista a entender e manejar alguns comportamentos dos pacientes, a exemplo de intolerância à frustração e dificuldade de socialização.

Entretanto, a limitação existente quanto à liberdade na condução da brincadeira impossibilita o sujeito, especialmente a criança, de trabalhar questões subjetivas muito importantes tanto para a sua formação quanto para o processo terapêutico, em especial o processo psicanalítico.

Conclusão

As contribuições teóricas e técnicas kleinianas se mostram muito valiosas durante o tratamento analítico infantil. Embora outros autores tenham trabalhado com esse mesmo público e novas técnicas tenham surgido, Melanie Klein se tornou uma figura de referência pela sua inovação, tanto é que sua abordagem é utilizada e estudada até os dias atuais. A técnica lúdica tem se mostrado, ainda que com algumas adaptações à forma original proposta, o melhor instrumento de trabalho dos psicanalistas no que se refere à psicanálise com crianças.

O surgimento de novas tecnologias, entretanto, a exemplo de objetos e jogos eletrônicos, tem atraído a atenção das pessoas, em especial das crianças e, diante disso, surge a necessidade de reflexão a respeito da eficácia de se introduzir essas novas ferramentas como meio de auxiliar nos processos terapêuticos.

Considerando a ideia de Melanie Klein de que a criança precisa estar livre ao brincar para que possa expressar sua subjetividade e dar ao terapeuta a oportunidade de perceber importantes questões relacionadas ao processo psicanalítico, é preciso reconhecer que essas novas ferramentas tecnológicas não atendem aos propósitos buscados quando da utilização da caixa lúdica. Isto porque, embora possam se apresentar como “brincadeiras”, são direcionadas, restritivas e limitadoras da criatividade e da liberdade de expressão da criança.

Portanto, ainda que se mostrem úteis em alguns processos terapêuticos, essas novas tecnologias não suprem o “brincar livre”, que é a premissa básica da técnica kleiniana e podem ser utilizadas, caso sejam visados objetivos diferenciados aos propostos por Melanie Klein, porém a caixa lúdica e seus materiais podem atingir os fins que eram propostos por ela.

Abstract

This paper aims to think about the traditional playful box and new technologies that often seem more appealing to children. Questions will be raised on the traditional theory proposed by Melanie Klein, so you can think about the use of new technologies during the analytical process.

Keywords: *Playful box, Technologies, Psychoanalysis.*

Referências

ABERASTURY, A. *Psicanálise da criança: teoria e técnica*. Tradução de Ana Lúcia Leite de Campos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

BLEICHMAR, N. M.; BLEICHMAR, C. L. *A psicanálise depois de Freud: teoria e clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

COSTA, T. *Psicanálise com crianças*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Col. Passo a Passo, 75).

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria e clínica - uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Recebido em: 03/05/2016

Aprovado em: 06/05/2016

Sobre a autora

Renata Franco Leite

Psicóloga graduada pela Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju (SE). Candidata à formação em psicanálise pelo Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS).

Endereço para correspondência

E-mail: <renatafrancoleite@hotmail.com>

Quando o Édipo não é o destino: pensando o fenômeno transexual como possibilidade identificatória e de existência psíquica¹

*When Oedipus isn't destiny:
rethinking the transsexual phenomenon
as an identificatory possibility and of psychical existence*

Rodrigo Zanon de Melo

Resumo

O artigo tem como objetivo explorar o fenômeno transexual sob a perspectiva identitária, pensando a transexualidade como possível forma de “existência psíquica” nos casos em que não ocorre a possibilidade da vivência edípica. Subvertendo assim o modelo clássico psicanalítico de identificação edípica para um modelo identificatório pré-edípico pela identidade de gênero. Na primeira parte abordamos o fenômeno transexual, explorando a produção teórica do psicanalista Robert Stoller. Em seguida analisamos um fragmento de caso clínico que nos permitiu pensar, diante de uma sintomatologia característica da clínica dos estados limite, a transexualidade, aparecendo como forma de existir psiquicamente. Um espaço de possibilidade, trabalhando assim o fenômeno transexual fora do registro patológico.

Palavras-chave: Transexualidade, Existência psíquica, Identificação, Vivência pré-edípica e identidade de gênero

*Alguém poderia se perguntar
o que significa afinal ‘abrir possibilidades’,
mas provavelmente não seria alguém
que tenha percebido a vida no mundo social como ‘impossível’,
ininteligível, irrealizável, irreal e ilegítima.*

JUDITH BUTLER

Transexualidade: uma breve introdução

A transexualidade é um fenômeno múltiplo que interroga as noções de identidade sexual, normalidade e patologia. Nos transexuais, o sentimento de identidade sexual não con-

corda com sua realidade anatômica: existe a sensação (ou, mais precisamente, a convicção inabalável) de habitar um corpo que não lhes é próprio, fruto da incompatibilidade entre sua anatomia e o que sentem ser. Sobre o fenômeno transexual podemos pensar que:

1. Trabalho parcialmente apresentado na VI Jornada de Psicanálise do CBP-RJ – *Neossexualidades – novas escutas*, Hotel Mirador, Copacabana, Rio de Janeiro, 20 nov. 2015.

O transexualismo não é um estilo ou uma preferência. Não é tampouco um ato de sexo. É uma convicção apaixonada, para toda a vida, inabalável, e nenhum legítimo transexual pode ser convencido do contrário (MORRIS *apud* SOLOMON, 2012, p. 694).

No presente artigo utilizamos o termo “transexualidade”, reiterando a abordagem despatologizadora proposta pelo trabalho. A palavra “transexualismo”, em razão do sufixo “ismo”, sugere uma conotação patológica ao fenômeno transexual. Porém, a palavra será mantida no original quando retirada de citações ou pensamentos de outros autores.

Nossa análise se fez sobre a transexualidade masculina (quando o sexo, corpo biológico de origem é masculino, porém sua identidade de gênero é feminina), fenômeno que nos proporcionou explorar a questão identificatória pré-edípica, colocando em xeque o modelo clássico de identificação em psicanálise. Esse modelo se caracterizaria como o resultado da passagem pelo Édipo tanto para o menino quanto para a menina:

O período edípico constitui o momento organizador tanto da formação da identidade quanto da bissexualidade psíquica. Esta última é central nos destinos edípicos, pois os libera de toda e qualquer forma de determinismo biológico (FREUD, 1923). À medida que a diferença dos sexos se afirma, a bissexualidade se virtualiza: persistir na reivindicação bissexual equivale a recusar a diferença dos sexos. Passado o período edípico, o sujeito acederá, na maioria dos casos, a uma identidade “monossexual” em harmonia com o seu sexo anatômico (CECCARELLI, 2013, p. 134-135).

O psicanalista Robert Stoller, em seu importante trabalho *A experiência transexual* ([1975] 1982), apresentou conceitos fundamentais para pensarmos a transexualidade fora do registro patológico. Stoller trouxe para a psicanálise a ‘noção’ de gênero, ao es-

tudar a transexualidade diferenciando sexo de gênero.

Para o autor o sexo (no sentido anatômico) se diferencia da identidade, no sentido social ou psíquico, e gênero e sexo não necessariamente são correspondentes. A identidade de gênero se expressa pela convicção de pertencer a este ou àquele sexo e não é inata; é adquirida precocemente: entre os dois e os três anos o sentimento de ser homem ou mulher já está estabelecido.

Segundo o autor a identidade de gênero se constitui em várias etapas, das quais as mais fundamentais são pré-edípicas, ou seja, não conflitantes.

A identidade diz respeito à formação do gênero, enquanto a identificação, em psicanálise, é comumente usada para designar a atividade inconsciente, no processo edípico, de apropriação de aspectos de um dos genitores (PORCHAT, 2014, p. 40).

Seguindo esse pensamento, apresentamos um pequeno fragmento clínico que nos possibilitou explorar essa ideia, considerando a transexualidade como um sentimento de existência psíquica, uma possibilidade identificatória, pela identidade de gênero.

Assim, diante de características da clínica dos estados limite, o desejo em se transexualizar manifestado pela paciente aparece como uma possibilidade, uma saída diante da sintomatologia apresentada.

Um pouco de história

Em 1952, um jovem americano de vinte e oito anos, George Jorgensen, foi a primeira pessoa a se submeter a uma operação de transgenitalização. A cirurgia foi realizada na Dinamarca pela equipe do médico Christian Hamburger. O tratamento hormonal e cirúrgico forneceu ao jovem uma aparência feminina completa, e George passa a se chamar desde então Christine. Seu caso ganhou grande projeção midiática e, em 1954, Christine, ex-herói do exército ameri-

cano, foi eleita a “mulher do ano” (CASTEL, 2001 *apud* PERELSON, 2011).

Em 1953, ano seguinte ao da cirurgia de George e antecedente ao da eleição de Christine como “mulher do ano” pelas mãos do endocrinologista Harry Benjamin, o fenômeno do transexualismo é isolado e batizado como tal.

Ainda hoje a maior parte dos profissionais que trabalha com transexuais segue o protocolo Harry Benjamin: exigem que antes da cirurgia ou do tratamento hormonal o paciente viva com seu gênero de escolha durante pelo menos um ano, que faça psicoterapia durante o mesmo período e que dois clínicos recomendem os procedimentos médicos (SOLOMON, 2012).

O termo “transexualismo” em 1967, aparece no *Index medicus* sob rubrica própria. Até essa data estava classificado como “desvios sexuais”. Em 1975 o termo é adotado pelo CID 9 sob o código F.64 (Transtorno de identidade sexual). Já 1980 o termo “transexualismo” aparece no DSM III (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana) como distúrbio da identidade sexual já apresentando “a esquizofrenia como critério de exclusão”.

Na ocasião da revisão do DSM III, em 1987, alguns critérios diagnósticos são modificados assim: “o paciente não deseja mais se livrar de seus órgãos genitais, mas de seus caracteres sexuais primários e secundários” (HERGOTT, 1996, *apud* PERELSON, 2011):

Alguns profissionais optam por designar como transexuais somente aqueles que se submeteram aos tratamentos hormonais e à cirurgia de redesignação sexual; outros consideram que mesmo os candidatos a tais intervenções médicas poderiam ser designados pelo mesmo termo [...] Pode-se dizer que existem transexuais que não exigem passar por tais procedimentos – para alguns, já basta a alteração de prenome civil, por exemplo –, assim como há sujeitos que os solicitam e

nem por isso podem ser diagnosticados como tal (COSSI, 2011, p. 43).

Em 1994, o DSM-IV abandona o termo “transexualismo” e o substitui por Transtorno de Identidade de Gênero. No DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana) ocorreu a retirada da nomenclatura Transtorno de Identidade de Gênero e mudança para Disforia de Gênero. E no CID 10 (Classificação Internacional de Doenças) a transexualidade está descrita como: Transexualismo (F-64.0) Transtorno de identidade sexual. Categoria: Transtornos da identidade sexual [F64].

Entre as diversas formas de critérios clínicos para o diagnóstico e o tratamento da transexualidade, a primeira é o *Manual de diagnósticos e estatísticas*, 1994, da Associação Americana de Psiquiatria; a segunda é o *Guidelines for the treatment os transsexuals* (Diretrizes para o tratamento de transexuais, 1995), da Associação Harry Benjamin, e a terceira fonte são orientações clínicas estabelecidas pelos diversos comitês de identidade de gênero (RAMSEY, 1998).

Penso que, em se tratando de uma problemática identitária, o que caracteriza o transexual é o fato de não se sentir pertencente ao sexo biológico. Na maioria dos casos, o transexual não investe no órgão sexual de origem, porém em alguns casos pode ocorrer o investimento no órgão, o que não descharacteriza a transexualidade. Assim sendo o fenômeno transexual, não está necessariamente atrelado à cirurgia de redesignação/readequação sexual.

Transexualidade e psicanálise

Tratando-se de um fenômeno tão plural, em que a singularidade de cada caso deve ser levada em consideração, a psicanálise poderia ser de grande contribuição para a temática.

Porém, o discurso psicanalítico predominantemente laciano trabalha a transexualidade como uma psicose, ou como a

psicanalista Collete Chiland, que considera a transexualidade como uma “doença do narcisismo”, baseando-se na evidência de que o transexual somente constrói o seu self ou sentimento de existir identificando-se com o sexo oposto. Para a autora o não reconhecimento dessa crença é vivenciado como uma ameaça (CHILAND *apud* ÁRAN, 2009).

Inicialmente, do ponto de vista psicanalítico, os transtornos da identidade sexual de gênero levaram a princípio a rubrica da nosografia psiquiátrica do começo do século XX, seguindo um critério prevalentemente descritivo e fenomenológico.

Nessa época o debate sobre transexualismo na teoria psicanalítica estava fortemente marcado pela interpretação freudiana do *Caso Schreber* (FREUD, [1911] 2006) que, em certa medida, tinha como referência a relação entre homossexualidade e paranoia.

Áran (2006) afirma:

Um marco decisivo nesta compreensão foram os *Três ensaios para uma teoria sexual*, escrito por Sigmund Freud em 1905. Apesar de Freud não se referir especificamente à transexualidade neste texto, ele inaugura uma nova forma de pensar a relação entre pulsão sexual e cultura, que vai influenciar todas as teorias sobre sexualidade desde então. Para Freud, não existe necessariamente uma correspondência entre pulsão e objeto, já que este último adquire um caráter variável. Neste sentido, as possibilidades subjetivas se fazem de acordo com a contingência da experiência com o outro, a qual sempre será determinada pelos contextos históricos e sociais (ÁRAN, 2006).

Lacan, em parte herdeiro dessa tradição, mesmo considerando as diferenças entre o transexualismo e a compreensão psiquiátrica da psicose, argumenta que o discurso transexual estaria baseado na certeza delirante em relação à identidade e no desejo incontornável de “mudar de sexo”. Nesse sentido, não tendo o Édipo, o recalque e a falta como ope-

radores organizativos, o transexualismo seria uma forma específica de psicose (ÁRAN, 2006).

Segundo Millot (1992), ao comentar o caso Schreber, Lacan sustentava que o delírio de Schreber de se transformar em uma mulher era decorrente da forclusão do Nome-do-Pai. (mecanismo defensivo psicótico). Não em uma mulher, do lado do não-toda, o que resulta que nenhuma mulher é toda, inteiramente mulher, que nenhuma vale por todas as mulheres. A posição do transexual consiste em se querer toda, inteiramente mulher, mais mulher que todas as mulheres e valendo por todas.

Segundo Czemark (2006):

[...] o empuxo à mulher é comum a toda psicose. Frente ao Nome-do-pai forcluído, constrói-se uma metáfora delirante como suplência. Ser A mulher, justamente aquela que não existe, para assim se tornar Todo, Todo em um (CZEMARK, 2006, p. 148 *apud* COSSI, 2011, p. 138).

Ao avançar em sua obra, Lacan adotará o real como referência, o que tornaria possível tornando cogitar um gozo próprio na transexualidade, desatrelado das estruturas clínicas. Considerando as múltiplas modalidades de gozo e que cada um tem direito ao seu, podemos pensar dentro do universo transexual várias modalidades de gozo acessíveis. (COSSI, 2011).

Porém, o discurso patologizante acerca do fenômeno transexual permanece entre a maioria de autores lacanianos, entre eles, Henry Frignet (2002), M. Czermak (1986), Caherine Millot (1992) e Joël Dor (1987).

Já para Stoller, a transexualidade está fora do registro das psicoses; é uma problemática da identidade sexual e pode ser estudada a partir da mais tenra infância.

Segundo Millot, “[...] devemos a Robert Stoller a tentativa de resgatar uma estrutura distinta do transexualismo” (MILLOT, 1992, p. 43).

Stoller e a transexualidade

Robert J. Stoller, psiquiatra e psicanalista americano, é considerado o maior especialista americano em transexualidade e o teórico responsável por ter trazido para a psicanálise a noção de gênero (*gender*), proposta inicialmente por John Money. Sua obra é passagem obrigatória em relação à pesquisa sobre o transexualismo.

Stoller criou a Gender Identity Research Clinic em Los Angeles e apresentou teses inovadoras (e muito contestadas) a respeito das formas modernas da sexualidade humana, renovando as interrogações freudianas sobre a identidade sexual, diferença sexual e a sexualidade em geral (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Em 1975 Stoller publica seu livro *A experiência transexual* onde desenvolveu sua teoria a respeito da dinâmica e da etiologia do transexualismo (principalmente o masculino) definindo a transexualidade como:

A convicção de um sujeito biologicamente normal de pertencer ao outro sexo; no adulto, esta crença é acompanhada, na atualidade, de demandas de intervenções cirúrgicas e tratamentos hormonais, a fim de modificar a aparência anatômica do sexo de origem (STOLLER, 1978, p. 114 *apud* CECCARELLI, 2013, p. 49).

Sob o ponto de vista transgeracional, o autor concluiu que três gerações são necessárias para produzir um transexual, uma mãe bissexual cronicamente deprimida, apresentando forte “inveja do pênis”. A mãe do transexual teve uma mãe distante, pouco afetiva, vazia e assim mesmo poderosa. Quando se voltava para o pai em busca de conforto compensatório, novamente se decepcionou (COSSI, 2011).

Para o autor há uma determinada configuração familiar que produz o transexual masculino. Somente com a reunião de quatro fatores ele poderia acontecer. Os fatores são: *uma mãe bissexual; pai ausente física e psicologicamente; um longo período de união*

ininterrupto entre mãe e filho e a beleza especial do menino (STOLLER, [1975] 1982, grifo nosso).

Stoller atribuía a relação inicial entre a criança e a mãe como determinante na questão do transexual. O autor descrevia essa relação como uma relação “privilegiada” com a mãe, marcada pela quase permanência de um contato corporal, apontando o caráter quantitativo dessa relação.

Segundo o autor:

[...] a mais importante diferença entre episódios felizes de uma educação normal e a simbiose que produz o transexualismo masculino é que esta última é infundável. Ele não é voluntariamente interrompido nem pela mãe nem pelo pai (STOLLER, [1975] 1982, p. 49).

A proximidade mãe-filho inicial não é heterossexual, já que a situação e o conflito edipiano ainda não teriam se estabelecido. É só a partir da separação entre eles que o menino pode desejar sua mãe como objeto de amor, e para que tal separação ocorra, é necessária a intrusão de um terceiro – o pai.

No complexo de Édipo, a partir da entrada do pai e da demonstração feita pela mãe de que o pai (e não o filho) é seu objeto sexual, desenvolve-se a hostilidade do filho dirigida para ambos os pais. Consequentemente, diante da castração – e principalmente tendo várias realizações do ego relacionadas à masculinidade ameaçada – o menino abre mão de sua mãe. Opta por preservar não só o símbolo de sua virilidade, o pênis, mas principalmente sua identidade como homem (COSSI, 2011).

Para uma mãe bissexual e cronicamente deprimida, que apresenta uma intensa inveja do pênis e um desejo apenas suprimido de ser homem, seu marido é o único tipo de homem que lhe é possível escolher: um homem distante, passivo, embora não efeminado, que não será um competente marido ou pai.

O pai do transexual não é um rival, é simplesmente como se ele não existisse. A

ausência do pai leva à impossibilidade de identificação com ele e com isso à impossibilidade de desenvolvimento da masculinidade. O menino não tem rival em relação à mãe. Stoller aponta uma ausência de conflito edipiano, segundo ele, nos outros meninos se desenvolveria por três elementos:

1. O menino separou-se suficientemente de sua mãe para desejá-la como objeto de seu amor. Sua mãe, embora encoraje isso parcialmente, deixa claro que sua escolha final é um adulto, normalmente o pai.
2. Se o menino se opõe a seu pai, descobre que esse último é mais forte. Talvez o lugar de maior vulnerabilidade para o menino, exceto o medo de ser morto é que ele vá perder sua identidade como homem. Não somente o símbolo desta virilidade, seu pênis, pode assim ser posto em perigo, como também – o que é mais difusamente experimentado – todas as inúmeras realizações do ego que são entendidas como masculinidade podem, da mesma forma, ser ameaçadas.
3. E assim, ele recua no desejo por sua mãe, volta-se para outras mulheres, e aprofunda sua identificação com o pai para solidificar a masculinidade que torne possível não apenas a renúncia, mas também as estruturas psíquicas necessárias para ter êxito como um homem masculino no futuro (STOLLER, [1975] 1982, p. 28).

A mãe do menino transexual é uma mulher que não pôde desenvolver sua feminilidade e tem uma intensa inveja do pênis, colocando seu filho no lugar desse pênis desejado. Essa intensa aproximação com a mãe leva a um desenvolvimento não traumático e não conflituoso de feminilidade no filho. Uma mãe que goza incessantemente de seu filho, ele a satisfaz.

Essas crianças verdadeiros falos da mãe, tem seu ‘destino transexual’ traçado bem cedo, en-

tre dois ou três anos de idade, as vezes, antes (Cecarrelli, 2013, p. 50).

Uma mãe superprotetora, que mascara seu ódio através de uma solicitude excessiva. Se o transexual tem horror a seu pênis, é porque este representa “o espinho cravado na feliz simbiose mãe-filho” (STOLLER, [1975] 1982, p. 28).

Não é o ódio que faz falta à mãe do transexual, mas a impossibilidade de suportar a expressão de sua agressividade com relação a seu filho. Stoller denominava como um ambiente caloroso e amoroso, repleto de inquietudes superprotetoras, nas quais se mesclava invisivelmente sua necessidade de destruir a masculinidade de seu filho “[...] Para a criança, trata-se sem dúvida se ser A mulher que sua mãe não é, pois ela é apenas uma mulher” (MILLOT, 1992).

As mães dos transexuais não danificam o desenvolvimento das funções do ego em geral, ou mesmo do ego corporal, exceto em relação a esse senso de feminilidade. De uma maneira que não está até agora clara, elas permitem a seus filhos sentar, engatinhar, pensar, abstrair-se e relacionar-se com objetos animados e inanimados de forma perfeitamente saudável. Nenhum desses meninos mostrou a menor evidência de psicoses ou precursores de psicoses (STOLLER, [1975] 1982).

A fim de afastar a transexualidade das psicoses, Stoller dedica um parágrafo de seu livro para falar sobre a criação da ilusão na transexualidade, diferenciando da ideia de delírio. Para o autor, a convicção do transexual em sua feminilidade é corretamente descrita pela benigna palavra “ilusão”, ou o processo não é mais patologicamente defensivo quanto o implícito na palavra delírio, assim sendo,

[...] o transexualismo não é tampouco, exatamente uma ilusão, mas talvez possamos mantê-lo nessa categoria, porque o transexual, sendo diferente de uma pessoa delirante,

nunca nega a realidade externa (o seu sexo anatômico) (STOLLER, [1975] 1982, p. 31).

Stoller separa esses dois processos, delírio e ilusão, comparando com as diferenças entre a feminilidade transexual (a qual não é produto de trauma psíquico, repressão ou defesa) e a efeminação homossexual, que seria fruto de trauma, em que uma mãe deprimida em sua raiva contra a masculinidade não poderia manter tais afetos fora da educação do filho, cuja virilidade seria um estímulo para a raiva dessa mãe, não importando o quanto ela reprimisse (STOLLER, [1975] 1982).

Aqueles que acreditam que os transexuais sejam psicóticos, devem contrastar esses pacientes com aqueles como Schreber, que sentia que Deus estava transformando seu corpo no de uma mulher: os transexuais não conseguem alucinar uma mudança sexual; por isso é que precisam tomar hormônios e buscar a cirurgia para mudar de sexo. [...] *Se for dito que o transexual está reprimindo a sua masculinidade, eu pergunto: quando foi que ela existiu? Que forma ela tomou?* (STOLLER, [1975] 1982, p. 31, grifo nosso).

Transexualidade feminina: uma breve abordagem

A respeito da transexualidade feminina (sexo biológico feminino, identidade de gênero masculina) Stoller é mais cauteloso quanto à construção de uma teoria – trata-se de caso mais raro que o masculino e tipo ao qual se dedicou menos, o que não o impediu de levantar hipóteses. Aqui, a etiologia lhe parecia mais variável, e a semiologia apresentaria limites menos definidos do que o transexualismo masculino (COSSI, 2011, p. 113).

A transexualidade que interessava a Stoller, que ele considerava verdadeira, a pura transexualidade, seria a transexualidade masculina. Porém, o autor em seu livro *A experiência transexual* (1982) dedicou-se também ao estudo da transexualidade feminina. Segundo Stoller:

Ninguém, até agora, sugeriu que o transexualismo feminino não seja a mesma condição – exceto pelo fato de ocorrer em mulheres – que o transexualismo masculino. Eu, no entanto, farei isso agora (STOLLER, [1975] 1982, p. 223).

Na transexualidade feminina, o fato de a menina não ter a “feminilidade primordial” para superar levou Stoller à tentativa de num primeiro momento a aproximá-lo do travesti masculino. Mas a ausência do componente exibicionista dos travestis fez com que o autor abandonasse a hipótese. Para o autor a manifestação da transexualidade em meninas é um pouco mais tardia, depois dos três ou quatro anos, tornando-se explícito em torno dos sete ou oito anos.

A etiologia não será mais a mesma: não é o fato de terem ficado na simbiose primitiva com a mãe que as faz transexuais. Essa simbiose acontece no sentido da feminilidade. Na transexualidade feminina sua identificação masculina supõe a participação do pai e forças opostas à feminilidade primeira.

As transexuais encontradas por Stoller não tinham precisamente conhecido a simbiose feliz. As mães dessas pessoas, à época do nascimento de suas filhas, estavam acometidas de depressão ou de doença. Essas mães pouco cuidaram de seus bebês. Mais tarde, o pai se interessou pela criança até então abandonada e fez dela o companheiro de suas diversões, e por vezes de seus trabalhos.

Ele a associa as suas atividades viris. “O amor que ele suscita, assim, toma repentinamente a forma de identificação” (MILLOT, 1992, p. 90).

A hipótese da relação simbiótica com o pai não dura muito. Segundo o autor, é depois de passados os primeiros anos da infância que o pai começa a se interessar pela filha. E a mãe não está ausente como objeto de amor para a menina; além disso, o pai a coloca numa posição de suplência com relação à mãe.

O autor explora também a fantasia transexual feminina de “salvar uma bela mulher

desamparada”. Um encorajamento sistemático à masculinidade, da parte do pai, em particular, o autor denomina de *shaping* (dar forma) (Millot, 1992).

Ceccarelli (2013) afirma:

Stoller sustenta que a filha seria levada a disputar com o pai o lugar de marido. Na idade adulta, o mesmo papel seria reproduzido nos relacionamentos com outras mulheres. A partir destas hipóteses, Stoller conclui que o transexualismo feminino deve ser entendido como uma problemática homossexual (CECCARELLI, 2013, p. 51).

Da identificação primária em Freud à feminilidade primária em Stoller

Freud utiliza pela primeira vez o conceito de identificação no seu trabalho *Três ensaios sobre a sexualidade* ([1905] 2006) tendo como referência o conceito de incorporação, e a identificação é uma evolução desse conceito:

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é oral, ou se preferirmos, canibalésca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da identificação, um papel psíquico tão importante (FREUD, [1905] 2006, p. 187).

Em seu texto *O ego e o id* ([1923] 2006) o autor define um modelo de identificação (primária) como bastante primitiva e anterior a qualquer catexia de objeto. “[...] trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto” (FREUD, 1923, p. 44).

Laplanche e Pontalis definem assim a identificação:

Processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um

atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações [...] Na obra de Freud, o conceito de identificação assumiu progressivamente o valor central que faz dela, mais do que um mecanismo psicológico entre outros, a operação pela qual o sujeito humano se constitui (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 226-227).

Freud esclarece que a identificação primária é a identificação com o pai em sua pré-história, e é a mais importante na vida do indivíduo. Freud, porém, não expressa essa concepção de pré-história explicitamente, podendo ser entendida como uma história anterior à vida adulta. Em nota de rodapé, o autor acrescenta que seria melhor considerarmos essa identificação com os pais, já que a criança ainda não faz a distinção sexual entre eles.

Em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921) Freud afirma que essas identificações da primeira infância apresentam efeitos mais intensos e duradouros, pois o ego se encontra mais frágil e sem as resistências posteriores.

Sobre a noção de identificação a exposição mais completa que tentou apresentar está no capítulo VII de *Psicologia de grupo e análise do ego*, em que Freud distingue três modalidades de identificação, segundo Laplanche e Pontalis (2001):

- a. Como forma originária do laço afetivo com o objeto. Trata-se aqui de uma identificação pré-edipiana marcada pela relação canibalésca de saída ambivalente (ver: identificação primária);
- b. Como substituto regressivo de uma escolha de objeto abandonada;
- c. Não havendo qualquer investimento sexual do outro, o sujeito pode todavia identificar-se com ele na medida em que ambos têm em comum um elemento (desejo de ser amado,

por exemplo); por deslocamento, será em outro ponto que irá produzir-se a identificação (identificação histórica) (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 229).

Em *Totem e tabu* ([1913] 2006) Freud discute também a incorporação do objeto, pela noção canibalesca, quando descreve o ritual totêmico. O autor afirma ainda que a incorporação e a identificação, ou mesmo a recusa de incorporação, pelos integrantes de um clã com um totem (que ocupa o lugar do pai) tem como referência uma crença mágica ou religiosa que pressupõem que através da identificação com o totem há um empréstimo de suas qualidades.

O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força (FREUD, [1913] 2006, p. 145).

Para Freud tanto para o menino quanto para a menina, o resultado da passagem pelo Édipo seria a identificação: no caso do menino, tendo reconhecido no pai a potência fálica, poderá a partir de então identificar-se com ele e construir sua própria identidade viril; no caso da menina, a identificação com a mãe é problemática, já que a castração materna desvaloriza a mãe aos olhos da filha – a mãe tomada como objeto de amor inicial era a mãe fálica, e não essa mãe privada de atributos de potência. Portanto, fica difícil para a menina, segundo Freud, a constituição de uma identidade feminina positiva para si (Cossi, 2011, p. 72-73).

O estudo do transexualismo feito por Stoller revê as teorias freudianas a respeito do desenvolvimento sexual. Inicialmente para Freud a masculinidade era primária, tendo a libido tem caráter único, masculino. No final de *Novas conferências introdutórias* ([1932-1936] 2006) no artigo sobre feminilidade Freud aponta que não podemos atri-

buir nenhum caráter sexual à libido, nem masculino nem feminino.

Segundo Freud:

Existe apenas uma libido, que tanto serve às funções sexuais masculinas, como às femininas. À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo (FREUD, [1933-1932] 2006, p. 139).

Para Stoller a feminilidade é primária, passada da mãe para o bebê de forma traumática, através de um processo anterior que o autor denominou de imprinting. Essa feminilidade não seria desenvolvida pelo processo identificatório nos modelos da psicanálise. Esse tipo de identificação requer suficiente desenvolvimento da memória e da fantasia para que a criança possa absorver aspectos de sua mãe e tomá-los como seus.

Segundo o autor:

As palavras “incorporação”, “introjeção e “identificação” conotam uma atividade motivada, dirigida em direção a um objeto que não é reconhecido como parte de si mesmo. Isso significa que deve haver uma psique (mente) suficientemente desenvolvida para apreender o objeto (parcial) e desejar alojá-lo no interior de si [...]. Mas nossa teoria deve também reservar um lugar para outros mecanismos, não mentais (quer dizer, não motivados pelo indivíduo), graças aos quais a realidade externa possa também encontrar seu lugar no interior (STOLLER, 1978, p. 211 *apud* RIBEIRO, 2005, p. 239-240).

Stoller importa o conceito de *imprinting* da etologia utilizando-o para caracterizar as impressões e os sinais que a criança recebe da mãe nos primeiros instantes de vida. Só pode ser pensado vinculado ao

[...] mais primitivo estágio do desenvolvimento da masculinidade e da feminilidade, o núcleo da identidade genérica: o senso de pertencer ao sexo masculino ou feminino (STOLLER, [1975] 1982, p. 292).

Nesse estágio a feminilidade seria transmitida de forma atraumática (sem a criança levantar defesas, recebendo passivamente) através da excessiva imposição dos corpos (mãe-filho) deixando marcas impressas sobre a protopsique do filho.

O autor importou este termo da etologia, assim como em alguns animais, a escolha de objeto pode ser criada em total desacordo com o esperado para aquela espécie (por exemplo, pássaros que após sofrerem *imprinting*, por terem sido limitados em um determinado período inicial da vida ao contato com seres humanos, passarão a tentar se acasalar somente com estes últimos). O *imprinting* se dá de forma não conflitual. Stoller então levanta a hipótese de que este processo psicobiológico de *imprinting* também faria parte da determinação da escolha de objeto ou do comportamento genérico, da identidade sexual dos seres humanos (Cossi, 2011, p. 79-80).

Para Stoller, os fatores biológicos, psicológicos e biopsíquicos (condicionamento e *imprinting*) contribuem para a formação da identidade genérica. Ao definir a feminilidade primária e o conceito de *imprinting* Stoller descreve:

Eu não olhei o relacionamento mãe-criança, do ponto de vista das fantasias ou psicodinâmicas dessa criança (as quais, já que não podem ser medidas, devem ser deduzidas). Não o fiz porque acredito como outros (e.g.3) que não existe estrutura psíquica adequada nos primeiros meses de vida para carregar a carga de tais intrincadas fantasias [...] Concordando com muitos autores que a criança seja a princípio um organismo fisiológico e só gradualmente desenvolva uma psique, sinto que a criança é especialmente suscetível, nesses primeiros meses, a tais influências condicionadoras e *imprinting*, o que é demonstrável em animais inferiores na escala evolutiva (STOLLER, [1975] 1982, p. 52).

Pensando a transexualidade como uma experiência identificatória pré-edípica,

[...] o transexual verdadeiro não entra no complexo de Édipo. O menino não toma sua mãe como objeto sexual desejado e não entra em uma batalha com seu pai pela posse dela (STOLLER, [1975] 1982, p. 37).

Ainda sobre a identificação feminina o autor nos diz:

Se meninos, no interior da normal simbiose criança-mãe, identificam-se com suas mães, e se a excessiva, prolongada e feliz proximidade produz neles uma extrema feminilidade, o menino que se deve tornar masculino terá de repudiar aquela feminilidade. Mas então a feminilidade (identificação feminina) estará presente não por ser parte da herança biológica da humanidade, mas, antes, porque todos os meninos têm mulheres como mães (STOLLER, [1975] 1982, p. 13).

Assim sendo, na ausência de uma figura paterna identificatória o transexual não terá possibilidade de repudiar a feminilidade primária sustentando o feminino como forma de existência psíquica.

Para Stoller a transexualidade não seria uma psicose, tampouco uma perversão e por não serem acessíveis a nenhuma forma de terapia, inclusive a psicanálise, o tratamento hormonal e a cirurgia são recomendáveis (CECCARELLI, 2013).

Caso clínico: uma solução transexual

O fragmento clínico apresentado a seguir diz respeito a um breve período de atendimentos que fiz a Marta (nome fictício), 28 anos, que me permitiu pensar a questão transexual como uma solução, uma forma de existência psíquica, seguindo o modelo identificatório pré-edípico, em uma situação clínica em que a sintomatologia apresentada trazia predominantemente questões relativas à clínica dos estados limite.

Nessa clínica o funcionamento psíquico do paciente apresenta uma dificuldade em relação ao objeto, uma violenta angústia diante da ameaça de abandono e paradoxalmente o desespero diante de ser invadido, engolfado pelo outro. Esse é um modo singular de subjetivação, em que a relação Eu/Outro se encontra prejudicada e não segue a lógica do conflito psíquico do recalque e da representação.

Cardoso (2005) esclarece:

Estamos diante de patologias nas quais elementos “irrepresentáveis” tem forte dominância. Aspectos da vida subjetiva diante dos quais os mecanismos psíquicos mais elaborados tendem a falhar e, no seu lugar, são acionadas defesas de caráter mais elementar (CARDOSO, 2005 *apud* CARDOSO; GARCIA, 2010, p. 17).

A ‘solução’ transexual representaria então uma forma de “sobrevivência psíquica” (McDOUGALL, 1997, p. 263); uma tentativa infantil de autocura, segundo a autora em seu trabalho sobre as neossexualidades (1997).

Podemos pensar em uma maneira de ‘escapar’ à psicose, uma solução radical, uma última tentativa de manter coesos o dinamismo psíquico e as capacidades identificatórias constitutivas do eu nas situações em que uma identidade sexuada em desacordo com a anatomia seja “preferível”, ou pelo menos não tão angustiante, do que a ameaça de não existência, ou a angústia igualmente terrificante, de possuir um corpo despedaçado (CECCARELLI, 2013).

Marta, na primeira entrevista, se apresentou como uma transexual masculina (sexo biológico masculino, identidade de gênero feminina). No entanto, sua aparência era andrógina, com traços femininos e masculinos, o que me chamou muita atenção no primeiro momento.

Sua fala era muito confusa, e um forte desejo de transexualização movido por uma impossibilidade era recorrente em seu dis-

curso. Seu discurso paradoxal sempre me remetia a sua imagem andrógina. Era como se Marta sem recursos “representacionais” me “apresentasse” corporalmente seu conflito.

Tomava hormônios desde os 17 anos sem acompanhamento médico. A cirurgia de mudança de sexo (transgenitalização ou redesignação sexual) também era da ordem da impossibilidade. Marta, em uma sessão, falou um pouco sobre essa questão, relatou que não conseguiria fazer, pois os hospitais do Rio de Janeiro não são especializados nesse procedimento.

Marta se queixava de um vazio muito grande e uma “depressão” que a impossibilitava muitas vezes de se levantar da cama. Tinha muita vergonha de sua imagem e só saía de casa com o corpo coberto, pois se considerava uma aberração.

Na primeira sessão chegou com o corpo todo coberto, vestindo casaco, calça e gorro dizendo que os olhares que recebia de outras pessoas eram sempre acusatórios, persecutórios e agressivos. “Sentindo que as pessoas a olhavam na rua de forma esquisita”.

Relatou ser soropositiva, sem demonstrar angústia ao falar sobre o assunto, apenas relatou que estava tomando sua medicação corretamente. Em seguida relatou três tentativas de suicídio. Em uma ocasião ela ingeriu muita bebida alcoólica na praia e foi para o mar na tentativa de se matar, porém foi salva, e nas outras duas vezes misturou bebida com medicação antidepressiva.

Seu relacionamento em casa era muito difícil. Morava com a tia e o marido de sua tia, que ela chamava de pai e o descrevia como muito distante, e de poucas palavras. Sua tia, muito religiosa, não aceitava o seu desejo de se transexualizar.

Marta não conheceu o pai biológico. Sua mãe, deficiente visual, a deixou para ser criada com essa tia quando era ainda um bebê. Marta não havia perdido o contato com a mãe, que morava próximo, porém a distância da mãe era justificada pela deficiência visual.

Em uma sessão Marta chegou acompanhada de sua mãe e sua tia, me chamando a atenção o fato de sua mãe realmente ser muito distante, de poucas palavras e sua tia se referindo a Marta como “meu sobrinho”, no masculino.

Marta se cortava com frequência e se sentia aliviada após os cortes. “Podemos pensar em um alívio decorrente do sentimento de unidade, de estabelecer um limite representado pela pele, essas mutilações, as mutilações da pele – às vezes reais, mais frequentemente imaginárias – são tentativas dramáticas de manter os limites do corpo e do Eu” (ANZIEU, 2000, p. 36).

Freud já apontava essa questão em seu trabalho *O ego e o id* ([1923] 2006) quando descrevia que o “[...] o ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal”.

Marta muitas vezes me agredia verbalmente: com uma fala agressiva questionava o tratamento. Era uma pessoa desamparada e se defendia como podia. A questão especular comparece na transferência nos Estados Limite quando o paciente demanda que o analista funcione como “o espelho negativo de si” retornando (em reflexo) o que não pode ser sentido de si, não pôde ser sofrido de si, ou aquilo que segundo o autor, foi sentido, visto, ouvido como um “mau sentido de si” (ROUSILLON, 1999 *apud* CARDOSO, 2010, p. 58).

Ainda segundo Roussillon citado por Cardoso e Garcia:

[...] trata-se nesses casos de uma “falta de ser”, em contraposição a uma “falta no ser”, típica da neurose (ROUSILLON, 1999 *apud* CARDOSO; GARCIA, 2010, p. 57).

Em muitas situações Marta se agredia, com inúmeras tentativas de suicídio, cortes pelo corpo e comportamentos sexuais arriscados. Uma roleta russa macabra com inúmeras atuações diante da impossibilidade representacional. O que Marta não conseguia representar, repetia em ato, como característica da pulsão de morte.

André Green explorou a temática em seu importante trabalho intitulado *O trabalho do negativo* (2010):

O trabalho do negativo pode ser entendido como expressão *princeps* da pulsão de morte, pois sua tarefa consiste nas atividades de negativização, de rompimento, desligamento e, em última análise, de desobjetalização. É por meio, essencialmente, do dizer *não* que os limites psíquicos podem se estabelecer, favorecendo a capacidade de representação e a constituição subjetiva. Com o conceito de trabalho do negativo, Green traz a ideia de que toda negação pode ser estruturante ou patológica dependendo em que condições e em que contexto este *não* se dá (GREEN, 2010 *apud* GARCIA; MENDES, 2012, p. 281).

Marta relatou ter se relacionado durante um bom tempo, com uma transexual masculina (sexo biológico masculino, identidade de gênero feminina) que morava São Paulo (Camila, nome fictício), que ela conheceu pela internet e descreveu como muito importante em sua vida. Ela a descrevia como uma mulher linda, um exemplo, pois seu processo de transição foi muito rápido, e ela conseguiu alcançar seu objetivo.

Em seguida relatou que se tratava de uma relação sem sexo, onde era permitido se relacionar com pessoas fora da relação, o que me fez pensar em uma relação especular e idealizada.

Fora da relação com Camila, Marta apresentava um comportamento sexual arriscado, transando sem preservativo, o que aumentava seus pensamentos negativos. Relatava se sentir um objeto sexual para as pessoas e que somente no relacionamento que teve com Camila se sentiu amada e amou verdadeiramente.

O dilema com a identidade, a questão do narcisismo, a agressividade, a impulsividade e o suicídio são problemas frequentes na clínica dos estados limite. Uma angústia de separação sentida pelo paciente de perda do

objeto, demanda uma relação de apoio com o outro.

Em uma sessão relatou com muita emoção um abuso sexual que sofreu quando criança (ela tinha nove anos) de um primo de seu primo, que ela relatou como pedófilo, já que o rapaz era bem mais velho que ela. Marta relatou que ele a colocava em seu colo na frente de todos da família que, segundo ela, fingiam que nada estava acontecendo.

Podemos pensar na questão do abuso sofrido por Marta como uma situação traumática, que se deu a partir da confusão de demandas entre a linguagem de uma criança, possivelmente buscando um olhar de investimento vindo de uma figura masculina recebendo em troca uma demanda sexualizada e posteriormente desmentida familiarmente.

Utilizando conceitos de Ferenczi (1932), podemos pensar em uma *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (a linguagem da ternura e da paixão) seguida por um desmentido familiar.

Marta relatava que diante sua família presenciava a cena e nada fazia, fingindo não ver o que estava acontecendo.

Para Ferenczi (1933)

O pior é realmente o desmentido, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento [...] é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico (FÉRENCZI, 1933 p. 79 *apud* GONDAR, 2012, p. 196).

Ferenczi construiu esse modelo a partir de histórias familiares que envolviam criança abusada.

Segundo Pinheiro:

Férenczi vai dizer que esse desmentido só teria valor traumático se houvesse uma incompatibilidade simbólica, ou seja, se o lugar dessa fala fosse de uma univocidade tal que impedisse a inscrição simbólica, em que a polissemia é absolutamente fundamental. [...] Férenczi vai dizer que o resultado do trauma é a identificação com o agressor (PINHEIRO *apud* KATZ, 1996, p. 28).

Penso que a vivência dessa experiência traumática por Marta, em que sexualidade é percebida como abusiva e uma possibilidade de ser observada em seu comportamento sexual mortífero e compulsiva a serviço da pulsão de morte, relacionando-se sexualmente com pessoas sem usar preservativo. E no relacionamento com Camila protegia seu objeto de amor (idealizado), em uma relação dessexualizada, onde o sexo era secundário.

Em nossa última sessão Marta relatou ter passado o final de semana inteiro trancada em seu quarto. Só conversou com Camila e disse que não via a hora de ir para São Paulo morar com ela.

Devido ao recesso acadêmico, os atendimentos foram encerrados e no retorno do período letivo não consegui mais contato com Marta. Os poucos encontros que tivemos (sete atendimentos) não foram suficientes para um trabalho analítico propriamente dito, porém uma escuta inicialmente acolhedora, proporcionou a Marta uma confiança no *setting*, sensação que lhe fora negligenciada pelo ambiente hostil que vivenciava em sua casa.

Por muitas vezes, durante as sessões tentei dar um significado à confusão de ideias de Márcia. Era um momento não de interpretações ou pontuações, e sim tentar validar alguns de seus sentimentos através de uma escuta acolhedora,

Fontes (2010) pontua:

Porque o que houve foi da ordem da privação, não da castração (sendo esta posterior). A ênfase cai, portanto, no conceito de regressão. Faz-se necessário acompanhar o paciente onde não houve experiência, para que viva, na experiência analítica, a função que faltou (FONTES, 2010, p. 100).

Minimamente algumas coisas puderam ser organizadas: Marta havia conseguido um emprego e já não precisava se 'esconder' em suas roupas. Suas roupas não serviam mais de envelopes psíquicos de proteção e conten-

ção, o que foi proporcionando a ela uma sensação de integração fazendo com que gradativamente sua angústia fosse diminuindo.

Ballint (1968) analisa:

Pressupõe um entorno que aceite e consista em sustentar e carregar o paciente, como a terra ou a água sustenta e carrega um homem que apoia seu peso nelas. O analista não deve resistir, deve consentir, não deve dar origem a muito atrito, deve aceitar e transportar o paciente durante um certo tempo [...] Tudo isso significa consentimento, participação e envolvimento, mas não necessariamente ação, apenas compreensão e tolerância; o que realmente interessa é a criação e a manutenção de condições nas quais os eventos possam ocorrer internamente, na mente do paciente (BALLINT, 1968 *apud* HEGENBERG, 2009, p. 87).

Marta não se encaixava no modelo de transexualidade proposto por Stoller. Porém, um fato parecia comum aos dois casos: a transexualidade como uma identidade *per se* sendo a expressão do “verdadeiro eu (*self*) do paciente” (STOLLER, [1975] 1982, p. 2).

Se pensarmos na feminilidade primária proposta pelo autor, o verdadeiro *self* de Marta passaria por essa feminilidade primária. Segundo Stoller, a feminilidade primária é passada sem conflito ao bebê pelo mecanismo de *imprinting*. Somente posteriormente ocorreria, no caso do menino, uma desidentificação desse feminino e a entrada na masculinidade.

Mesmo diante do conflito e impossibilidades apresentadas na fala da paciente. Era como se algo da feminilidade primária passada através do *imprinting* ainda em um protopsiquismo garantisse a Marta uma possibilidade de identificatória. Uma enunciação do feminino garantindo sua existência psíquica através do desejo de transexualização. Assim, para finalizar um pensamento de Ceccarelli, que elucida de forma pontual a apresentação clínica:

Que personagem o transexual encarna na cena familiar? A quem e a que ele deverá responder? Tenho hipótese que a solução transexual foi a única resposta possível que o sujeito pôde dar para sobreviver psiquicamente: na cena familiar, o personagem que ele precisa encarnar para constituir-se psiquicamente, não leva em conta o seu sexo anatômico (CECCARELLI, 2013, p. 137).

Considerações finais

O fragmento clínico apresentando demonstra que, diante da pluralidade do fenômeno, a solução que o transexual encontra para seu sofrimento não é necessariamente unívoca (COSSI, 2011), o que nos permite pensar em inúmeras possibilidades de manifestação do fenômeno transexual.

Assim, “da universalidade do fenômeno transexual, passamos à singularidade do sujeito transexual” onde não é possível isolar as transexualidades como entidades nosográficas bem definidas, como se fosse uma patologia. *É preciso aceitar cada vez mais, que as transexualidades sejam manifestações da sexualidade como qualquer outra* (CECCARELLI, 2013, grifo nosso).

Sobre a necessidade de um enquadre clínico muitas vezes precipitado, assim pensa Berlinck (1997):

[...] que a aplicação de categorias nosográficas na clínica, sem uma escuta cuidadosa e prolongada pode se constituir numa resistência do psicanalista à sua própria escuta. Declarar que um sujeito é histérico, obsessivo, perverso ou psicótico serve muitas vezes para evitar a confrontação com o enigma que o outro é (BERLINCK, 1997 *apud* MARRACINI, p. 35).

Sob o ponto de vista psicanalítico, nosso objetivo foi apresentar o modelo identificatório transexual pré-edípico, mediante um modelo de identificação pela feminilidade primária, questionando o determinismo reducionista edípico/falocêntrico nas situações em que não ocorre a possibilidade da vivên-

cia edípica, em que o mito de Édipo, o incesto e o parricídio perdem espaço para Hamlet e seu famoso questionamento “Ser ou não ser?”. Sobre essa questão pensa Ceccarelli:

A busca identitária é tributária da cartografia imaginária que sustenta suas origens. Se, por um lado, nenhum objeto satisfaz definitivamente a pulsão, a noção de “identidade”, no sentido de uma certeza, pertence ao domínio do fantasma e a possibilidade de inadequação entre anatomia e identidade sexual é concebível, produzindo os mais diversos discursos. Sem dúvida, a especificidade da dinâmica pulsional no transexual nos impressiona por seu radicalismo. Entretanto, essa especificidade nos informa sobre a particularidade de seu trajeto identificatório. O lugar que lhe fora destinado na economia libidinal da família, em ressonância com uma problemática transgeracional, determinou a sexuação de seu corpo e, em seguida, a construção de seu sentimento de identidade sexual (CECCARELLI, 2013, p. 150).

Tratando-se de um ‘fenômeno’ tão múltiplo e complexo, qualquer forma de conclusão pode ser prejudicial e até mesmo nociva. Finalizo o presente artigo deixando em aberto a discussão para futuros trabalhos em que a transexualidade possa ser explorada sempre dentro de um discurso libertário/despatologizante.

Assim finalizo, deixando para reflexão, um fragmento da poesia de Drummond, que condensa em poucos versos a sensação do transexual em vivenciar um corpo como um objeto estranho, que o aprisiona como um “inquilino no próprio corpo” (CECARELLI, 2013).

Assim nos diz Drummond em *As contradições do corpo* (1984):

Meu corpo não é meu corpo
É ilusão de outro ser.
Sabe a arte de esconder-me
E é de tal modo sagaz
Que a mim de mim ele oculta.

Abstract

This paper purposes to explore the transsexual phenomenon through an identity perspective. Transsexuality is thought as a possible way for a ‘psychical existence’ in instances where there is no possibility of an oedipic experience. So the classical psychoanalytical model of an oedipic identification is subverted to a preoedipal identificatory one through gender identity. First there is a short presentation on transsexuality, where the theme will be shown through the theoretical construction of Robert Stoller. Then we’ll present a short piece from a case where, viewed through borderline clinics, transsexuality appears as a way of psychically living. Thus the transsexual phenomenon will be labored out of a pathologic registry.

Keywords: *Transsexuality, Ppsychical existence, Identification, Preoedipic experience, Gender identity.*

Referências

- ANDRADE, C. D. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 11.
- ANZIEU, D. *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- ARÁN, M. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 17 n. 3 p. 653-672, set./dez. 2009. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104>. Acesso em: 12 maio 2016.
- ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora: Estudos em teoria psicanalítica*, Rio de Janeiro, p. 49-63, 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/agora/v9n1/a04v9n1.pdf>. Acesso em: 13 maio 2016.
- CARDOSO, M. R.; GARCIA, C. A. *Entre o eu e o outro. Espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010.
- CECCARELLI, P. (Org.). *Diferenças sexuais*. São Paulo: Escuta, 1999.
- CECCARELLI, P. *Transexualidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2013.

- COSSI, R. K. *Corpo em obra: contribuição para a clínica psicanalítica do transexualismo*. São Paulo: nVer-sos. 2011.
- FÉDIDA, P. *A clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta, 1988.
- FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933 [1932]). In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 113-134. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).
- FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*) (1911). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911-1913). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 21-89. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 27-71. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. (1914-1916) Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 123-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922) Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 17-72. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. Totem e tabu (1913 [1912-1913]). In: _____. *Totem e tabu e outros trabalhos*. (1913-1914) Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 13-163. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 128-229. (Edição stan-
- dard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- GARCIA, C. A.; MENDES, L. C. *Os destinos do trabalho do negativo nas patologias limítrofes*. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 277-292, ago. 2012. Disponível em: <pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v18n2/v18n2a08>. Acesso em: 13 de Maio de 2016.
- GONDAR, J. Férenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 27, p. 193-210, jul./dez. 2012. Disponível em: <www.cprj.com.br/imagenscadernos/caderno27.../16-CADERNOS_DE_PSICANALIS...>. Acesso em: 13 maio 2016.
- HEGENBERG, M. *Borderline*. São Paulo. Casa do Psicólogo. 2009.
- KATZ, C. S. (Org.). Férenczi: história, técnica. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MARRACINI, E. *O eu em ruína: perda e falência psíquica*. São Paulo: Primavera, 2010.
- MCDOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros*. São Paulo: Martins Fontes. 1997.
- MILLOT, C. *Extrassexo*. São Paulo: Escuta. 1992.
- PERELSON, S. Transexualismo: uma questão do nosso tempo. *Rev.Epos*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.1-19, dez.2011.
- PORCHAT, P. *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*. Curitiba: Juruá, 2014.
- RAMSEY, G. *Transexuais: perguntas e respostas*. São Paulo: Summus, 1998.
- RIBEIRO, C. P. Gênero e identificação feminina primária. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 11, n. 18, p. 238-256, dez. 2005.
- ROUDINESCO, E; PLON, E. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SOLOMON, A. *Longe da árvore*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- STOLLER, R. *A experiência transexual* (1975). Rio de Janeiro: Imago, 1982.

Recebido em: 13/03/2015
Aprovado em: 06/04/2016

Sobre o autor

Rodrigo Zanon de Melo

Psicólogo.

Candidato a psicanalista e membro efetivo do Centro de Estudos Antonio Franco Ribeiro da Silva do Círculo Brasileiro de Psicanálise Seção-Rio de Janeiro (CBP-RJ). Participante do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância (NEPsI) do CBP-RJ.

Endereço para correspondência

E-mail: <rzmel@hotmail.com>

O amor nos tempos da Internet

Love in the days of Internet

Vanessa Campos Santoro

*Só quando amo consigo olhar o mundo
por duas janelas que não se confundem,
a minha e a do ser amado.*
Calligaris, 2010.

Resumo

O texto trata dos laços e desenlaces amorosos na contemporaneidade. Para Lacan, o mal-estar da cultura tem outro nome, que é o discurso capitalista. O discurso capitalista não faz laço e forclui o amor. Não há lugar para o desejo, só há satisfação. Só o discurso do analista faz contraponto ao discurso do capitalista, pois preserva a singularidade do sintoma, promove os giros dos discursos e tem uma relação particular com o real e o gozo. Outra maneira de fazer frente ao discurso capitalista é o amor. Dificuldades do amor no mundo midiático, onde há ausência de intervalo para os dizeres, o saber e a falta.

Palavras-chave: Amores na internet, Discurso capitalista, Discurso do analista, Elogio ao amor.

Deparamos no consultório com clientes que, estando inscritos em sites de relacionamento como o *Tinder*, o *Lovoo*, *Hot or Not* e *Badoo* procuram parceiros(as) amorosos(as).

Algumas falas insistem e se repetem:

“É tudo igual. No começo vai bem, parece que encontramos o príncipe, mas daí ele vira um sapo e sai do ar de repente.”

“Marcar encontro no *Tinder*, ficar horas conversando”... “Já fui pedida em casamento, mas quando tentei conhecer pessoalmente meu futuro noivo, ele me bloqueou.”

“É só dar uma pressão, que os castelos de areia desmancham. Parece que é para viver só isso, a ilusão e nada mais.”

“É só pra transar mesmo, qualquer coisa serve.”

O que a psicanálise tem a dizer sobre o amor nos tempos da internet?

Seria o amor virtual um sucedâneo do amor cortês?

Carlos Mello (2013) se refere ao amor cortês, expressão criada no século XI por Gaston Paris (1883), próprio dos trovadores provençais, que enalteciam a mulher colocada no lugar de Dama, destituída de toda corporeidade e transformada num ideal inatingível.

No *Seminário 20*, Lacan ([1972-1973] 1988, p. 94) afirma que

[...] o amor cortês é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência de relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo.

Mello fala do “desencadeamento de certas consequências do amor cortês nos relacionamentos contemporâneos”, quando caem as idealizações de ambas as partes, e as ilusões fantasmáticas montadas pelos parceiros não se sustentam, o que provoca decepção, desilusão e muitas vezes violência.

Há uns 20 anos me chamou a atenção o filme *Denise está chamando*, dirigido por Hal Salwen e premiado na época. Trata-se do completo desencontro amoroso entre um suposto casal de amigos que, absorvidos pelo trabalho midiático, tentam fazer laços amorosos pelo telefone e marcar encontros que nunca acontecem. Surpreendidos pela morte da mulher num acidente de trânsito quando falava ao celular, não conseguem sequer ir ao enterro.

Um dos casais passa a se relacionar sexualmente pelo telefone, na falta do que dizer um ao outro sobre seu sentimento. Mas passam um pelo outro sem se reconhecerem num dos encontros planejados. Uma das protagonistas descobre a identidade do homem que lhe doou o esperma. Apesar da alegria do casal, todo contato é feito por telefone; até o parto é irradiado com todos participando. No final são os únicos que vão à festa, se conhecem e saem juntos. O nome da filhinha? Afrodite.

Há 20 anos as redes sociais estavam apenas começando. No entanto, imersos no discurso capitalista que rege os laços na contemporaneidade, enfrentávamos essa questão ética: o discurso capitalista não faz laço e forclui o amor.

Então, laço e desenlace são um problema da atualidade, quando se trata dos laços de família, dos laços afetivos e dos laços amorosos.

Lacan em *O avesso da psicanálise* ([1969-1970] 1992) vai formalizar o campo do gozo através dos discursos, estabelecendo as modalidades de laço social. Não há relação sexual, mas há laço. Os discursos são escritos que escrevem os laços e os desenlaces.

Não pretendemos no presente texto desenvolver os discursos do mestre, da histérica, do universitário nem do analista, embora todos tenham sua verdade.

Vamos privilegiar o discurso capitalista como aquele que prejudica o amor, este sim, nosso tema, e o discurso do analista como aquele que promove os giros dos discursos

e tem como especificidade a ética da psicanálise. Sabemos que, para circular, os laços precisam dos giros dos discursos que sofrem com o discurso capitalista.

Para Lacan ([1969-1970] 1992), o mal-estar contemporâneo tem outro nome, que é o discurso capitalista. Esse discurso é fomentado pela ciência e pelo mercado que, quando se juntam tornam-se poderosos e implacáveis, impossibilitando o tratamento do gozo.

Fica tudo reduzido a seu lugar de troca. Aqui não há lugar para o desejo, só há satisfação. O discurso capitalista propõe um solipsismo, um autismo que não faz laço com o outro. É a segregação conhecida nos fatídicos campos de concentração. Uma das características do discurso capitalista é a *Verwerfung*: rejeição da castração, tudo é permitido. Deixar de lado as coisas do amor é uma das suas consequências, bem como a incapacidade para amar.

Só o discurso do analista faz contraponto ao discurso capitalista.

Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* Lacan ([1953] 1998, p. 322) exorta o analista a se preocupar com a subjetividade de sua época, de tal modo que ele saiba de sua função na discórdia das linguagens. O discurso do analista preserva os efeitos revolucionários do sintoma, promove cada giro de discurso e tem uma relação particular com o real e o gozo que lhe dá sua característica.

A cada mudança de discurso, um novo amor, um novo laço. Por que mudamos de discurso? Porque esbarramos nos impasses da vida. Enfim, a voracidade do mercado invade os espaços afetivos de modo que preservar a singularidade hoje é a ética da psicanálise.

Vivemos a era da depressão e do medo. O sentimento de impotência diante das demandas do mercado, para as quais não temos respostas espontâneas e próprias, nos lança na comparação a superideais, e daí vêm a apatia e a sensação de fracasso e solidão. Como competir com o mercado?

Confinados diante da máquina, vivemos a ilusão da inclusão virtual e imaginária. No mundo midiático a transmissão é instantânea (eficaz). O enunciado pode ser emitido sem intervalo entre emissão e recepção, entre o dito e o ouvido. A ausência de intervalo não abre espaço para os dizeres, o saber e a falta.

O Outro tem o estatuto de uma imagem virtual, e é possível dizer de uma forma muito escancarada as formas de gozo, tanto através das fantasias sexuais vividas a dois quanto das violentas palavras de discórdia e descontentamento, quando algo cai da idealização imaginária. É o amor descortês!

Não podemos esquecer as raízes narcísicas profundas do amor e sua dependência dos fenômenos de linguagem. Para Lacan “[...] o amor certamente faz signo, ele é sempre recíproco” ([1972-1973] 1988, p. 12).

Quanto ao amor que faz signo, isto é, representa alguma coisa para alguém, lembro-nos de Dante enamorado do piscar de olhos de Beatriz. Lacan opõe o signo do amor ao sexo. O objeto amado é diferente do objeto desejado. Não há amor sem a palavra de amor.

Colette Soler em *Um mais de melancolia* (1999) fala da equivalência entre a angústia de castração própria do homem e a angústia de perder o amor próprio da mulher em Freud.

Lacan nas fórmulas da sexuação nos diz que a mulher se sustenta com o amor, única identificação a suportar o ser mulher. O homem diferentemente se afirma do lado do ter. Quando ama, ele o faz como mulher.

O ser mulher se sustenta enquanto ser amada, e só se ama a partir da própria falta. As mulheres chamam o amor, enquanto o homem vai mais pelo lado erótico e sustenta o amor pelo lado do desejo.

As mulheres fazem mais do amor uma causa e ficam arrasadas quando ele falta. Portanto, precisam mais das palavras de amor.

Assim, que se preste ou se esquive, o amor sempre programa algum desencanto e, ao en-

tregar-se a ele, toda mulher sempre será um pouco... viúva! (SOLER, 1999, p. 106-107).

Em nossa cultura Alain Badiou (2013), em *Elogio ao amor* propõe o amor como a saída para os relacionamentos contemporâneos. Segundo o autor, o amor precisa durar um tempo porque é uma construção. Reinventar o amor a dois é uma tarefa difícil. Não se pode desligar o Facebook ou a Internet a qualquer desilusão ou impasse.

Um amor verdadeiro é o que triunfa duravelmente, vezes, duramente, dos obstáculos que o espaço, o mundo e o tempo lhe propõem (BADIOU, 2013, p. 25).

Parafrazeando García Marques em *O amor nos tempos do cólera* (1985), aposta-se no amor para fazer barreira ao gozo, como nos diz Lacan, apesar do prejuízo aos laços amorosos que o discurso capitalista impõe à contemporaneidade.

Abstract

The text is about loving ties and outcomes nowadays. To Lacan, the social unrest, or malaise in the culture has another name, which is the Capitalist Discourse. The Capitalist Discourse doesn't create ties and rejects love. There is no place for desire, only satisfaction. Only the Analyst Discourse is a counterpoint to the Capitalist Discourse, because it preserves the singularity of the symptom, promotes the twists of the discourses and has a private relation to the real and the enjoyment. Another way of confronting the Capitalist Discourse is love. Constraints of love in the media world, where there is a lack of time interval for the sayings, the knowledge and the absence.

Keywords: *Love in the internet, Capitalist Discourse, Analyst Discourse, Love completion.*

Referências

BADIOU, A. *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

CALLIGARIS, C. A coragem do amor que dura. *Folha de S.Paulo*, de 27 maio 2010. Caderno Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2705201027.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

COSTA, D. A. *Pulsão e gozo na contemporaneidade*. Notas de seminário. Março 2015.

FINGERMANN, D. *Notas de aula dos seminários sobre o "Averso da psicanálise"*. Belo Horizonte: CPMG, abr./ago. 2015.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Ari Roitman; consultoria de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Campo Freudiano no Brasil).

MARQUES, G. G. *O amor nos tempos do cólera*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

MELLO, C. A. A. *Impasses do amor cortês*. Inédito. Reverso n. 62, p. 23-27, 2011

SANTORO, V. C. *Sexualidade feminina: um enigma a ser decifrado*. Apresentado no XX Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, Belo Horizonte, ago. 2013. Inédito.

SOLER, C. Um mais de melancolia. In: _____. *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 1999. p. 96-111.

Recebido em: 04/05/2016

Aprovado em: 09/05/2016

Sobre a autora

Vanessa Campos Santoro

Psicóloga.

Psicanalista.

Sócia do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

Endereço para correspondência

E-mail: <vansantoro@uol.com.br>

Resenha

Passagens

LOLLO, Paolo. *Passagens: transmissão da psicanálise e direitos do homem*. Tradução de Antônia Ivo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.

Cibele Prado Barbieri

Palavras-chave: Psicanálise, Arte, Política, Educação, Transmissão, Direitos Humanos.

Articulando duas obras, a de David Malkin¹ e a da palavra na transmissão e abertura dos sentidos, o autor, desde o início de seu texto, nos captura e nos guia por passagens, às vezes incógnitas e até misteriosas, que descobrimos ao nos introduzirmos nesse universo de fala e linguagem criado por Freud e recriado por Lacan: a psicanálise.

Passagens que se fazem no processo de análise, mas não só. Passagens que nos atravessam, mais do que atravessamos, ao longo das trajetórias de vida, e que nem sempre acontecem de forma lúcida e óbvia, mas certamente podem ser inferidas e percebidas nas produções dos sujeitos.

É que Lollo demonstra uma habilidade especial em conjugar seus muitos conhecimentos das línguas antigas, mortas, e revelar o saber que nelas habita, embutido e condensado em sua origem e história, que pode ser lido nas transformações e no engendramento das palavras que constituem nossos discursos, nossas línguas atuais, vivas.

Ele nos desperta para esses saberes que vêm das línguas, através das palavras em sua origem, revelando verdades ocultas na significação. Como diz em nota a tradutora, a intensão do autor é “indicar que uma palavra se compõe de diferentes sílabas significantes que podem ser reconhecidas pelo inconsciente” [nota 1, p. 104]. Ler a evolução das palavras nos conduz a um saber que não se sabe e a produzir um novo saber.

Assim, a trajetória desse texto nos convida a fazer o percurso da palavra, que pode ser lido sublinhando as partes que nos marcam em tudo que vai e volta, fazendo novas conexões. Da erudição à clareza, faz-se a passagem do obscuro ao legível, trazendo luz e delineando o que permanecia oculto. “A luz precisa de sombra para se revelar, assim como a música requer o silêncio”, diz ele logo na introdução.

São nove passagens que articulam a psicanálise com outros fazeres e saberes, cobrindo o campo que vai do sujeito à cultura. O texto interessa não apenas aos psicanalistas, mas também àqueles que se perguntam sobre criação, seja na arte, seja na política, seja na psicanálise: em intensão e em extensão.

Começa trabalhando as questões do mal-estar e do desejo humano, a esperança de alcançar a felicidade e, em seguida, a sua possibilidade. Lembramos que Freud propôs que se passe do sofrimento neurótico ao sofrimento comum. Lollo nos traz a questão de uma espera “messiânica”, “esperançosa”, que se exhibe numa análise como tela de fundo do quadro produzido com as cores da fala, eleitas por uma analisante por ele mencionada, como faz o artista.

Não se trata apenas de falar do mal-estar individual, particular, desse sujeito enquanto autor de sua história, mas também da escuta e da leitura que se desenvolve entre analista e analisante; dessa produção que advém da espera e da tensão que se cria entre esses dois polos.

1. Imagem da capa: David Malkin. *Passage* [detalhe], c. 1990 - óleo sobre papel, 85 x 45 cm.

Lollo associa a indeterminação sobre o destino de uma análise ao princípio de indeterminação, de Heisenberg, para marcar a impossibilidade de determinar *a priori* se o sujeito poderá “tornar-se” aqui ou acolá, enlaçar e tramar o *sinthoma*, assim como não se pode saber antecipadamente se o artista produzirá sua obra-prima, a cada nova criação.

É interessante notar como, nesse primeiro momento, o autor convoca o *Angelus Novus* – pintura feita por Paul Klee em 1920 – e a leitura que dele faz Walter Benjamin para representar o movimento do analisante que caminha, na análise, olhando para seu passado, observando-o e reeditando-o, de costas para o futuro, mas empurrado para ele pela ventania do desejo de se desprender dos horrores que do passado advêm e pela esperança de transformá-lo no presente e num futuro que sempre é imprevisível. “As asas da interpretação produzem esse sopro que impulsiona para o futuro e se pode chamar de esperança” [p. 22]. A esperança de que se trata é prerrogativa não apenas do analisante, mas também do analista em sua “espera flutuante”, em sua aposta no surgimento de um novo nome.

A questão da felicidade e da infelicidade na cultura é, então, o segundo passo. O autor esclarece que a pretensão original de Freud – que nem todos conhecem – era falar da felicidade e da cultura (*Das Glück und die Kultur*, esboço iniciado em 1929).

Mas se viu obrigado a mudar seu título: “Ao longo de sua pesquisa, Freud muda seu ponto de vista e se vê obrigado a mudar o título de seu ensaio, que passa a ser *Das Unglück in der Kultur*, ‘A infelicidade na cultura’” [p. 25].

Neste capítulo, o autor introduz a ideia de que a civilização desconfia da felicidade e questiona se a psicanálise poderia trazer para a cultura “um saber (*Wissen*) que não apenas esteja o mais próximo possível da vida, mas também possa servi-la [...]” [p. 26], e propõe:

O próprio da cultura me parece, assim, residir nesse ímpeto que faz vir ao mundo, que desa-

brocha o pensamento e o saber. Ela se situa no lugar de uma fonte de onde tudo jorra [...] A felicidade, *Glück*, surge de um jorro de água que gorgoleja e parece engendrar uma invocação. [...] A felicidade (*Glück*) seria, então, a representação sonora de um renascimento do ser que se ergue, ao brotar da superfície (p. 28) [...] só há pulsão se há passagem (da energia) de um espaço para outro [p. 29].

Retomando Freud sobre as pulsões de vida e de morte para pensar se “Não haveria na cultura e em sua origem pulsional, jorrante, uma ambivalência que reclama ser entendida?” (Lollo, 2015, p. 37), recorre a Heráclito, segundo o qual, “vida e morte são, na verdade, um único movimento”. E conclui dizendo:

A cultura da felicidade plana acima da superfície das águas do logos; ela se destina, como diz Nietzsche, “a homens que veem e escutam infinitamente mais, pois eles veem escutam pensando” [p. 41].

O terceiro passo nos leva a pensar sobre o papel da psicanálise na *Polis*, a articulação do saber psicanalítico em relação aos direitos do homem, não está dissociada do que foi elaborado no ponto anterior e poderia ser tomada como continuação do que foi desenvolvido até aqui. Este capítulo originou-se da participação no Colóquio realizado em 2008 na sede central da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), organizado pela associação *Insistance*, por ocasião dos 60 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Para falar dos direitos humanos, o autor retoma a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, como ato revolucionário que continua em marcha e torna-se “patrimônio cultural partilhado pela humanidade e em operação no âmbito político” [p. 43]. Desse ato, podemos depreender uma passagem do “ao pé da letra” à metáfora, do signo ao significante polissêmico, do “matar o significado e casar-se com o significante” [p. 47].

Para melhor entendermos, ele retoma a questão posta no mito de Édipo, em que a palavra do oráculo é tomada ao pé da letra, como signo, mostrando que o caminho a percorrer em direção ao sentido pode ser tortuoso e, por isso, enigmático; então, tomar a palavra ao pé da letra pode conduzir à tragédia, como aconteceu com Édipo.

Tirésias questionará Édipo: “Tu sabes quem são teus pais?” [nota 1, p. 45].

O mito de Édipo quer nos significar (fazer signo) que todo gesto criador é igualmente um gesto destrutivo [p. 46].

[...] o saber de Édipo consegue se aplicar ao destino do homem em geral, mas fracassa no que respeita à sua própria história.

A tragédia grega e a psicanálise se interessam pelo mito de Édipo porque ele permite interrogar a origem, inclusive a do saber, lá onde surge a fala oracular que faz vibrar o significante primordial [p. 47].

Lollo chama a atenção para o fato de que, ao assassinar Laio, Édipo não apenas mata seu pai, sem o saber, mas incorre num crime contra o direito humano: “vai contra o direito natural que proíbe todo e qualquer assassinato”. “Édipo poderia ter-se perguntado também que direito tem um homem, mesmo quando é príncipe, de matar outro homem que barra seu caminho” [p. 45].

Além disso, Lollo trabalha a questão da inversão da ordem da progeneritura e seus efeitos. Ao procriar com a mãe, Édipo ocupa o lugar do pai, do primeiro (o 1, o começo) da série, que implica uma subversão da ordem de filiações. Como consequência, seus filhos são, ao mesmo tempo, seus irmãos, subvertendo a ordem, a lei das gerações.²

2. Esse tema é retomado e desenvolvido mais profundamente na p. 115.

“Quão terrível é o saber, quando se torna inútil!” – diz Tirésias a Édipo [p. 48].

Daí parte a reflexão sobre o saber que se transmite e de um saber que

[...] não é transferível, já que ainda não existe numa forma que possa ser acolhida e recebida. Chamo de ‘transcrição’ essa parte que pode ser transferida e recebida somente após ter sido criada [p. 50].

A questão da transmissão do saber será desenvolvida na próxima passagem, mas aqui se dirige ao papel político da UNESCO na criação de estratégias culturais, já que não basta declamar ou registrar por escrito, solenemente, os direitos naturais para que eles sejam aprendidos e apreendidos por todos.

A próxima passagem recoloca e aprofunda a questão do saber e sua transmissão, como também a feliz eventualidade de uma “transcrição”, que seria a criação de um saber próprio a cada sujeito.

O autor considera quatro modalidades ou frações na transmissão do saber:

1. Uma parte de saber que é transferido e pode ser mensurado, que corresponde ao “que cessa de não se escrever”, que seria da ordem de um real que se representa, se escreve, se registra no campo do simbólico;

2. Uma parte que é transferida, mas não pode ser mensurada, que seria da ordem do “que não cessa de não se escrever” porque não se inscreve como representação e permanece inapreensível, inacessível impossível de ser quantificado;

3. Um saber que não pode ser transferido, pois se perde no trajeto e não chega ao seu destino e “cessa de se escrever”, que seria da ordem do “recalcado ou foracluído, que bloqueia a máquina de aprendizagem e de transferência. [...] Trata-se do *trou-matisme*, do vazio produzido por uma sideração (*Verblüffung*), uma suspensão do desejo” [p. 60].

4. “Um saber que não pode ser transmitido, mas surge do nada, produzido pelo aluno, por sua pulsão criadora. ‘O que não cessa de

se escrever” como disse Lacan (1972-1973, p. 86) [p. 61]. Esse seria um saber criado, “um furo criador que permite sair do *trou-matis-me* e da sideração, levando o aluno (e o analisando) a produzir saber que não se encontra lá” [p. 61]; uma saída original e singular pela produção de novos significantes.

Essas modalidades tornam ainda mais justificadas as preocupações de Freud em relação ao ensino da psicanálise nas universidades, onde ela seria transmitida de forma dogmática. O autor esclarece, então, a especificidade do saber psicanalítico:

A psicanálise lê a natureza como um real em movimento que escapa à captura de categorias e à medida dos geômetras. Para Jacques Lacan, a *physis*, o real, é “o que não cessa de não se escrever”. Ela se recusa à captura conceitual do ser humano. Essa recusa não quer dizer que ela não aja no simbólico, e sim que devemos “nos acostumar” com essa presença ausente que não pode integrar, de maneira plena e aberta, nosso saber. Por essa razão, a transmissão do saber analítico é um empreendimento difícil que não pode ser realizado na universidade [p. 58],

Lollo chama de “transcrição” o saber que criamos quando aprendemos a aprender e que surge de uma experiência particular de cada um de nós com a aprendizagem; mas observa que, para que isso aconteça, é necessário que aquele que transmite ensine a produzir o que não se pode receber diretamente. Trata-se de um saber singular produzido por aquele que recebe a partir do que foi transmitido, uma criação que extrapola o nível da repetição.

Cada saber é sempre singular, pois é produzido, em grande parte, por aquele que o recebe, mesmo quando se trata de um saber científico, já que está em simbiose com um sujeito que, a um só tempo, o produz e o sustenta [p. 62].

A quinta passagem diz respeito à articulação do processo de análise com o universal

que há no ser falante e, ao mesmo tempo, a diversidade e a especificidade que há em cada ser; tudo isso como fruto da relação com o *Logos*. As palavras, em seu poder de fazer vibrar o corpo, dele surgem e a ele retornam.

Elas fazem vibrar o corpo num jogo de ressonâncias que a ciência e a medicina ainda não exploraram verdadeiramente. A fala surge do corpo e retorna ao corpo, fazendo-o vibrar novamente. [...] tratamento pela fala (*talking cure*): a palavra age sobre o corpo e o transforma [p. 63].

Nessa passagem, é digna de nota a aproximação feita entre o trabalho do artista e o do psicanalista, que tornam possível o encontro entre quantidade e qualidade ao torná-las simbólicas, possibilitando a criação da singularidade como universal.

Essa articulação é retomada no sexto capítulo em que o autor acrescenta à relação entre arte e psicanálise a relação com a política. “Qual é a relação entre psicanálise, política e arte?” questiona Lollo [p. 81]. São três modalidades do ato que, segundo ele, fazem vibrar o real. Criar pode ser definido como juntar de modo novo elementos diferentes, cuja liberdade pode ser qualificada como leiga, ou seja, que não exige uma formação acadêmica ou saber previamente constituído e pode ser operado por qualquer um. Tanto a psicanálise quanto a arte e a política não necessitam de um diploma universitário para ser exercidas com propriedade. O que legitima esses atos é não o saber, mas apenas o desejo, sem o qual não há ação.

A passagem seguinte nos leva do mal-entendido à literatura, de analisante a analista, pelos caminhos do “não querer saber” e do mal-entendido. Entender mal nos leva a novas relações, novas associações, nos leva a ouvir mais além do sentido comum, novos sentidos. Pode, inclusive, nos levar a ouvir o não saber, também chamado real.

“O inconsciente não conhece a negação e tampouco a diferença entre o bem e o mal”

[p. 86]. Só reconhece as associações por simultaneidade, similaridade, pela relação entre ideias. O autor vai desenvolver a passagem do “isso-ver” (*ça-voir/savoir*, saber), ou “ver o isso”, ao “isso-ouvir” (*ça-entendre*), fazendo menção ao passe do analisante a analista, quando ouvir outra coisa pode ser ouvir o deslocamento do sentido que desliza.

Em seguida, trata da passagem de um a outro discurso, do saber que não se sabe, do Inconsciente como outro, ao saber do Inconsciente como sujeito. No início da análise: não sei que sei; “O que é isso?”; Eu x ISSO. No final da análise: sei que não quero saber; “ISSO fala!”; Eu e ISSO.

Ao final deste capítulo, Lollo trata das questões que envolvem as instituições psicanalíticas. Da importância da insistência como estilo que advém das tentativas repetidas de capturar o real na rede da linguagem. Sabemos que os restos das análises dos analistas têm a instituição psicanalítica como lugar propício e privilegiado de elaboração da compulsão à repetição. Fala da formação, de-formação e trans-formação necessárias ao tornar-se analista, à constituição de um desejo *de* analista, mais enigmático do que seria o desejo *do* analista. Um desejo chamado por Lacan de o *desejo x*, pelo seu caráter enigmático, à medida que leva um sujeito a autorizar-se como analista, em seu nome, mesmo que se revele um desejo sem objeto, talvez a liberdade possa ser considerada seu único objeto, cogita Lollo.

A instituição seria, nessa concepção, um lugar possível de colaboração, pesquisa e invenção que abrigasse, ao mesmo tempo, psicanalistas, artistas e políticos em comunidade desprovida de regulamentação.

Não se trata, no entanto da criação de territórios sem lei, mas apenas de “prescindir do Nome-do-Pai à condição de saber usá-lo”, de engendrar um território de liberdade fundada na democracia, provida de regulação. “A psicanálise é uma atividade *fora da norma* que pode prescindir do Nome-do-Pai (do *nomos* do pai), assim como do controle do

Estado, pois ela se interessa pela vida privada dos indivíduos [...]” [p. 121]. Em nota, ele nos lembra que *nomos*, em grego, significa lei.

É também da articulação entre psicanálise, arte e política que surge a reflexão de Lollo sobre a possibilidade de um governante que, tendo se endereçado à psicanálise, vindo de um território onde vigoram as leis da natureza, tenha apreendido, a partir dessas duas experiências, um saber sobre o real e, por isso, possa instituir uma nova forma de governar uma nação, ensinando ao mundo os deveres essenciais da lei e da preservação do real necessário à vida humana, que a floresta encarna.

Paolo Lollo se refere à experiência de infância vivida na floresta amazônica por Marina Silva, ex-candidata à presidência do Brasil, aproximando o saber escondido e invisível – pescado nas águas dos rios da complexa linguagem de signos da natureza – e o saber inconsciente – não menos escondido nos rios de desejos e pulsões onde nossa “coisa” vive.

Paolo nos fala ao longo do texto sobre o processo de análise, o processo de ensino e, finalmente, sobre governar. Será que, nessas condições, governar, educar e analisar se tornariam possíveis?

Para finalizar, poderia dizer que os temas que nos apresenta seguem um fio condutor sutil e inovador, que nos torna parceiros nessa viagem, e não apenas expectadores. Por isso, ao chegar ao ponto de destino, perceberemos que *Passagens* torna-se uma daquelas leituras às quais se retorna, para dela extrair novas ideias. Uma obra necessária ao saber e ao prazer de todos que compartilham e exercitam a paixão pela psicanálise, a escrita e a política.

Referência

LACAN, J. *Le séminaire, livre XX: encore* (1972-1973). Paris: Seuil, 1975.

Recebido em: 02/05/2016

Aprovado em: 03/05/2016

Sobre a autora

Cibele Prado Barbieri

Psicanalista. Psicóloga.

Membro e atual presidente

do Círculo Psicanalítico da Bahia - CPB.

Presidente do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP)
2006-2008.

Membro da Comissão Editorial

da Revista *Estudos de Psicanálise* do CBP.

Editora da Revista *Cógito*, publicação anual

do Círculo Psicanalítico da Bahia.

Endereço para correspondência

E-mail: <barbieri.cibele@gmail.com>

Normas de Publicação¹

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entende-se como inéditos os que não foram publicados, nem no todo nem em parte, em periódicos, capítulos de livros nem em anais de eventos.
2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. Ficará a cargo do autor a tradução para o português do resumo dos trabalhos enviados em outro idioma.
3. Poderão também ser publicados:
 - 3.1 Reflexões sobre a psicanálise, articulando-a com outras áreas do conhecimento;
 - 3.2 Casos clínicos;
 - 3.3 Entrevistas;
 - 3.4 Resenhas;
 - 3.5 Ensaios.
4. A estrutura dos trabalhos deverá estar de acordo com as normas abaixo:
 - 4.1 Todo trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:
 - 4.1.1 Folha de rosto com o título do trabalho, nome dos autores e titulação. No corpo do trabalho não deverá constar o nome dos autores, com o objetivo de manter o anonimato na avaliação feita pelo corpo editorial.
 - 4.1.2 Título em português e em inglês no corpo do trabalho.
 - 4.1.3 Resumo expressando o conteúdo, salientando os elementos novos e indicando sua importância. Deverá ser colocado antes do texto e não deve exceder a duzentas e cinquenta palavras.
 - 4.1.4 Palavras-chave, de três a cinco, que identifiquem o conteúdo, para a completa descrição do assunto, após o Resumo.
 - 4.1.5 *Keywords*, de três a cinco, após o *Abstract*.
 - 4.1.6 Referências. Citadas como no exemplo a seguir:
 - 4.1.6.1 Registrar as referências em ordem alfabética conforme os exemplos, observando os detalhes de dois pontos, abreviaturas e vírgulas, bem como qualquer outro assinalado abaixo:

1. Normas atualizadas para as próximas edições.

a) De livro

AUTOR. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Exemplos: CERVO, A. L. *Metodologia Científica*: para uso dos estudantes universitários. 2. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978. PIMENTEL, D. *O sonho do jaleco branco*: saúde mental dos profissionais de saúde. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2005.

b) de capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. In: Autor do livro. *Título em itálico*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

Exemplos:

FREUD, S. Sobre a psicoterapia [1905]. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1989, v. VII, p. 239-251.

LAMBOTE, M. C. O tempo anunciador. In: LAMBOTE, M. C. *Estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000, p. 103-109.

PIMENTEL, D. Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria. In: PIMENTEL, D.; ARAUJO, M.G. (Orgs.). *Interfaces entre a Psicanálise e Psiquiatria*. Aracaju: Círculo Brasileiro de Psicanálise, 2008, p. 9-13.

c) de artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico em itálico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano. Exemplos:

PIMENTEL, D; VIEIRA, M.J. Perfil e saúde mental dos psicanalistas. *Psychê*, São Paulo, n. 15, p. 155-165, jun. 2005.

BERNARDES, W. S. Condenação, desmentido, divisão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 26, n. 51, p. 115-122, set. 2004.

d) Outros modelos de referência, consulte os editores ou o *site* do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

5. Tabelas e gráficos deverão ser enviados em separado, numerados, com as respectivas legendas e indicação da localização no texto entre dois traços horizontais.

6. As citações deverão estar acompanhadas de suas fontes, com as respectivas páginas.

6.1 Direta: Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Neste caso é obrigatório colocar sobrenome e ano da obra, além da página.

As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.

6.1.1 Até três linhas

Aparece incorporada ao texto, entre aspas.

Ex. a) Como diz Pontalis (1998, p. 274): “Nossas memórias para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar”.

Ex. b) “O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise” (GREEN, 1988, p. 302).

6.1.2 Mais de 3 linhas

Devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor (tamanho 10) e espaçamento simples. Não há necessidade de colocar entre aspas.

Ex.: Conforme Freud (1919):

Recusamo-nos decididamente a transformar em propriedade nossa o paciente que se entrega a nossas mãos em busca de auxílio, a conformar o seu destino, impor-lhe nossos ideais e, com a soberba de um Criador, modelá-lo à nossa imagem, nisso encontrando prazer (FREUD, 1999, p. 424).

6.2 Indireta: texto baseado na obra do autor consultado.

Ex. a) Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana (CLAUVREUL, 1990; DOR, 1991; ANDRÉ, 2003; CORRÊA, 2006).

Ex. b) A concepção médica de oposição entre o normal e o perverso se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

Ex. c) Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem (LACAN *apud* LEITE, 2000).

7. Usar o mínimo de notas de rodapé, porque as referências do texto devem vir no corpo do texto.
8. Cabe ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP o exame e aprovação dos trabalhos, em primeira instância, de seus respectivos sócios, e o encaminhamento à Comissão Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.
9. A Comissão Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem nas normas citadas ou não tenham qualidade editorial.
10. Os originais deverão ser enviados em duas vias, devidamente numeradas e rubricadas, com espaço simples, fonte Times New Roman tamanho 12, não excedendo 8 laudas. O título do trabalho deve conter no máximo dez palavras e o tamanho da fonte 14, em negrito.

10.1 Os originais deverão ser encaminhados também em mídia eletrônica no Word 1997-2003.

10.2 Os autores deverão enviar os originais para a sede do Círculo Brasileiro de Psicanálise, com carta dirigida aos editores, autorizando a publicação e ratificando ser um trabalho inédito.

A carta deve conter o título do trabalho, nome do(s) autor(es) com sua titulação acadêmica e institucional, e o endereço físico e eletrônico do autor principal.

10.3 Os trabalhos deverão ser enviados para:

Revista Estudos de Psicanálise

Rua Maranhão, 734/3º andar – Santa Efigênia

30150-330 – Belo Horizonte/MG

Tel.: (31)3223-6115 – Fax: (31)3287-1170

E-mail: <cpmg@cpmg.org.br> – Site: <www.cpmg.org.br>

Roteiro de avaliação dos artigos

1. Título claro e preciso sobre o conteúdo do artigo.
2. Resumo claro e preciso sobre o conteúdo do artigo, contendo no máximo 250 palavras.
3. Palavras-chave adequadas ao conteúdo, em número máximo de cinco.
4. *Abstract e Keywords* conforme instruções.
5. Normas para citações e referências conforme instruções.
6. Relevância do tema.
7. Clareza de pensamento.
8. Consistência e coerência na fundamentação teórico-metodológica do trabalho.
9. Linguagem, considerando objetividade, estilo e correção.
10. Aspectos éticos de acordo com a Resolução CNS 196/96 sobre privacidade e anonimato das pessoas envolvidas, e declaração de conflitos de interesses.
11. O artigo deverá conter conclusão ou considerações finais.

